



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

ETHOS, CULTURA E MISSÃO
DA UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA.
UM ESTUDO DE CASO NO CENTRO REGIONAL DO PORTO.

Tese apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de Doutor em Ciências da Educação

por

João Paulo Oliveira Vieira

FACULDADE DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

(setembro, 2023)



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

ETHOS, CULTURA E MISSÃO
DA UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA.
UM ESTUDO DE CASO NO CENTRO REGIONAL DO PORTO.

Tese apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de Doutor em Ciências da Educação

Por João Paulo Oliveira Vieira

Sob orientação de Professor Doutor Manuel Joaquim Moreira de Azevedo

FACULDADE DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

(setembro, 2023)

“Eis então o grande desafio das Universidades católicas: fazer ciência no horizonte de uma racionalidade verdadeira, diversa da que hoje é amplamente dominante, segundo uma razão aberta à questão da verdade e aos grandes valores inscritos no próprio ser, por conseguinte, aberta ao transcendente, a Deus.”

Bento XVI

Cum gratitudine, in memoriam Benedicti XVI

“Penso que seria interessante se pudesse falar um bocadinho mais da vida de Jesus, talvez como uma introdução, e dos seus ensinamentos.”

Aluno

Este trabalho, agora entregue, foi possível não só graças à Academia e ao trabalho pessoal, mas também a tantos que nestes quatro anos, entre uma pandemia e demais lutas do “meu eu” foram coluna firme e presente.

Não posso por isso deixar de agradecer e de dedicar,

aos meus pais, a quem devo a vida, a educação, o caráter e sobretudo a liberdade de *poder ser*;

à minha irmã, no amor daqueles que foram gerados no mesmo ventre;

ao Francisco Pereira, ao Diogo Leão, ao José Reis e ao Diogo Sousa, colunas do *homem novo*;

ao Padre Feliciano Garcês, tão somente por ser *padre* e nisso tudo se resumir;

aos Abreu pela fiel amizade e tempo sempre dedicado, particularmente ao Tiago com quem partilhei e com quem venci *as lutas sorrateiras da vida*;

à Alice pelas portas sempre abertas, mas sobretudo pelo coração escancarado;

aos Pereira, que nada mais fazem do que amar com os cuidados de quem sabe o que é trazer *filhos* ao mundo;

aos Alves de Sousa, por neste tempo, se terem *permitido* cruzar na minha história e eu na deles;

à Dra. Joana, à Dra. Filipa, ao Enfermeiro Ivo, ao Dr. António, à Dra. Marta e ao sempre *meu médico* Dr. Olavo;

à Professora Helena e à amiga Helena, pelas criativas horas e horas de partilha, ajuda e alento;

à Professora Mónica e ao Padre Nuno, pela confiança, aceitação, abertura e sobretudo, pelo testemunho na missão de ensinar à luz do Evangelho;

à Lídia Sousa, mais que companheira de embarcação, timoneira amiga, nas dúvidas, medos, conquistas e sobretudo, nas horas e horas de trabalho;

à Cristina, amiga firme do início ao fim nas surpreendentes encruzilhadas da vida;

ao João, ao Manel, ao António, à Ana, à Carla, ao Cruz, à Joana, ao João, ao Miguel, a quem testemunhei a confirmação na fé e a todos quantos nestes anos partilharam comigo os espaços de crescimento na fé em Cristo e na Doutrina Católica.

ao Carlos, ao Jorge, ao Luís e ao Leonel, amigos que nenhuma palavra define sem que redutora se torne;

a ti Inês, primeiro por seres tu e depois por perceberes o quão bem me sinto a estudar e a fazer desta uma segunda casa;

a todos os Professores que tive até hoje, nomeadamente os do doutoramento, mas particularmente à primeira de todas, a Professora Otília;

ao Professor Joaquim Azevedo, por aceitar esta orientação, pela liberdade de pensar, pela assertividade ao orientar, por não deixar sem resposta, mas sobretudo por *permitir* a pergunta. A ele devo o *click* final que me levou a inscrever no doutoramento em Educação, a ele agradeço o empenho a dedicação e o entusiasmo.

À Universidade Católica Portuguesa, nomeadamente ao Centro Regional do Porto, em toda a sua Comunidade. Aqui me formei e a esta Casa ganhei afinidade. Que este trabalho seja espelho do desejo de a ver crescer e formar homens e mulheres transformadores do mundo à luz do Evangelho.

RESUMO

Uma Universidade Católica possui características que a diferenciam de outras Universidades, nomeadamente o facto de ter a sua missão enraizada na matriz humanista cristã e de ser uma Instituição de Ensino da Igreja e de Igreja.

O presente estudo procurou identificar quais as características específicas da cultura organizacional de uma Universidade que, por ser Católica, se pensa e planeia a partir do Evangelho e por isso mesmo lhe está confiada uma particular missão. Esta *missão* encontra-se refletida em documentos fundamentais como a Constituição *Ex Corde Ecclesiae*, no âmbito universal, nos seus Estatutos, no âmbito particular, em muitos outros documentos do Magistério e em escritos de autores vários.

Esta investigação pretendeu compreender a concretização da missão da Universidade, tendo em conta um ethos e uma cultura organizacional específicos, tendo sido inquiridos líderes, docentes e alunos, no contexto específico do Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa.

Foi nossa intenção perceber como é que a ação da Comunidade Académica, na sua administração, no seu ensino e investigação e na vida estudantil, concretiza a missão de uma Universidade Católica.

Palavras-chave: Cultura Organizacional; Universidades Católicas; Lideranças; Humanismo cristão; Missão.

ABSTRACT

A Catholic University has characteristics that differentiate it from other Universities, namely the fact of having its mission rooted in the Christian humanistic matrix and of belonging to the Church Teaching Institution and being the Church itself.

The present study aimed to identify the specific characteristics of the organisational culture of a University that, being Catholic, thinks and plans itself from the Gospel and that's why it's entrusted with a particular mission. This mission is reflected in fundamental documents such as the Constitution *Ex Corde Ecclesiae*, in the universal sphere, in its Statutes, in the particular sphere, in many other documents of the Magisterium and in the writings of various authors.

The aim of this research was to understand how the University's mission is fulfilled, taking into account an ethos and a specific organisational culture, from which we highlight the role of leaders, teachers and students, in the specific context of the Regional Centre of Porto of the Catholic University of Portugal.

It was our intention to try to understand how the action of the Academic Community, in its administration, in its teaching and research and in student life, concretise the mission of a Catholic University.

Keywords: Organisational Culture; Catholic Universities; Leadership; Christian Humanism; Mission.

RESUMEN

Una Universidad Católica tiene características que la diferencian de las demás Universidades, a saber, el hecho de tener su misión enraizada en la matriz humanística cristiana y el de ser una Institución de la Iglesia y de Iglesia. El presente estudio buscó identificar las características específicas de la cultura organizacional de una Universidad que, siendo católica, se piensa y proyecta desde el Evangelio y, por eso mismo, tiene encomendada una misión particular. Esta misión se refleja en documentos fundamentales como la Constitución Ex Corde Ecclesiae, en el ámbito universal, en sus Estatutos, en el ámbito particular, en otros muchos documentos del Magisterio y en los escritos de diversos autores.

El objetivo de esta investigación fue comprender cómo se cumple la misión de la Universidad, teniendo en cuenta un ethos y una cultura organizativa específica, de la que destacamos el papel de los líderes, profesores y estudiantes, en el contexto específico del Centro Regional de Oporto de la Universidad Católica de Portugal.

Fue nuestra intención comprender cómo la acción de la Comunidad Académica, en su administración, en su enseñanza e investigación y en la vida estudiantil, concretizan la misión de una Universidad Católica.

Palabras clave: Cultura Organizativa; Universidades Católicas; Liderazgo; Humanismo Cristiano; Misión.

RÉSUMÉ

Une université catholique possède des caractéristiques qui la différencient des autres universités, à savoir le fait d'avoir sa mission enracinée dans la matrice humaniste chrétienne et d'être une institution de l'Église et pour le l'Église.

Le présente étude a cherché à identifier les caractéristiques spécifiques de la culture organisationnelle d'une université qui, étant catholique, pense et planifie à partir de l'Évangile et, pour cette même raison, est chargée d'une mission particulière. Cette mission se reflète dans les documents fondamentaux tels que la Constitution *Ex Corde Ecclesiae*, dans le domaine universel, dans ses Statuts, dans le domaine particulier, dans nombreux autres documents du Magistère et dans les écrits de divers auteurs.

L'objectif de cette recherche était de comprendre comment la mission de l'université est remplie, en tenant compte d'une éthique et d'une culture organisationnelle spécifique, à partir de laquelle nous soulignons le rôle des dirigeants, des enseignants et des étudiants, dans le contexte spécifique du Centre régional de Porto de l'Université Catholique de Portugal.

Notre intention était de comprendre comment l'action de la communauté académique, son administration, son enseignement et sa recherche dans la vie étudiante, concrétisent la mission d'une université catholique.

Mots-clés: Culture organisationnelle ; universités catholiques ; leadership ; humanisme chrétien ; mission.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
I - A UNIVERSIDADE.....	3
1. A Universidade como Instituição	4
1.1. Uma Instituição secular	4
2. A Razão de ser da Universidade	9
2.1. A Razão	9
2.2. A Busca da verdade	10
2.3. O Diálogo	12
3. A Universidade como organização.....	13
3.1. O Ethos Universitário	13
3.2. A Cultura Organizacional e a Universidade	14
4. A Universidade segundo modelos de análise organizacional	19
4.1. Modelo racional burocrático	20
4.2. Modelo da anarquia organizada	23
4.3. Modelo político	25
II - A UNIVERSIDADE CATÓLICA.....	28
1. Universidade Católica – da raiz à missão	29
1.1. O Ensino Católico e a Universidade	29
1.2. <i>A Ex Corde Ecclesiae</i> – Magistério basilar sobre a Universidade Católica	31
1.3. A Universidade Católica em perspetiva	35
1.4. Um projeto de pessoas para pessoas	44
1.5. Desafios ao ensino universitário católico	46
1.6. Uma síntese sobre o ethos universitário católico	48
2. A Universidade Católica Portuguesa	52
2.1. O Sonho de uma “cultura superior católica” em Portugal	52
2.2. A Universidade Católica Portuguesa Hoje	59
2.2.1. Da Organização e dos Órgãos de Governo	59
2.2.2. Dos Estatutos	61
2.3. O Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa	65
	x

III – ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO	67
1. Metodologia.....	68
1.1 Do Objeto e da pertinência	68
1.2 Das Questões de Investigação	71
1.3 Do Tipo de Estudo	71
2. Dos Participantes.....	73
3. Da Amostra	74
3.1 Respondentes ao Inquérito por questionário.	74
3.2 Respondentes à Ficha de Composição/Comentário.	78
4. Dos Procedimentos e Sequência da aplicação do Estudo	79
5. Da Metodologia de Análise e Técnicas de Recolha de Dados	81
6. Dos Princípios e Compromissos enformadores	94
IV – APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.....	95
1. Bloco I – Missão da Universidade.	96
2. Bloco II – Administração	109
3. Bloco III - Ensino e Investigação.....	122
3.1 As Unidades Curriculares de “Cristianismo” – uma marca distintiva?	136
3.2 Os Objetivos das Unidades Curriculares de “Cristianismo”.	144
3.3 A experiência da Observação na Unidade Curricular de Cristianismo e Cultura.	153
1. Bloco IV – Vida Estudantil	168
V – DISCUSSÃO DE RESULTADOS	173
1. Missão da Universidade.....	175
1.1 A cultura organizacional como espelho da missão da Universidade: o “desalinhamento” entre as opiniões dos respondentes	175
1.2 A comunidade universitária e a (não) identificação da Universidade com a Pessoa de Jesus Cristo.	177
2. Administração	183
2.1 A ação das lideranças como fator de (não) concretização da missão da Universidade.	183
2.2 Critérios evangélicos e serviço ao próximo na ação dos líderes: entre o desconhecimento e a discordância.	186

3	Ensino e Investigação.....	188
3.1	Evangelho e áreas do saber: a relação em que “todos” concordam em discordar. 188	
3.2	Rigor intelectual, dignidade da pessoa humana e o valor da vida: o distintivo da Universidade Católica.	189
3.3	Investigação: informada pela ética e pela moral, mas desconecta do serviço à Igreja e à sua missão.	190
3.4	Unidades Curriculares de Cristianismo: significativas, mas não para todos.	191
3.5	A experiência da Dupla Licenciatura: Só se entende o Cristianismo se se entender a <i>Encarnação!</i>	197
4	Vida estudantil	204
4.1	Formação holística e religiosa: quando parece não estudarmos e trabalharmos todos no mesmo sítio.	204
CONCLUSÕES		207
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS		212
NOTAS DA OBSERVAÇÃO.....		225
ANEXOS.....		263

Índice de Quadros, Tabelas e Gráficos

Quadro 1 - Perspetivas de abordagem da cultura organizacional.....	18
Quadro 2 - Três Modelos de Gestão Organizacional praticados nas Universidades.....	27
Quadro 3 - Elementos constituintes da identidade do ensino superior católico segundo Rizzi.....	36
Quadro 4 – Uma síntese sobre os elementos constituintes do ethos universitário católico.....	49
Quadro 5 - Os elementos do Ethos Universitário católico e os Estatutos	63
Quadro 6 - Esquema para o inquérito por questionário aos Líderes.....	89
Quadro 7- Esquema para o inquérito por questionário aos Docentes.....	91
Quadro 8 - Esquema para o inquérito por questionário aos Alunos.....	92
Tabela 1 - Caracterização geral do CRP-UCP enquanto objeto de estudo no ano 21/22.....	74
Tabela 2 - Caracterização geral dos respondentes ao inquérito por questionário.	74
Tabela 4 - Idade (Líderes).....	75
Tabela 3 - Género (Líderes).....	75
Tabela 5 - Há quantos anos exerce funções de liderança?	75
Tabela 6 - Idade (Docentes).....	76
Tabela 7 - Género (Docentes).....	76
Tabela 8 - Faculdade Associada (Docentes).....	76
Tabela 9 - Idade (Alunos).....	77
Tabela 10 - Género (Alunos).....	77
Tabela 11 - Curso (Alunos).....	77
Tabela 12 - Comentários/composições dos alunos à proposição 9.....	104
Tabela 13 - Comentários/composições dos alunos à proposição 30.....	136
Tabela 14 - Comentários/composições dos alunos à proposição 31.....	141
Tabela 15 - Os elementos constituintes do Ensino Universitário Católico e os Objetivos das UC's de Cristianismo.....	145

Tabela 16 - Os elementos constituintes do Ensino Universitário Católico e as Notas da Observação.....	154
Tabela 17 - Composições/comentários Dupla Licenciatura em Direito e em Gestão – proposição 30 e 31.	164
Gráfico 1 - Proposição 1.....	96
Gráfico 2 - Proposição 2.....	97
Gráfico 3 - Proposição 3.....	98
Gráfico 4 - Proposição 4.....	99
Gráfico 5 - Proposição 5.....	100
Gráfico 6 - Proposição 6.....	101
Gráfico 7 - Proposição 7.....	102
Gráfico 8 - Proposição 8.....	103
Gráfico 9 - Proposição 9.....	104
Gráfico 10 - Proposição 10	109
Gráfico 11 - Proposição 11 (Líderes e Professores)	110
Gráfico 12 - Proposição 12 (Líderes e Professores)	111
Gráfico 13 - Proposição 13.....	112
Gráfico 14 - Proposição 14.....	113
Gráfico 15 - Proposição 15 (Líderes e Professores)	114
Gráfico 16 - Proposição 16.....	115
Gráfico 17 - Proposição 17 (Líderes e Professores)	116
Gráfico 18 - Proposição 18.....	117
Gráfico 19 - Proposição 19.....	118
Gráfico 20 - Proposição 20.....	119
Gráfico 21 - Proposição 21.....	122
Gráfico 22 - Proposição 22.....	123
Gráfico 23 - Proposição 23.....	124
Gráfico 24 - Proposição 24 (Líderes e Professores)	125
Gráfico 25 - Proposição 25 (Alunos)	126
Gráfico 26 - Proposição 25 (Líderes e Professores)	127
Gráfico 27 - Proposição 26.....	128
Gráfico 28 - Proposição 27.....	129
Gráfico 29 -Proposição 28 (Líderes e Professores)	130

Gráfico 30 - Proposição 29 (Líderes e Professores)	131
Gráfico 31 - Proposição 30 (Líderes e Professores)	132
Gráfico 32 - Proposição 28 (Alunos)	133
Gráfico 33 - Proposição 24 (Alunos)	134
Gráfico 34 - Proposição 29 (Alunos)	135
Gráfico 35 - Proposição 30 (Alunos)	136
Gráfico 36 - Proposição 31 (Alunos Direito)	140
Gráfico 37 - Proposição 31 (Alunos Dupla)	140
Gráfico 38 - Proposição 32.....	168
Gráfico 39 - Proposição 33.....	169
Gráfico 40 - Proposição 34.....	170
Gráfico 41 - Proposição 35.....	171

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como tema central a missão da Universidade Católica e a sua concretização a partir da cultura organizacional da comunidade académica.

A Universidade Católica tem uma missão particular que lhe advém da sua matriz humanista cristã e da sua pertença à Igreja Católica. Enquanto Instituição da Igreja e de Igreja, a Universidade Católica foi pensada ao longo de séculos e particularmente nas últimas décadas, sobretudo, quanto à matéria em causa na nossa investigação, por Pontífices, prelados e académicos.

A concretização da teorização da sua missão e identidade constitui um desafio à sua cultura organizacional e, portanto, um desafio àqueles que quotidianamente a lideram, nela ensinam, estudam ou trabalham.

Passando pelas notas históricas sobre o surgimento da Instituição Universitária, numa época em que todas as Universidades *eram católicas*, ao seu desenvolvimento e transformação, à sua razão de ser - a Razão, a Verdade, e o Diálogo - ao desafio moderno de que a tecnociência, na sua versão tecnicista e cientificista, não dilua a *studiositas*, procurámos sintetizar na nossa revisão de literatura os propósitos da Universidade e de uma Universidade Católica em particular.

Destacámos neste contexto a Constituição Apostólica *Ex Corde Ecclesiae*, de São João Paulo II, enquanto Magistério basilar para as Instituições de Ensino Superior Católicas. Fomos também particularmente interpelados pelo Magistério de Bento XVI, que durante a sua vida sempre deixou claro o seu amor à Verdade e como que, de forma osmótica, à Universidade. Foi a partir das interpelações do Papa alemão que formulámos a nossa questão de investigação, procurando perceber em que medida é que a *cultura organizacional do Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa vivifica o ethos da Instituição de forma a concretizar a missão que lhe está consignada*.

Também o Papa Francisco viria a dar um contributo importante para colocar o tema da missão e da identidade do ensino católico, e consequentes desafios ao mesmo, na ordem do dia. Durante o seu Pontificado foram publicados dois documentos de referência com os quais nos vamos cruzando ao

longo do nosso estudo: *Educar hoje e amanhã: uma paixão que se renova* (2014) e *A identidade da escola católica, para uma cultura do diálogo* (2022). O Santo Padre lançou ainda a reflexão sobre o estado da educação no mundo, a partir da proposta de um Pacto Educativo Global.

Como já referido, a primeira parte deste estudo apresenta uma sistematização sobre o que é a Universidade e a sua razão de ser. A segunda parte reflete particularmente sobre a Universidade Católica, recorrendo não só ao Magistério em apreço, mas também a vários académicos, leigos, autores de estudos e publicações sobre o tema. Nesta, elaborámos uma síntese sobre o ethos do ensino superior católico que serve de base à sustentação das categorias de análise utilizadas ao longo do estudo. Neste capítulo encontra-se ainda um subtema que versa especificamente sobre a Universidade Católica Portuguesa, o seu nascimento, a sua história e a sua organização atual.

O terceiro capítulo é dedicado ao enquadramento metodológico.

A apresentação de resultados que constitui a quarta parte deste trabalho, procura disponibilizar os dados e a sua leitura de uma forma sistemática, sempre na lógica de quatro blocos desenhados a partir da revisão de literatura: Missão da Universidade; Ensino e Investigação; Administração e Vida Estudantil. Quanto ao Ensino foi dado destaque ao currículo das Unidades Curriculares de “Cristianismo”, momento do estudo onde se cruzam todos os objetos de recolha de dados e onde nos é dada uma perspetiva mais completa e direcionada sobre vários aspetos da investigação.

No último capítulo a nossa discussão de resultados cruza os dados com a literatura e explana por pontos as conclusões da nossa investigação, deixando em aberto algumas questões que não tendo respostas fechadas, abrem tópicos para reflexão futura.

É nosso intuito, a partir deste trabalho, dar um contributo para que a Universidade Católica disponha de mais um instrumento que possa servir de apoio a uma reflexão sustentada sobre a concretização da sua missão enquanto servidora do Evangelho e testemunha de Jesus Cristo.

I - A UNIVERSIDADE

1. A Universidade como Instituição

1.1. Uma Instituição secular

Falar de Universidade como Instituição implica ter uma ideia, ainda que transversal, do surgimento da mesma e da sua importância enquanto instituição secular, assumida como geradora, detentora e difusora do saber científico (E. A. A. da Silva, 2004).

Simões (2013) recorda-nos que a origem da Universidade remonta ao século XI na Itália, nomeadamente em Bolonha, onde existia um considerável ónus cultural graças ao que ficou conhecido como “Escola das Artes Liberais”¹. Depois disto as Universidades apareceriam com o surgimento das escolas catedrais e monásticas emergindo primeiramente a conhecida Universidade de Bolonha (1088), depois Oxford (1096) e as Escolas de Paris, no século XII, onde se estudavam as já referidas Artes Liberais, a Teologia, o Direito e a Medicina. No Século XIII, entre muitas outras, tomamos a título de exemplo o surgimento de Cambridge (1209) de Salamanca (1218) de Roma (1244) e de Coimbra (1290). A expansão das Universidades continuou por toda a Europa durante a Idade Média, sendo que para Minogue,

“os homens medievais parecem ter concebido a universidade da mesma maneira que um artesão pobre considera uma criança brilhante, para cuja educação ele faz sacrifícios, e eles legaram recursos para as universidades com a mesma generosidade aberta com que faziam doações para as imensas catedrais góticas da Europa. [...] eles estavam impressionados pelo mistério da sabedoria contida nos livros, visto que para os iletrados cada livro tem o romance do segredo” (Minogue, 1981, p. 17 apud Simões, 2013).

Hoje, e mantendo o peso de instituição secular, a Universidade é mais aberta e acessível, está mais próxima da realidade social, ainda que aparentemente não tenha mudado assim tanto, seja nas hierarquias internas,

¹ Por Artes liberais entende-se a metodologia de ensino organizada na Idade Média em ordem a uma formação plena. Era composta por sete artes liberais divididas em Trivium - dialética, gramática, retórica e Quadrivium - aritmética, música, geometria, astronomia (Nogueira, 2003).

seja nos processos de criação e divulgação do conhecimento, seja no seu ethos organizacional (E. A. A. da Silva, 2004).

Sobre a ideia de Universidade e a sua missão, Boaventura Sousa Santos (1989) sintetiza o pensamento de Karl Jaspers e de Ortega y Gasset com o intuito de encontrar como que uma ideia perene de Universidade. De Jaspers retira que a Universidade seria como que

“o lugar onde por concessão do Estado e da sociedade uma determinada época pode cultivar a mais lúcida consciência de si própria. Os seus membros congregam-se nela com o único objetivo de procurar incondicionalmente a verdade, e apenas por amor à verdade” (Jaspers, 1965, p. 19).

Para Jaspers a Universidade tem três grandes objetivos: a investigação como objetivo primeiro, pois a verdade só é acessível quando procurada; em segundo, a Universidade deve ser o centro da cultura, procurando educar o Homem no seu todo; por fim o ensino, a transmissão da verdade, em que o ensino das aptidões profissionais é pensado em ordem a uma formação integral (B. de S. Santos, 1989).

Ortega y Gasset (2007) não se afasta muito da ideia proposta por Jaspers. Para o ensaísta espanhol a Universidade tem como missão ser um veículo de transmissão de cultura, ensinar profissões específicas, investigar e educar para a ciência (Nebot, 2015; B. de S. Santos, 1989).

Importante contributo para pensar a ideia de Universidade é a de John Henry Newman que refletiu sobre o tema aquando das suas intervenções em Dublin, em 1852, com os seus discursos sobre o âmbito e a natureza da educação universitária. Destas suas reflexões, das quais se publicara a obra *The Idea of a University*, destaca-se primeiramente a ideia de uma Universidade que forneça uma educação liberal, sendo que por liberal se entende a procura do conhecimento como um fim em si mesmo. Entendia também que a educação dita superior não deve ter como primeira finalidade a procura de um conhecimento meramente útil, devendo assumir a forma de aquisição filosófica de conhecimento em ordem ao ensino de todos os ramos do conhecimento (Magalhães, 2006; Newman, 2014).

“Newman considera que qualquer Universidade carece de estar alicerçada num ethos bem definido. Um que paute todos os modos de buscar e aferir, inequivocamente e em compromissos, o que é verdadeiro, devendo-se admitir, neste preciso contexto, que não deixará de haver lapsos científicos enquanto se promoverem lapsos morais”(Duarte, 2019).

Em suma, à época de Newman, face à supremacia que tinha Oxford e Cambridge e a ideia do referido conhecimento útil que levasse ao comércio ou à profissionalização, Newman, preferiu destacar que a finalidade primeira da educação não era a aquisição de uma informação útil ou de habilidades necessárias para uma determinada ocupação, mas o cultivo do intelecto. A isto, Newman acrescentava a necessidade de um humanismo universal e uma visão orgânica da realidade (Duarte, 2019).

Hodiernamente, na tentativa de conceptualizar a ideia de Universidade, Eugénio Alves da Silva afirma que “a noção de universidade é algo complexa e mal delimitada, sendo caracterizada por uns pelo seu ensino de nível elevado, por outros pela sua atividade de investigação e por terceiros pelos dois caracteres”(E. A. A. da Silva, 2004, p. 38).

Aludindo à definição de Kourganoff, Silva (2004) reforça a ideia acima enunciada, falando da Universidade como um conjunto de estabelecimentos que prestam um ensino dito superior e se dedicam à investigação. Para este autor, é claro que a Universidade está vocacionada para a formação de profissionais e que tem como centro nevrálgico o binómio ensino-investigação. Quanto à investigação propriamente dita, esta assume um importante papel na vida universitária conferindo-lhe legitimidade e distinguindo-a das demais instituições educativas. É ainda perentório em afirmar que a sociedade exige à Universidade uma permanente atualização, sendo como que um agente de educação permanente, de reciclagem profissional, prestando um contínuo serviço à comunidade. A Universidade tem assim uma enorme relevância para o suporte de um desenvolvimento sustentado das sociedades. É um instrumento fundamental para a afirmação de soberanias, para o desenvolvimento industrial, para a economia e para a ciência, possibilitando a partilha do saber à escala universal. Daí que o próprio termo latino de que provém - *universitas* – signifique

universalidade, totalidade ou inteiro, exprimindo posteriormente a comunidade ou organização corporativa de mestres e estudantes (E. A. A. da Silva, 2004).

Segundo a Enciclopédia Luso-Brasileira a palavra Universidade,

“começou por designar, nos meados do séc XII a «comunidade» de mestres e alunos que se reuniam para a transmissão do saber, mas ainda sem o sentido de «corporação» em que veio a transformar-se, para referir a própria Escola como «instituição» provida de estatutos, privilégios e funções” (Serrão, 2003).

Nesta senda de nos questionarmos sobre o que é uma Universidade, não podemos ficar indiferentes à consideração natural de que todo o ser humano é dotado, ainda que em diferentes níveis, de várias capacidades, sejam elas, sensitivas, intelectivas ou volitivas. É através destas capacidades que o Homem se relaciona com aquilo que o rodeia, entrando em contacto com a realidade que o interpela. Daqui nasce uma inquietação natural que leva a que o Homem faça da realidade um objeto de estudo e interesse. É neste processo que a Universidade aparece enquanto meio para o desenvolvimento das capacidades humanas, levando-nos a desenvolver as nossas aptidões, fazendo-nos adentrar pela realidade “com propriedade de causa, isto é, com ciência e consciência”(Fernandes, 2016, p. 348). Para além das capacidades naturais, a humanidade desenvolveu conhecimentos técnico científicos que, pelas suas diversas mutações e desenvolvimentos, fazem com que o Homem cresça ou decresça, se realize ou se frustrate, se humanize ou desumanize.

Recorde-se que somente o ser humano é capaz de indagar sobre a sua própria realidade, procurando um sentido para as suas próprias ações, tornando-se assim possível perceber a ideia da racionalidade, da inteligibilidade e do discernimento diante daquilo que é investigado. A Universidade é por isso potencializadora da integralidade destas dimensões do Homem e das suas capacidades na procura da razão, do saber, e da verdade. Ela é o lugar onde a razão se expande e pela qual o homem dialoga com a realidade na sua pluralidade (Fernandes, 2016).

Para levar a cabo a sua missão a Universidade assume projetos educativos onde se valoriza a ciência, a tecnologia, a arte, a filosofia e a cultura em geral. O seu fundamento deve estar impregnado em valores e aspirações que constituam

o seu ethos, que sejam compartilhados pelos seus membros e sirvam a sociedade onde se insere (Antúnez, 2008).

A Universidade tem, por isso, uma cultura própria que lhe advém de certa forma da sua longevidade e perpetuação na história. Rivero Velasco (2017) recorda-nos que ela é uma das mais antigas instituições da cultura ocidental. A instituição universitária é anterior às próprias nações, às divisões político partidárias, às grandes ideologias, à industrialização, ao capitalismo ou ao sistema bancário. Anteriores à Universidade destacam-se as religiões, a divisão social do trabalho ou a ideia da família monogâmica, por exemplo. Algumas das instituições, ditas tradicionais, perderam algum do seu prestígio e papel cultural, veja-se a visão sobre o conceito de família, a influência das religiões, as chamadas leis morais ou as tradições de um modo geral. “A notável continuidade institucional da universidade no mundo ocidental sugere que os seus objetivos são permanentes” (B. de S. Santos, 1989, p. 12).

Acentua-se assim o paradoxo existente na sobrevivência de uma instituição centenária, como a Universidade, diante a diluição e o desaparecimento de demais instituições, inclusivamente num tempo em que o relativismo parece colocar em causa a razão de ser da própria universidade: a razão, a verdade e o diálogo (Bento XVI, 2008a; Chávez, 2010; Velasco, 2017).

2. A Razão de ser da Universidade

2.1. A Razão

Relativamente à Universidade medieval, a Modernidade parece surgir à margem ou até mesmo em oposição a esta. Há um desfasamento no que se refere à compreensão do mundo, à missão da própria Universidade, ao binómio saber\conhecer e claro, aos métodos. Com a Modernidade a Universidade passa do saber sapiencial – da vida, do mundo, da humanidade – para um certo culto à moderna deusa-razão que parece assentar no raciocínio cientificista, na especialização das ciências e num certo conhecimento fragmentado (Velasco, 2017). Bento XVI (2008a) chama-lhe inclusivamente autolimitação da moderna razão, sintetizada entre o racionalismo e o empirismo e posteriormente confirmada pelo sucesso técnico. Vejamos o que refere no discurso² à Universidade Romana *La Sapienzia*:

“Em poucas palavras, este conceito moderno da razão baseia-se numa síntese entre platonismo (cartesianismo) e empirismo, que o sucesso técnico confirmou. Por um lado, pressupõe-se a estrutura matemática da matéria, por assim dizer a sua racionalidade intrínseca, que torna possível compreendê-la e usá-la na sua eficácia operacional: este pressuposto básico é, por assim dizer, o elemento platónico no conceito moderno da natureza. Por outro lado, trata-se da utilização funcional da natureza para as nossas finalidades, onde só a possibilidade de controlar verdade ou falsidade através da experiência é que fornece a certeza decisiva” (Bento XVI, 2008a).

Há efetivamente um aumento da especialização e da técnica e uma fragmentação dos saberes das várias ciências. A dimensão empírica, dita racional-experimental, vai substituindo a razão enquanto objeto e finalidade da Universidade, as ciências importam por si mesmas e dilui-se a razão/ethos do próprio pensar científico. Cada ciência tem os seus métodos e os seus critérios de verdade (Velasco, 2017).

² Este discurso nunca foi proferido na Universidade dado que a visita do Pontífice foi cancelada, mas veio, ainda assim, a ser publicado nos órgãos de comunicação da Santa Sé.

Assim, o primado da tecnociência não é algo meramente conjuntural que devidamente adequado não viria a afetar o ser e o ethos das Universidades e dos seus membros. Repare-se que a cultura organizacional universitária já pressupõe os critérios e os fins tecno empresariais, isso nota-se não só na gestão financeira, por exemplo, mas também na necessidade de avaliações e creditações do próprio ensino.

Por isso, para Velasco (2017), a Universidade não pode abdicar da sua razão de ser, correndo o risco de progressivamente renunciar a si mesma e perder o seu ethos fundamental. Não pode, por exemplo, adaptar-se a uma sociedade onde impera a injustiça, pois dificilmente será capaz de reajustá-la ou de se reajustar a si mesma, prestando um mau serviço à ciência e à educação se a própria for causa de injustiça. Este exemplo é muito elucidativo, pois uma Universidade ajustada a um mundo injusto,

“obviamente não pode ser o lugar de onde se propõe e se acrisola a moral, de onde se estabelecem os critérios de veracidade, factibilidade e pertinência das propostas e realizações científicas, económicas ou políticas, não pode ser o lugar de onde se acrisola a autenticidade das relações humanas”(Velasco, 2017, p. 67).

A Universidade não pode por isso permitir que o Homem corra o risco de sofrer em si mesmo um reducionismo quando deixa de poder responder às questões mais profundas da natureza humana: quem sou, de onde venho, para onde vou. Estas questões refletem um saber sapiencial e holístico e são fundamentais para compreender o ethos universitário, evitando assim um cientificismo estéril e fomentando a razoabilidade fecunda, levando o Homem abrir-se à dimensão contemplativa da ciência e à busca pela verdade (Vieira, 2016).

2.2.A Busca da verdade

Verdade, do grego ἀλήθεια, significa a não dissimulação ou não ocultação. Pode ser compreendida como a correspondência entre uma ideia e a coisa à qual se refere; como o que caracteriza cada coisa na sua essência, mas que

para alcança-la é preciso entrar na aparência dessa mesma coisa; ou “como o caráter próprio das ideias, que possuem validade em si mesmas, independentemente da sua relação com as coisas (por exemplo as ideias matemáticas)” (Fernandes, 2016, p. 352).

Bento XVI, no discurso, já citado, preparado para a Universidade *La Sapienza*, em Roma, refere que a Universidade deve estar ligada exclusivamente à autoridade da verdade, livre e autónoma de diretrizes políticas e eclesiásticas (Bento XVI, 2008a). Fernandes (2016) recorda também que uma Universidade define-se pela busca da verdade que liberta o Homem de todas as formas de preconceito e intolerância. A vida universitária só se compreende em torno do fim por excelência que é a busca apaixonada pela verdade (Bento XVI, 2008a, 2009; Jaspers, 1965). A atitude de busca é própria do ethos universitário e pressupõe espírito aberto, capacidade de renovação e autocrítica que vai muito para além da sala de aula. A busca da verdade deve ir ao encontro dos problemas reais, de forma que aqueles que tomam parte da vida universitária sejam formados em carácter e estejam dotados de conhecimentos para pôr em prática este ethos descobridor. O desejo da verdade, como algo inerente à vida universitária, faz com que a universidade deva experienciar de forma radical o valor da veracidade. “Toda a ação que ofenda a veracidade ofende a verdade e o espírito mesmo da universidade” (Chávez, 2010, p. 35). Logo, na relação entre o conhecimento e a ação, dá-se o encontro entre a teoria e praxis surgindo o axioma filosófico ético – *o agir segue o ser* – que origina o axioma moral: o conhecimento da verdade determina o comportamento conforme a verdade. Isto faz com que o conhecimento produzido na universidade implique uma consequência ética, ou seja, é possível saber somente por saber, mas isso não é admissível no plano da honestidade intelectual própria do ethos universitário. A qualquer saber dito verdadeiro é exigido um comportamento verdadeiro que faz com que o homem viva como *homo sapiens* e como *homo ethos* (Antúñez, 2008; Fernandes, 2016).

“Só a busca e a promoção da verdade tornam a universidade imune ao erro, garantem a sua liberdade investigativa e não permite que docentes e discentes sejam tratados como consumidores ou escravos de um saber instrumentalizado (Fernandes, 2016, p. 364).”

2.3. O Diálogo

Chávez (2010) afirma que a Universidade é por natureza um espaço de relação, supõe relações interpessoais entre aqueles que a constituem e que partilham entre si um fim comum, ou seja, chegar através do pensamento crítico e do diálogo amplo e aberto à compreensão do homem e do mundo. O diálogo enquanto lugar universitário deverá implicar sempre uma visão autocrítica de docentes e estudantes, estimulando a paixão pela análise, pela crítica e pela criatividade geradora de conhecimento.

O diálogo, assumido como valor intrínseco à Universidade, supõe liberdade de pensamento e de comunicação, rejeitando toda a forma de opressão à liberdade do trabalho acadêmico.

O ethos dialógico leva ao reconhecimento da beleza, do bem e da autenticidade, como fins orientadores da ação humana para uma existência plena e para a relação com os outros. “É próprio do ethos universitário a relação e a comunicação intersubjetiva” (Chávez, 2010, p. 37).

O diálogo deve ser assumido como elemento articulador de qualquer meio universitário, pois é no reconhecer as diferenças que se enriquece. A diferença permite que se encontre aquilo que é comum. É na escuta do outro e no desejo dialógico que está parte do caminho para a procura autêntica da verdade (Antúñez, 2008; Chávez, 2010).

3. A Universidade como organização

3.1. O Ethos Universitário

Existem vários estudos sobre a cultura organizacional de escola e sobre o ethos escolar. Contudo, para o Ensino Superior, no que à relação com o ethos diz respeito, são mais parcas as referências e as reflexões. Ainda assim, as imagens utilizadas para estudar a relação do ethos com a cultura organizacional escolar, no campo dos conceitos são transponíveis para o pensar do ethos e da cultura organizacional universitária. Lopes (2014) referindo-se a Carvalho(1997) diz que este entende o ethos como a identidade de um indivíduo, de um povo, de uma comunidade ou de uma sociedade. Na mesma senda, sintetiza que o ethos associado a um estabelecimento de ensino implica uma ação global sobre a comunidade académica, levando à existência de um “conjunto articulado de maneiras de pensar, organizar e realizar” (Lopes, 2014, p. 10) a prática educativa em cada estabelecimento. Se no caso concreto da Universidade esta tem como objeto institucional, o conhecimento e os valores que das suas práticas se depreendem, “a possibilidade do alcance dos seus objetivos (frente ao objeto) surge do conjunto das práticas concretas dos seus protagonistas” (Furtado, 2005, p. 72). Isto compreende-se a partir da existência de uma rede relacional, que podemos denominar de ethos institucional, que acaba por levar ao conhecimento da matriz da Universidade através do confronto entre aqueles que são mais resistentes a mudanças e os que por outro lado são impulsionadores destas.

Dado a proximidade temática, com o estudo que elaborou sobre o ethos em escolas católicas, seguimos na nossa abordagem o conceito de ethos utilizado por Lopes (2014) a fim de nos referirmos no nosso estudo em concreto ao ethos universitário. Nesta senda, designa-se por ethos universitário a afirmação da identidade, do que é específico e particular numa Universidade. O ethos é entendido como uma cultura própria num ambiente universitário muito concreto, onde se criam práticas, relações e interpretações entre os vários intervenientes da comunidade universitária. Assim, cada Universidade apresenta situações e acontecimentos que levam à geração de crenças e consciências de grupo marcando aquilo que é passível e aceitável ser feito naquele contexto universitário específico (Carvalho, 1997; Lopes, 2014; Torres, 2006). Deste

modo, o ethos universitário “expressa uma identidade criada de forma dinâmica e ao longo do tempo que envolve a estrutura organizacional, o material humano da organização e também o contexto social mais global” (Lopes, 2014, pp. 10–11).

Construir o ethos de uma comunidade universitária,

“exige o respeito mútuo e o exercício da autoridade pela competência de quem a exerce, respaldada no sentimento de admiração do outro. Nesse espaço, privilegia-se a construção e uma diversidade de saberes capazes de contribuir para a formação integral do ser”(Furtado, 2005, p. 75).

3.2. A Cultura Organizacional e a Universidade

No que respeita à cultura organizacional, esta tem sido uma área consideravelmente estudada nas ciências sociais, existindo várias tentativas de sistematizar a investigação sobre ela. Contudo, não deixa de ser por isso “uma problemática de difícil apreensão em virtude do seu estatuto epistemológico incerto” (Caixeiro et al., 2011, p. 3). Sendo que, no que em concreto à Universidade diz respeito, este problema é ainda mais notório quando não se decidem critérios, dimensões e princípios “que tenham como base a assunção da especificidade deste tipo de organização” (E. A. A. da Silva, 2004, p. 47).

Nas últimas décadas tornou-se comum as Universidades terem no seu interior comportamentos análogos ao de empresas prestadoras de serviços, seja na forma como são geridas em ordem ao cumprimento dos seus objetivos, seja na distribuição do poder de gestão, dos processos de tomada de decisões ou na definição de quem são os atores internos e os parceiros externos que tomam parte dos processos decisórios. Todos estes fatores influenciam e dizem respeito às suas formas de governo e às estruturas de poder que são criadas no seu interior, ou seja, à sua cultura organizacional (Urán & Callejas, 2015).

Silva (2004) considera mesmo haver quem defenda uma semelhança muito próxima entre as organizações académicas e as organizações empresariais, assim, alude, a título de exemplo, à comparação que Motta faz da Universidade com a empresa, pois para este último,

“a universidade moderna é caracterizada pela existência de setores onde a prática científica produz conhecimentos dotados de um valor no mercado de bens económicos. Não existe apenas uma demanda por esses conhecimentos, como eles possuíssem ainda um preço de mercado. Isso faz com que setores inteiros da universidade se organizem enquanto empresa”(Motta, 1986, p. 86).

Por outro lado, há quem critique esta posição e considere que o ensino mereça outra abordagem no seu estudo, pois este tem um papel muito específico no contributo que dá à sociedade, ainda que possa ser difícil por vezes justificar a diferença em comparação com outras organizações, quando se tem em conta a partilha de elementos como os objetivos, o poder, as estruturas ou hierarquias e o facto de ser uma unidade socialmente construída para uma finalidade, ainda que com os seus processos e técnicas específicas (Lima, 1998; E. A. A. da Silva, 2004). Veja-se Licínio Lima quando refere que:

“Ao procurar distinguir a escola de outras organizações, destacar diferenças e reclamar propriedades exclusivas, incorre-se frequentemente na falácia de um contraste ainda por comparação, cujos termos continuam a ser os característicos das organizações cujos elementos se pretende rejeitar. Quando muito existe a percepção e quase sempre o interesse em demonstrar, que a escola é *diferente* de outras organizações, mas não se encontra facilmente argumentos sólidos para justificar essa diferença”(Lima, 1998, p. 64).

No que respeita à cultura organizacional universitária, com o intuito de definir o conceito para o mundo do Ensino Superior, Urán e Callejas (2015), afirmam por princípio que a Universidade é uma forma particular de organização. Enquanto organização, esta tem como missão promover o crescimento da região ou do país onde se encontra, através do fortalecimento da coesão e da justiça social, afirmando-se como consolidadora da democracia e da identidade da região ou do país, sustentando-se na sua diversidade cultural. As Instituições de Ensino Superior (IES), são por isto mesmo, altamente complexas no que ao seu funcionamento diz respeito, dado receberem influências diversas, próprias de um sistema aberto.

Nas últimas décadas as organizações têm olhado para a cultura organizacional como um elemento muito importante para o seu funcionamento.

As universidades, não sendo exceção, são perentórias em vincular a sua qualidade e eficácia ao estilo de organização que praticam. A cultura organizacional é tida assim como um elemento altamente influenciador na gestão das IES - “o êxito das universidades, tal como noutros organismos, está diretamente ligado à sua cultura organizacional”(Urán & Callejas, 2015, p. 34).

Para termos uma referência conceptual de organização assumimos a definição sintetizada por Urán e Callejas, ou seja:

“organização como uma estrutura intencional formalmente desenhada, cuja a finalidade é alcançar objetivos com base no estabelecimento de funções e no uso de elementos como o planeamento, a direção e o controlo de atividades, que se repensam constantemente à medida que se vão alcançando os objetivos e se descobrem melhores meios para alcança-los com menor custo” (Urán & Callejas, 2015, p. 14).

Os mesmos autores assumem também que uma organização pode ser vista como um ente social, que afeta diretamente os indivíduos que com ela interagem, ressaltando também o papel dos próprios indivíduos enquanto aqueles que permitem alcançar ou não os objetivos da mesma, havendo uma necessidade de harmonizar aqueles que são os objetivos individuais com os da organização.

Relativamente à cultura, esta pode ser considerada como variável organizacional, estando intimamente ligada ao desenvolvimento das Universidades, ao seu crescimento, produtividade e eficiência. Ao ser tida como perspectiva de análise da organização ela é perceptível através dos comportamentos dos vários atores que constituem a comunidade académica. Pensemos que é normal encontrar nas universidades vários grupos de pessoas, como alunos, professores ou funcionários, que compartilham afinidades entre si e seguem padrões comportamentais semelhantes. Por isto mesmo, compreende-se o facto de que a cultura nas IES expresse os valores, as crenças e os ideais que os seus membros compartilham entre si. A cultura é então entendida como que a escala de valores que uma comunidade assume para si, estando intrinsecamente ligada à natureza do homem enquanto ser construtor e social (Celaya et al., 2016; Vargas Irure, 2011). Numa organização “a cultura

outorga o sentido de identidade aos seus membros e facilita a geração de compromissos” (Urán & Callejas, 2015, p. 33).

É na cultura própria de cada Universidade que acabamos por encontrar os significados que explicam o comportamento e o resultado da sua organização (Montañez-garcía & Ed, 2018).

Para Caixeiro, Verdasca e Estevão (2011), o estudo da cultura organizacional pode ser visto sobre três preceptivas ou lentes teóricas que têm por base os diferentes graus de partilha dos atores organizacionais: a perspetiva integradora da cultura; a perspetiva diferenciadora da cultura e a perspetiva fragmentadora da cultura.

Por perspetiva integradora entende-se aquela que é clara e consensual nos valores e nas crenças partilhadas pelos atores organizacionais. Tem um cunho marcadamente funcionalista, evitam-se ambiguidades e distinções e a sua análise organizacional suporta-se, como dissemos, no plano dos consensos. Nesta lente, o líder da organização ou mesmo o fundador é o alicerce da cultura, aquele da qual a mesma provém e o qual dela é o maior transmissor. Há a partir do líder um certo consenso imposto aos atores organizacionais e por isso mesmo é comum existir na cultura organizacional fundada numa perspetiva integradora uma forte relação entre as atividades do passado, as do presente e as futuras, querendo-se uma cultura forte que alimente a ideia da existência da organização como uma “grande família”, onde são comuns processos de socialização profissional e mesmo rituais de confraternização.

A perspetiva diferenciadora é marcada pelo antagonismo e pela divergência, não sendo, portanto, de todo perceptível na sua essência as ideias de consistência ou homogeneidade. Assim, por esta lente, torna-se comum a existência de visões diferentes para uma mesma questão sem que essas diferenças coloquem em causa o bom funcionamento da organização e a convergência dos atores organizacionais. Existe também de forma clara a ideia de subculturas, sendo que o consenso acontece somente dentro da fronteira das mesmas, bem como a partilha de ideias e crenças.

A perspetiva fragmentadora da cultura tem o seu foco no indivíduo. Esta perspetiva funda-se no princípio de que a ambiguidade é inevitável no seio de uma organização, dado que uma ação pode ser interpretada de formas muito diferentes por cada indivíduo. Esta lente compreende-se também com base na

existência de subculturas, sendo que estas não são tão estáveis dado que os atores organizacionais normalmente só se agrupam temporariamente em assuntos específicos.

Veja-se o quadro sintetizado por Caixeiro, Verdasca e Estevão (2011, p. 8) que, citando Martin (1994, 2002) e Meyerson (1988), entendem que só é possível uma justa leitura da realidade organizacional do contexto cultural tendo em conta as três perspetivas.

Quadro 1 - Perspetivas de abordagem da cultura organizacional.

PERSPETIVA DE ABORDAGEM	INTEGRADORA	DIFERENCIADORA	FRAGMENTADORA
UNIDADE DE ANÁLISE	Organização	Grupo	Indivíduo
CONSENSO	Homogeneidade e harmonia envolvendo toda a organização	Consenso a nível das subculturas	Multiplicidade de visões, ambiguidade, ausência de consenso
MANIFESTAÇÃO MATRIZ CULTURAL	Consistência Uma, única, singular	Inconsistência Várias, ao nível dos grupos	Complexidade, falta de clareza Múltiplas
AMBIGUIDADE	Excluída	Canalizada para fora das subculturas	Enfatizada
METÁFORAS	Clareira na selva, monólito	Ilhas de clareza num mar de ambiguidade	Teia, rede, selva

Fonte: Caixeiro et al., 2011, p. 8.

Com o intuito de tornar mais claras as possíveis dimensões da cultura organizacional podemos sumariamente atender ao chamado modelo do arbusto sintetizado por Montañez-García (2018) e da autoria de Rodrigues Piña (2007). Este modelo apresenta a ideia de um arbusto, do qual as folhas simbolizam aquilo que é visível na cultura, como por exemplo: os comportamentos, a linguagem, as cerimónias, os símbolos ou os lemas. Nesta analogia, aquilo que não é visível é representado pelas raízes do arbusto, como os valores, as crenças e as normas partilhadas pelas pessoas dentro da organização. Neste modelo os valores, são entendidos como forças que determinam o que se faz dentro da organização, sendo que se espera que o comportamento dos atores organizacionais esteja alinhado com os valores da mesma. Nesta perspetiva, os líderes devem, nas suas práticas, ser testemunho e exemplo dos valores da instituição de modo que os demais os imitem e implementem na organização.

4. A Universidade segundo modelos de análise organizacional

No estudo que realiza sobre *O burocrático e o político na administração universitária*, Silva(2004) escolhe para aprofundar a questão da análise organizacional universitária três modelos baseados na síntese que faz de Ellström (1984, 2007), a partir dos estudos de Thompson, bem como os modelos de organização escolar de Bush (1989), as imagens organizacionais de Glatter (1988) e a tipologia de Tyler (1991). Os modelos escolhidos são: o modelo racionalista com a teoria da burocracia, o modelo político com a metáfora da arena política e o modelo da ambiguidade com a metáfora da anarquia organizada. Scaglione e Golchleger (2016) ao procurarem também uma sistematização dos principais modelos teóricos de gestão universitária focam-se em cinco modelos organizacionais: o modelo racional burocrático, o modelo político, o modelo colegial, o modelo do sistema social e o modelo da anarquia organizada. Estas autoras deixam claro que as Universidades são organizações com objetivos ambíguos e difusos, com uma complexa organização, dado que pela sua principal função – ensino e a investigação – necessitam de uma organização muito específica.

Cruzando a literatura e em particular estes dois estudos específicos sobre modelos de organização universitária, optamos por nos debruçar sobre o modelo racional burocrático, o modelo da anarquia organizada e o modelo político.

Silva (2004) considera que estes três modelos permitem uma descrição analítica da ação organizacional universitária no que aos processos de tomada de decisão, de interação e de comportamento dos atores diz respeito. Estes modelos têm ainda em conta os contextos estáveis, bem como os momentos de conflito que na sua opinião, caracterizam a situação organizacional da Universidade, revelando os fatores socioculturais e políticos do contexto onde se encontram. A intenção é revelar a partir destes modelos, os diferentes modos de ação das instituições académicas, deixando surgir as diversas imagens da organização, que vão traduzir visões mais ou menos completas dos seus processos organizacionais.

4.1. Modelo racional burocrático

O modelo burocrático tem por base a teoria de Max Weber, segundo a qual os elementos ditos formais e estruturais das organizações “adquirem características racionais procurando promover a adequação dos meios aos fins” (E. A. A. da Silva, 2004, p. 56). O modelo burocrático é entendido como uma estrutura social, racionalmente construída, com normas claramente definidas a fim de atingir as metas da organização (Merton, 1971; Scaglione & Goldchleger, 2016; E. A. A. da Silva, 2004). Morgan (1986) descreve, a partir da metáfora da máquina, a congruência entre os meios e os fins, deixando realçar o lado mais rígido de uma organização burocrática. Para este último autor este modelo privilegia a interdependência estrutural, cadeias de comando autoritárias, rigidez na alocação de funções e uma enorme utilização das linhas de autoridade. A isto acresce uma forma rotineira de organização e o uso de mecanismos de coação de forma a manter a disciplina e o cumprimento das regras regulamentares da instituição. Falamos de uma estrutura centralizada, hierarquizada uniforme e eficaz, que funciona a partir de processos de coordenação e controlo, pretendendo a eliminação de incertezas e conflitos (Morgan, 1986; E. A. A. da Silva, 2004). Scaglione e Goldchleger (2016) sintetizam o entendimento das Universidades pela ótica do modelo burocrático na medida em que nestas é possível observar atividades padronizadas, uma hierarquia administrativa bem definida e a existência de regras e regulamentos bem definidos. Ellström (2007) refere-se também às Universidades como instrumentos para atingir determinados objetivos de uma forma bastante racional, sendo que o modelo racional se estabelece com valores como o consenso, a certeza e a estabilidade. O facto de ser um modelo burocrático e altamente racional faz com que a instituição tenha dificuldades em se adaptar a mutações e a adaptações que derivem de demandas que surgem quotidianamente.

Para Silva (2004) o estudo da Universidade segundo a perspetiva burocrática é passível de ser feito após a identificação das características do modelo e a sua correlação com a organização universitária. O autor identifica cinco características:

- a legalidade, ou seja, a existência de normativos formais e obrigatórios que levam a um funcionamento previsível da organização, levando os seus membros

a agirem de acordo com as regras estritamente estipuladas. Sobre isto cita Weber quando este afirma que,

“o procedimento administrativo que caracteriza a organização burocrática é a busca racional dos interesses – especificados nas ordenações da associação – dentro dos limites estabelecidos pelos preceitos legais e segundo princípios gerais” (Weber, 1971, p. 16).

É nestes princípios que se baseia o controlo da organização, controlo esse que é uma característica muito presente na organização racional e burocrática. É pela norma que se procura chegar à legitimidade das ações administrativas.

- a hierarquia constitui a base da autoridade e do controlo, na qual compete exclusivamente a cada ator desempenhar as funções que lhe são atribuídas pelo seu cargo. A hierarquia da autoridade implica uma supervisão regrada e a subordinação dos atores inferiores relativamente aos superiores hierárquicos. É também através da hierarquia que se estabelecem limites na execução dos vários cargos, reduzindo os desvios e limitando cada ator à sua função.

- a impessoalidade caracteriza-se pela atribuição de tarefas tendo em conta os cargos e as funções bem definidas e não as pessoas. As pessoas são meros ocupantes de cargos e as relações que devem estabelecer entre si devem ser relações administrativas, distinguindo a pessoa do cargo. Assim, impede-se a intromissão de outros fatores como as emoções ou as tendências. Este modo de agir leva a que o sistema de relações entre cargos fique envolto numa enorme formalidade. A impessoalidade torna-se assim essencial à burocracia, de modo que os atores da organização se restrinjam às funções que lhe estão atribuídas.

- a racionalidade caracteriza-se pela conformidade entre os meios e os fins. Existe uniformidade de procedimentos de modo a facilitar a realização dos objetivos. A ideia é levar à maior eficiência possível na distribuição e coordenação das atividades de forma a garantir a estabilidade da organização, impondo-se uma racionalidade calculada que se traduza em ações estáveis e não contestadas.

- a especialização consiste na atribuição de tarefas específicas segundo critérios de especialização dos vários atores da organização. A burocracia

privilegia a especialização de modo que na organização seja bem clara a distinção das várias tarefas dos atores organizacionais.

Estas cinco características que Silva identifica no modelo burocrático não pertencem a uma organização em concreto, mas são, contudo, dimensões observáveis nas organizações burocráticas. Citando Tyler, Silva (2004) afirma que estas características “constituem um instrumento heurístico para a investigação de casos empíricos” (Tyler, 1991, p. 48). Deste modo também se compreende que haverá organizações onde os traços burocráticos se identificam melhor do que em outras.

“Segundo Weber, a burocracia é a forma de organização mais eficiente e racional, já que a sua estrutura está ao serviço dos objectivos que persegue. Desta forma, ela pode ser vista como um instrumento técnico para a obtenção dos objectivos. O seu principal mérito, aponta Merton (1968:109), é a sua eficiência técnica na medida em que quase tudo está previsto e a estrutura está de tal modo montada que consegue assegurar a ordem, a perícia, a continuidade, a previsão, a discrição e o rendimento. A burocracia consegue gerar estabilidade, previsibilidade e eficiência” (E. A. A. da Silva, 2004, p. 54).

No que diz respeito à organização universitária, ela pode ser lida pela ótica burocrática na medida em que é uma organização com objetivos bem definidos que são devidamente avaliados segundo critérios de desempenho. A Universidade está também organizada segundo um modelo hierárquico de autoridade, onde os vários atores realizam as suas tarefas segundo o seu estado, a sua competência, antiguidade e mérito. Existe na Universidade uma política interna devidamente regulamentada que leva os agentes a agirem em conformidade com ela. A organização universitária divide-se ainda em órgãos formais, como os senados, os conselhos, as faculdades ou os departamentos que estabelecem relações entre si, também elas formais e hierarquizadas.

Tem outros aspetos formais como a existência de comissões de trabalho com formalidades próprias de estruturas desta índole, como a necessidade de convocatórias, atas, cumprimento de prazos ou a aprovação ou não a partir de sistemas de votação, por exemplo. Estes aspetos formais são próprios da administração universitária, mas também dizem respeito à vida estudantil,

quando encontramos a necessidade de registos formais como as matrículas, a realização de exames, a emissão de certificados ou a existência de bolsas. Na vida dos docentes também se identificam momentos de enorme índole burocrática, como por exemplo o regime da carreira docente, com seleção de candidatos, promoção, agregação e avaliação. A isto acresce que muito do tempo das tarefas docentes é despendido em trabalho burocrático.

O modelo burocrático tem os seus limites, na medida em que oferece uma visão estática da organização e revela pouco da sua ação, ele permite “analisar os aspetos formais da organização universitária, como autoridade legal, as relações hierárquicas, o poder formal assim como a estrutura formal interna”(E. A. A. da Silva, 2004, p. 66), oferecendo também uma visão inerte dos atores como meros indivíduos sujeitos às determinações do sistema onde estão inseridos.

4.2. Modelo da anarquia organizada

O modelo metaforicamente conhecido como da anarquia organizada é uma das alternativas mais radicais ao modelo racional e burocrático de Weber apresentado anteriormente (E. A. A. da Silva, 2004). O conceito de anarquia organizada foi concebido por Cohen e March (1972) sendo que este se compreende pela variedade de objetivos inconsistentes e mal definidos, pela tecnologia pouco clara, que tem por base procedimentos tipo ensaio e erro, e por uma participação fluída dos membros (E. A. A. da Silva, 2004). Sumariamente são três as características mais evidentes do modelo da anarquia organizada: objetivos mal definidos, verificando-se falta de intencionalidade nas ações; processos pouco estruturados, cimentados com base em experiências anteriores, e o dito envolvimento variável dos membros (Ellström, 2007; Scaglione & Goldchleger, 2016).

Neste modelo, a autoridade e a responsabilidade hierárquica são pouco visíveis e definidas, obedecendo-se ao mínimo de racionalidade possível, na medida em que existem uma pluralidade de lógicas diferenciadoras de ação e uma variedade de padrões culturais que dão sentido à ação dos atores organizacionais. Falamos de um sistema ambíguo, com incertezas várias e com

um elevado nível de subjetividade, onde a organização significa diferentes coisas para diferentes pessoas (E. A. A. da Silva, 2004).

A falta de intencionalidade presente neste modelo é ilustrada pela metáfora do *Garbage can*, ou seja, do caixote do lixo, no qual se despejam questões, problemas e soluções sem qualquer ordem ou racionalidade, as decisões são como que fruto do acaso e estão mergulhadas numa enorme desordem.

O modelo anárquico privilegia a autonomia individual, a ambiguidade nos objetivos, a pluralidade de valores e a intervenção de peritos na tomada de decisões. Estas características recordam a autonomia e a liberdade académica próprias da Universidade bem como a ideia de recorrer a especialistas e peritos para a resolução de problemas internos. A autonomia, sendo uma característica vital da organização universitária, ajuda-nos a estabelecer a analogia entre esta e a ideia de anarquia organizada, pois a Universidade pode ser dotada de bastante flexibilidade na sua organização, como por exemplo na existência de estruturas autónomas dentro da própria estrutura organizacional, como Faculdades ou departamentos. A isto acresce a existência de vários profissionais que dispõem de formações e informações de várias índoles, exigindo um maior controlo nos processos decisórios, aumentando assim a ambiguidade organizacional e reduzindo a força do sistema burocrático (Ellström, 2007; E. A. A. da Silva, 2004).

“Uma observação atenta dos processos organizacionais que decorrem no seio da universidade, à luz deste modelo, permite-nos evidenciar manifestações de que nela se articulam debilmente a autonomia e o controlo, o individualismo e a coordenação, o normativismo e a flexibilidade, o formal e o informal numa relação que parece satisfazer as expectativas e as estratégias dos actores organizacionais”(E. A. A. da Silva, 2004, p. 76).

Contudo, para outros autores como, Friedberg (1995), a Universidade é uma organização fragilmente estruturada e com uma dinâmica que é reveladora da paradoxalidade entre as estruturas formais e as regulações informais, tanto que, no campo do real, os atores organizacionais não deixam de cumprir regulamentos e normas mantendo a tensão entre o formal e o informal. Assim, Silva (2004) constata que a estrutura organizacional universitária não é assim

tão desarticulada nem espontânea como o modelo da anarquia organizada sugere e que os atores têm sempre de agir segundo parâmetros consensualizados, seja para atingirem as metas a que estão obrigados seja para preservar alguns valores globais que salvaguardam a reputação da instituição.

4.3. Modelo político

O modelo político, acompanhado pela metáfora da arena política, é o modelo que estuda e compreende as organizações educacionais privilegiando os processos políticos existentes na organização. Na ótica deste modelo, as organizações ditas complexas, nomeadamente as Universidades, podem ser vistas como sistemas políticos em miniatura, dado existirem dinâmicas oriundas de conflitos e interesses muito semelhantes aos da sociedade e do Estado (Baldrige et al., 1978; E. A. A. da Silva, 2004).

A organização da Universidade pela sua diversidade de estruturas faz com que existam diversos grupos com uma enorme multiplicidade de interesses, valores, perceções da realidade, que fazem com que os processos decisórios tenham de ser negociados gerando de certa forma conflito e fazendo emergir o poder como recurso e estratégia de gestão. A organização universitária é assim um espaço de confronto e de competição, onde cada ator, pelos seus interesses, usa do seu maior ou menor poder para atingir os seus objetivos. Desta forma o poder é o centro deste modelo organizacional, utilizando-se o poder para conservar ou obter controlo, influenciando assim a atividade organizacional (E. A. A. da Silva, 2004). Esta disputa pelo poder transforma a organização numa “arena política”, valorizando-se bastante o poder informal e as interações de grupos e subgrupos dentro da organização. Estas interações dão-se, como vimos, muitas vezes pela forma de disputas e é através dessas mesmas disputas que acabam por surgir os compromissos coletivos necessários ao funcionamento da organização. Para além das influências internas existem também poderes externos que influenciam a organização universitária, como as empresas, a sociedade civil ou o próprio Estado (Scaglione & Goldchleger, 2016).

Na síntese que faz de Bacharach (1988), Silva (2004) enuncia quatro aspetos que caracterizam a imagem política das organizações educativas. Assim considera que:

- são sistemas políticos onde são comuns lutas de poder em ordem à obtenção de controlo sobre os recursos e onde os atores organizacionais são considerados atores políticos.

- as tomadas de decisão têm por base os conflitos políticos. Os grupos da organização procuram maximizar os seus interesses e objetivos particulares, procurando que a sua posição se reflita nas decisões produzidas.

- dada a limitação de todos verem salvaguardados os seus interesses nos processos decisórios surgem como que coligações ou alianças com objetivos partilhados que criam (des)equilíbrios de poder e fomentam a possibilidade e a expectativa de o partilhar.

- ainda que estas alianças sejam uma realidade, somente a aliança dominante é que controla a estrutura do poder e os recursos, impondo as suas óticas e lógicas de ação.

Este estado de conflito endémico acaba por fazer sobressair os fenómenos de negociação e compromisso dado que o poder por si pode ser manipulado, quer por quem administra com o intuito de controlar os subordinados, quer por quem é controlado procurando criar uma certa imprevisibilidade nos seus comportamentos gerando assim incerteza e fazendo com que haja uma interdependência entre os dois tipos de poder.

Para além disto, o dito conflito endémico pode ser ainda visível em outras circunstâncias do dia-a-dia da Universidade, como por exemplo na sua atividade nevrálgica - ensino – investigação – seja pela gestão das expectativas dos docentes jovens ou mais velhos, seja pela natural exigência dos estudantes na tomada de decisões, ou ainda pelos conflitos entre docentes e alunos ou entre gestores e docentes.

Este modelo acaba por levar ao reconhecimento das tensões e oposições pela dinâmica que geram levando a mudanças na estrutura organizacional. Os interesses, os conflitos e a alianças são assim determinantes na dinâmica da atividade institucional, muito mais que os regulamentos as normas ou os planos (E. A. A. da Silva, 2004).

Quadro 2 - Três Modelos de Gestão Organizacional praticados nas Universidades.

Modelo Burocrático (Weber, 1971)	Modelo Anárquico (Cohen et al., 1972)	Modelo Político (Baldrige et al., 1978)
As Universidades possuem um funcionamento racional, baseado em normas e regulamentos, procurando sempre o maior nível de eficiência.	As Universidades são descritas como anarquias organizadas em que cada ator toma decisões autónomas predominando a ausência de controlo. É o modelo oposto ao burocrático.	Dentro das Universidades existem grupos que atuam simultaneamente com uma multiplicidade de interesses. O poder é o centro nevrálgico deste modelo, onde são comuns os conflitos e as decisões são por norma negociadas.

Fonte: Adaptado de Scaglione & Goldchleger, 2016, p. 6.

II - A UNIVERSIDADE CATÓLICA

1. Universidade Católica – da raiz à missão

1.1. O Ensino Católico e a Universidade

“O sagrado Concílio³ muito recomenda que se fundem Universidades e Faculdades católicas, convenientemente distribuídas pelas diversas partes da terra, de tal maneira, porém, que brilhem não pelo número, mas pela dedicação à ciência”(Igreja Católica, 1965).

Michael Rizzi (2019), professor do departamento de ciência política na University of Pittsburgh, recorda-nos que desde há muitos séculos que a educação é uma das prioridades da Igreja Católica. Segundo o mesmo autor, as primeiras Universidades surgidas na Idade Média poderiam mesmo ter sido consideradas “universidades católicas” – falamos de Salamanca, Oxford ou Bolonha – todas elas tendo em comum o patrocínio ou a direção de autoridades eclesiásticas ou monásticas.

Ao longo da história, o ensino católico teve várias influências significativas, parecendo-nos a nós relevante destacar três grandes nomes do pensamento católico sobre o ensino: Tomás de Aquino, Inácio de Loyola e John Henry Newman.

Tomás de Aquino, foi um teólogo dominicano do século XIII, que teve notória influência pelos seus escritos sobre epistemologia e por causa da sua metodologia académica. Do teólogo dominicano bebe-se grande parte da noção tradicional de educação católica, a qual se baseava na abertura a todos os campos do saber, fundindo diversas áreas temáticas e escolas de pensamento numa única compreensão interdisciplinar do mundo. O Religioso, a partir de 1252, assumiu a sua primeira regência na cátedra de Paris, o estilo tomista viria a extrapolar rapidamente a esfera exclusiva da Ordem Dominicana, por meio do chamado método das questões disputadas. Assim, mediante o exercício dialógico, Tomás de Aquino desenvolve um rigoroso ensino e uma metodologia de educação universitária revestida das seguintes características:

³ Um Concílio é uma Reunião Magna dos Bispos do Mundo inteiro onde se discutem questões doutrinárias e pastorais, emitindo-se Constituições e pareceres que podem ser vinculativos ou não, dependendo da sua natureza. O Último Concílio e do qual se retira a citação foi o II Concílio do Vaticano (1962-1965).

“após as objeções, levantam-se contra objeções (*sed contra*, rápidas e pontuais sentenças colhidas em favor da tese do artigo; ou algumas vezes *in contrarium*, que defendem uma terceira posição que não é a da tese nem das *obiectiones*). Após ouvir estas vozes, o mestre expõe tematicamente sua tese no corpo do artigo, *a responsio* (solução). Em seguida, *a responsio ad obiecta*, a resposta a cada uma das objeções do início” (Lauand, 2004 apud Scarel, 2019, p. 235).

Como referimos, outra figura incontornável do ensino católico é Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus – Jesuítas, no século XVI. Loyola teve interesse pelo ensino universitário já no final da sua vida. A sua Ordem organizava as Universidades em três principais divisões de faculdades: a área das humanidades, a filosofia natural e a teologia. Os Jesuítas publicariam em 1599 uma *Ratio Studiorum*, ou seja, um plano curricular de estudos, considerado plano modelo. Era um plano para sete anos onde predominava o estudo do latim, os clássicos e o aprofundamento de grandes pensadores católicos, como por exemplo Santo Agostinho. Os Jesuítas acabariam por se tornar na Ordem mais influente no que à educação católica diz respeito, sendo a sua *Ratio* utilizada durante séculos que se seguiram, ajudando a formar em parte a elite europeia.

Um último nome, já do século XIX e já por nós referido, é o de John Henry Newman, que como vimos fomentava a ideia do conhecimento como um todo, integral e interdisciplinar. Especificamente para as Universidade Católicas, defendia que possuíam uma vantagem incomparável diante das demais por serem capazes de integrar para além do conhecimento, toda a verdade em relação a Cristo, a sabedoria encarnada, a quem os cristãos reconhecem como o caminho, verdade e a vida (Duarte, 2019).

De acordo com Michael Rizzi podemos afirmar que o que globalmente une estes três contributos ao longo da história é a preferência da universalidade face à especialização, bem como o esclarecimento dos indivíduos em ordem ao alcance e ao domínio de uma variedade de áreas temáticas. Paraphraseando Brady (2013), Rizzi afirma que “se existe uma abordagem distintamente “católica” da aprendizagem, é esta”(Rizzi, 2019, p. 3).

1.2.A *Ex Corde Ecclesiae* – Magistério basilar sobre a Universidade Católica

“Se o único factor da Universidade fosse o saber e este entendido de modo estricto e formal, todas as Universidades seriam - e deveriam ser - iguais não havendo lugar para estilos e tendências” (Gonçalves, 1994).

Começando por afirmar que a Universidade Católica nasceu do coração da Igreja e se insere na tradição que remonta à origem da própria Universidade enquanto instituição, o Papa João Paulo II (1990) escreveu no início da década de noventa como que uma Carta Magna sobre a identidade e a missão das Universidades Católicas.

Na Constituição Apostólica procura antes de mais aclarar que a Universidade Católica compartilha com as demais Universidades a alegria de procurar a verdade, o *gaudium de veritate* tão grato a Santo Agostinho. Para além de descobri-la, procura comunicá-la em todos os campos do conhecimento. A Universidade Católica tem a privilegiada e particular tarefa de unir intelectualmente duas ordens de realidade que surgem muitas vezes como opostas: “a investigação da verdade e a certeza de conhecer já a fonte da verdade” (João Paulo II, 1990, no. 1). É próprio da vida universitária esta ardente busca pela verdade e a “sua transmissão abnegada aos jovens e a todos aqueles que aprendem a raciocinar com rigor, para agir com retidão e para servir melhor a sociedade humana (João Paulo II, 1990, no. 2).

No documento as Universidade Católicas são apresentadas como um sinal de fecundidade da inteligência cristã junto de cada cultura. Parafraseando as palavras do Papa Paulo VI, aquando do seu discurso à ONU, João Paulo II diz que a Igreja sendo perita em humanidade é capaz, graças às suas universidades e ao seu legado humanístico e científico, e iluminada pela Revelação de Cristo, investigar os grandes mistérios do homem e do mundo. Ao entregar-se à causa da verdade a Universidade Católica serve simultaneamente a dignidade de homem e a causa da Igreja. Ela distingue-se pela liberdade que tem em investigar toda a verdade relativa à natureza, ao homem e ao mundo, sem que isso implique desprezar a aquisição de conhecimentos úteis. A sua dedicação à investigação de todos os aspetos da verdade implica o vínculo com Aquela que é a Verdade suprema, Deus.

A inspiração cristã da Universidade Católica deve levá-la a fazer, mais do que qualquer outra, investigação desinteressada da verdade, ou seja, investigação em nada condicionada por interesses seja de que ordem for. Ela inclui por isso no seu modo de proceder a sua dimensão moral, espiritual e religiosa que lhe permite ter uma perspectiva da totalidade da pessoa humana. Por isso, para João Paulo II, a Universidade Católica é um dos melhores instrumentos que a Igreja oferece aos nossos tempos.

O magno documento do Papa polaco está dividido em duas grandes partes. Uma primeira intitulada – A identidade da Universidade Católica – na qual reflete sobre a natureza e os objetivos desta, sobre a comunidade universitária, sobre a importância da Universidade Católica na Igreja. Na segunda parte – A missão de serviço da Universidade Católica – o Papa reflete sobre o serviço da Universidade à Igreja e à sociedade, sobre a importância da Pastoral Universitária e sobre o diálogo com a cultura.

Relativamente à natureza e aos objetivos, segundo o Pontífice, “o objetivo de uma Universidade Católica é garantir em forma institucional uma presença cristã no mundo universitário” (João Paulo II, 1990, no. 13), sendo que para tal, enquanto católica, ela deverá possuir quatro características essenciais (João Paulo II, 1990, no. 13):

- 1) uma inspiração cristã não só dos indivíduos, mas também da comunidade universitária enquanto tal;
- 2) uma reflexão incessante, à luz da fé católica, sobre o tesouro crescente do conhecimento humano, ao qual procura dar um contributo mediante as próprias investigações;
- 3) a fidelidade à mensagem cristã tal como é apresentada pela Igreja;
- 4) o empenho institucional ao serviço do povo de Deus e da família humana no seu itinerário rumo àquele objetivo transcendente que dá significado à vida;

João Paulo II fala também da importância da interdisciplinaridade, e na importância que ela tem no contexto específico de uma Universidade Católica, ou seja, cada área disciplinar deve ser estudada de forma sistemática, promovendo-se entre elas um diálogo que produza um enriquecimento recíproco e no qual a axiologia cristã tem uma presença vital.

No que à investigação especificamente diz respeito, deixa claro que numa instituição de ensino superior católico tem de se ter em conta necessariamente quatro vértices: a) perseguir uma integração do conhecimento; b) o diálogo entre a fé e a razão; c) uma preocupação ética; d) uma perspectiva teológica.

Um conhecimento integrado implica empenho e esforço para colocar a especificidade de cada disciplina ao serviço de um quadro comum que tenha como horizonte a pessoa humana e o mundo vistas pela ótica evangélica.

Esta integração deve levar a Universidade Católica a promover o diálogo entre a fé e a razão como o caminho primaz de encontro da única verdade. As várias áreas do saber devem conservar os métodos que lhe são próprios, sabendo, contudo, que devem deixar-se conduzir pelas leis morais e não entrarem em contradição com as realidades da fé católica.

A Universidade Católica deverá priorizar a ética à técnica, a pessoa às coisas, o espírito à matéria e ser particularmente preocupada com as implicações éticas e morais na sua investigação científica e tecnológica. A teologia será neste processo muito importante na medida em que pode fornecer uma orientação específica da mundividência cristã a ser implementada na Universidade. Deste modo o Papa, dada esta premissa, pede que cada Universidade Católica tenha uma faculdade de teologia ou pelo menos uma cátedra de teologia.

“A teologia católica, ensinada em plena fidelidade à Escritura, à Tradição e ao Magistério da Igreja, proporcionará um claro conhecimento dos princípios do Evangelho, o qual enriquecerá o significado da vida humana e lhe conferirá uma dignidade nova”(João Paulo II, 1990, no. 20).

No que diz respeito à Comunidade Universitária, há a intenção de que esta forme uma comunidade humana autêntica e animada particularmente pelo espírito de Cristo. Deve ser uma comunidade unida na busca comum da verdade, partilhando de uma mesma visão sobre a dignidade humana e em última instância da pessoa e da mensagem de Jesus Cristo.

A comunidade universitária católica deve caracterizar-se pelo espírito de liberdade e de caridade, pelo respeito mútuo, pelo diálogo sincero e pela defesa dos direitos de cada um.

A cada membro da comunidade é pedido que em função daquelas que são as suas capacidades e das responsabilidades que ocupa, que promova a unidade e que ajude a manter e ou a reforçar o caráter católico da universidade.

Aos professores, para além das competências que lhes são pedidas relativas à sua função docente, é-lhes pedido que estejam em sintonia com uma mundividência coerente e enraizada no Evangelho. Particularmente aos professores cristãos pede-se ainda que estes sejam testemunho de uma vida cristã autêntica e que sejam potencializadores da relação da fé com a razão e a cultura.

Aos estudantes é pedido que sejam apaixonados pela busca da verdade e que se abram ao cultivo de faculdades como a admiração, a intuição e a contemplação, sendo capazes de formar juízos pessoais e de cultivar ainda o sentido religioso, moral e social. Segundo João Paulo II, são eles os líderes do amanhã, que para além de homens e mulheres altamente qualificados possam ser testemunhas de Cristo no lugar onde exercerem as suas tarefas.

Destacando a importância do papel dos leigos na vida da Igreja e de um modo muito particular na vida das Universidades Católicas, o Papa, recorda que as funções de direção são hoje na sua enormíssima maioria desempenhadas por leigos, sendo que a estes é pedido que promovam o desenvolvimento da comunidade mediante uma gestão de serviço.

No que respeita à presença da Universidade Católica na vida da Igreja, esta deve ser como que uma relação vital. A Universidade deve manter-se sempre fiel à mensagem cristã e é pedido particularmente aos membros católicos da Universidade que promovam esta fidelidade seja pessoal, seja institucional. Aos Bispos é pedido um acompanhamento próximo, assistindo na consolidação da identidade da Universidade.

Na segunda parte do documento – A missão de serviço da Universidade Católica – o Papa recorda a importância da Universidade Católica na medida em que esta presta um enorme serviço à Igreja mediante a sua atividade de ensino e investigação, que ajudam a Igreja a responder aos problemas e desafios dos tempos presentes. Com bastante veemência recorda também que, sempre que necessário, a Universidade Católica deverá ter a coragem de proclamar verdades que mesmo que incómodas e não gratas à opinião pública, são ainda assim necessárias para garantir o bem da sociedade. Deve ainda ser atenta às

questões da justiça social e às preocupações com os mais pobres e fragilizados da sociedade.

Outro ponto tratado pelo Pontífice é o da Pastoral Universitária. Esta é importante para que os membros da comunidade possam integrar a vida académica com a fé. Devem existir oportunidades para que os membros da comunidade aprofundem a fé e doutrina católica vivendo a vida sacramental no espaço universitário, principalmente a Eucaristia, como lugar privilegiado do encontro da comunidade.

João Paulo II aponta ainda o Diálogo Cultural como algo intrínseco à natureza da própria Universidade e a partir do qual o Evangelho dialoga de forma privilegiada com a cultura. O Papa aponta também o diálogo do pensamento cristão com as ciências modernas como uma prioridade para a Universidade Católica.

O Documento termina com uma reflexão sobre a evangelização dado que a missão primária da Igreja é o anúncio do Evangelho e para o qual a Universidade Católica deve também estar vocacionada sobretudo num tempo e num espaço onde a cultura da secularização é tão marcada.

1.3.A Universidade Católica em perspetiva

No estudo que fez sobre os elementos que constituem a Identidade Institucional Católica, Michael Rizzi organiza o pensamento sobre essa mesma identidade institucional em quatro elementos temáticos: Académicos e Ensino; Investigação e Bolsas de Estudo; Vida Estudantil; e Administração. Estes elementos podem ajudar-nos a identificar aquilo que é próprio do Ethos Universitário Católico. O autor faz como que uma síntese de vários autores sobre o tema. Para cada tema identifica três características que passamos a apresentar na seguinte tabela:

Quadro 3 - Elementos constituintes da identidade do ensino superior católico segundo Rizzi.

Académicos e Ensino (Rizzi, 2019, p. 6)	
Interdisciplinaridade	Traz múltiplas disciplinas para o diálogo entre si, especialmente com a teologia, filosofia e ética. Diálogo entre a fé e a razão.
Educação para um fim	A educação é utilizada ao serviço dos outros. Os valores são vividos através da aprendizagem aplicada, colocando a contemplação em ação.
Conteúdos sobre o catolicismo	Os estudantes adquirem conhecimentos sobre história, cultura, crenças religiosas e rituais católicos. Compreendem o carisma e a missão das Ordens fundadoras.
Investigação e Bolsas de Estudo (Rizzi, 2019, p. 10)	
Perspetiva ética e teológica	A investigação é informada pela moral, pela ética e pela perspetiva teológica.
Serviço à Igreja	A investigação é realizada em temas de interesse para a Igreja, relevantes para as populações católicas e cultura católica e que satisfaçam as necessidades das organizações católicas.
Diálogo Inter-religioso	O entendimento entre católicos e não católicos leva a Igreja a dialogar com outros e promove a abertura intelectual.

Vida Estudantil (Rizzi, 2019, p. 14)	
Valores Vivos	Os membros da comunidade participam em atividades que promovam a dignidade humana, a justiça social e a igualdade. As atividades de serviço estão ligadas à identidade religiosa.
Formação Pessoal Holística	Os membros da comunidade têm a oportunidade de crescer tanto ao nível pessoal, emocional, espiritual, profissional e acadêmico. A universidade promove a formação pessoal na sala de aula, bem como na vida do cotidiano e das atividades extracurriculares.
Experiência Sacramental	A universidade oferece aos estudantes católicos e não católicos a oportunidade de praticarem a sua fé abertamente no campus e de participarem em eventos e atividades religiosas.
Administração (Rizzi, 2019, p. 17)	
Desenvolvimento Profissional dos funcionários	Os funcionários a todos os níveis têm a oportunidade de aprender sobre a identidade católica e de se sentirem capacitados para incorporar essa aprendizagem nas suas carreiras.
Comunicação	A identidade é comunicada de forma aberta e precisa ao público interno e externo.
Tomada de decisões com base em valores	A administração compreende e utiliza os valores católicos na base das suas decisões.

Outro autor que reflete sobre o ensino em universidades de matriz cristã é John Sullivan (2019), este professor de teologia da Liverpool Hope University, começa por afirmar que a educação numa Universidade cristã partilha de muitas das características da educação que é oferecida em qualquer outra Universidade. Para além desta evidência, recorda que a educação em qualquer cultura tem a ver com as capacidades da natureza humana, como as emoções, a inteligência, a imaginação, a memória, a consciência e a vontade. É acerca de como é que estas são desenvolvidas, orientadas, ordenadas e integradas que se compreende a missão de uma Universidade. Ao refletir sobre o movimento educativo em geral, Sullivan elenca onze possíveis prioridades do mesmo, afirmando que “uma educação equilibrada encontrará lugar para cada um destes aspetos”(Sullivan, 2019, p. 191). São eles:

- 1- A educação para a felicidade pessoal, a expressão de si próprio e o cumprimento do seu próprio potencial;
- 2- Educação para harmonia social e cidadania responsável;
- 3- Educação para a competência económica e eficiência;
- 4- Educação para a autonomia e desenvolvimento da liberdade;
- 5- Educação que dê os meios às pessoas para procurar e encontrar a verdade e o conhecimento;
- 6- Educação que dê aos estudantes competências de estudo e o desejo de estudo continuo;
- 7- Educação para o desenvolvimento de carater;
- 8- Educação para a pensamento crítico;
- 9- Educação que permita aos estudantes apreciar o mundo a sua beleza e as suas possibilidades;
- 10- Educação para a sabedoria;
- 11- Educação ao serviço de uma mundividência religiosa ou espiritual, que inclua discipulado e o direito a uma relação com Deus;

Sulliver não fala especificamente em Universidades Católicas, mas em Universidades cristãs, assumindo nós a abrangência do conceito. Na procura de definir o que é uma Universidade com matriz cristã, o autor é perentório em afirmar a necessidade de a Universidade cristã não ser sectária, devendo, contudo, ao mesmo tempo, ter o cuidado de não ceder ao fenómeno da secularização. Assim, por um lado, a tradição religiosa não deve ditar ou

supervisionar a missão acadêmica e por outro, aqueles que são os propósitos acadêmicos não devem silenciar nem distorcer a identidade religiosa. A Universidade cristã não deve ser de modo nenhum como que um nicho para crentes, livre do escrutínio acerca das suas convicções, nem deve render as suas convicções à secularidade.

Para o autor, os cristãos têm o dever de articular a sua perspectiva de fé e relacioná-la com as questões e temas com que a universidade, a região, a nação e o mundo se deparam. Há também o dever de escutar atentamente e sensivelmente outras vozes, dialogando com elas construtivamente na procura do bem comum.

Neste sentido, Sulliver conclui que a missão da universidade cristã tem implicações para o currículo, para as salas de aulas, para as relações no espaço acadêmico, as relações pessoais, as atividades extracurriculares, a vida devocional privada e a qualidade da vida da comunidade acadêmica.

Para além disto, a universidade cristã tem de ser intelectualmente rigorosa como qualquer outra instituição. As suas convicções devem ser expostas, acrisoladas, pesadas e avaliadas, devendo haver discernimento para saber quando é que doutrinas entram ao serviço de propósitos ideológicos, privilegiando grupos particulares, negando a outros voz ou acessos a recursos e poder, mantendo o status quo.

Para o teólogo de Liverpool, o ênfase na racionalidade não tem de levar a um prevaente ateísmo metódico, um privilégio da racionalidade técnica, um reducionismo, uma excessiva especialização, uma compartimentação do currículo, uma cegueira à envolvimento externa ou uma surdez às questões existenciais.

Não só a universidade cristã tem de ser o lugar de crítica à tradição religiosa bem como desempenhar fortemente o papel no discernimento nos sinais dos tempos.

Na vida quotidiana de uma universidade cristã muitas pessoas expressarão o seu compromisso cristão implicitamente, simplesmente sendo dedicados profissionais no seu trabalho diário, sejam eles professores, investigadores ou funcionários, outros aceitaram a responsabilidade de articular publicamente a fé cristã com as suas responsabilidades na universidade, como por exemplo, os capelães, os teólogos ou os membros de grupos cristãos.

Citando Francis (1983), Sulliver (2019) refere que uma universidade cristã deve refletir três lugares teológicos: a teologia do cuidado, do serviço e da profecia.

Sobre o cuidado, refere que a universidade cristã deve ser um lugar em que aqueles que já são cristãos possam cimentar a sua fé, ter um suporte que afirma e encoraja a fé, mas que também a estimula. Qualquer um deve ter a possibilidade para aprofundar a sua fé intelectualmente e espiritualmente.

Acerca do serviço refere que para aqueles que não desejam envolver-se em atividades explicitamente cristãs a universidade cristã deve oferecer, sem discriminação, uma educação de alta qualidade e de serviço. Ninguém se deve sentir um membro de segunda classe da comunidade por estar em oposição ou fora da perspectiva religiosa.

Relativamente à profecia ela é dirigida *ad intra* e *ad extra*. Deve ser aplicada aos critérios de governo da universidade, ou seja, para todos os membros deve haver oportunidade de ouvir vozes cristãs que questionem e contestem as diferenças entre a retórica e a realidade no funcionamento interno da instituição, oferecendo assim um testemunho contra cultural face a outras instituições.

Sulliver sintetiza ainda, em dez, aqueles que podem ser os objetivos de uma Universidade cristã. São eles:

- 1- Ensinar para a sabedoria e o desenvolvimento humano;
- 2- Formar pessoas e caracteres;
- 3- Dar meios aos estudantes para serviço e missão;
- 4- Entrar numa comunidade e modelá-la;
- 5- Servir o bem comum;
- 6- Aprofundar a apreciação e o cuidado pela criação;
- 7- Apresentar a relação entre a fé e a razão;
- 8- Investigar e descobrir a maravilha, complexidade e interrelação da criação para saber como se relacionar com ela apropriadamente;
- 9- Nutrir o desejo pela *studiositas* como uma parte do amor pela verdade e como um caminho vital e válido do discipulado.
- 10-Relacionar-se crítica e construtivamente com a cultura;

Entende ainda que relativamente ao primeiro, ao quinto e ao décimo, ambos são comuns a todas as universidades. No que diz respeito ao sétimo – relação

entre a fé e a razão – entende que tais aspirações são inapropriadas para uma universidade pública secular sem mandato para promover a fé religiosa. No que toca ao terceiro, oitavo e nono considera que algumas das palavras – missão, criação e discipulado- necessitariam de aprofundamento antes de serem consensuais fora da Universidade cristã (Sullivan, 2019).

Já no quadro português e ao tempo da inauguração da Universidade Católica Portuguesa, também o Cardeal Cerejeira (1970) procurou dizer aquilo que no seu entender deveria ser, bem como o que não deveria ser, uma Universidade Católica. Cerejeira entendia que uma Universidade dita Católica não poderia cingir-se de modo nenhum a clérigos e a religiosos exclusivamente. Pelo contrário, ela devia dirigir-se e intervir em toda a área do saber e dos trabalhos humanos, de forma a iluminá-los com as luzes da fé cristã.

Para o Prelado de Lisboa uma Universidade Católica não pode “isolar-se do mundo da história e do homem; nem distrair-se da investigação científica, fonte do progresso do saber, e escola do espírito crítico” (Cerejeira, 1970, p. 243). No seu pensamento, bem sintetizado nos discursos que fez aquando do início da Universidade Católica em Portugal, tem bem presente quais são as características que devem pautar a essência e a missão de uma Universidade Católica: a busca da verdade; o diálogo; a cultura intelectual em ordem à educação e formação de uma escola de mentalidade católica; a estreita fidelidade às regras e o rigor nos métodos do trabalho científico; e a responsabilidade de formar, à luz do ensino católico, os eclesiásticos, os leigos e todos aqueles que mesmo não pertencendo à Igreja se interroguem sobre questões de dita cultura superior que interrogam o homem.

Para Azevedo (2009) as Universidades Católicas são continuamente chamadas a uma renovação, permitindo à Igreja dialogar de forma fecunda com os homens de todas as culturas, através do encontro entre a mensagem evangélica e a pluralidade e imensidade dos campos de saber. O ensino católico procura o verdadeiro significado do homem, sobretudo num tempo em que impera a tecnociência, devendo haver no seu seio um imperativo moral de colocar a técnica e a ciência exclusivamente ao serviço do bem autêntico da comunidade humana.

Em linha com o pensamento de João Paulo II, exposto na *Ex Corde Ecclesiae*, Azevedo defende ainda que a renovação da Universidade Católica exige uma “clara consciência de que, em virtude do seu caráter católico, a Universidade é mais capaz de fazer investigação *desinteresseira* da verdade”(Azevedo, 2008, 2009).

Tanto para o antigo presidente do Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa, como para o antigo Reitor da Pontifícia Universidade de Salamanca, um dos princípios orientadores e fundamentais da Universidade Católica deve ser a promoção da dignidade humana, sendo que este princípio precede os requisitos da economia e dos mercados de trabalho que hoje tanto importam para o mundo universitário (Arranz, 2013; Azevedo, 2009). Nesta linha, Joaquim Azevedo, defende ainda a formação de uma interioridade criativa e solidária nos alunos, desenhada a partir do humanismo cristão, rejeitando a racionalidade instrumental, de forma que as Universidades Católicas possam empenhar-se em criar condições para o desenvolvimento multidimensional dos seus alunos e da demais comunidade académica. Este desenvolvimento multidimensional necessita do saber próprio de cada área disciplinar mas também de uma disponibilidade para a “abertura ao transcendente, uma apurada orientação ética, a vocação do serviço orientado para o bem comum e a hospitalidade para com todos os membros da comunidade”(Azevedo, 2009), na certeza de que “o amor, à luz do mistério trinitário de Deus, é o cimento mais forte da educação” (Azevedo, 2015, p. 4).

O ensino católico deve ser também dialógico, aberto à pluralidade e às diferenças acolhendo e promovendo os talentos de cada um. A identidade matricial do ensino católico é a Pessoa de Cristo, Dele provém a esperança da qual a Universidade Católica deve ser portadora enquanto instituição missionária e anunciadora do Evangelho (Azevedo, 2015).

Walter Osswald (2008), tentando apresentar os traços fundamentais da Universidade Católica, refere-se à instituição como agente e terreno de educação liberal⁴, liberal no sentido de quem respeita a liberdade humana, de

⁴ Leia-se o que diz Walter Osswald, a respeito da ideia de educação liberal, na sua Oração de Sapiência que proferiu no Centro Regional do Porto em 2008 – “educação liberal, não no sentido em que a política nos habituou a entender tão importante termo, mas no sentido de quem preza e respeita a liberdade humana, como de resto o reconhecia a medievá universidade eclesiástica, ao ensinar o trivium e o quadrivium, que denominava de artes liberais” (Osswald, 2008, p. 143).

quem tem um conjunto de valores nucleares e quer dialogar com a sociedade a partir desses mesmos valores: a liberdade; o respeito pela pessoa humana e pela sua dignidade, o alto valor da vida, o conhecimento, a solidariedade, a partilha e a justiça. Vê a Universidade Católica como uma Casa que persegue a excelência, cultiva valores, mas não os impõe, não podendo de modo algum ensinar contra o Magistério da Igreja. Diz por fim que os que desejarem e conseguirem estudar na Universidade Católica,

“desenvolverão os seus talentos e poderão pô-los ao serviço da comunidade. Serão capazes de falar com qualquer pessoa, de ouvir com atenção, de ler com interesse um vasto leque de estilos, de escrever com simplicidade e sentido, de abominar a ambiguidade e a mentira, e ajudar (ou pelo menos tolerar) o próximo, de incorporar o estudo como um hábito nas suas vidas. Serão pessoas na esplêndida liberdade dos filhos de Deus (mesmo que o neguem ou ignorem) e esta liberdade desemboca no serviço das liberdades que são os outros” (Osswald, 2008, p. 143).

Nesta senda, Manuel Braga da Cruz (2012a), recorda que o facto de a Universidade Católica ao formar, por exemplo, futuros dirigentes, e ao orientá-los por valores cristãos, contribui não só para a educação pessoal destes, mas também para a humanização da sociedade e da cultura, promovendo o incremento de uma ética política e social que se pautem pelos valores evangélicos. O antigo Reitor da Universidade Católica Portuguesa considera que as Universidades Católicas se distinguem das demais Universidades pela especificidade da sua confessionalidade, ou seja, a Universidade Católica não é uma instituição neutra, mas sim uma instituição cuja inspiração doutrinária e mundividência lhe advém do cristianismo. É por esta lente que ela lê as necessidades da sociedade, se organiza e orienta as suas atividades académicas (Cruz, 2012d), nomeadamente na investigação, na procura da verdade, que é chamada a fazer enquanto Universidade e enquanto católica. Para além de lugares de ciência, as Universidades Católicas são lugares de fé e têm a missão de promover uma harmoniosa articulação entre estas, pois a fé não pode ser um travão ao desenvolvimento da ciência, pelo contrário ela deve ilumina-la e fertiliza-la (Cruz, 2012b, 2012c).

Também para o antigo Patriarca de Lisboa, José da Cruz Policarpo,

“é aqui que se situa a função das Universidades da Igreja como serviços especializados da verdade. Eles devem especificar-se por esta referência à verdade absoluta e ao princípio transcendente de toda a verdade, nos seus métodos próprios, na orientação fundamental de cada ciência, na colaboração interdisciplinar entre todas elas, cabendo aí um papel específico e insubstituível à Teologia” (Policarpo, 1985, p. 266).

Ao procurar traçar o horizonte da Universidade Católica, Capelo Gil, refere que a Universidade no geral tem como missão basilar posicionar-se na vanguarda do saber, “transgredir produtivamente as fronteiras do conhecimento, experimentar, explorar com o nobre objetivo de melhorar a condição humana” (Capelo Gil, 2016, p. 16). Ora, a Universidade Católica participa naturalmente deste processo de fronteira e experiência, sabendo que sendo Universidade Católica é chamada também a essa contínua renovação, sempre enquanto universidade e enquanto católica (João Paulo II, 1990). Para a Reitora da Universidade Católica Portuguesa, esta última particularidade deverá fazer com que ela (Universidade Católica) nunca se esqueça que o seu horizonte deve privilegiar mais o *para* do que o *sobre* quando de investigar e experimentar sobre o Ser Humano se trata (Capelo Gil, 2016). A marca ou o título de Católica não deve ser por isso visto como que uma condicionante ou uma mortificação, mas sim uma qualificação (Francisco, 2017) que valoriza a Instituição e fomenta a maximização das suas potencialidades.

1.4. Um projeto de pessoas para pessoas

A própria designação da Universidade como Católica constitui já um programa, que a liga enquanto instituição angular do processo civilizacional no que tem de arquivo do passado de ação no presente e sobretudo de projeção do futuro (Capelo Gil, 2016) .

Todo este projeto, como qualquer projeto, desenvolve-se com pessoas, de pessoas e para pessoas. A cada uma dessas pessoas, que constitui uma Universidade Católica, é pedido que ajude na promoção da Comunidade e do

seu Projeto, salvaguardando a unidade e contribuindo “segundo a sua função e as suas capacidades, para as decisões que dizem respeito à mesma Comunidade, bem como para manter e reforçar o carácter católico da instituição” (João Paulo II, 1990, n. 21).

Particularmente, é pedido aos seus dirigentes que promovam este movimento comunitário e o seu crescimento mediante uma gestão de serviço (João Paulo II, 1990). Este conceito de liderar a partir do serviço e das funções e das capacidades de cada um é profundamente evangélico e tem estado na ordem do dia. Uma liderança de serviço destaca “o ato de servir os outros; a abordagem holística ao trabalho; a promoção do sentido de comunidade; e a partilha do poder na tomada de decisão”(Greenleaf, 1997, p. 4) . A ideia do servir é característica essencial e por isso, parte da missão substantiva da Universidade Católica (Advancis Business Services, 2010, p. 21; Rubens, 2015).

A ideia de liderar a partir deste prisma não se compagina de todo com servidão. Numa cultura de liderança orientada para o servir, os líderes fomentam os objetivos da equipa e valorizam, como já dissemos, o sucesso dos indivíduos em ordem ao todo. Nas estruturas organizacionais assim pensadas, torna-se comum definirem-se papéis, tarefas, distribuindo coordenações numa ideia de gestão partilhada (Ho, 2020).

Se a valorização do projeto comunitário, e da pessoa do outro, é algo tão relevante na missão de uma Universidade Católica e se o líder é aquele que tem “a capacidade de fazer com que os outros alterem voluntariamente os seus modos de trabalhar tendo em vista a construção e o desenvolvimento de projetos comuns” (Alves et al., 1999), então, naturalmente, parte considerável do cumprimento da missão de uma Universidade Católica depende da sua organização, das suas lideranças e das opções que fazem em favor da comunidade educativa. Segundo Lebrun (2013) o cumprimento desta missão está intrinsecamente dependente do facto de os líderes diretivos estarem ou não verdadeiramente enraizados num espírito católico e que os demais docentes e colaboradores sejam orientados e se deixem orientar segundo o mesmo espírito. Segundo Mary Ho (2020) esta cultura/espírito cristão de liderança e trabalho implica a escuta, o recolher e partilhar informação, a consulta de conselheiros e tomadas de decisões ponderadas e fundamentadas com as quais todos se comprometem. Implica agregar retrospectivas, discernir e precaver, procurando

integrar com o justo peso, o passado, o presente e o futuro – “todos os que criam mantinham-se unidos e tinham tudo em comum” (Atos2, 44) (Ho, 2020).

Para além do citado horizonte organizacional ao nível da gestão e organização, é ainda indispensável que se proponha no um plano curricular para a formação dos alunos na área das ciências humanas, na consciência de si próprios e dos outros, ou seja, do chamado humanismo cristão (Lebrun, 2013).

Merino (2006) aclara esta ideia ao referir que curricularmente a Universidade Católica deveria ter uma plano onde o diálogo fé-razão fosse transversal e não restringido a uma dimensão filosófica e teológica, havendo uma conexão efetiva entre o desenvolvimento moral, cognitivo e afetivo dos vários conteúdos abordados nas áreas disciplinares.

1.5. Desafios ao ensino universitário católico

Recordando as palavras de Bento XVI (2008b) aos Educadores Católicos, na Catholic University of America, é sempre oportuno refletir sobre o que é específico das instituições católicas, de modo a que estas não se desviem da sua matriz e daquilo que verdadeiramente as deve distinguir. Por isso recorremos a Gerald Grace (2009) que, no artigo que elaborou sobre a necessidade de estudos e pesquisas sistemáticas acerca da educação católica, sintetiza aqueles que considera serem os 10 grandes desafios para a educação católica hoje:

- 1 - O impacto da secularização sobre o trabalho da educação católica;
- 2 - A influência do capitalismo global e os seus valores materialistas;
- 3 - A autenticidade da integridade da missão das escolas católicas na medida em que antes de mais nada, a Igreja oferece os seus serviços educativos aos pobres;
- 4 - Questões de formação de fé para professores e alunos. Formação moral e social.
- 5 – A mudança das conjunturas culturais;
- 6 - Manter a missão educacional enquanto o número de congregações religiosas tende a diminuir;
- 7 - Problemas de recrutamento, formação e retenção de dirigentes escolares e professores na educação católica;

8 - Responder às mudanças nas expectativas relacionadas com a educação de meninas e mulheres.

9 - Compreender as atitudes dos alunos contemporâneos e as experiências da escola católica.

10 - As finanças, a economia da escolaridade e a política da escolaridade (relações da Igreja com o estado) em várias sociedades.

A Congregação para a Educação Católica, no 50º aniversário da Declaração *Gravissimum educationis* e o 25º aniversário da Constituição Apostólica *Ex Corde Ecclesiae*, com o intuito de animar o espírito e o empenho da Igreja no campo da educação, elaborara um instrumento de trabalho onde podem ser encontrados seis desafios ao ensino superior católico. Os bispos, assumem que muitos dos desafios da Universidade Católica são semelhantes ao da Escola Católica, como as preocupações de índole identitária, a ideia da Universidade como uma comunidade, a questão da educação integral e dos desafios pastorais com a formação religiosa dos jovens. Contudo, entendem que no mundo de hoje se colocam especificamente às Universidades mais alguns desafios:

- a internacionalização dos estudos universitários – as Universidades Católicas devem ser atentas e inclusive pioneiras no fenómeno da internacionalização pela sua matriz católica, ou seja, universal. Devem estar sensíveis às questões do acolhimento, dos métodos de ensino, dos tipos de aprendizagem e de pesquisa.

- a utilização dos recursos online nos estudos universitários – a Igreja, para além das competências tecnológicas propriamente ditas, vê com entusiasmo a chamada *connectedness*, ou seja, o sentido de rede, que implica para além do domínio da tecnologia a capacidade comunicativa e relacional com o próximo.

- a relação da Universidade com as empresas e o mundo do trabalho – a Universidade Católica deve distingir-se pela sua finalidade de ministério de esperança ao serviço dos outros, formando jovens para o mundo do trabalho dotados do sentido de justiça e com profunda solicitude pelo bem comum, sempre com particular atenção aos mais pobres e frágeis da sociedade.

- a qualidade das instituições académicas – a qualidade de um centro académico católico deve evidenciar o valor das atividades feitas, consolidando as coisas boas, assumindo erros e melhorar onde for necessário. As instituições devem ainda ser completamente transparentes no seu sistema de estudos.

- a *governance* – as transformações hodiernas referem-se também à Universidade Católica e à sua *governance*. Existe uma considerável pressão social sobre as instituições universitárias, como as condições de acesso dos estudantes, as fontes e os mecanismos de financiamento e os seus níveis de autonomia.

- o desafio da mudança e a identidade católica da Universidade - “A instrução superior católica propõe-se formar homens e mulheres capazes de pensamento crítico, dotados de elevado profissionalismo, mas também de uma humanidade rica e orientada em colocar a própria competência ao serviço do bem comum” (Igreja Católica, 2014, no. 2f). Os docentes da Universidade Católica devem favorecer o diálogo interdisciplinar com uma contribuição particular da teologia.

1.6. Uma síntese sobre o ethos universitário católico

Após a revisão de literatura que contou com o contributo dos autores que fomos enunciando, apresentamos agora a nossa síntese sobre aqueles que consideramos serem os possíveis elementos constituintes do ethos universitário católico, ou seja, aqueles que espelham a missão que está consignada a uma instituição de ensino superior católica. Ainda que com muitos e variados contributos, optámos por seguir uma divisão esquemática dos elementos semelhante à de Rizzi (2019): ensino; investigação; vida estudantil; administração.

Quadro 4 – Uma síntese sobre os elementos constituintes do ethos universitário católico.

Ensino		
Interdisciplinaridade	Articulação entre a Fé e a Razão, dinamizando um diálogo fecundo entre o Evangelho e as várias áreas do saber. Tem particular atenção o diálogo com a teologia, a ética e a filosofia; Rigor intelectual e procura desinteressada da verdade; Educação liberal, que respeita a liberdade individual e desenvolve os talentos do aluno.	(Azevedo, 2009; João Paulo II, 1990; Osswald, 2008; Rizzi, 2019; Sullivan, 2019; Policarpo, 1985)
Educação para um fim	Educação como serviço ao próximo e para a felicidade e desenvolvimento do potencial de cada um; Formar pessoas e caracteres; Formar para a liberdade, para a abertura ao transcendente, para o respeito pela dignidade da pessoa humana, para o valor da vida, do conhecimento, da solidariedade, da partilha e da justiça. Promover a cultura dialógica entre religiões e culturas. Os valores são vividos através da aprendizagem aplicada, colocando a contemplação em ação. A Universidade Católica sabe que a sua identidade matricial é a Pessoa de Cristo.	(Arranz, 2013; Azevedo, 2008, 2009; João Paulo II, 1990; Osswald, 2008; Rizzi, 2019; Sullivan, 2019; Cruz, 2012b); (Azevedo, 2015);
Conteúdos sobre o catolicismo	Educação com base na mundividência cristã; Aquisição de conhecimentos teológicos, históricos e culturais da doutrina católica.	(Azevedo, 2008; João Paulo II, 1990; Rizzi, 2019; Sullivan, 2019)

Investigação		
Perspetiva ética e teológica	A investigação é informada pela moral, pela ética e pela teologia; Investigação desinteressada da verdade, em nada condicionada por segundos interesses.	(Azevedo, 2008; Bento XVI, 2008a; João Paulo II, 1990; Rizzi, 2019)
Serviço à Igreja	A investigação é realizada em temas de interesse para a Igreja; A investigação é catalisadora do diálogo entre a Fé e a Razão.	(Azevedo, 2008; João Paulo II, 1990; Rizzi, 2019)
Diálogo	Promoção da cultura do diálogo para a procura do bem comum; Promover a cultura dialógica entre religiões e culturas.	(Azevedo, 2008; Bento XVI, 2008a; João Paulo II, 1990; Rizzi, 2019; Sullivan, 2019)
Vida Estudantil		
Valores Vivos	Promoção de atividades de serviço e voluntariado; Forma-se para uma interioridade criativa e solidária; As atividades devem promover a dignidade humana, a justiça social e a igualdade.	(Azevedo, 2008; João Paulo II, 1990; Rizzi, 2019)
Formação Pessoal Holística	A Universidade promove a formação pessoal na sala de aula, bem como na vida do quotidiano e nas atividades extracurriculares. Disponibilidade para a abertura ao transcendente, à orientação ética, à vocação do serviço e à hospitalidade; Abertura às questões existenciais: quem sou, de onde venho, para onde vou.	(Azevedo, 2008; João Paulo II, 1990; Osswald, 2008; Rizzi, 2019)

<p>Experiência Sacramental</p>	<p>A Universidade oferece aos estudantes católicos e não católicos a oportunidade de praticarem a sua fé abertamente no campus e de participarem em atividades religiosas.</p>	<p>(Azevedo, 2015; João Paulo II, 1990; Rizzi, 2019)</p>
<p>Administração</p>		
<p>Desenvolvimento Profissional dos funcionários</p>	<p>Os funcionários a todos os níveis têm a oportunidade de aprender sobre a identidade católica e se sentirem capacitados para incorporar essa aprendizagem nas suas carreiras; Ter a ideia de missão como critério de contratação; Os funcionários conhecem e agem segundo a matriz humanista cristã da Universidade;</p>	<p>(João Paulo II, 1990; Osswald, 2008; Rizzi, 2019)</p>
<p>Comunicação</p>	<p>A identidade é comunicada de forma aberta e precisa ao público interno e externo. A marca “Católica” é utilizada como imagem central das oportunidades oferecidas pela Universidade.</p>	<p>(Capeloa Gil, 2016; Francisco, 2017; Rizzi, 2019)</p>
<p>Tomada de decisões com base em valores</p>	<p>A administração compreende e utiliza os valores católicos na base das suas decisões; As lideranças têm por base a ideia de serviço ao próximo; Promove-se o sentido de comunidade e há uma abordagem holística do trabalho; existe partilha do poder na tomada de decisões; Escuta-se o sentido da comunidade; As decisões são discernidas com critérios evangélicos.</p>	<p>(Greenleaf, 1997; Ho, 2020; Rizzi, 2019; Rubens, 2015)</p>

2. A Universidade Católica Portuguesa

2.1. O Sonho de uma “cultura superior católica” em Portugal

“Abri-vos o coração sobre um sonho da minha juventude, sobre um voto do Episcopado, tão velho como os meus 39 anos de Patriarca de Lisboa, sobre uma imperiosa necessidade da Igreja em Portugal, que se me afigura de salvação; entrego-vo-los, sonho, voto e necessidade, quase como um testamento; fiz tudo o que pude, com os meus Colegas no Episcopado, no que dependia de nós; a obra é vossa, quereis tomá-la nas vossas mãos?” (Cerejeira, 1970, p. 251).

Foram estas as palavras do senhor Cardeal Dom Manuel Gonçalves Cerejeira ao terminar a sua intervenção aquando da inauguração da Universidade Católica em Lisboa, corria o ano de 1968.

Contudo, o desejo de um ensino superior católico em Portugal é muito anterior a esta efeméride. Segundo Dom Manuel Clemente (1994) as primeiras propostas e expetativas surgiram com o chamado Movimento Católico Português em meados de oitocentos. Este Movimento foi transversal em muitos países europeus depois do impacto da Revolução Francesa de 1789, caracterizando-se sobretudo como uma resposta do laicado católico à laicização liberal dos Estados e da sociedade em geral. Em Portugal será notória a intenção do Movimento em difundir o catolicismo na sociedade pós-revolucionária para além dos métodos e do estilo estritamente paroquial, contando com o protagonismo sobretudo dos leigos e com o desejo de uma maior instrução destes e de uma maior relação da Igreja com a cultura. Devemos ter presente que Portugal vivera também nesta época um período conturbado nas lutas entre absolutistas e liberais, sendo que em 1834 acabariam por ser expulsas do País as Ordens Religiosas masculinas e com elas parte importante do ensino e do pensamento à época em Portugal. Deste modo, a Igreja Portuguesa acabaria por ficar sem os seus centros de estudo e pensamento, tendo consequência não só para a vida laical, mas em muito também para a formação do Clero. Dom Manuel Clemente cita as palavras de Barboza de Canais quando este refere, ainda na metade do século XIX, que,

“A Sociedade Católica devia ter escolas de Ciências Eclesiásticas; (...) que fossem como as da Universidade de Coimbra, porquanto o principal fim de seus esforços era concorrer do modo possível para desterrar a ignorância do Clero: a Sociedade Católica devia ter escritores, publicações literárias, e mesmo exercícios académicos, os mais próprios para desenvolver o espírito humano, e aperfeiçoar a ciência” (Canais, 1845, p. 23).

Os passos iam sendo dados ao longo da segunda metade do século. Referimos alguns significativos como a fundação da Academia de São Tomás de Aquino em Coimbra, em 1881, pelo então Bispo-Conde de Coimbra Dom Manuel Bastos Pina com o objetivo de implementar em Portugal a intenção da refundação filosófico-teológica tomista querida pelo Papa da época, Leão XIII. Com esta fundação foi abundante a produção literária, dando-se assim um salto qualitativo considerável no catolicismo português. Para além deste marco coimbrão é incontornável a referência a Henrique Barros Gomes, político, deputado e governante, este, foi um membro bastante ativo do Movimento Católico, destacando-se a sua intenção de desassociar o Movimento de qualquer linha partidária. Fundou em 1894 o primeiro Centro Católico onde se juntavam parlamentares das várias correntes políticas quando os assuntos a tratar se cruzavam com questões confessionais e de fé. A nós, interessa-nos a referência a Barros Gomes pois é com ele que, segundo Dom Manuel Clemente (1994), a alusão a uma Universidade Católica já é explícita. Não se trata de uma alusão concretamente a essa realidade já em Portugal, mas ao citar vários exemplos de Instituições Superiores Católicas no estrangeiro, demonstra ter claro qual o seu objetivo com essas referências: fazer da Universidade Católica uma realidade em Portugal. Barros Gomes usará de exemplos, como a implementação da Universidade Católica de Washington, para falar desta como espaço de diálogo com uma sociedade em rápida mutação e de onde haveria de surgir um justo contributo à ciência sustentado nas verdades evangélicas. Para além do caso de Washington, refere-se a Universidade Católica na Suíça, em Friburgo, e com esta a intenção de enfatizar os contributos que a visão católica podia dar por exemplo às áreas do Direito e da Economia.

“para Barros Gomes, as Universidades Católicas situar-se-iam como órgãos relevantes dum catolicismo bem integrado em sociedades livres e progressivas, polos atentos de reflexão e diálogo com questões prementes e situadas, à luz da verdade evangélica sobre os percursos humanos (Clemente, 1994, p. 22)”.

Contudo, em Portugal com o início do século XX a relação entre o Estado e a Igreja não era propriamente favorável à criação de Instituições como uma Universidade Católica. O anticlericalismo e as iniciativas republicanas contrariavam aquele que seria o espírito necessário numa sociedade livre e plural para que essa implementação surgisse. Ainda assim, estes movimentos anti Igreja fizeram com que os católicos respondessem com outras iniciativas como a criação do Centro Académico da Democracia Cristã em Coimbra, sobre a tutela do Professor Sousa Gomes e no meio universitário coimbrão.

Numa linha mais militante ou até anti ateia, com o intuito de fazer vingar na sociedade a possibilidade do livre pensamento católico, para além de Barros Gomes, outras vozes se levantariam como a de Gomes dos Santos que citado por Dom Manuel Clemente (1994) afirma:

“Assim, à frente dum bom programa de acção católica, deve pôr-se a difusão da instrução. Nos outros países compreendeu-se, primeiro que no nosso, esta necessidade; criaram-se as admiráveis Universidades Populares Católicas, com faculdades diversas — teologia, filosofia, direito e até medicina, — que se encontram na Bélgica, na Alemanha, na França e mesmo na protestante Inglaterra. Nós esperamos ainda... que o livre-pensamento se nos antecipe nesta obra” (G. dos Santos, 1906, p. 33).

Com a República e as controvérsias com as Ordens Religiosas, nomeadamente com uma segunda expulsão logo em outubro de 1910, o ensino ministrado pela Igreja sofreu um enorme abalo. O Movimento Católico Português só depois de 1913 tentaria reafirmar-se promovendo a defesa das instituições eclesiais. É nesta senda que surge o Centro Católico Português, em 1917, e com ele, na década de vinte, as primeiras intervenções do Professor Gonçalves Cerejeira com o intuito de criar um Instituto Católico em Portugal. Em 1921, no I Congresso do Centro Católico do Patriarcado, em janeiro, foi apresentado um

primeiro projeto de um Instituto Católico em Lisboa, elaborado a partir do modelo do Instituto Católico de Paris. Este projeto foi grandemente apoiado pelos congressistas e por membros do episcopado, tendo ficado o jovem Gonçalves Cerejeira responsável por se ocupar do projeto, redigindo ainda em 1921 um texto programático ao qual chamou “Bases do Instituto Católico Português”. O Documento haveria de ser apresentado ao metropolitano de Évora que concordou com as linhas mestras do projeto. O tema começou a ganhar debate público levando à publicação de artigos de opinião sobre o mesmo, começando-se a colocar questões de ordem prática, como a localização do Instituto e quais as Faculdades que nele abririam. Assim, Gonçalves Cerejeira, já com a intenção de levar o tema ao II Congresso Nacional do Centro Católico, publicou um texto intitulado de “Bases do Instituto Catholico” no órgão oficial do Centro Católico Português - *A União*. Das vinte Bases que constituíam o documento, Dom António Montes Moreira (1990) sintetiza as mais significativas, que julgamos muito oportuno citar:

“O Instituto Católico ficaria sediado em Coimbra (base 4.a) e compreenderia, «como núcleo necessário de estudos, as Faculdades canónicas, de Filosofia, de Teologia e de Direito Canónico» (5.a) e, «com caracter de vulgarização, abertos a grande concorrência, (...) cursos públicos, como os de Apologética, Filosofia Christã, C. Superior de Religião e outros» (6.a). Além disso, «quando seja possível criar-se-ão ainda Faculdades livres de Letras e Sciencias, e uma Escola Superior de Estudos políticos e sociais» (7.a). A direcção superior do Instituto pertenceria aos Bispos do continente e ilhas adjacentes, que constituiriam o «Conselho Supremo» (11.a), sendo Cancelário o Bispo-Conde de Coimbra (12.a). Segundo o Doutor Cerejeira, preocupado com o nível científico do Instituto, «os Professores viverão exclusivamente do ensino e para o ensino» (16.a) e «deverão, em princípio, publicar as suas lições» (20 . a). Finalmente, «o Instituto Catholico deverá publicar, pelo menos, uma Revista do Instituto Catholico Portuguez, que será o seu órgão e do pensamento catholico em Portugal» (19.a)”(Moreira, 1990, p. 173).

O documento foi muito bem aceite pelos bispos da época, não tendo, contudo, sido tomada nenhuma resolução, aguardando-se pelo já referido II Congresso Nacional do Centro Católico que viria a realizar-se em abril de 1922.

Neste, foi apresentado um documento estruturado que explicava o projeto em três partes: a sua necessidade, a sua organização, e a sede do futuro Instituto. Ao modelo inicial, pensado a partir do Instituto de Paris, proposto em 1921 por Pereira Forjaz, o Professor Gonçalves Cerejeira apresentava algumas objeções quanto à localização e à estrutura do Instituto. A grande problemática residia, no entanto, no facto de a legislação republicana não permitir o estabelecimento de Faculdades eclesiásticas, restringindo ao Estado o monopólio dos cursos civis, proibindo ainda nos estabelecimentos de ensino o ensino religioso. Para além disto, a Igreja em Portugal não tinha condições físicas, como bibliotecas ou laboratórios para a instalação de faculdades não eclesiásticas. Portanto, naquelas circunstâncias o Instituto só poderia existir na base eclesiástica com a maioria dos alunos oriundos de seminários teológicos. Contudo, para Cerejeira, isto não serviria para estancar o sonho de uma cultura superior católica em Portugal, mas sim iniciar paulatinamente a penetração do pensamento católico na cultura portuguesa, dando a possibilidade a leigos de se inscreverem nos institutos eclesiásticos, preparando assim a esperança de no futuro ser possível a implementação de uma Universidade Católica em Portugal.

Em dezembro de 1926 os prelados portugueses reuniram-se em Concílio Plenário, nesta fase o professor Gonçalves Cerejeira ainda não era bispo nem havia sido nomeado consultor para a reunião plenária. Será neste Concílio Plenário que os bispos abordarão a questão do Instituto Católico com maior profundidade e inclusivamente decretam que o mesmo se funde com a maior brevidade possível, tendo sido nomeada uma comissão de prelados para dar início ao projeto. Desta comissão não consta que terá tomado parte o então ordenado bispo auxiliar de Lisboa Dom Manuel Gonçalves Cerejeira em 1928. Contudo, no ano seguinte, em novembro de 1929, Dom Manuel Cerejeira era elevado a Patriarca de Lisboa ficando assim com uma responsabilidade maior no encaminhamento do projeto de fundação do Instituto. O Patriarca de Lisboa tinha já no início da década de trinta condições para uma visão bastante mais alargada do que deveria ser o Instituto do que em 1922, sobretudo no plano académico com a possibilidade do estabelecimento de faculdades civis, abrindo assim caminho para o surgimento de uma Universidade Católica. Em 1932 o episcopado acabaria por decidir que o Instituto se instalaria em Lisboa, contudo, somente em 1944 se instituiria juridicamente o Instituto Católico Português, com

sede em Lisboa. Durante os onze anos anteriores pouco tinha sido possível fazer para avançar com o processo, ainda existia um exclusivo poder estatal sobre a educação e a própria Igreja teve nesses anos necessidade de reformular outras estruturas eclesiais que necessitavam de reestruturação, como por exemplo os seminários.

Nos anos que se seguiram, sobretudo entre 1946 e 1963 foram várias as intervenções do Cardeal Cerejeira em favor de uma Universidade Católica em Portugal, destacando-se internacionalmente a conferência que proferiu na inauguração da Universidade Católica de São Paulo. Interveio ainda sobre o assunto no I Congresso Nacional da Juventude Universitária Católica e eram regulares as suas palavras sobre esta questão nos encontros com o clero e nas assembleias plenárias dos bispos. O processo demorara-se já bastantes anos sendo que a partir de 1953 e até 1963 houve também a discussão da reabertura da Faculdade de Teologia da Universidade de Coimbra que protelou o projeto, ainda que a hipótese Coimbra tenha acabado por não ir avante (Clemente, 1994; Cruz, 2018c; Moreira, 1990; UCP, 2009).

A instalação da Universidade Católica em Lisboa para o Cardeal Cerejeira era mais que um projeto do episcopado, era um desejo pessoal, via-o como um desígnio e por isso ocupou-se da grande maioria dos tramites necessários à instalação em Lisboa. Acontece que, entre a hipótese da instalação temporária da Universidade em São Vicente, que Salazar apoiara, até à compra dos terrenos junto à cidade universitária acabou por passar uma década.

Com o tempo a passar, e ainda que o plano inicial assim não o previsse, a primeira Faculdade da Universidade Católica Portuguesa principiaria em Braga com a abertura ao público da Faculdade de Teologia que pertencia aos Jesuítas em 1967. Esta tinha já larga experiência académica, fora fundada em 1934, contudo estava reservada a professores e alunos jesuítas. A inclusão de Braga nesta fase inicial do projeto acabaria por abrir o horizonte da regionalização da Universidade Católica em Portugal que mais tarde chegaria ao Porto, a Viseu e ao Funchal (Cruz, 2018b; Moreira, 1990).

O *Decreto Lusitanorum Nobilissima Gens*, da Congregação Romana da Educação Católica, inaugura este projeto que desde há muito era desejado:

“esta Sagrada Congregação dos Seminários e Universidades, tendo em vista os Estatutos peculiares e com especial autorização recebida de Sua Santidade, institui perpétuamente, para glória de Deus Todo-Poderoso e para honra e incremento da Santa Igreja Católica, como primeira efectuação da Universidade Católica Portuguesa, a Faculdade de Filosofia que presentemente funciona em Braga, ficando seu munífico patrono o Arcebispo Bracarense e seus diligentes moderadores os membros da Companhia de Jesus, de tal modo que inicie desde já a actuação da Universidade Católica Portuguesa, ainda antes de se estender o mais depressa possível à sede central de Lisboa, a fim de ensinar a verdade perene, que é a única que pode levar o espírito de todos à vida verdadeira e segura, tanto da pessoa como da sociedade humana.”(Igreja Católica, 1967).

Em 1968 era criada a Faculdade de Teologia em Lisboa e inaugurada pelo Patriarca de forma muito discreta. Foram providos os primeiros cargos académicos. Ainda neste mesmo ano em dezoito de novembro, Dom Manuel Cerejeira inaugurara a Sede da Universidade Católica, desta vez com a pompa que a circunstância merecia, estando presentes os Prelados portugueses e alguns Ministros do Governo, bem como os Reitores das Universidades de Coimbra e Lisboa.

Será, contudo, em 1971 que o Estado Português, e em conformidade com a Lei Concordatária da época, reconhecerá a personalidade jurídica da Universidade Católica Portuguesa pelo Decreto de Lei nº 307/71.

“O decreto de oficialização da UCP era, segundo Sousa Franco, um «diploma profundamente inovador e imbuído de doutrina feliz» (...) A criação da Universidade Católica constituía assim uma inovação na política educativa portuguesa, ao abrir o ensino superior à iniciativa não oficial do Estado” (Cruz, 2018b, p. 93).

Também em 1971, a um de outubro o Decreto *Humanam Eruditionem* institui canonicamente a Universidade Católica Portuguesa, sendo o seu Magno Chanceler o Cardeal Patriarca de Lisboa, à época, Dom António Ribeiro.

Os anos seguintes foram de ampliação e florescimento, logo com o surgimento da Faculdade de Ciências Humanas em Lisboa, em 1972. No Porto

a Universidade Católica institui-se em 1978 e em 1980 em Viseu. Várias foram as Faculdades que foram sendo abertas chegando à configuração hodierna que apresentaremos seguidamente (Cruz, 2018b; Moreira, 1990).

2.2. A Universidade Católica Portuguesa Hoje

2.2.1. Da Organização e dos Órgãos de Governo

Como referimos anteriormente, a Universidade Católica Portuguesa foi instituída pela Congregação Romana da Educação Católica, ao abrigo da Concordata assinada entre Portugal e a Santa Sé e tendo o respetivo reconhecimento de pessoa coletiva de utilidade pública por parte do Estado Português.

Em termos de distribuição geográfica, mantém a sua sede em Lisboa, tendo ainda mais três Centros Regionais: Braga, Porto e Viseu. Tem uma estrutura própria de governo que se distingue das demais universidades pelas características próprias que emanam da sua pertença à Igreja Católica. A figura primeira da Universidade Católica é o Magno Chanceler, que é por inerência o Patriarca de Lisboa. A este compete zelar tanto pela atividade científica como pelo conhecimento e aprofundamento da fé no seio da Universidade. Compete ao Magno Chanceler apresentar o Reitor para a nomeação, sendo que esta é feita pela Congregação da Educação Católica. Cabe-lhe ainda presidir ao chamado Conselho Superior, homologar todas as nomeações para cargos diretivos, conferir o *nihil obstat* (nada obsta) para o exercício das funções docentes e de investigação. Tem ainda no campo da gestão financeira a faculdade de homologar a aprovação das contas de gerência.

O Reitor, como vimos é nomeado pela Congregação para a Educação Católica, sendo que anteriormente à nomeação é ouvida a Conferência Episcopal Portuguesa e o Conselho Superior da Universidade Católica Portuguesa. Tem um mandato de quatro anos, passível de renovação, e é coadjuvado por Vice-Reitores, pelo Conselho de Reitoria e pelo Conselho de Gestão Financeira. O Reitor é o responsável pela gestão académica e financeira da Universidade.

A Universidade Católica conta também com a existência do chamado Conselho Superior que é constituído por membros ordinários, eleitos ou

nomeados. Fazem dele parte os Órgãos primazes de gestão da Universidade bem como os bispos diocesanos do território onde a Universidade desenvolve atividade, como também figuras consideradas de renome que contribuam para a construção e o desenvolvimento da Universidade. Este Órgão tem considerável importância dada a latitude das suas competências no campo acadêmico e administrativo⁵.

A sua organização em Centros Regionais leva à existência de Pró-Reitores que presidem aos Centros Regionais. Em cada Centro existe uma Comissão Administrativa, um Secretariado Executivo e um Conselho Académico. A Universidade está dividida em unidades académicas que são por norma administradas por um Diretor, pelo Conselho de Direção e pelo Conselho Científico (Universidade Católica Portuguesa, 2021a).

Existem atualmente na Universidade Católica Portuguesa as seguintes unidades académicas, distribuídas pelas 4 regiões:

Lisboa

Faculdade de Teologia

Faculdade de Ciências Humanas

Faculdade de Direito - Escola de Lisboa

Católica Lisbon School of Business and Economics

Instituto de Estudos Políticos

Instituto de Ciências da Saúde

Instituto Superior de Direito Canónico

Faculdade de Medicina

Porto

Faculdade de Teologia (plurilocalizada, sediada em Lisboa)

Faculdade de Direito - Escola do Porto

Católica Porto Business School

Faculdade de Educação e Psicologia

⁵ “Ao Conselho Superior compete a aprovação de novas unidades ou a extinção de unidades já existentes; a criação, extinção ou desdobramento de cursos; a pronúncia sobre acordos que envolvam diretamente o nome ou a responsabilidade da UCP, estabelecer as diretrizes gerais respeitantes à gestão e administração da universidade, fixar as taxas, propinas e emolumentos, fixar as tabelas de remuneração do pessoal, e ainda aprovar os orçamentos e as contas de gerência”(Universidade Católica Portuguesa, 2021b).

Escola das Artes
Escola Superior de Biotecnologia
Instituto de Bioética
Instituto de Ciências da Saúde

Braga

Faculdade de Teologia (plurilocalizada, sediada em Lisboa)
Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais

Viseu

Instituto de Gestão e das Organizações da Saúde
Faculdade de Medicina Dentária

A Universidade Católica tem cerca de 11 000 alunos em cursos conferentes de grau e 7 500 em cursos não conferentes de grau. O corpo docente conta com cerca de 1000 docentes dos quais 254 são internacionais. Tem à data 14 Unidades de Investigação e 1 271 Investigadores.

A Universidade Católica orienta a sua atividade a partir dos seus Estatutos particulares, sobre os quais nos debruçaremos de seguida, bem como por demais normas internas que enfatizam o seu ethos, como por exemplo o seu Código de Ética e de Conduta,

“A Universidade Católica Portuguesa, que se caracteriza por uma visão cristã do ser humano, amplamente colhida na ética do Evangelho, rege-se pelos princípios enformadores que decorrem dos documentos do Magistério da Igreja Católica” (Código de Ética e de Conduta, 2015, p. 1).

2.2.2. Dos Estatutos

“A UCP, enquanto Universidade, constitui uma comunidade académica que, de modo rigoroso e crítico, contribui para a defesa e o desenvolvimento da pessoa humana, bem como do seu património cultural, mediante a investigação, o ensino e os serviços prestados à comunidade, quer local, quer nacional ou internacional. (...) enquanto Católica, constitui uma presença no mundo universitário português, que se caracteriza por uma visão cristã do homem, dando um contributo específico ao conjunto dos conhecimentos”(Estatutos da Universidade Católica Portuguesa, 2006, Art 4º, nº 1 e 2, II).

Como dissemos anteriormente, a Universidade Católica rege-se por Estatutos próprios que tiveram uma primeira redação provisória, aprovada em 1979, que viria a ser novamente aprovada em 1982 dando tempo à Universidade para preparar aqueles que viriam a ser os Estatutos atuais aprovados em 1993 (Rato, 2018). Estes enquadravam-se já no espírito da Constituição Apostólica sobre as Universidades Católicas, *Ex Corde Ecclesiae*, procuravam responder à nova realidade de uma Universidade com dimensão nacional e com Centros Regionais, abordando de forma clara a estrutura organizativa da UCP. Para além da questão organizativa clarificou-se a estrutura de governo, tanto a central como a regional (Cruz, 2018a).

A leitura atenta dos Estatutos da Universidade Católica Portuguesa interessa-nos particularmente, pois neles encontramos espelhados alguns dos vários elementos que definem a sua identidade específica, ou seja, o seu ethos. Felício (1998), procura através de um trabalho já bem desenvolvido - *Universidade Católica Portuguesa - Projeto com identidade. Para uma leitura crítica dos seus estatutos* – fazer uma leitura crítica dos Estatutos da Universidade analisando estes enquanto reflexo da Constituição Apostólica *Ex Corde Ecclesiae*. Assim sendo, a nós, interessa-nos procurar analisar este importante documento normativo a partir dos elementos que já anteriormente definimos como possíveis elementos da identidade específica de uma Universidade Católica. Deste modo, podemos observar na seguinte tabela a relação dos ditos elementos com alguns artigos chave dos Estatutos da Universidade Católica Portuguesa:

Quadro 5 - Os elementos do Ethos Universitário católico e os Estatutos

Ensino		
Interdisciplinaridade	- “Aos professores da UCP é reconhecida uma justa liberdade académica na sistematização do programa de cada disciplina e na escolha dos métodos didácticos, tendo em vista os objectivos de cada curso e a indispensável coordenação interdisciplinar.”	Art, 9º,3, II
Educação para os Valores	- “A difusão do pensamento, dos valores e dos ideais cristãos.”	Art, 3º,i, I
Conteúdos sobre o catolicismo	- “A evangelização da comunidade académica da UCP far-se-á, quer pela inspiração cristã de todo o ensino, quer pela pastoral universitária.”	Art 45º,2, IX
Investigação		
Perspetiva ética e teológica	<p>- “A promoção da investigação e do ensino superior, no domínio das ciências sagradas e no das ciências humanas e exactas, para enriquecimento mútuo das várias disciplinas, numa perspectiva de integração e de síntese do saber com a doutrina católica, promovendo continuamente o diálogo entre a fé e a razão.”</p> <p>- “Para a realização da sua missão, a UCP deve estar atenta aos grandes problemas contemporâneos, estudando, através do progresso das ciências, as suas causas e vias de solução, e dando particular relevo às questões éticas e religiosas.”</p> <p>- “Para garantir a inspiração cristã do ensino na UCP, deverá fomentar-se o diálogo de todas as ciências com a Teologia e a presença de disciplinas teológicas nos diversos planos de estudos.”</p>	<p>Art 3º,a, I</p> <p>Art,6º,1, II</p> <p>Art 9º,6,II</p>

Serviço à Igreja	<p>“A preparação de quadros para a sociedade, mediante a adequada formação científica, profissional e deontológica inspirada na doutrina social da Igreja;”</p> <p>- “A UCP pode criar livremente unidades de ensino e de investigação, nos termos do Código de Direito Canónico e da Concordata.”</p>	<p>Art 3º,d, I</p> <p>Art 19º,4, IV</p>
Diálogo	<p>- “A UCP e os organismos que a compõem fomentarão na sua vida interna um clima de diálogo, de aceitação fraterna dos seus membros, de pleno respeito pela diversidade individual e pela liberdade de consciência de cada pessoa.”</p>	<p>Art 5º, 2, II</p>
Vida Estudantil		
Valores Vivos	<p>- “Por força da natureza específica de uma Universidade Católica, a UCP preocupar-se-á continuamente com a evangelização dos seus membros.”</p> <p>- “A pastoral universitária oferecerá aos membros da comunidade académica a ocasião de coordenar o estudo e outras actividades universitárias com os princípios religiosos e morais, integrando assim a vida com a fé.”</p>	<p>Art 45º,1, IX</p> <p>Art 45º,3, IX</p>
Formação Pessoal Holística	<p>- “O incremento da cultura nos planos intelectual, artístico, moral e espiritual, como instrumento da realização integral do Homem, inspirada nos valores cristãos;”</p>	<p>Art, 3º,b, I</p>
Experiência Sacramental		

Administração		
Desenvolvimento Profissional dos funcionários	- “No momento da sua admissão, o pessoal docente, investigador e técnico deve ser informado da identidade da UCP e aceitar as exigências daí resultantes.”	Art 47º,5,X
Comunicação		
Tomada de decisões com base em valores	- “A inspiração comunitária cristã da UCP, considerada no seu todo, caracterizará também os diferentes e singulares organismos que dela fazem parte;” - “A manutenção da identidade da UCP é tarefa de toda a comunidade universitária, mas particularmente das suas autoridades e dos seus docentes e investigadores.”	Art 5º, 1, II Art 47º,1,X

- Os espaços em branco aludem a não-existência de conteúdo que se identifique diretamente com os elementos da coluna da esquerda.

2.3. O Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa

“A UCP transmitiu um modo diferente de pertencer à cidade, sem se demonstrar superior, (...) promovendo uma discussão dos grandes problemas nacionais”(Guerra, 2020, p. 14).

Como dissemos anteriormente a Universidade Católica chegou ao Porto em 1978 com a criação do curso de Direito da Faculdade de Ciências Humanas. Dom António Ferreira Gomes era da opinião que a primeira grande área da Universidade Católica no Porto fosse as Ciências Humanas.

O Professor Mário Pinto, Diretor da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica, a par com o Professor Francisco Carvalho Guerra, já na época Conselheiro Superior da UCP, viriam a convencer o Bispo do Porto, que o Direito, para além de ser uma área das Humanidades, não se sobrepunha às

ofertas públicas, dado que no centro e norte somente Coimbra oferecia Licenciatura em Direito, como também supria uma lacuna existente a norte: o Curso de Direito “dava ao Porto uma formação que lhe faltava, que sendo profissional e satisfazendo necessidades de mercado, permitia a subsistência da instituição” (Cruz, 2020, p. 20). O Curso de Direito entrou em funcionamento como extensão da Faculdade de Ciências Humanas de Lisboa, sendo inicialmente lecionado na Torre da Marca.

Dado que era necessária uma clarificação institucional da UCP no Porto, o Professor Carvalho Guerra acabaria, a convite do Magno Chanceler, por se ocupar da instalação da Universidade Católica no Porto, sendo o seu representante local. Fora nomeado seu assessor o Padre Roque Cabral. Seguidamente Francisco Carvalho Guerra presidiria à Comissão Instaladora do Núcleo do Porto da UCP. Em 1980 as aulas passariam para a Quinta do Paraíso, instalações cedidas pela Diocese. O Centro Regional do Porto seria criado em 1993, depois do trabalho de uma comissão de estudo para a instalação presidida por Dom José Policarpo, e teria durante muitos anos como condutor do processo de instalação, administrador e presidente o Professor Francisco Carvalho Guerra. Sucedeu-lhe o Professor Joaquim Azevedo, o Professor Manuel Afonso Vaz e a Professora Isabel Braga da Cruz.

Direito fora o *pontapé de saída*, mas no Porto surgiria também a formação em Gestão, Economia, Biotecnologia, Educação e Psicologia, em Artes, Enfermagem e em Teologia. Foram sendo criadas as várias faculdades até à estrutura que se conhece hoje e está apresentada no subcapítulo anterior.

Com o intuito de melhor cumprir a sua missão humanista cristã, fora criada em 2009 no Centro Regional, para além da Capelania, a Unidade para o Desenvolvimento Integral da Pessoa (UDIP). A par desta em 2002 é Fundada a CASO (Católica Solidária) onde são promovidas atividades de voluntariado em moldes regulares ou pontuais. Funciona também neste âmbito no Campus, o GÁS'África - Grupo de Ação Social em África e Portugal. (Azevedo, 2018).

A UDIP em relação com a Capelania são as estruturas que no Campus promovem atividades de acompanhamento e formação cristã.

O Centro Regional do Porto conta atualmente com a presença de 7 das 17 Unidades de Ensino da Universidade Católica Portuguesa.

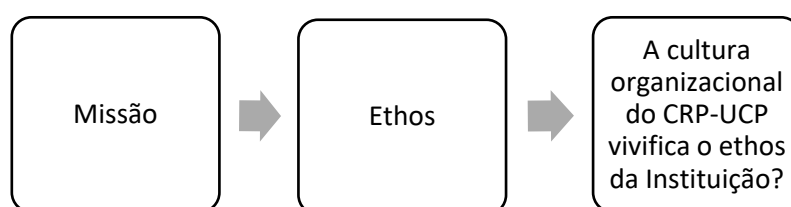
III – ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

1. Metodologia

1.1 Do Objeto e da pertinência

“A mesma dinâmica de identidade comunitária - a quem pertença? - vivifica o *ethos* das nossas instituições católicas. A identidade de uma Universidade ou de uma Escola católica não é simplesmente uma questão de número de estudantes católicos” (Bento XVI, 2008b, para. 8).

O presente estudo procura identificar quais as características específicas do ethos e da cultura organizacional de uma Universidade que, por ser Católica, se pensa e planeia a partir do referencial humanista cristão enunciado e consignado na sua *missão*. Esta *missão* encontra-se refletida em documentos fundamentais como a Constituição *Ex Corde Ecclesiae*, no âmbito universal, ou nos seus Estatutos, no âmbito particular. O nosso estudo, pretende assim, compreender a concretização da *missão*, tendo em conta um ethos e uma cultura organizacional específica, da qual destacamos o papel dos líderes, dos docentes e dos alunos, no contexto específico do Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa.



Como dissemos, uma instituição universitária católica, tendo em conta o seu referencial humanista cristão, que lhe é consignado pela Igreja, deverá ter características muito concretas no que ao seu clima escolar, ao seu funcionamento e às suas dinâmicas organizacionais diz respeito.

Assim, a sua cultura organizacional deveria concretizar junto da comunidade aqueles que são os grandes objetivos da Igreja ao dispor de uma instituição universitária: servir as pessoas que constituem a sociedade, ajudando-a(s) a discernir e comunicando-lhe(s), a partir da axiologia cristã, quais

os grandes princípios éticos que na sua ótica dão pleno significado à vida humana, no seu todo e a cada um como ser livre e único (Rubens, 2015).

Assim, propusemo-nos a aprofundar o tema do ethos e da cultura organizacional do ensino superior católico, algo que até ao momento não tem tido muita expressão científica no nosso meio, seja nas Ciências da Educação, seja até na chamada Teologia Pastoral (Lopes, 2014).

Do processo de revisão de literatura e de pesquisa, percebeu-se que existe já uma variedade de estudos sobre o ethos e a cultura organizacional de escola. Sobre o ethos e a escola católica especificamente existe, por exemplo, o estudo por nós já referido, feito por Lopes (2014). Contudo, no que diz respeito ao ensino superior católico em Portugal, não encontramos estudos de caso de referência. As reflexões da própria Igreja Portuguesa, a partir do Secretariado Nacional de Educação Cristã, sobre o assunto, incidem muito sobre a educação católica, mas não no ensino superior.

Ao nível macro, as referências sobre o ensino superior católico estão mais associadas a documentos pontuais do Magistério ou a intervenções Papais, que foram significativas, por exemplo, no pontificado de Bento XVI, tendo o Pontífice feito vários discursos sobre a temática universitária, tema que sempre lhe foi grato.

Ao nível de estudos internacionais e outras intervenções, são relevantes as publicações da Federação Internacional das Universidades Católicas, algumas das quais tomámos como referência, ou outros estudos pontuais oriundos, por exemplo, dos Estados Unidos, onde “a comunidade católica neste país fez da educação uma das suas prioridades mais importantes” (Bento XVI, 2008b, para. 4).

Em 2019, o Papa Francisco haveria de convidar à reflexão sobre a possibilidade de um “caminho educativo para fazer amadurecer uma nova solidariedade universal e uma sociedade mais acolhedora” (Ojeda Ortiz et al., 2020, p. 3) dando origem ao chamado Pacto Educativo Global.⁶

⁶ O Papa Francisco define assim o que seria o Pacto Educativo Global: “um encontro para reavivar o compromisso em prol e com as gerações jovens, renovando a paixão por uma educação mais aberta e inclusiva, capaz de escuta paciente, diálogo construtivo e mútua compreensão. Nunca, como agora, houve necessidade de unir esforços numa ampla *aliança educativa* para formar pessoas maduras, capazes de superar fragmentações e contrastes e reconstruir o tecido das relações em ordem a uma humanidade mais fraterna.”(Francisco, 2019, para. 2).

Anualmente é ainda divulgado o chamado *Global Catholic Education Report* (Wodon, 2021).

Recentemente, o Santo Padre havia de sintetizar num novo documento - *A identidade da escola católica para uma cultura do diálogo* – aquilo que o Magistério fora dizendo ao longo dos anos sobre a Identidade do Ensino Católico. Este texto não traz necessariamente novos entendimentos sobre o assunto, mas tem como grande objetivo dar um novo alento à temática e recentrar o foco na identidade e na missão da Escola e do Ensino Católico,

“A Congregação para a Educação Católica, ao entregar esta *Instrução* sobre a identidade católica das instituições escolares, quer oferecer, em espírito de serviço, um contributo para reflexão e algumas diretrizes para ajudar a compartilhar a transformação missionária da Igreja, pois “é vital que hoje a Igreja saia para anunciar o Evangelho a todos, em todos os lugares, em todas as ocasiões, sem demora, sem repugnâncias e sem medo.” (Igreja Católica, 2022, n 94).

Assim elegemos como objetivos principais desta pesquisa:

- a) Identificar os elementos constituintes da Missão da UCP.
- b) Compreender, no específico da organização da estrutura universitária, como é que a direção, ou seja, as lideranças de uma Universidade Católica são fator de concretização ou diluição da sua missão.
- c) Constatar se se pode falar de uma concretização da *missão* junto da comunidade académica.
- d) Compreender de que forma a ação dos docentes do CRP-UCP contribui para a concretização da missão.
- e) Compreender em que medida é que o currículo, ao nível das licenciaturas, tem efetivamente uma marca distintiva oriunda da matriz humanista cristã da UCP.

1.2 Das Questões de Investigação

Para desenvolvermos a nossa investigação partimos da seguinte questão central: *A cultura organizacional do Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa vivifica o ethos da Instituição de forma a concretizar a missão que lhe está consignada?*

Sub questões

- De que forma a direção e a organização do Centro Regional do Porto da Universidade Católica espelham e concretizam os elementos constituintes da sua missão?

-Quais as perceções da comunidade docente e discente acerca da ação do CRP-UCP para a implementação da matriz humanista cristã da universidade e da sua missão?

- Quais as perceções dos docentes relativamente ao seu próprio contributo para a concretização dos elementos constituintes da missão da UCP?

- De que modos é que a ação dos docentes percecionada pelos alunos do CRP-UCP é concretizadora dos elementos constituintes da sua missão?

- Quais as perceções dos alunos relativamente à concretização, pelo CRP-UCP, dos elementos constituintes da sua missão?

1.3 Do Tipo de Estudo

No seguimento do já enunciado, propomo-nos realizar um estudo que é tipificado dentro das metodologias de investigação em educação como um estudo de caso organizacional. Falamos de um trabalho de pesquisa empírico circunscrito no espaço muito específico, a partir do qual o investigador, numa interação em contexto natural, respeitando as pessoas e o espaço, procura fundamentar juízos e decisões interagindo, neste caso, com atores educativos universitários (Afonso, 2014).

Na terminologia de Stake, falamos de um estudo de caso intrínseco, dado que não temos como horizonte, à priori, vir a compreender um fenómeno ou construto genérico e abstrato. Inclusive, a divisão do tipo de estudo de caso proposto por Stake, em ordem à sua finalidade: intrínseco, instrumental ou coletivo, deve ser sobretudo observada na linha da otimização do caso em si e não a partir de uma lógica meramente taxonómica (Stake, 1999, 2000). Também nesta lógica compreendemos o estudo de caso enquanto intrínseco dado que falamos de uma situação concreta e do conhecimento aprofundado da mesma e daquilo que ela tem de específico e único, ou seja, interessa-nos a análise da singularidade do nosso caso de forma a documentarmos precisamente essa singularidade (Afonso, 2014).

Temos ainda consciência que o investigador tem uma presença constante e prolongada no espaço da pesquisa e estabelece há vários anos relação com o meio e os seus sujeitos, dos quais recolhe os dados da pesquisa. Isto exige-lhe uma grande disciplina e atenção cuidada (Mónico et al., 2017). É por isso, inclusive, necessário ter em atenção a natural existência de pré conceções ou do chamado referencial interno do investigador, dado o facto de este já ter relação com o meio da investigação. Ainda assim, esta dita e possível interferência não deve ser vista simplesmente como um obstáculo ao conhecimento, mas pode ser um veículo para este, permitindo-nos conhecer as possibilidades e os limites do estudo. “Não o ignorar é uma condição de objetividade” (A. F. da Costa, 2019, p. 135).

2. Dos Participantes

O Centro Regional do Porto da UCP tinha à data da recolha de dados: 8 Faculdades, Escolas ou Institutos; 14 Licenciaturas; 348 docentes com relação de vínculo estável⁷; 2616 alunos inscritos em Licenciatura. Foram identificados a partir da estrutura organizacional do Centro Regional 27 líderes organizacionais⁸.

Foram enviados inquéritos por questionário online aos referidos 27 líderes, aos docentes que lecionam de forma estável no Centro Regional do Porto e a todos os alunos das 14 Licenciaturas.

Foram inquiridos em questionário aberto – composição/ comentário – 27 alunos, de todas as Licenciaturas, com exceção de Enfermagem, da qual não houve voluntários para esta fase da investigação.

Por fim, foram observadas as aulas de Cristianismo e Cultura da Dupla Licenciatura em Direito e em Gestão. Destas participaram 13 alunos e dois docentes.

⁷ Por *estável* entende-se aqueles docentes que estão vinculados ao Quadro da Instituição e os que são contratados com reconhecida continuidade. Neste último caso, da escolha dos docentes contratados que preenchem o requisito de “reconhecida continuidade” o critério é da Faculdade que é detentora desses dados.

⁸ Considerámos como elementos das lideranças organizacionais os seguintes atores: membros dos Órgãos de Gestão; Diretores de Faculdades, Escolas e Institutos; Direções dos serviços partilhados: Académica, Controlo de Gestão, Financeira, Infraestruturas e Aprovisionamento, Jurídico, Marketing e Comunicação, Parecerias, Alumni e Empregabilidade, Recursos Humanos, Sistemas e Tecnologias de Informação. Dado a natureza do estudo incluímos nos líderes organizacionais os responsáveis pela Unidade para o Desenvolvimento Integral da Pessoa, a Capelania Universitária, a Provedoria do Estudante e a Provedoria de Ética. Constam também dos inquiridos, os Diretores dos Centros de Estudos e Investigação com sede ou polo, no Centro Regional do Porto, e em que estes exerçam a sua atividade neste mesmo Centro.

3. Da Amostra

Tabela 1 - Caracterização geral do CRP-UCP enquanto objeto de estudo no ano 21/22.

Líderes Organizacionais	27 elementos
Docentes	Docentes que lecionam de forma estável no CRP à data de 12/05/22 – 348 – elementos.
Alunos das licenciaturas	Todos os alunos das licenciaturas à data de 12/05/22 – 2616 elementos.

3.1 Respondentes ao Inquérito por questionário.

Tabela 2 - Caracterização geral dos respondentes ao inquérito por questionário.

	População (inquiridos)	Amostra	% de respostas	Nível de Confiança	Margem de Erro
Líderes Organizacionais	27	12	44,4%	80%	15%
Docentes	348	102	29,3%	90%	7,5%
Alunos das licenciaturas	2616	376	14,4 %	95%	4.7%

A nossa população, no que aos líderes diz respeito, é constituída por 27 pessoas e a nossa amostra por 12 pessoas. Tivemos uma taxa de resposta por parte dos líderes de 44,4%, o que se traduz num nível de confiança de 80% com uma margem de erro de 15 %.

Quanto aos docentes a população conta com 348 elementos e uma amostra de 102 elementos. A taxa de resposta ronda os 29%, o que se traduz num nível de confiança de 90% com uma margem de erro de 7,5 %.

Relativamente aos alunos, a população é de 2616 alunos, com uma amostra de 376 alunos em que a taxa de resposta é de cerca de 14%, num nível de confiança de 95 % e uma margem de erro 4,7%.

Líderes

Tabela 4 - Género (líderes)

	N	%
Masculino	5	41,7%
Feminino	6	50,0%
Omisso	1	8,3%

Tabela 3 - Idade (líderes)

	N	%
35 a 44	3	25,0%
45 a 60	9	75,0%

No exercício de funções de liderança cerca de 42% dos respondentes são do sexo masculino e 50% sexo feminino. Tendo um dos respondentes não identificado o seu sexo (8%). As idades estão compreendidas entre os 35 e os 60 anos, encontrando-se 25% dos respondentes no intervalo dos 35 aos 44 anos e 75% no intervalo dos 45 aos 60 anos.

Tabela 5 - Há quantos anos exerce funções de liderança?

	N	%
até 3	4	33,3%
entre 3 e 5	3	25,0%
entre 6 e 9	1	8,3%
mais de 10	4	33,3%

No que respeita ao número de anos no exercício de funções de liderança cerca de 33% exerce as suas funções há mais de 10 anos, 8% entre 6 e 9 anos, 25% entre 3 e 5 anos e 33% dos respondentes exercem funções há menos, ou há 3 anos.

Docentes

Tabela 7 - Género (Docentes)

	N	%
Masculino	45	44,1%
Feminino	56	54,9%
Omisso	1	1,0%

Tabela 6 - Idade (Docentes)

	N	%
23 a 34	6	5,9%
35 a 44	28	27,5%
45 a 60	56	54,9%
mais de 60	10	9,8%
Omisso	2	2,0%

Quanto ao sexo, 44 % dos docentes respondentes são do género masculino e 55% do género feminino, (um omissos).

No que respeita à idade 55% dos docentes tem entre 45 e 60 anos, 28% está na faixa dos 35 aos 44, cerca de 10% tem mais de 60 anos e 6% situa-se entre os 23 e os 34 anos, (2 omissos).

Tabela 8 - Faculdade Associada (Docentes)

	Docentes 21/22	N	%
Católica Porto Business School	65	26	25,5%
Escola das Artes	44	11	10,8%
Escola Superior de Biotecnologia	51	9	8,8%
Faculdade de Direito	85	18	17,6%
Faculdade de Educação e Psicologia	24	15	14,7%
Faculdade de Teologia	20	7	6,9%
Instituto de Ciências da Saúde Escola de Enfermagem	59	16	15,7%
Total	348	102	29,3%

Relativamente à distribuição de docentes respondentes por Faculdade, Escola ou Instituto, o maior número de respostas provém da Católica Porto Business School com cerca de 26% dos docentes. Segue-se a Faculdade de Direito com 18%, o Instituto de Ciências da Saúde e Enfermagem com 17% e logo de seguida a Faculdade de Educação e Psicologia com 15%. A Escola das Artes constitui 11% desta amostra e a Escola de Biotecnologia 9%. Soma-se a Faculdade de Teologia com cerca de 7% de respondentes.

Alunos

Tabela 10 - Género (Alunos)

	N	%
Masculino	137	36,4%
Feminino	239	63,6%

Tabela 9 - Idade (Alunos)

	N	%
18 a 24	295	78,5%
25 a 34	44	11,7%
35 a 44	18	4,8%
44 a 60	16	4,3%
mais de 60	2	0,5%
Omisso	1	0,3%

No que concerne aos alunos, 36% são do sexo masculino e 64% são do sexo feminino, (1 omissos). Quanto às faixas etárias em que se encontram a grande percentagem situa-se entre os 18 e os 24 anos, cerca de 79%, depois 12% entre os 25 e os 34, 5% entre os 35 e os 44, e 4% entre os 44 e os 60 anos. A faixa etária “mais de 60” não chega aos 1% (0,5%). Tenha-se em conta que os respondentes são alunos apenas de licenciatura.

Tabela 11 - Curso (Alunos)

	Alunos 21/22	N	%
Dupla Licenciatura em Direito e em Gestão	175	42	11,2%
Licenciatura em Direito	750	123	32,7%
Licenciatura em Psicologia	209	35	9,3%
Licenciatura em Ciências Religiosas (EaD)	9	7	1,9%
Licenciatura em Enfermagem	278	34	9,0%
Licenciatura em Teologia	82	27	7,2%
Licenciatura em Economia	86	9	2,4%
Licenciatura em Gestão	527	46	12,2%
Licenciatura em Conservação e Restauro	59	8	2,1%
Licenciatura em Som e Imagem	128	7	1,9%
Licenciatura em Bioengenharia	125	18	4,8%
Licenciatura em Ciências da Nutrição	98	9	2,4%
Licenciatura em Microbiologia	51	11	2,9%
Total	2616	376	14,4%

Quanto à distribuição dos alunos respondentes por curso, podemos observar que cerca de 33% são de Direito, 12% de Gestão, 11% da Dupla Licenciatura em Direito e Gestão, 9% de enfermagem e de Psicologia, 7% de Teologia, 5% de Bioengenharia, 3% de Microbiologia e com 2 % as licenciaturas de Economia, Nutrição, Conservação e Restauro, Som e Imagem e Ciências Religiosas.

3.2 Respondentes à Ficha de Composição/Comentário.

Como já referido no capítulo de metodologia os respondentes à Composição/ comentário foram alunos voluntários que mostraram interesse no questionário online. Alguns respondentes foram interpelados por outros alunos o que permitiu constituir pequenos grupos de respondentes por curso. Totalizam-se 27 alunos respondentes. Estão identificados por “A”, indo de A1 a A27. Não houve respondentes pertencentes à da Escola de Enfermagem. Os Alunos de A21 a A25 pertencem à Dupla Licenciatura em Direito e em Gestão, estando o curso identificado, dado este ter sido o curso onde se realizou a Observação, podendo assim cruzar esses dados, em particular, com a experiência da Observação. A análise dos dados respeitantes a estes alunos é feita aquando da exposição e análise da experiência da Observação, visto estes dados estarem interligados.

O número mínimo de respostas é de duas em cada curso e o número máximo cinco. No referido intervalo as respostas não estão agrupadas por cursos, de modo em que naquelas que é possível não se faça uma associação direta com os mesmos cursos, pelas razões já enunciadas.

As composições/ comentários foram transcritos para tabelas, encontrando-se exemplares nos anexos. Visto não serem extensas e dado a particularidade do seu conteúdo, as composições foram colocadas na íntegra, enquanto dado qualitativo, na apresentação de resultados.

4. Dos Procedimentos e Sequência da aplicação do Estudo

Seguindo a cronologia prevista e após a apresentação e aprovação do Projeto em Conselho Científico com registo a 23/09/2020 e terminado o ano curricular, iniciámos o processo de revisão de literatura, sobretudo no período compreendido entre novembro de 2020 e maio de 2021. A revisão de literatura permitiu-nos a elaboração dos objetos de recolha de dados, sendo que estes estavam terminados e já sujeitos ao pré-teste em novembro de 2021. Após esta primeira fase, pedimos autorização à Presidência do Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa para aplicar os objetos de recolha de dados, nomeadamente os inquéritos por questionário, segundo os moldes do nosso Projeto. O pedido foi feito a 26/11/2021, tendo sido concedida a autorização em 03/12/2021. Após a autorização para a aplicação dos questionários, e conseqüente concretização deste trabalho, enviámos o nosso Projeto e a totalidade das proposições a constarem dos objetos de recolha de dados para a Comissão de Ética da Universidade Católica. À época apenas existia uma Comissão de Ética para a Saúde, fomos informados de que deveríamos recorrer à mesma dado ser a única existente. Enviámos pedido de Parecer a 30/11/2021. Recebemos o Parecer (anexo 44) a 17/02/2022. O mesmo referia que a Comissão decidiu: “não emitir parecer. O estudo não se enquadra nos objetivos da Comissão de Ética para a Saúde”, colocando à consideração “dos proponentes a possibilidade de pedido de apreciação pela Comissão de Ética: Tecnologia, Ciências Sociais e Humanidades da UCP”. Dado que aquando da sugestão referida, a mesma Comissão ainda não se encontrava constituída, tivemos de aguardar a constituição da mesma para o pedido de apreciação. Reenviados todos os documentos necessários à responsável da Comissão em constituição, e submetido o pedido a 18/02/2022, viríamos a receber o Parecer Ético Favorável com recomendações (anexo 43) a 31/03/2022.

Tendo sido todo este um processo moroso, os inquéritos por questionário viriam apenas a ser aplicados em maio.

Após o Parecer Favorável da Comissão, procuramos encetar em estreita relação com o Centro de Estudos para o Desenvolvimento Humano da FEP, a divulgação dos questionários. Estes foram enviados uma primeira vez para os líderes a 10 de maio de 2022 e para os alunos e professores a 18 de maio de

2022. O facto de ter sido em datas diferentes prende-se com a disponibilização das chamadas “listas cegas” para a divulgação segundo as normas do RGDP.

Numa primeira fase houve uma excelente recetividade por parte dos alunos, tendo nós recebido um considerável número de respostas, como veremos seguidamente. No caso dos líderes e dos docentes, dado não termos na primeira divulgação obtido um número de respondentes significativo para o estudo, fizemos um segundo envio a 1 junho de 2022 e obtivemos, sobretudo por parte dos docentes, uma boa resposta. Este processo de recolha durou cerca de um mês, tendo os dados sido recebidos no software Qualtrics e posteriormente canalizados para o SPSS para a devida análise, a qual iniciámos nos finais do mês de julho de 2022.

Nesta fase apresentámos ainda o nosso Projeto de Investigação no 7º Congresso Internacional de Psicologia da Federação Internacional das Universidades Católicas, que decorreu de 6 a 8 de julho de 2022 na Católica Porto.

Em outubro de 2022 iniciou-se o processo de recolha das fichas para composição/ comentários às proposições seleccionadas. Esse processo decorreu até meados do mês de dezembro. Também de outubro a dezembro decorreu a observação das aulas da Unidade de Cristianismo e Cultura da Dupla Licenciatura em Direito e em Gestão.

Terminada a fase de recolha e tratamento dos dados recolhidos, continuou-se a redação da Tese a apresentar à Universidade Católica Portuguesa para a obtenção do grau de Doutor em Ciências da Educação.

5. Da Metodologia de Análise e Técnicas de Recolha de Dados

Dentro dos vários métodos possíveis de abordagem para a recolha de dados num estudo de caso, o nosso recorre sobretudo à utilização de três métodos ou técnicas: a análise de documentos centrais face ao estudo, o inquérito por questionário e a análise de comentários/composições de alunos feitas posteriormente à realização dos questionários para complementar e cimentar a resposta a uma das questões do estudo. Assim, podemos de certa forma falar em triangulação de métodos e técnicas, sendo que a triangulação é considerada útil como estratégia de validação, dado a possibilidade de combinar várias metodologias e momentos na investigação, obtendo assim de diversas fontes informação referente ao mesmo acontecimento, permitindo aumentar a fiabilidade da mesma informação (Meirinhos, 2010). A utilização de diversas perspetivas ajuda a clarificar significados que são úteis a uma melhor interpretação do investigador. Stake (1999) recorda-nos, inclusive, que a triangulação é uma demonstração da realização de uma boa investigação.

Análise Documental

A análise documental consiste essencialmente na utilização de documentos que contêm informação que possa ser relevante para responder às questões de investigação e compreender o fenómeno estudado. Estes documentos podem ter já sido objeto de análise ou serem reexaminados em ordem ao estudo concreto que o investigador pretende desenvolver (Afonso, 2014; Kripka et al., 2015).

Nesta técnica consideram-se habitualmente três tipos de documentos quanto à sua natureza: documentos oficiais, documentos públicos e documentos privados (Afonso, 2014). No nosso caso utilizamos os denominados documentos oficiais, dado que provêm de emanações da Igreja Católica enquanto instituição hierárquica e organizada. Falamos em concreto da Constituição *Ex Corde Ecclesiae*, a qual expusemos no capítulo anterior e da qual retirámos elementos para a caracterização da síntese do ethos universitário católico.

Na sequência da estruturação desses elementos analisámos para além da referida Constituição, os Estatutos da Universidade Católica Portuguesa estabelecendo uma relação entre os pontos estatutários e os elementos já definidos como elementos do ethos universitário católico (quadro 5), e as Fichas das Unidades Curriculares de “Cristianismo”⁹.

Estes elementos, que constituem por assim dizer as nossas categorias de análise, acompanham praticamente toda a discussão de resultados. São particularmente relevantes no que quando ao ensino diz respeito, se analisam os objetivos presentes nas fichas das unidades curriculares da área de Cristianismo. As fichas das unidades curriculares foram codificadas (anexo 43) de forma a facilitar a leitura na apresentação e discussão de resultados e de forma a evitar associações imediatistas com os docentes responsáveis pelas unidades curriculares. Entenda-se que a intenção do investigador nesse ponto do estudo se prende apenas com a análise dos Objetivos das referidas Unidades Curriculares, de forma a perceber, através da associação destes com as categorias e subcategorias de análise oriundas da literatura, os resultados dos questionários e as composições, em que medida se cruzam com a nossa síntese e qual o impacto que têm para a chamada formação integral do aluno. Assim, e dado a extensão a que isso nos obrigaria, não são analisados os conteúdos programáticos, mas apenas os objetivos. Desta forma, na codificação, apenas se identifica a unidade orgânica, a partir das siglas genéricas das mesmas. Será exceção a este caso, a unidade curricular de Cristianismo e Cultura da Dupla Licenciatura em Direito e em Gestão, onde decorreu a observação não participante e foi dado o exposto consentimento para a associação dos objetivos da unidade curricular às categorias de análise e às composições dos alunos, devidamente anonimizadas. Não consta a Ficha da UC ministrada na Escola de Enfermagem por não ter sido cedida para o estudo.

⁹ Nas várias Unidades Orgânicas ou Cursos a nomenclatura da disciplina difere - Cristianismo/ Mundividência Cristã/ Humanismo e Cultura Cristã/ Doutrina Social da Igreja – por isso adotámos, para nos referir ao todo, a denominação genérica de Unidade Curricular de Cristianismo.

Inquérito por questionário

O inquérito por questionário é uma técnica de recolha de dados sumamente utilizada em estudos de caso, particularmente quando se pretende ter acesso a um número considerável de atores dentro de uma organização (Afonso, 2014). O Inquérito por questionário permite assim, de uma forma mais ampla, ter acesso a um número mais elevado de experiências realizadas por aqueles que a ele respondem. A informação daí recolhida é habitualmente transformada em números ou dados ditos quantitativos que são analisados através de técnicas de escalas de atitudes ou de avaliação, ou, como será o nosso caso, fazer a contagem do número de sujeitos que responderam de determinada forma, dando origem a dados de frequência. No que diz respeito ao formato do questionário optámos por fazer proposições do tipo afirmativo, sobre as quais o sujeito respondente se pronuncia a partir de uma escala de concordância ou discordância, de quatro pontos, à qual acresce um quinto ponto caso o respondente entenda nada saber sobre a proposição apresentada, ou seja: discordo totalmente; discordo; concordo; concordo totalmente; não Sei (Afonso, 2014; Tuckman, 2000). Assim procurámos ir ao encontro do que refere Tuckman (2000, p. 310) quando diz que “na medição das atitudes, é mais comum apresentarem-se afirmações do que fazerem-se perguntas”.

Formulámos os itens do questionário a partir da revisão bibliográfica, sobretudo da síntese que fizemos sobre o ethos do ensino universitário católico (quadro 4), da adaptação do questionário proposto no documento *Educar Hoje e Amanhã, Uma paixão que se renova - Instrumentum laboris*, da Congregação para a Educação Católica e do questionário sobre Liderança e Cultura(s) Organizaciol(ais), aplicado a docentes, no âmbito da investigação de Cristina Caixeiro sobre liderança e cultura organizacional (Caixeiro, 2014). Assim sendo, o questionário conta com quatro blocos: 1 – Missão da Universidade; 2- Administração; 3 - Ensino e Investigação; 4 – Vida Estudantil. O primeiro bloco – Missão - é um bloco mais amplo que contem proposições que se relacionam com vários dos definidos elementos constituintes. Os restantes blocos procuram uma maior aproximação com cada uma das quatro dimensões gerais: a Administração o Ensino, a Investigação e a Vida Estudantil. Pode surgir, como no caso da Administração, no questionário às lideranças, que as proposições

enunciadas não correspondam direta e proporcionalmente a todos os elementos, contudo, não quisemos deixar de seguir a lógica do questionário em que um dos objetivos é cruzar as várias perceções dos agentes académicos sobre o mesmo assunto.

Os questionários depois de construídos, foram validados pelo orientador e pela revisão de literatura, tendo sido realizado um pré teste com respondentes homólogos aos que iriam receber o inquérito por questionário. Desse pré teste resultaram algumas sugestões, como o esclarecimento de proposições para o inquérito dos líderes e professores. Surgiram também sugestões no sentido de sintetizar os introitos iniciais do inquérito. Estas sugestões fizeram-nos sentido e foram aplicadas. Também nesta sequência foi enviado um pedido de Parecer à Comissão de Ética em Tecnologia, Ciências Sociais e Humanidades da Universidade Católica Portuguesa, tendo este sido favorável. Foi também nesta fase pedida a autorização à Presidência do Centro Regional do Porto para a realização da investigação, a qual foi concedida. A Comissão de Ética sugeriu que a distribuição dos inquéritos por questionário fosse dinamizada em colaboração estreita com o Centro de Estudos para o Desenvolvimento Humano da FEP-UCP. Tendo nós aceite essa mesma sugestão, e tendo sido estabelecidos os contactos necessários, iniciámos o trabalho com o CEDH. A partir deste, foram solicitadas à Universidade Católica as denominadas “listas cegas”, de forma que os dados dos inquiridos permanecessem sempre reservados conforme o estipulado nos princípios de proteção de dados. Os questionários foram divulgados através do email institucional do CEDH.

Os inquéritos por questionário foram desenvolvidos no software Qualtrics, cuja licença foi cedida pelo CEDH ao Investigador, tendo os dados sido recebidos e agrupados no mesmo software. Os mesmos foram posteriormente tratados através do software *IBM SPSS Statistics 28*. Foram aplicados inquéritos por questionário aos líderes organizacionais, aos docentes do Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa, e aos alunos das licenciaturas do Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa (quadros 6,7,8).

O questionário era antecedido de um introito no rosto do email, e após aberto o link de acesso, de uma página inicial à qual se seguia o consentimento informado (anexo 1).

Os questionários foram enviados uma primeira vez para todos os respondentes. Dado a metodologia da divulgação via email trazer consigo a possibilidade de alguma dispersão e pouca adesão para a obtenção das respostas ditas necessárias para uma justa amostra, enviámos segunda vez para professores e líderes. No caso dos últimos, optámos por um email direcionado ao próprio, dado o baixo índice de respostas na primeira abordagem. Aquando do segundo envio o número de docentes respondentes, em média, duplicou.

Composições\Comentários

Decidimos recorrer ao exemplo e à terminologia sugerida por João Amado (2014) no que a este método diz respeito. Referimo-nos àquilo que comumente se chama de questionário aberto. No processo de recolha de dados, após a realização dos questionários online, procurámos de alguma forma aprofundar algumas questões que, fruto dos resultados obtidos, nos já referidos questionários, mereciam mais análise. Não obstante da importância e atenção que nos poderiam merecer outros itens da investigação, a considerável adesão e participação voluntária dos alunos neste estudo, fez com que percebêssemos que faria sentido incluir alguns testemunhos da experiência subjetiva deste grupo de respondentes.

Assim, e dado já esse desejo estar presente nos objetivos do estudo, a partir de três proposições presentes no questionário online (9, 30 e 31), fizemos uma pequena ficha (anexo 42) que continha as três proposições e que pedia aos alunos que comentassem as mesmas no espaço que lhes fora disponibilizado. Dadas as proposições, foi condição para o preenchimento o requisito de já ter frequentado a unidade curricular genericamente aqui denominada de Cristianismo.

Não houve uma seleção prévia dos respondentes por parte do investigador, pelo evidente motivo de não condicionar os resultados pelo conhecimento prévio que o investigador já possuía da recolha de dados pelos questionários online. Os respondentes foram alunos voluntários que após a divulgação dos questionários online manifestaram interesse junto dos seus representantes académicos, grupos de alunos e inclusive junto do próprio

investigador em colaborar com o estudo. Assim, os alunos interessados comunicaram à sua Associação de Estudantes, ao grupo académico a que pertenciam ou ao investigador a sua disponibilidade para comentar as três proposições. Foram agendados momentos com esses estudantes de forma que as composições fossem feitas ao mesmo tempo e individualmente. Teria sido interessante realizar uma discussão em grupo focalizado, por exemplo, contudo, temos de atender às limitações da conjugação das disponibilidades dos estudantes para tal. Admitimos que foi para nós um sinal significativo o interesse destes em participar, daí que tenhamos preparado um instrumento de recolha de dados que não fosse impeditivo de conjugar tempos e agendas e permitir a participação destes. Consideramos este instrumento importante para o nosso estudo, pois como refere Amado (2014), estes instrumentos são de grande valor heurístico, permitindo uma expressão livre das opiniões dos respondentes, ainda que sejam orientados pelas proposições que se pede que comentem.

A composição, para além de permitir a liberdade de resposta referida, permite-nos ter acesso à linguagem própria dos respondentes, estando esta liberta de respostas já pré-orientadas, como no caso dos questionários fechados (Chaer et al., 2012).

No nosso caso, optámos por disponibilizar as fichas para as composições/comentários que, sendo mais direcionadas, “providenciam uma oportunidade para o investigador verificar o seu entendimento das coisas, em comparação com a interpretação daqueles que estiveram a ser observados, e para obter informação adicional e relevante para o estudo”(Mónico et al., 2017, p. 727).

Dado que, por uma questão de amostra, na ficha para a composição é solicitado ao aluno que refira a licenciatura que frequenta, e novamente de forma a evitar associações imediatistas e de todo desnecessárias para o objetivo do estudo, permitindo comparações sobre a docência da disciplina ou as opções na construção do plano de estudos de cada Unidade Curricular, o campo onde se identifica a licenciatura foi anonimizado e codificado. É exceção a esta última nota as composições recolhidas no âmbito da observação da lecionação da Unidade Curricular de Cristianismo e Cultura da Dupla Licenciatura em Direito e em Gestão. Esta exceção acontece de forma a ser possível cruzar os dados recolhidos na observação com os dados provenientes do inquérito online e das composições/comentários.

Observação

Segundo Correia (2009) a Observação pode ser considerada uma técnica de investigação qualitativa de útil triangulação com outras técnicas, nomeadamente a análise documental, técnica a que, por exemplo, recorreremos para tratar os dados relativos às Unidades Curriculares de Cristianismo.

Ainda segundo a mesma autora, a Observação, nomeadamente a participante, “é dinâmica e envolvente e o investigador é simultaneamente instrumento na recolha de dados e na sua interpretação”(Correia, 2009, p. 31).

Dentro da técnica de Observação existe a possibilidade de esta ser participante ou não-participante. No nosso caso falamos de uma Observação com participação ativa, segundo a divisão de Lapassade (2001), ou seja, ao investigador é permitido participar/ observar todas as atividades, neste caso aulas, mantendo, contudo, o distanciamento suficiente para não interferir nas mesmas. Há como que uma distinção entre espetador e ator, no primeiro caso a participação é ativa na medida em que assiste a tudo o que acontece, no segundo exerce mesmo um papel ativo no seio do que é observado. A nossa Observação baseou-se no modelo de “espetador” procurando nunca interferir no processo letivo que decorria e que a nós nos interessava observar o mais natural possível (Correia, 2009).

Devemos ter consciência que a presença física do observador pode trazer constrangimentos ou comportamentos alterados por parte daqueles que se sabem observados, contudo, esse é um risco necessário pois,

“na observação participante, o investigador é o principal instrumento da investigação, sendo uma clara vantagem, dada a possibilidade de estar disponível para colher dados ricos e pormenorizados, através da observação de contextos naturais e nos quais é possível ter acesso aos conceitos que são usados no dia-a-dia, por se conhecer a linguagem dos intervenientes” (Correia, 2009, p. 33)

Para além das notas que o investigador toma para si, este deve ainda completar o processo de observação com interações mais focalizadas, ou grupos de entrevista, por exemplo. No nosso caso, como já explicado, fizemos uso das Fichas de composição/comentário.

As notas do investigador encontram-se em anexo e a sua apresentação no capítulo de apresentação de resultados.

Foram observadas todas as aulas do primeiro semestre da Unidade Curricular de Cristianismo e Cultura da Dupla Licenciatura em Direito e em Gestão. As aulas decorreram em formato online e presencial. Previamente ao processo de observação o investigador reuniu com o docente titular da disciplina para definir a gestão da presença do investigador no contexto de aula. Foram também nesta fase disponibilizados os documentos para o consentimento informado e proteção de dados.

A opção de Observar esta Licenciatura em concreto prende-se com o seguinte:

- Somente duas Unidades Curriculares de duas Licenciaturas cumpriam os requisitos de amostra, para estas proposições específicas, aplicados ao longo da Investigação, ou seja, existirem dados suficientes para que o nível de confiança não seja inferior a 90% e a margem de erro não seja superior a 10%. Falamos da Licenciatura em Direito e da Dupla Licenciatura em Direito e em Gestão, ou seja, Mundividência Cristã e Cultura e Cristianismo, respetivamente.

- No seguimento do anterior ambos os responsáveis das Unidades Curriculares foram contactados para apresentação do projeto e proposta de observação. O Investigador reuniu presencialmente com o docente responsável da Unidade Curricular na Licenciatura de Direito e apresentou a proposta oralmente e em documento formal. Posteriormente à reunião o responsável informou-nos via email (29/09/21) que a proposta: *“não tem grande enquadramento nem possibilidade de ter continuação no futuro. Por isso a tua proposta não se poderá realizar”*. Quanto ao responsável da Unidade Curricular de Cultura e Cristianismo foi agendada também uma reunião esta ocorreu em formato via zoom. Foi apresentado o projeto. O docente mostrou de imediato disponibilidade para acolher o mesmo e agendou-se um segundo encontro, via zoom, para formalizar a presença do investigador nas aulas. A referida formalização data de 13 outubro de 2022.

- O Docente responsável da Escola das Artes ao ter conhecimento em conversa informal da realização da investigação, mostrou também disponibilidade para acolher a observação. Contudo, a amostra oriunda da Escolas das Artes não cumpria os requisitos de amostra nos inquéritos online, já mencionados, e por isso não permitiria uma posterior triangulação dos dados da observação com os dados dos inquéritos online. Para além deste dado esta Unidade Curricular é lecionada no segundo semestre, o que alteraria de forma substancial o calendário definido para a investigação.

- A lecionação na Dupla Licenciatura decorreu num semestre que coincidia com o calendário definido pelo investigador para a recolha de dados por Observação. Isto permitiu não protelar os timings da investigação.

- Foi importante também o horário de lecionação da Unidade Curricular, que permitiu ao investigador estar presente em todas as aulas lecionadas.

Proposições e categorias para os instrumentos de recolha de dados

Os seguintes quadros apresentam a relação entre os Blocos Gerais, as Proposições para os questionários e as dimensões do Ethos do Ensino Superior Católico, por nós sintetizado. Estas últimas constituem as nossas categorias de análise. O I Bloco é igual para os três grupos de respondentes.

Quadro 6 - Esquema para o inquérito por questionário aos Líderes.

Blocos	Proposições	Relação questões-dimensões
	1- A Universidade expõe claramente a missão e a sua visão humanista cristã à comunidade académica. 2- Na Universidade a sua mundividência cristã é evidente através das ações que nela são levadas a cabo. 3- A Universidade cumpre as orientações inscritas nos documentos orientadores da Igreja sobre o ensino universitário católico. 4- A Universidade, por ser católica, tem uma cultura organizacional diferente das demais Universidades.	

<p>I – Missão da Universidade</p>	<p>5- Encontro na Universidade símbolos, rituais e momentos, que a definem e distinguem enquanto Católica.</p> <p>6- A Universidade promove o diálogo inter-religioso e intercultural.</p> <p>7- É visível na comunidade universitária o espírito de partilha e solidariedade.</p> <p>8- A comunidade universitária caracteriza-se pelo respeito mútuo e pela defesa dos direitos de cada um.</p> <p>9 – Pelo modo de atuar da comunidade universitária (docentes; colaboradores, alunos) consigo identificar que a Universidade Católica se identifica com a Pessoa de Jesus Cristo.</p>	
<p>II-Administração</p>	<p>10- Nas minhas funções procuro partilhar a minha visão acerca da Universidade Católica com aqueles que estão confiados à minha liderança.</p> <p>11- Nas minhas funções procuro enfatizar frequentemente a importância de haver um sentido de missão comum na Universidade.</p> <p>12-Nas minhas funções procuro motivar aqueles que estão confiados à minha liderança.</p> <p>13-Nas minhas funções procuro garantir condições de participação na definição da estratégia organizacional nomeadamente nos órgãos pedagógicos e de decisão.</p> <p>14- Falo de modo entusiástico acerca daquilo que precisa ser realizado para cumprir a missão humanista cristã da Universidade Católica.</p> <p>15- Nas minhas funções partilho o poder aquando da necessidade de tomar decisões sobre a organização da Universidade.</p> <p>16- Estou atento às necessidades dos que me estão confiados fornecendo-lhes o apoio necessário.</p> <p>17- Conheço as potencialidades dos membros da comunidade universitária fazendo uma correta gestão dos recursos humanos para responder às necessidades.</p> <p>18- Sou zeloso no garante da coerência do Projeto Educativo e da qualidade pedagógica da Universidade.</p> <p>19- Vejo a minha função como um serviço ao próximo.</p> <p>20- As decisões tomadas são discernidas com critérios evangélicos.</p>	<p>Desenvolvimento Pessoal dos Funcionários (12;13;16)</p> <p>Comunicação (1;11;14)</p> <p>Tomada de decisões com base em valores (10;15;17;18;19;20)</p>
<p>III – Ensino e Investigação</p>	<p>21 - A Universidade utiliza mecanismos variados para promover, ao nível do ensino, a articulação entre a Fé e a Razão.</p> <p>22 – Ao nível do ensino é visível a preocupação por uma dinamização de um diálogo fecundo entre o Evangelho e as várias áreas do saber.</p> <p>23- A Universidade zela e procura o rigor intelectual.</p> <p>24- Como líder procuro fazer o meu trabalho tendo em conta a doutrina católica, fazendo pontes com a sua dimensão ética.</p> <p>25- Como líder procuro estar atento aos documentos e orientações da Igreja sobre o ensino universitário católico.</p> <p>26- Forneço recursos acerca da missão humanista cristã da universidade aos que me estão confiados para contribuir para a sua formação e atualização.</p> <p>27- Considero que é clara, na universidade, a sua vocação para educar para o respeito pela dignidade da pessoa humana e o valor da vida.</p> <p>28- A investigação na universidade é informada pela moral e pela ética.</p> <p>29- Considero que a Investigação levada a cabo na universidade é orientada pela procura da verdade e não condicionada por outros interesses.</p> <p>30- Considero que a investigação é realizada em temas de interesse para a Igreja católica e a sua missão.</p>	<p>Interdisciplinaridade (21;22;23;24)</p> <p>Educação para os Valores (19;26;27)</p> <p>Conteúdos sobre o catolicismo (3;25)</p> <p>Perspetiva ética e teológica (28;29)</p> <p>Serviço à Igreja (3;30)</p> <p>Diálogo (6;26)</p>

III – Vida Estudantil.	<p>31- A Universidade promove uma educação que respeita a liberdade individual e desenvolve os talentos do aluno.</p> <p>32- Os alunos recebem uma formação holística baseada nos princípios humanistas cristãos.</p> <p>34- É oferecida aos alunos uma adequada formação religiosa para além da formação académica.</p> <p>35 - A Universidade oferece aos estudantes católicos e não católicos a oportunidade de praticarem a sua fé abertamente no campus e de participarem em atividades religiosas.</p>	<p>Valores Vivos (2;4;7;8;9;33)</p> <p>Formação Pessoal Holística (31;32;34)</p> <p>Experiência Sacramental (5;35)</p>
-------------------------------	--	---

Quadro 7- Esquema para o inquérito por questionário aos Docentes.

Blocos	Proposições	Relação questões-dimensões
II – Administração	<p>10- Os líderes da UCP-Porto (Presidência, Direção de Faculdades, coordenadores) partilham a sua visão acerca da Universidade Católica com os docentes.</p> <p>11- Os líderes enfatizam frequentemente a importância de haver um sentido de missão comum na Universidade.</p> <p>12- Os líderes são fator motivacional para o exercício das minhas funções.</p> <p>13- Os líderes fomentam a participação na definição da estratégia organizacional nomeadamente nos órgãos pedagógicos e de decisão.</p> <p>14- Os líderes falam de modo entusiástico acerca daquilo que precisa ser realizado para cumprir a missão humanista cristã da Universidade Católica.</p> <p>15- Os líderes partilham o poder aquando da necessidade de tomar decisões sobre a organização da Universidade.</p> <p>16- Os líderes estão atentos às necessidades dos professores e colaboradores fornecendo-lhes o apoio necessário.</p> <p>17- Os líderes conhecem as potencialidades dos membros da comunidade universitária fazendo uma correta gestão dos recursos humanos para responder às necessidades.</p> <p>18- Os líderes garantem a coerência do Projeto Educativo e a qualidade pedagógica da Universidade.</p> <p>19- As lideranças na sua atuação têm por base a ideia de serviço ao próximo.</p> <p>20- As decisões das lideranças seguem critérios evangélicos.</p>	<p>Desenvolvimento Pessoal dos Funcionários (12;13;15)</p> <p>Comunicação (1;12;14)</p> <p>Tomada de decisões com base em valores (10;15;17;18;19;20)</p>
III – Ensino e Investigação	<p>21 – Como docente utilizo mecanismos variados para promover, ao nível do ensino, a articulação entre a Fé e a Razão.</p> <p>22 – Ao nível do ensino é visível a preocupação por uma dinamização de um diálogo fecundo entre o Evangelho e as várias áreas do saber.</p> <p>23- A Universidade zela e procura o rigor intelectual.</p> <p>24- Como docente procuro trabalhar a minha área disciplinar específica em articulação com a doutrina católica.</p> <p>25- Como docente procuro estar atento aos documentos e orientações da Igreja sobre o ensino universitário católico.</p> <p>26- A Universidade fornece-me recursos acerca da sua missão humanista cristã para me atualizar e formar.</p> <p>27- Considero que é clara, na universidade, a sua vocação para educar para o respeito pela dignidade da pessoa humana e o valor da vida.</p>	<p>Interdisciplinariedade (21;22;23;24)</p> <p>Educação para os Valores (19;26;27)</p>

	<p>28- A investigação na universidade é informada pela moral e pela ética.</p> <p>29- Considero que a Investigação levada a cabo na universidade é orientada pela procura da verdade e não condicionada por outros interesses.</p> <p>30- Considero que a investigação é realizada em temas de interesse para a Igreja e a sua missão.</p>	<p>Conteúdos sobre o catolicismo (3;25)</p> <p>Perspetiva ética e teológica (28;29)</p>
IV – Vida Estudantil.	<p>31- A Universidade promove uma educação que respeita a liberdade individual e desenvolve os talentos do aluno.</p> <p>32- Os alunos recebem uma formação holística baseada nos princípios humanistas cristãos.</p> <p>33- É oferecida aos alunos uma adequada formação religiosa para além da formação académica.</p> <p>34 - A Universidade oferece aos estudantes católicos e não católicos a oportunidade de praticarem a sua fé abertamente no campus e de participarem em atividades religiosas.</p>	<p>Valores Vivos (2;4;7;8;9;33)</p> <p>Formação Pessoal Holística (31;32;34)</p> <p>Experiência Sacramental(5;35)</p>

Quadro 8 - Esquema para o inquérito por questionário aos Alunos.

Blocos	Proposições	Relação questões-dimensões
II – Administração	<p>10- Os líderes da UCP-Porto (Presidência, Direção de Faculdades, coordenadores) partilham a sua visão acerca da Universidade Católica com os alunos.</p> <p>11- (Não aplicável)</p> <p>12-(Não aplicável)</p> <p>13- Os líderes, nomeadamente o(a) diretor(a) da Faculdade, fomentam a participação na definição da estratégia organizacional nomeadamente nos órgãos pedagógicos e de decisão.</p> <p>14- Os líderes falam de modo entusiástico acerca daquilo que precisa ser realizado para cumprir a missão humanista cristã da Universidade Católica.</p> <p>15- (Não aplicável)</p> <p>16- Os líderes estão atentos às necessidades dos alunos fornecendo-lhes o apoio necessário.</p> <p>17- (Não Aplicável)</p> <p>18- Os líderes garantem a coerência do Projeto Educativo e a qualidade pedagógica da Universidade.</p> <p>19- As lideranças na sua atuação têm por base a ideia de serviço ao próximo.</p> <p>20- As decisões das lideranças seguem critérios evangélicos.</p>	<p>Desenvolvimento Pessoal dos Funcionários (13;15)</p> <p>Comunicação (1;13;14)</p> <p>Tomada de decisões com base em valores (10;16;19;20)</p>
III – Ensino e Investigação	<p>21- Considero que os docentes promovem o diálogo entre a Fé e a Razão nas suas aulas.</p> <p>22 – Ao nível do ensino é visível a preocupação por uma dinamização de um diálogo fecundo entre o Evangelho e as várias áreas do saber.</p> <p>23- A Universidade zela e procura o rigor intelectual.</p> <p>24- Considero que no cumprimento dos meus deveres de aluno posso contribuir para ajudar a Igreja a refletir sobre os problemas do mundo de hoje.</p> <p>25- (Não Aplicável)</p> <p>26- A Universidade fornece-me recursos acerca da sua missão humanista cristã para me atualizar e formar.</p>	<p>Interdisciplinariedade (21;22;24;29)</p> <p>Educação para os Valores (19;26;27)</p>

	<p>27- Considero que é clara, na universidade, a sua vocação para educar para o respeito pela dignidade da pessoa humana e o valor da vida.</p> <p>28- Enquanto aluno da Universidade Católica procuro ter em conta a ética e a moral no desempenho quotidiano.</p> <p>29- Reconheço a existência de interdisciplinaridade nas diversas áreas do currículo do meu curso.</p> <p>30- Considero que as unidades curriculares de Cristianismo e Cultura\ Mundividência Cristã acrescentam algo verdadeiramente significativo à minha formação integral.</p> <p>31- Considero que o currículo das áreas de Cristianismo e Cultura\ Mundividência Cristã está concebido de modo adequado ao meu curso.</p>	<p>Conteúdos sobre o catolicismo (3;30;31)</p> <p>Perspetiva ética e teológica (28)</p>
<p>IV – Vida Estudantil.</p>	<p>32- A Universidade promove uma educação que respeita a liberdade individual e desenvolve os talentos do aluno.</p> <p>33- Os alunos recebem uma formação holística baseada nos princípios humanistas cristãos.</p> <p>34- É oferecida aos alunos uma adequada formação religiosa para além da formação académica.</p> <p>35 - A Universidade oferece aos estudantes católicos e não católicos a oportunidade de praticarem a sua fé abertamente no campus e de participarem em atividades religiosas.</p>	<p>Valores Vivos (2;4;7;8;9;34)</p> <p>Formação Pessoal Holística (32;32;35)</p> <p>Experiência Sacramental (5;36)</p>

6. Dos Princípios e Compromissos enformadores

De forma a garantir que a recolha de dados e toda a sua análise seja conforme com os princípios éticos da investigação, seguimos a lógica de princípios e compromissos enformadores enunciados já em muitas outras investigações. Tivemos em particular conta a suma de princípios constantes da Carta Ética da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação (2020), bem sintetizados por Amorim (2019), bem como os princípios constantes do Código de Ética e de Conduta da UCP (2015). Daqui destacamos os seguintes princípios:

- princípio da não intrusão, comprometendo-nos a não interferir com as dinâmicas próprias do Centro Regional do Porto -UCP;

- princípio da confidencialidade, mantendo o anonimato de todos os participantes envolvidos;

- princípio da devolução de resultados, comprometendo-nos devolver os resultados obtidos, realizando uma sessão de apresentação dos mesmos no CRP-UCP, se assim a Universidade o desejar;

Comprometemo-nos:

- a respeitar e garantir os direitos dos participantes;

- a informar os participantes sobre todos os aspetos da investigação, obtendo o seu consentimento informado;

- aceitar a decisão daqueles que não pretendam colaborar não respondendo ao inquérito por questionário e às composições/ comentários;

- a assegurar que os participantes não serão vítimas de quaisquer danos ou prejuízos decorrentes da pesquisa;

- a garantir a confidencialidade e o anonimato da informação obtida;

- a informar o CRP-UCP dos resultados da investigação;

- a não alterar, enviar, omitir ou acrescentar pormenores a dados e resultados;

IV – APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

1. Bloco I – Missão da Universidade.

1 - A Universidade expõe claramente a missão e a sua visão humanista cristã aos alunos que nela estudam.

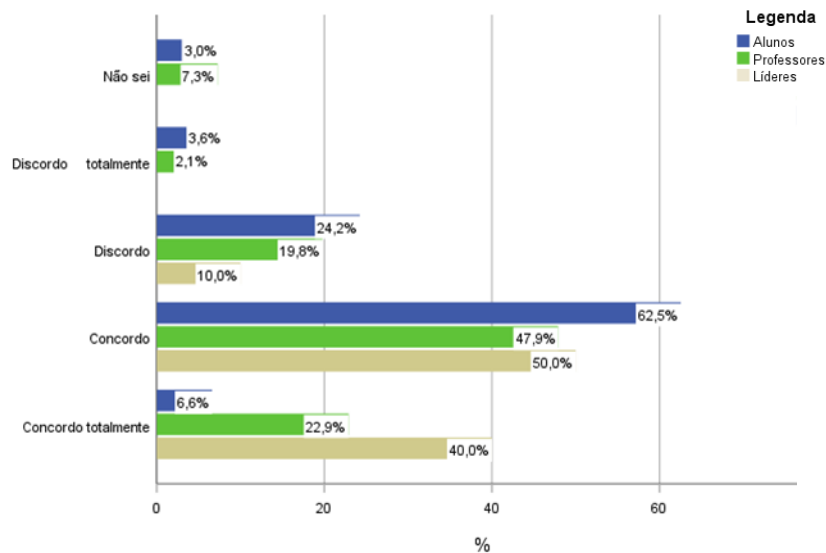


Gráfico 1 - Proposição 1

Numa proposição inicial e de caráter mais genérico sobre a exposição da missão e visão humanista cristã da universidade aos alunos, podemos observar que os três grupos de respondentes tendem a concordar com a afirmação.

Contudo, no que respeita à concordância total da escala, aquilo que seria o cumprimento pleno do enunciado na proposição, observamos que apenas 6,6% dos visados pela proposição, os alunos, concordam totalmente, num item da escala em que surgem 23% dos professores e praticamente em dobro os líderes, numa concordância total de 40%. Podemos ainda perceber que um quarto dos alunos respondentes discorda que lhes seja exposta claramente a missão humanista cristã da Universidade. Existem ainda, 10% de líderes que discordam que a missão e a visão humanista da Universidade esteja a ser passada com clareza aos alunos.

2 - Na Universidade a sua mundividência cristã é evidente através das ações que nela são levadas a cabo.

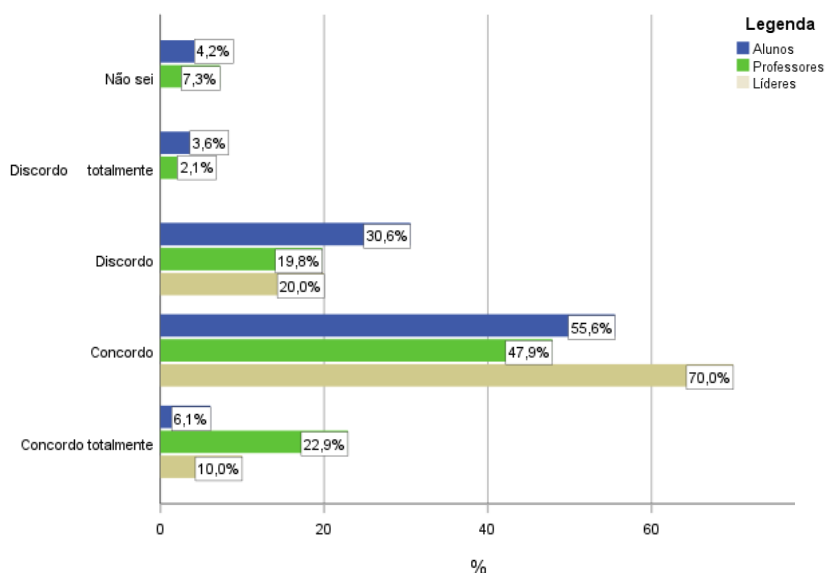


Gráfico 2 - Proposição 2

Relativamente à mundividência cristã visível nas ações levadas a cabo na Universidade, os líderes são aqueles que apresentam uma percentagem de concordância mais elevada, na casa dos 70%, contudo, a concordância dos líderes só é total em 10% destes. Existem ainda 20% de líderes que discordam que a mundividência cristã da Universidade seja visível nas ações da mesma. Juntam-se à discordância, a mesma percentagem de professores e 30,6% de alunos. Tal como na primeira proposição, apenas cerca de 6% dos alunos concorda totalmente que mundividência cristã da Universidade é evidente através das ações que nela são levadas a cabo.

Podemos ainda destacar a existência de 23% de professores que afirma concordar totalmente com a proposição, um valor superior, por exemplo, ao dos líderes, que como referido, concordam totalmente em apenas 10%.

3 - A Universidade cumpre as orientações inscritas nos documentos orientadores da Igreja sobre o ensino universitário católico.

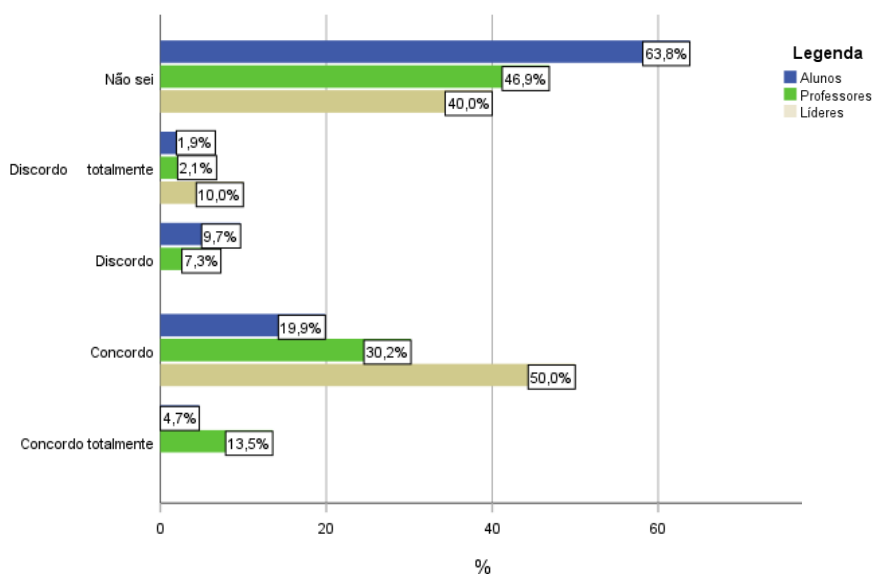


Gráfico 3 - Proposição 3

Quando interpelados sobre o conhecimento do cumprimento das orientações da Igreja sobre o ensino universitário católico a tendência é clara pela opção de assinalar o não conhecimento (não sei). Note-se que 40% dos líderes afirma não saber se a Universidade cumpre o disposto nos documentos orientadores da Igreja. Atenda-se que a formulação da proposição 3 não nos permite perceber se não sabem por não conhecer o conteúdos dos documentos orientadores, ou por exemplo, por falta de supervisão e acompanhamento do suposto cumprimento do disposto nos mesmos. Note-se também que nenhum líder concorda totalmente e que no somatório de partes, metade concorda e a outra metade ou não sabe (40%) ou discorda totalmente (10%).

Os alunos são aqueles que não sabem em maior percentagem, cerca de 64%, seguindo-se os docentes, 47%. Pode observar-se ainda que 30% dos docentes concorda que a universidade cumpre as orientações inscritas nos documentos da Igreja.

É residual o número daqueles que discordam, discordam totalmente ou concordam totalmente.

4 - A Universidade, por ser católica, tem uma cultura organizacional diferente das demais Universidades.

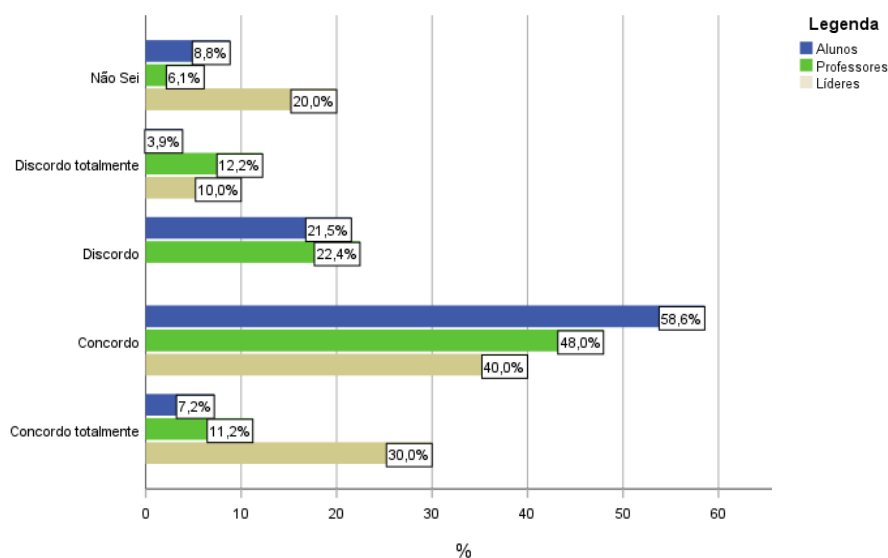


Gráfico 4 - Proposição 4

Relativamente à existência de uma cultura organizacional diferente de outras universidades pelo facto de se tratar de uma universidade católica, a tendência que graficamente nos chama a atenção é a concordância, tendo os alunos a percentagem mais elevada de respondentes, 59% e os líderes a menor, 40%. Quando se trata de concordar totalmente, os líderes têm uma maior percentagem relativamente aos restantes dois grupos de respondentes, distanciando-se consideravelmente dos docentes e dos alunos.

Outro dado a reter é o que respeita ao não conhecimento: são os líderes que se apresentam com maior número de respondentes em percentagem (20%), o que é relevante quando a proposição se debruça especificamente sobre a cultura organizacional. São ainda 10% os líderes que discordam totalmente que a Universidade, por ser católica, tenha uma cultura organizacional diferente das demais Universidades.

5 - Encontro na Universidade símbolos, rituais e momentos, que a definem e distinguem enquanto Católica.

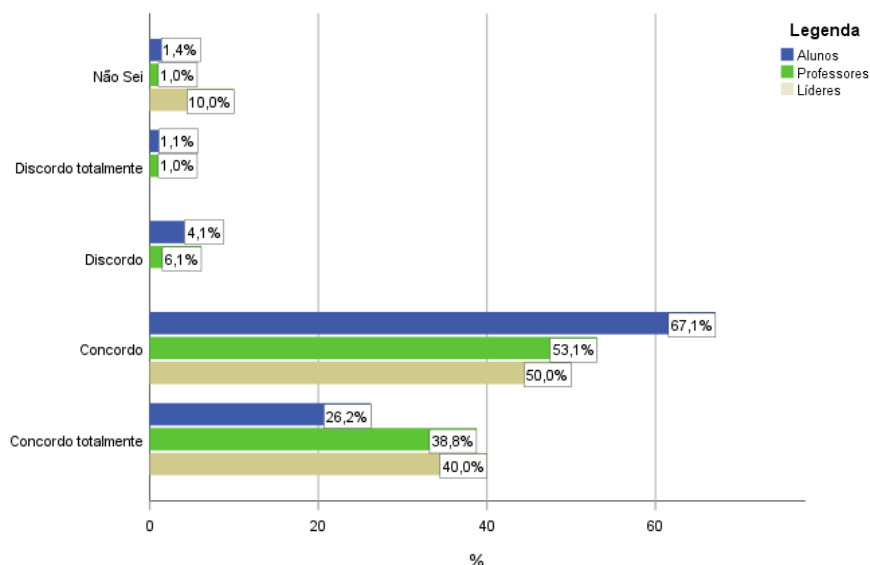


Gráfico 5 - Proposição 5

Nesta proposição, os três grupos de respondentes assinalam com clareza identificarem símbolos, rituais e momentos, que definem e distinguem a Universidade enquanto Católica. Na escala, a maioria assinala que concorda, sendo que a percentagem de concordância é igual ou superior a 50% para líderes, docentes e alunos.

Contudo, no item mais elevado da escala, que espelha a concordância total com a proposição e por isso o assentimento pleno de que existem símbolos, rituais e momentos, que definem e distinguem a Universidade enquanto Católica, os líderes situam-se nos 40% enquanto, cerca de 39% dos professores e 26% dos alunos concorda totalmente.

São residuais aqueles que discordam ou discordam totalmente. Identifica-se uma pequena exceção nos líderes, onde 10% dos respondentes diz discordar totalmente.

6 - A Universidade promove o diálogo inter-religioso e intercultural.

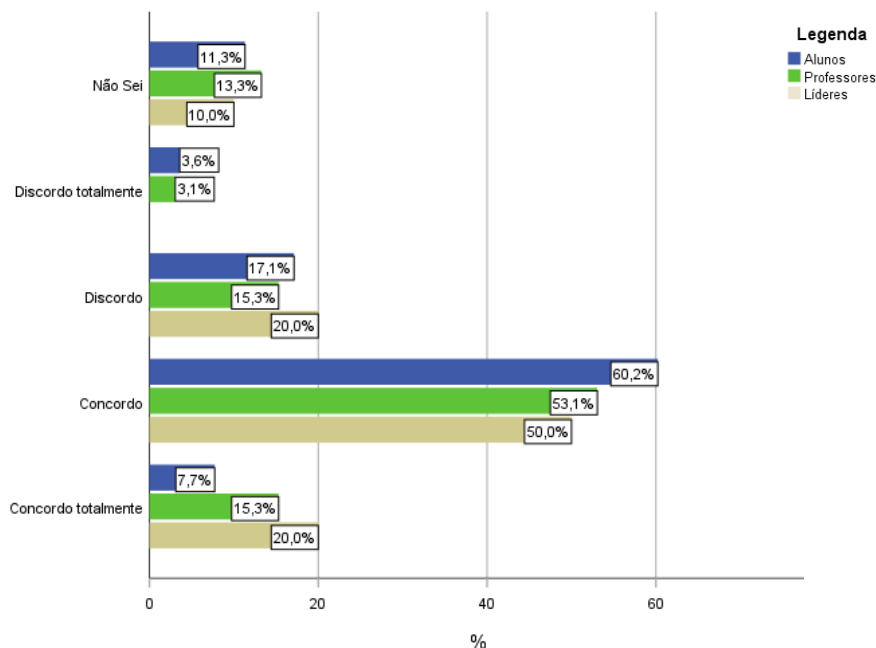


Gráfico 6 - Proposição 6

Quanto à promoção do diálogo inter-religioso e intercultural, a maioria dos respondentes dos três grupos concorda com a existência do mesmo. O somatório da tendência de concordância e total concordância constitui em média 70% dos respondentes nos três grupos. Contudo, analisando os itens da escala individualmente, nomeadamente a discordância, há a constatar que dentro desta, em percentagem, são os líderes os que mais discordam (20%), seguindo-se 15% dos docentes e 17% dos alunos.

Quanto à concordância total mantém-se a tendência das proposições anteriores, os líderes afirmam-no em maior percentagem, mas constituem apenas 20% do seu grupo de respondentes.

Aqueles que afirmam não saber situam-se perto dos 10% nos três grupos.

7- É visível na comunidade universitária o espírito de partilha e solidariedade.

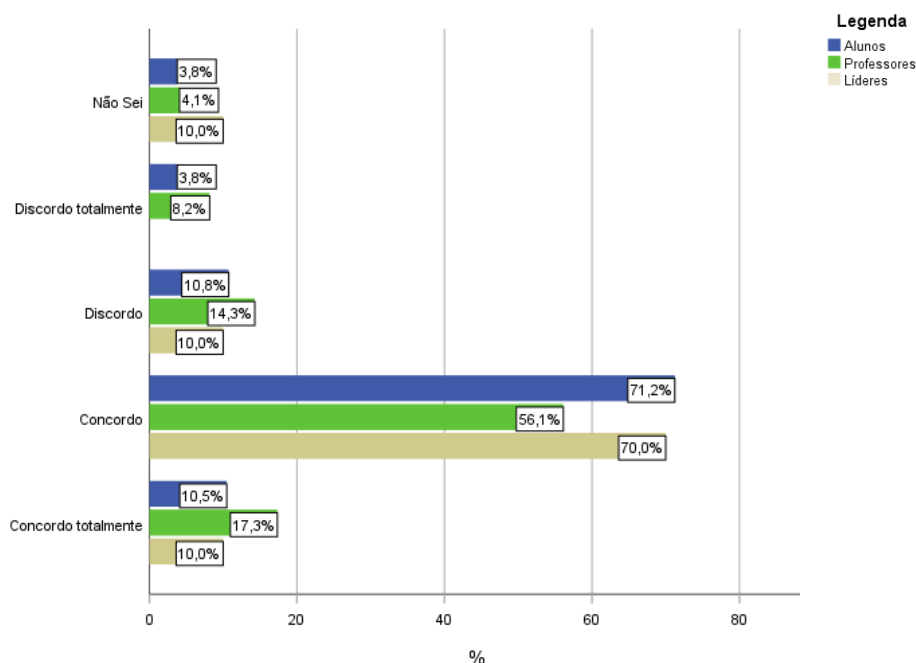


Gráfico 7 - Proposição 7

Quanto ao reconhecimento da existência de um espírito de partilha e solidariedade na comunidade universitária, um dos *valores vivos* identificados por Rizzi (2019), a grande maioria dos respondentes concorda com a proposição. Contudo, apenas 10% dos líderes, dos alunos e em mais 7% os professores, concordam totalmente com a proposição. No somatório da concordância e da total concordância são os líderes e os alunos que apresentam uma visão mais homogênea da questão. Apesar de na total concordância o valor superior corresponder à opinião dos docentes, no somatório das apreciações positivas da escala, são os docentes que apresentam uma visão mais cauta dessa mesma concordância e total concordância.

Os líderes são os que menos se reveem na concordância total de que é visível na comunidade universitária o espírito de partilha e solidariedade, registam-se apenas 10 %.

Nos três grupos de respondentes aqueles que discordam situam-se entre os 10% e os 14%, sendo que nenhum líder discorda totalmente.

8 - A comunidade universitária caracteriza-se pelo respeito mútuo e pela defesa dos direitos de cada um.

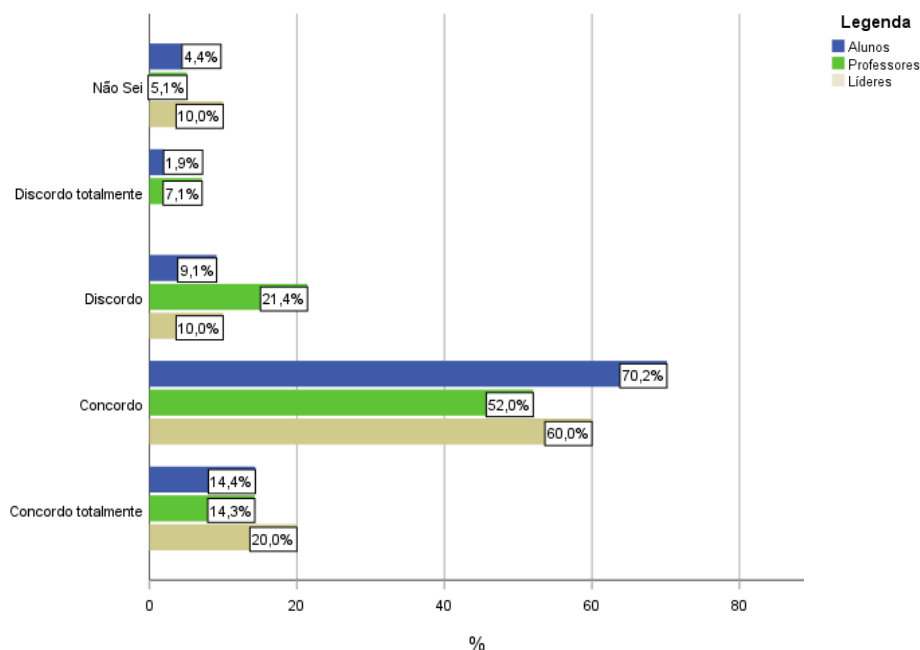


Gráfico 8 - Proposição 8

Nos três grupos de respondentes a maioria concorda com a ideia de que a comunidade universitária se caracteriza pelo respeito mútuo e pela defesa dos direitos de cada um. São novamente os líderes e os alunos que de forma mais homogênea apresentam uma visão mais positiva da questão. Contudo, quando se trata de concordar totalmente, os valores percentuais não vão além dos 20% nos líderes e nos 14% nos docentes e alunos.

Os docentes são novamente os mais conservadores quando se trata de concordar ou concordar totalmente com a proposição. São também os docentes aqueles onde se registra uma maior percentagem de discordância e de discordância total.

Graficamente conseguimos perceber que são os alunos os que mais se identificam de forma geral com o enunciado na proposição, reconhecendo como característica da instituição o respeito mútuo e a defesa dos direitos de cada um.

9 - Pelo modo de atuar da comunidade universitária (docentes; colaboradores, alunos) consigo identificar que a Universidade Católica se identifica com a Pessoa de Jesus Cristo.

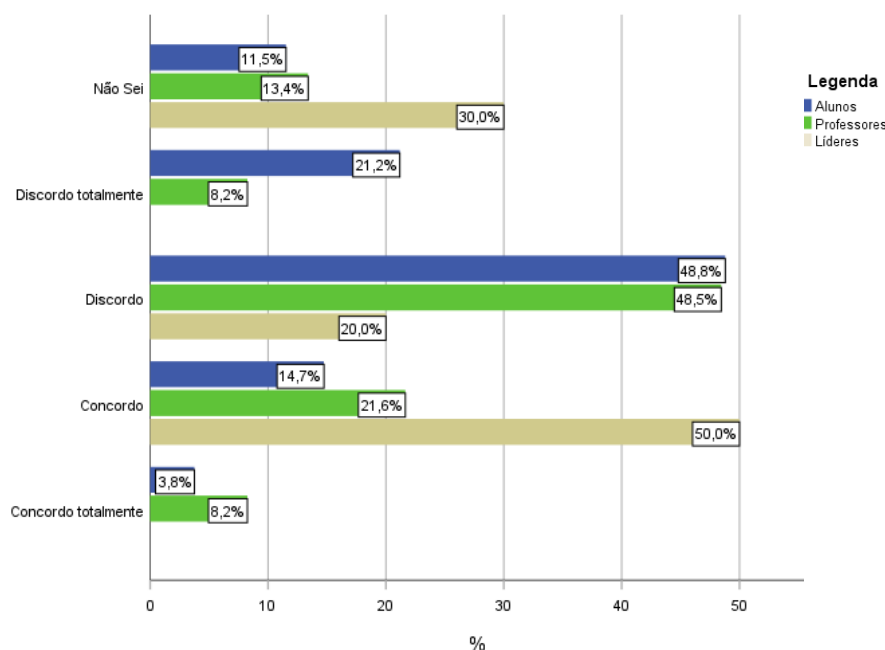


Gráfico 9 - Proposição 9

Tabela 12 - Comentários/composições dos alunos à proposição 9.

Pelo modo de atuar da comunidade universitária (docentes; colaboradores, alunos) consigo identificar que a Universidade Católica se identifica com a Pessoa de Jesus Cristo.

A1 – “A resposta tem, neste caso, de ser ambígua: por vezes consigo identificar (tanto na atitude de professores como de auxiliares dos serviços académicos), por outras vezes questiono-me se a universidade católica é, de facto, católica – são várias as atitudes com que me deparei ao longo dos últimos 4 anos que me deixaram dececionada.”

A2 – “Não. A universidade, atualmente, pugna pela competitividade extrema e por um individualismo exacerbado que não se coaduna com Jesus Cristo.”

A3 – Não. A universidade é incapaz de se adaptar sendo intransigente com as dificuldades que o mesmo pode ter, como tal as suas atitudes, não são condignas com valores cristãos.”

A4 – A UCP, no geral, pelas atitudes do seu staff demonstra alguma proximidade com a lições que a vida de Jesus Cristo nos transmite. Porém, a universidade podia mostrar mais tolerância nalguns aspetos da vida académica, particularmente no que concerne aos valores das multas e o preço dos recursos.”

A5 – “Com pena minha, não. Em aspetos pequenos, mas determinantes. A ausência de um capelão a tempo inteiro, que percorra os corredores da Universidade, identificado como tal, que permita o acercamento das pessoas; apenas um único dia em que há a celebração da Santa Missa na Universidade e, sobretudo, determinadas iniciativas de cariz estudantil que a Universidade aprova e patrocina e que não vão em linha, perentoriamente, em linha com a Doutrina Social da Igreja (refiro-me ao HeForShe) não ajudam a que da Universidade se possa denotar uma identificação com a Pessoa de Jesus Cristo.”

A6 – “Não particularmente (à exceção dos crucifixos nas salas)”

A7 – “Na minha opinião não há nenhum indício que aparente para isso, nem que vá contra a mesma afirmação.”

A8 – “Não.”

A9 – “Considero que sim, apesar de haver uma grande quantidade de pessoas que não é crente e então não se identificam com Jesus Cristo, mas há uma grande maioria que sim e a Universidade Católica em si identifica-se.”

A10 – “Não, para além de haver uma capela, missas semanais e uma parte da UDIP que tem uma preparação de crisma todos os anos, de resto não consigo identificá-lo, seja nos professores, sejam em muitas atitudes da instituição que não correspondem de todo à Pessoa de Jesus Cristo.”

A11 – “Considero que parte da comunidade se identifica e outra não, sendo bastante heterogéneo.”

A12 – “Não, pois existem pessoas de outras religiões que não identifiquem com Jesus Cristo.”

A13 – “De modo geral acho que não”

A14 – “Sim, mesmo sendo maioritariamente neutrais, existem atitudes que demonstram esta relação.”

A15 – “Sim, consigo identificar que a Universidade Católica se identifica com a Pessoa de Jesus Cristo.”

A16 – “Não pois penso que os docentes desta faculdade agem igual a docentes de outras não católicas”

A17 – “Sim.”

A18 – “Acho que há uma grande necessidade de passar essa imagem pela aparência porém em alguns momentos não acho que seja verdade.”

A19 – “Salvo determinadas exceções, a grande maioria dos professores está sempre disposta a ajudar, sendo sempre bastante atenciosos. Nesta lógica considero que sim. Por outro lado, a Universidade Católica, sendo privada e de certa forma um negócio, «comporta-se» como tal, indo contra a restante maioria dos valores/características que poderiam identificar-se com a pessoa de Jesus Cristo.”

A20 – “Quando entrei na Católica vinha com essa expectativa mas sinceramente não sinto que haja uma grande relação com a perspectiva católica.”

A21 – “Nem todos, mas certamente muitos dos que compõem a comunidade académica mostram Jesus nas suas ações, por demonstrarem humanidade, cuidado e compreensão.”

A22 – “Sim, o facto de termos esta UC (cristianismo e cultura) justifica a afirmação.”

A23 – “A pergunta é de difícil resposta, por ser tão exigente. Em primeiro lugar, a comunidade universitária é muito heterogénea. Em segundo lugar, a identificação dos comportamentos diários nas relações interpessoais com a Pessoa de Jesus Cristo, não é fácil tarefa. Sem dúvida que há iniciativas da Universidade, como a Católica Solidária (Caso) coordenada pela Unidade para o Desenvolvimento Integral da Pessoa (UDIP), que se identifica com Jesus Cristo e o amor ao próximo. No entanto, no dia a dia da Universidade, essa presença (da identificação com Jesus Cristo), apenas existe na medida em que as pessoas a promovam nas suas condutas. Muitas vezes está ausente, outras presente, não sendo possível retirar daí uma conclusão universal que distinga o dia a dia da Universidade Católica com o de outras instituições.”

A24 – “A comunidade universitária não é, nem poderia ser, uma unidade uniforme. Assim, penso que são transmitidos que se identificam com Jesus Cristo, e claro há alunos que o assimilam mais e outros menos. Assim, globalmente sim mas ao nível do individuo dependerá.”

A25 – “Não consigo concordar com a afirmação. Desta forma, existem classes, assim como docentes, colaboradores e alunos. Já assisti em diversos momentos, ações executadas que no caso seria impensável se esses membros se identificassem.”

A26 – “Sim, pessoas humanas que colocam os outros como prioridade, sem olhar as diferenças.”

A27 – “Não consigo identificar grandes relações.”

É na nona proposição que surge pela primeira vez uma notável diferença de opiniões entre os grupos de respondentes.

Desperta-nos o facto de a maioria dos respondentes se situar entre o não sei e o discordo e não existir nenhum líder que concorde totalmente. Outro dado relevante é o facto de entre os líderes, ainda que 50% concordem com a proposição, os restantes elementos deste grupo ou discordam (20%) ou não sabem (30%).

Ao estarmos a falar da identidade matricial da Universidade, é muito significativo que exista uma percentagem tão considerável de líderes organizacionais que não consiga dar uma resposta que vincule uma posição, chegando a ser mais do dobro relativamente aos docentes que “não sabem”, por exemplo, e praticamente o triplo relativamente à percentagem de alunos.

Os alunos apresentam um nível de discordância de 70% e os docentes de 57%.

No que se refere especificamente aos alunos, estes são aqueles que apresentam níveis de discordância e de discordância total mais elevados. Apenas cerca de 19% dos alunos se inclina para os itens positivos da escala.

Neste sentido, e pela importância da proposição já referida, optámos por colocar na ficha para composição/comentário esta mesma proposição. Tendencialmente, ao observarmos a tabela 14, os comentários vão de encontro aos resultados acima enunciados. Alguns comentários podem servir de ilustração ao porquê desta visão dos alunos. Há alunos que identificam na Universidade características contrárias à ideia que têm da Pessoa de Jesus Cristo. A2, por exemplo, fala da *“competitividade extrema”* e de *“um individualismo exacerbado que não se coaduna com Jesus Cristo”*. A5 refere que - *“com pena (...) não”, - dando exemplos muito concretos como: a “ausência de um capelão a tempo inteiro (...) identificado como tal”*; a existência de um único dia com celebração da Eucaristia; e inclusive aquilo que chama de *“iniciativas de cariz estudantil que a Universidade aprova e patrocina e que não vão em linha, (...) com a Doutrina Social da Igreja”*. A20 refere que *“quando entrei na Católica vinha com essa expectativa, mas sinceramente não sinto que haja uma grande relação com a perspectiva católica.”*

A6, apesar de não concordar com a proposição, dá nota da existência de crucifixos nas salas, aquilo que chama de *“exceção”* e A10, que apesar de também não identificar a Universidade com a Pessoa de Jesus Cristo, reconhece a existência

de uma capela, de *“missas semanais e uma parte da UDIP que tem uma preparação de crisma todos os anos”*.

Regista-se ainda o exemplo de A22 que considera que há uma identificação com a Pessoa de Jesus Cristo justificada pela existência de uma Unidade Curricular de Cristianismo.

Note-se as expressões de A14 quando diz que na Universidade as atitudes são *“maioritariamente neutrais”* e de A16 que afirma *“que os docentes desta faculdade agem igual a docentes de outras não católicas”*.

A referência de A23 e de A21 à heterogeneidade da comunidade académica e à dificuldade que a mesma traz consigo para uma *“conclusão universal”* sobre a proposição, não deixa de não permitir que A21 ou A26 consigam identificar que *“muitos dos que compõem a comunidade académica mostram Jesus nas suas ações, por demonstrarem humanidade, cuidado e compreensão.”*

Com o objetivo de fazer uma síntese possível sobre os comentários à proposição cito na íntegra a resposta de A23 quando diz:

“A pergunta é de difícil resposta, por ser tão exigente. Em primeiro lugar, a comunidade universitária é muito heterogénea. Em segundo lugar, a identificação dos comportamentos diários nas relações inter-pessoais com a Pessoa de Jesus Cristo, não é fácil tarefa. Sem dúvida que há iniciativas da Universidade, como a Católica Solidária (Caso) coordenada pela Unidade para o Desenvolvimento Integral da Pessoa (UDIP), que se identifica com Jesus Cristo e o amor ao próximo. No entanto, no dia a dia da Universidade, essa presença (da identificação com Jesus Cristo), apenas existe na medida em que as pessoas a promovam nas suas condutas. Muitas vezes está ausente, outras presente, não sendo possível retirar daí uma conclusão universal que distinga o dia a dia da Universidade Católica com o de outras instituições.”

Em síntese:

- De forma geral, sobre a exposição da missão e visão humanista cristã da Universidade aos alunos, observamos que os três grupos de respondentes tendem a concordar com a existência da mesma. Havendo, contudo, no grupo dos alunos um quarto que discorda da afirmação;

- Os líderes e os docentes concordam acima dos 70% que a mundividência cristã da universidade é evidente através das ações que nela são levadas a cabo. Os alunos são mais conservadores na concordância (62%) e chegam a ter 34% de respondentes discordantes;

- Sobre o cumprimento das orientações da Igreja sobre o ensino universitário católico observou-se a concentração de respostas no “não sei”, sendo mais perceptível entre os alunos, tem uma significância muito particular no caso dos líderes e docentes, dado que principalmente a estes, segundo os Estatutos, se confia “a manutenção da identidade da UCP”;

- A maioria dos respondentes diz que a Universidade por ser Católica tem uma cultura organizacional diferente das demais Universidades. Sobressai, contudo, a existência de 20% de líderes que afirma não saber;

- É muito claro para os três grupos de respondentes a existência de símbolos, rituais e momentos, que definem e distinguem a Universidade enquanto Católica. Também é claro a concordância com a existência de um espírito de partilha e solidariedade;

- A maioria, nos três grupos, concorda que a comunidade universitária se caracteriza pelo respeito mútuo e pela defesa dos direitos de cada um;

- 70% dos alunos, 57% dos docentes e 20% dos líderes não consegue identificar que a Universidade Católica se identifica com a Pessoa de Jesus Cristo. 30% dos líderes não consegue dar uma resposta que vincule uma posição, afirmando que não sabe.

2. Bloco II – Administração

10 – Os líderes da UCP-Porto (Presidência, Direção de Faculdades, Coordenadores) partilham a sua visão acerca da Universidade Católica com docentes e alunos.

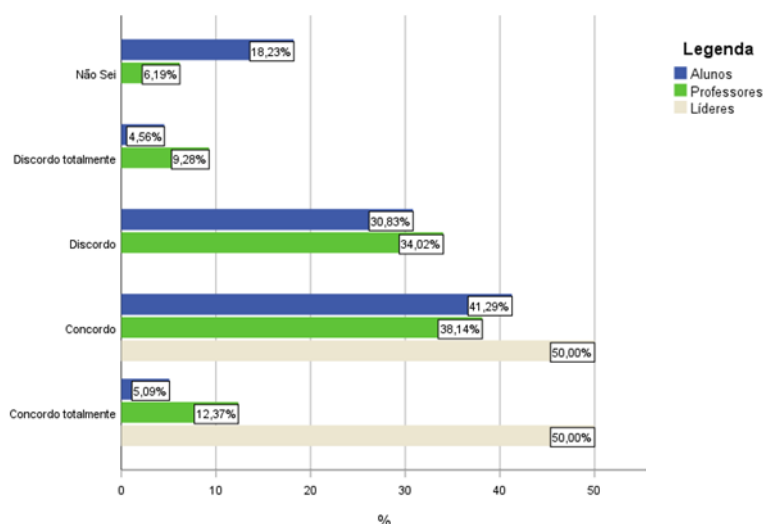


Gráfico 10 - Proposição 10

A comunicação e a partilha da visão dos líderes organizacionais sobre a identidade da instituição com os elementos da comunidade universitária é um dos elementos estruturais identificados na literatura. Assim, ao analisarmos os resultados desta proposição, chama-nos de imediato a atenção a discrepância de opinião existente entre os líderes e os outros dois grupos de respondentes. Note-se que, naquilo que já referimos como sendo o item que realça um reconhecimento pleno da proposição, a concordância total, é manifestamente significativa a diferença percentual entre a ótica dos líderes, em que 50% concorda totalmente, e os docentes e alunos, que não vão além dos 12% e 5% respetivamente. Podemos mesmo dizer que 100% dos líderes respondentes concorda ou concorda totalmente que partilha a sua visão com os docentes e os alunos. Ainda que se observe, uma percentagem de professores e alunos que concordem com a proposição em cerca de 40%, existe um número elevado dos mesmos que opta pelos itens da discordância, 43% e 35% respetivamente. Ainda que os líderes assumam de forma plenamente positiva o sugerido na proposição, fica claro que, existe uma considerável percentagem de professores e alunos respondentes, que não reconhece essa ação por parte das denominadas lideranças

11 – Os líderes enfatizam frequentemente a importância de haver um sentido de missão comum na Universidade.

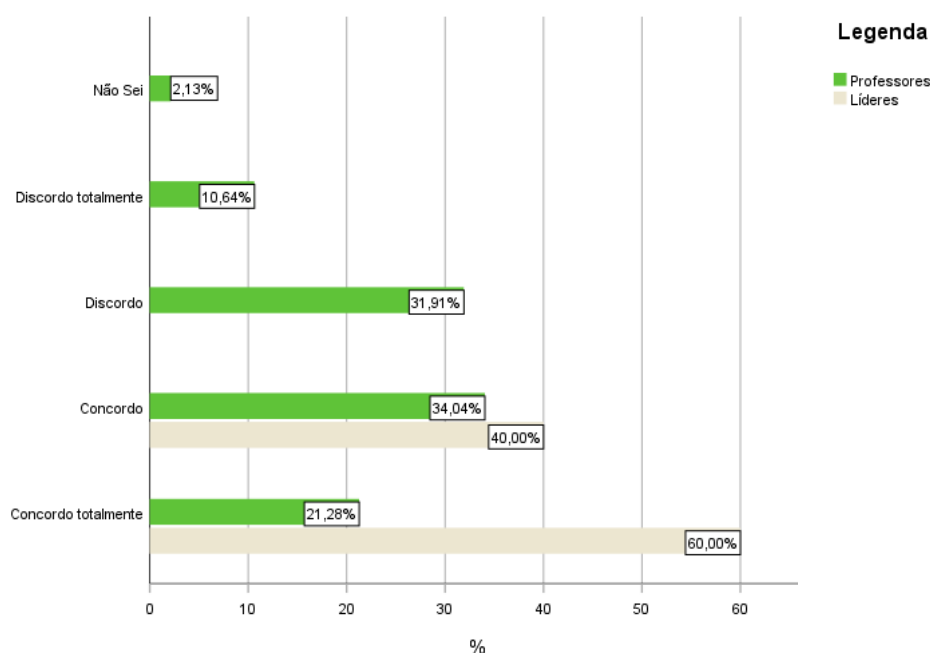


Gráfico 11 - Proposição 11 (Líderes e Professores)

Esta proposição vem na sequência da anterior, sendo que aqui especificamos a particular característica dos líderes em enfatizarem o sentido comum da missão, dado que, tal como já referido, a estes compete a manutenção da identidade da Universidade e especificamente a promoção do sentido comum da mesma. Dado que, para além dos líderes, os professores são parte da receção e conseqüente transmissão da missão da Universidade, nesta proposição apenas auscultámos estes dois grupos de respondentes. Repare-se que existe relativamente a esta proposição uma clara diferença percentual na opção das partes. Os líderes consideram, em 60% dos seus respondentes a sua concordância total, enquanto, somente 28% dos professores concorda totalmente com a proposição. Não há nenhum líder que discorde da afirmação.

Podemos ainda observar que existem 34% de docentes respondentes que concordam, contudo, um valor muito semelhante afirma discordar (42%) que os líderes enfatizam frequentemente a importância de haver um sentido de missão comum na Universidade.

12 – Os líderes são fator motivacional para o exercício das funções dos que lhe estão confiados.

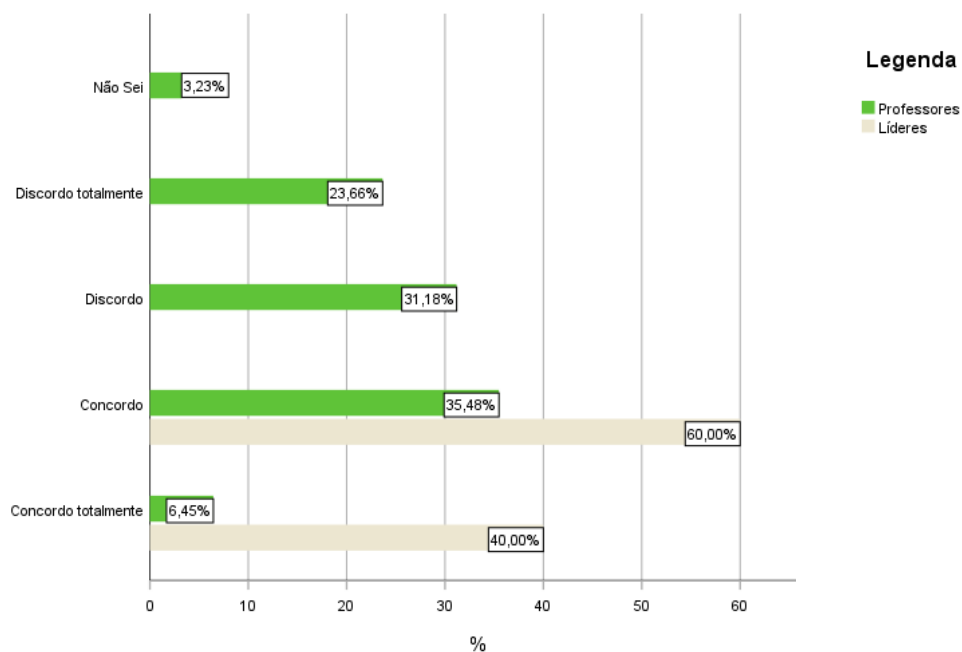


Gráfico 12 - Proposição 12 (Líderes e Professores)

Na décima segunda proposição, mais de metade dos professores (55%) discordar ou discordar totalmente com a proposição, ou seja, mais de metade dos professores considera que as lideranças não são fator motivacional para o exercício das suas funções. Em sentido oposto os líderes manifestam-se 100% concordantes.

Note-se também que, ainda que 35% dos docentes diga concordar com o enunciado, apenas 6% destes concorda totalmente.

13 – Os líderes fomentam a participação na definição da estratégia organizacional nomeadamente nos órgãos pedagógicos e de decisão.

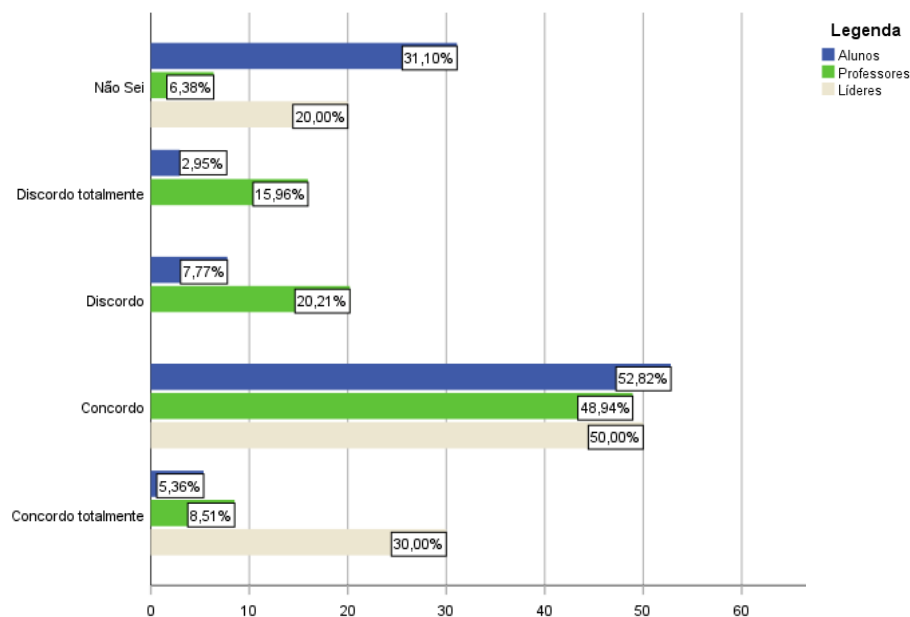


Gráfico 13 - Proposição 13

Numa primeira análise atenta-nos nos resultados o facto de existirem 20% dos líderes inquiridos que afirmam não saber se, neste caso, os próprios, são fomento da participação na definição das estratégias organizacionais. É ainda muito considerável o número de alunos que afirma também não saber (31%).

Contudo, é no item da concordância que os três grupos de respondentes mais se concentram. Rondando os três a percentagem de concordância na casa dos 50%.

Ainda assim, a maior discrepância está presente no que toca a “concordar totalmente”: os líderes (30%) distam em mais de 20% dos docentes e dos alunos, não indo estes além dos 9% e 5% de concordância total, respetivamente.

Há ainda, sobretudo nos docentes, um número significativo destes, que discordam (20%) e que discordam totalmente (16%).

14 – Os líderes falam de modo entusiástico acerca daquilo que precisa ser realizado para cumprir a missão humanista cristã da Universidade Católica.

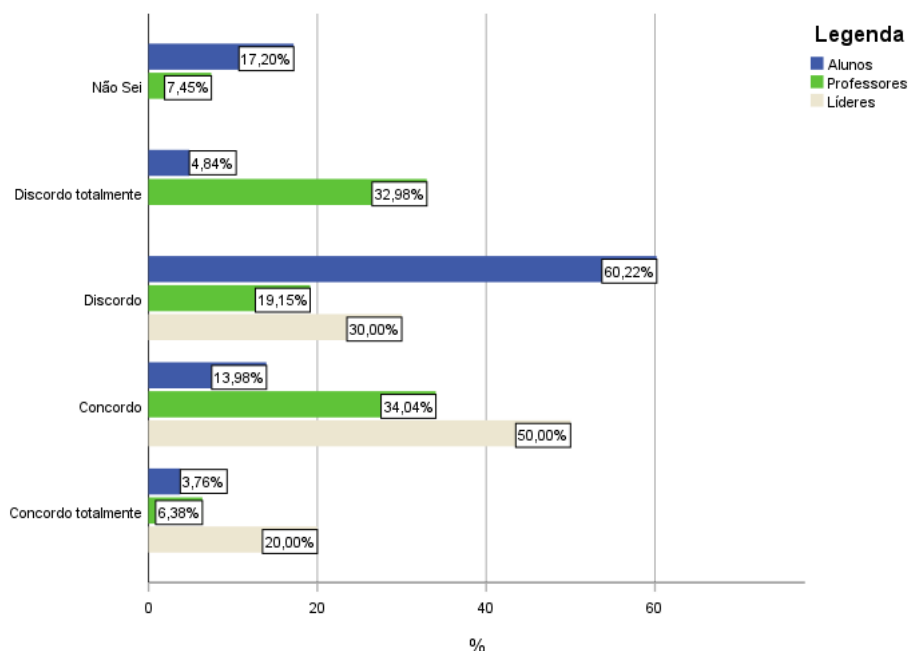


Gráfico 14 - Proposição 14

Na décima quarta proposição é no grupo dos alunos que reside uma maior percentagem de discordância, ou seja, cerca de 65% dos respondentes. Repare-se que os alunos que têm uma visão positiva sobre esta proposição, no somatório da concordância e da concordância total, não vão além dos 18%.

É muito significativo que esta seja a proposição, em todo o questionário, onde os professores, discordam totalmente em percentagem mais elevada, cerca de 33%, sendo que nestes o somatório dos itens de discordância e de discordância total é de 52%. Em perspetiva antitética, relativamente à visão dos docentes e dos alunos, os líderes afirmam falarem de modo entusiástico acerca daquilo que precisa ser realizado para cumprir a missão humanista cristã da Universidade, optando o seu grupo de respondentes pela ótica positiva da escala num somatório de 70%. Contudo, é de realçar que no grupo das lideranças temos 30% de respondentes que discordam que os próprios, ou seja, os líderes, assumam a postura enunciada na proposição.

15 – Os líderes partilham o poder aquando da necessidade de tomar decisões sobre a organização da Universidade.

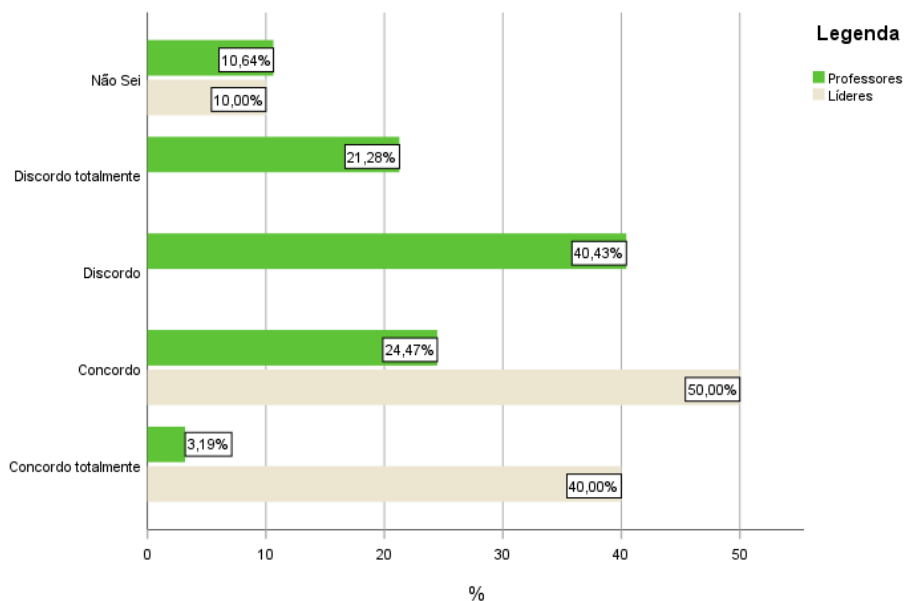


Gráfico 15 - Proposição 15 (Líderes e Professores)

Os resultados relativos à décima quinta proposição acentuam aquilo que temos observado de forma global neste segundo bloco. Os líderes consideram, de forma altamente significativa, que partilham o poder aquando da necessidade de tomar decisões sobre a organização da Universidade (90%). Quando se trata de concordar totalmente são 40% dos líderes respondentes que se situam neste item, um valor muito distante do dos docentes que concordam totalmente, com apenas 3%.

Também no item da concordância é notória a discrepância entre os respondentes enquanto 50% dos líderes afirma concordar, apenas 24% dos docentes assinala esta opção. Sendo que, nenhum líder discorda ou discorda totalmente, enquanto mais de 60% dos professores se situam na ótica negativa da escala, em que 40% discorda e 21% discorda totalmente.

Note-se ainda que 10% dos líderes respondentes afirma não saber.

16 – Os líderes estão atentos às necessidades dos que lhe estão confiados fornecendo-lhes o apoio necessário.

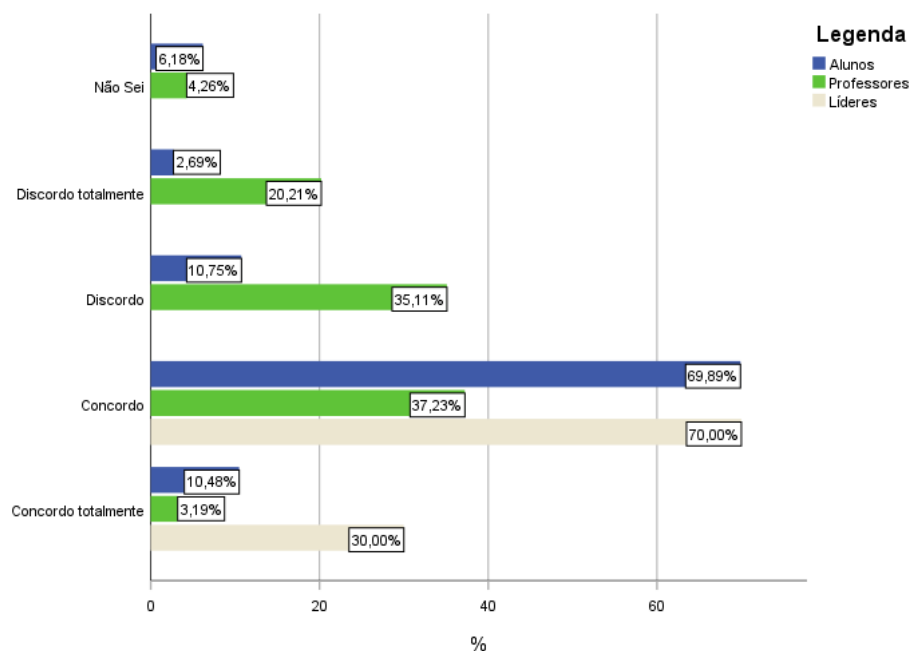


Gráfico 16 - Proposição 16

Os resultados desta proposição indicam-nos pela primeira vez um exemplo em que face às lideranças, os docentes e os alunos apresentam uma visão bem distinta. Os alunos concordam em 80% que os líderes estão atentos às necessidades dos que lhe estão confiados e fornecem-lhes o apoio necessário. Os líderes afirmam dar 100% dessa atenção e apoio. Já os docentes não vão além dos cerca de 40% quando toca a concordar com o enunciado.

Se olharmos para o binómio positivo e negativo da escala vemos, como referido, que os líderes assumem a 100% uma atitude positiva face ao enunciado. Contudo, os professores têm uma ótica bem diferente destes e são cerca de 55% aqueles que consideram que os líderes não estão atentos às necessidades dos que lhe estão confiados.

17 – Os líderes conhecem as potencialidades dos membros da comunidade universitária fazendo uma correta gestão dos recursos humanos para responder às necessidades.

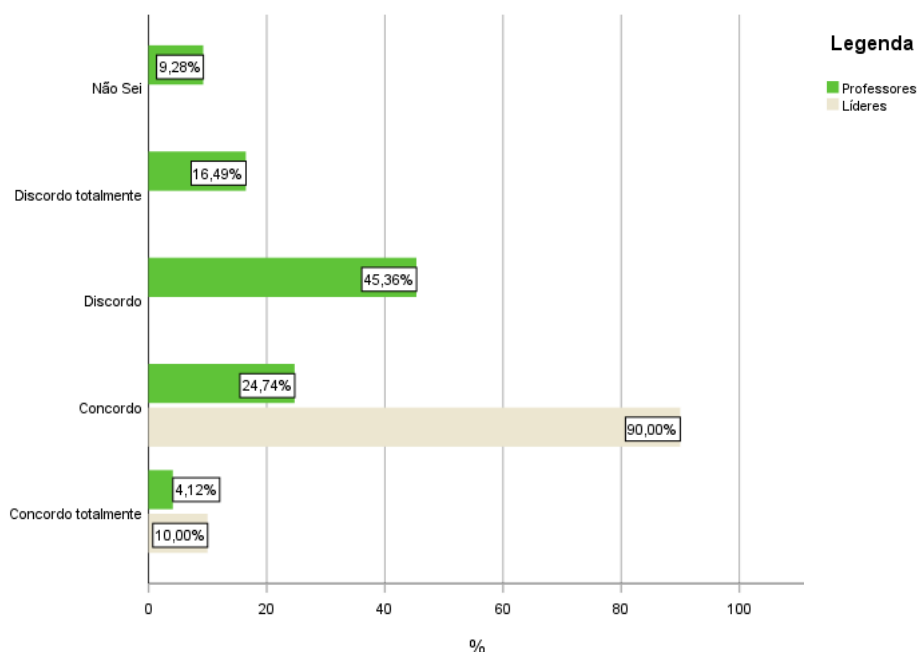


Gráfico 17 - Proposição 17 (Líderes e Professores)

Escutar o sentido da comunidade, conhecer as potencialidades dos seus membros, nomeadamente dos colaboradores e consequentemente gerir os recursos humanos a partir da premissa enunciada na literatura de uma Universidade de Pessoas para Pessoas, é uma das dimensões estruturantes da cultura organizacional de uma Universidade Católica. Nesta proposição procurámos perceber em que medida isso era espelhado na visão dos líderes e dos professores. Podemos observar que os líderes afirmam conhecer as potencialidades dos seus liderados numa percentagem de concordância de 100%. Por seu lado, quando a tendência é concordar, os professores não vão além dos 29%, distanciando-se, em percentagem, dos líderes numa diferença de 71%. A diferença de ótica sobre a mesma proposição nota-se ainda mais, quando mais de 50% dos professores se situa nas dimensões negativas da escala, discordando em 61%.

Note-se que a percentagem dos respondentes que concorda totalmente, em ambos os grupos, é significativamente baixa.

18 – Os líderes garantem a coerência do Projeto Educativo e da qualidade pedagógica da Universidade.

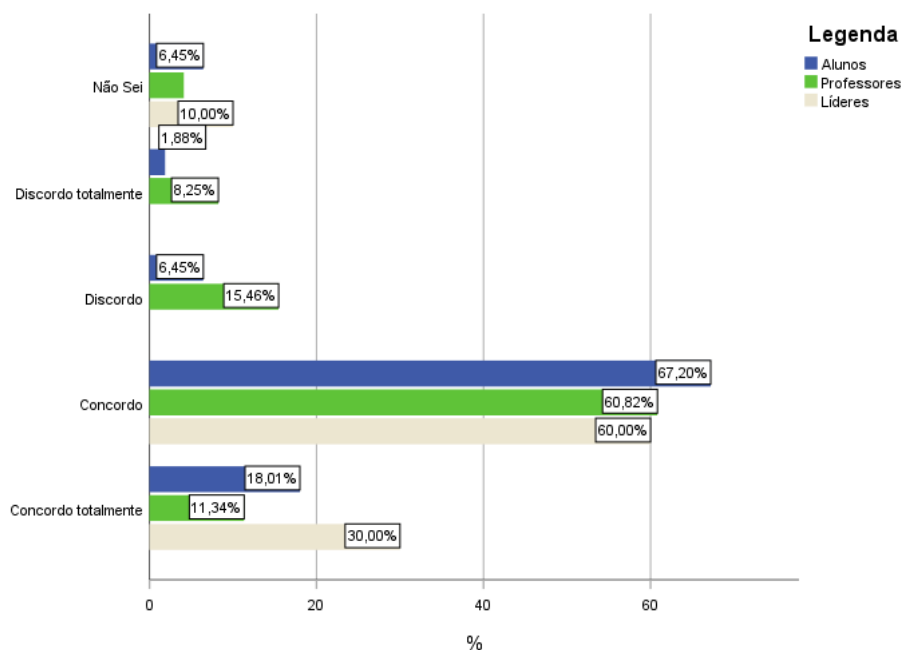


Gráfico 18 - Proposição 18

A partir da proposição dezoito, conseguimos perceber que no que se refere à dimensão pedagógica, nomeadamente na preocupação pela qualidade e coerência do Projeto Educativo, existe uma tendência geral para a concordância com a proposição sempre superior aos 70% nos respondentes dos três grupos, com um ligeiro aumento de percentagem quando à opinião dos alunos diz respeito (75%). Ainda assim, somente 30% dos líderes afirma com concordância total que é garante da coerência do Projeto Educativo e da qualidade pedagógica.

Nesta proposição é muito elucidativa a tendência positiva na somas das partes dos três grupos, sendo, contudo, os professores aqueles que assumem uma tendência mais conservadora na concordância total (11%). Os docentes são aqueles onde também é possível registar percentagens de discordância (23%), destacando-se neste aspeto dos outros dois grupos de respondentes.

19 – As lideranças na sua atuação têm por base a ideia de serviço ao próximo.

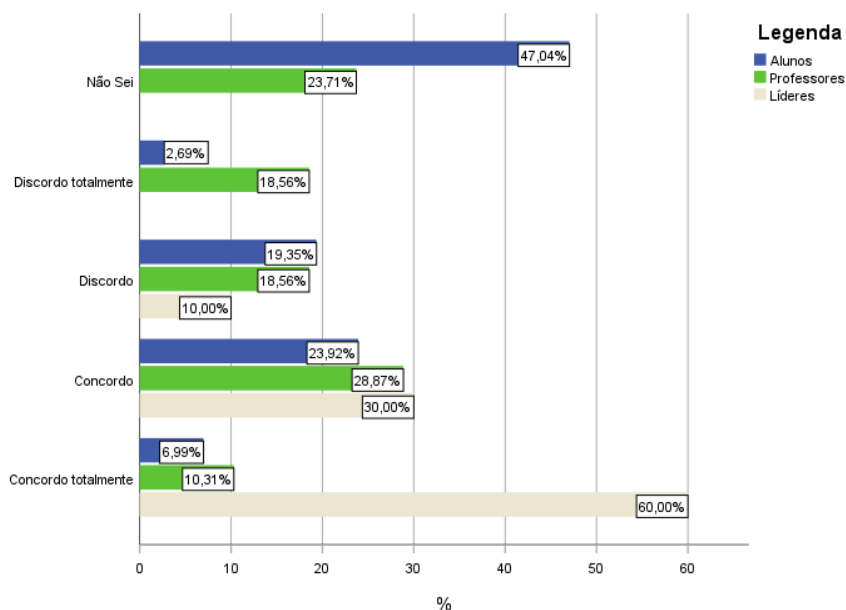


Gráfico 19 - Proposição 19

A liderança como um serviço ao próximo é um dos indicadores que a literatura nos aponta como parte da cultura organizacional de uma Universidade Católica. Assim, o primeiro ponto que nos merece nota é o item da concordância total. Neste, observamos a discrepância existente entre os líderes, que concordam totalmente em 60%, ou seja, que entendem a sua atuação como um serviço ao próximo, e os docentes e os alunos, que apenas concordam totalmente em 10% e 7%, respectivamente.

Na soma positiva das partes, a concordância e a concordância total nos professores ronda os 39%, sendo que nos itens de discordância e de discordância total o valor percentual é de 38%. Note-se que perto de um quarto da amostra nos docentes (24%) não sabe dizer se as lideranças atuam com base na ideia de serviço ao próximo, sendo que também os alunos seguem na sua concentração maioritária esta opção, registrando-se 47% que afirmam “não saber”, observando-se assim uma clara discrepância face a concordância dos líderes que se totaliza em 90%.

Com exceção de 10% da amostra dos líderes que afirma discordar, os restantes têm uma visão positiva e de assentimento quanto à sua atuação com base na ideia de serviço ao próximo, o que é claramente dissonante com a não consensualidade dos restantes respondentes, particularmente os professores.

20 - As decisões tomadas são discernidas com critérios evangélicos.

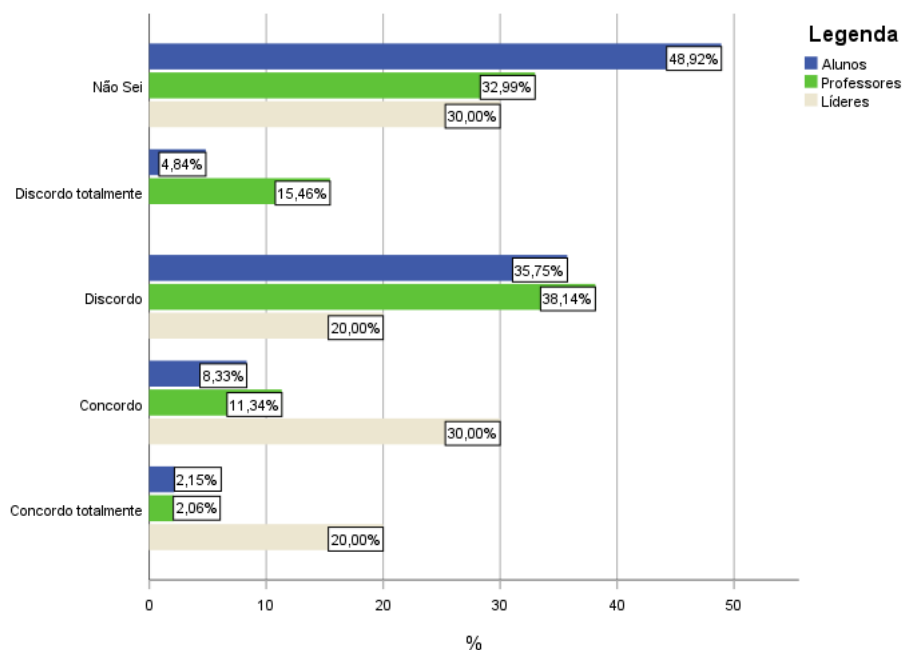


Gráfico 20 - Proposição 20

As decisões discernidas a partir dos critérios evangélicos são referidos na literatura como marca distintiva e fundamento da cultura organizacional de uma Universidade Católica. Com exceção do item “discordo totalmente”, os líderes distribuem-se por todos os restantes itens da escala. Algo que não acontecera até agora. Com efeito, 50% dos líderes, no somatório das partes, concorda ou concorda totalmente, enquanto os restantes consideram, numa percentagem de 30%, não saber se as decisões tomadas são discernidas com critérios evangélicos. São também cerca de 32% os docentes que afirmam não saber, assim como aproximadamente metade dos alunos.

Contudo, é na discordância que se nota maior homogeneidade nas respostas e os resultados apresentam-nos 54% de professores e 41% de alunos a discordar da proposição. Registamos ainda que neste item 20% dos líderes discorda que as decisões sejam discernidas com critérios evangélicos.

Ainda que, como vimos, 50% dos líderes concorde, apenas 13% de professores e 10% de alunos segue esta mesma tendência.

Em Síntese:

- Os líderes assumem de forma plenamente positiva que partilham a sua visão acerca da Universidade Católica. Existe uma considerável percentagem de professores (43%) e alunos (35%), que não reconhece essa ação por parte das denominadas lideranças;

- 100% dos líderes concorda que enfatiza frequentemente a importância de haver um sentido de missão comum na Universidade. A afirmação é ratificada por 55% de docentes, existindo, contudo, 46% de docentes que discordam da mesma;

- Os líderes concordam em 100% serem fator motivacional para o exercício das funções dos que lhe estão confiados. Contudo, a concordância somente é acompanhada por 42% dos docentes, dado que 55% destes, discorda dessa visão;

- Ainda que cerca de 50% dos respondentes nos três grupos, concordem que os líderes fomentam a participação na definição da estratégia organizacional e nos órgãos pedagógicos, sobressai a percentagem de alunos (31%) e de líderes (20%) que diz não saber;

- A maioria dos respondentes do grupo dos alunos e docentes não concorda que os líderes falem entusiasticamente do que precisa de ser realizado para cumprir a missão humanista cristã da Universidade. Existem também 30% de líderes que não concorda com a proposição.

- 62% dos docentes discorda que os líderes partilhem o poder aquando de tomar decisões sobre a organização da Universidade. 90% dos líderes dizem fazê-lo;

- 80% dos alunos afirmem que os líderes estão atentos às necessidades dos que lhes estão confiados, já os docentes discordam em 55% da mesma proposição;

- Os líderes afirmam na sua totalidade conhecerem as potencialidades dos membros da comunidade e de gerirem corretamente os recursos humanos para responder às necessidades. Os docentes discordam em 62%;

- Nos três grupos, a maioria dos inquiridos, sempre acima dos 70%, considera que os líderes garantem a qualidade pedagógica e a coerência do Projeto Educativo;

- Quando se pergunta se as lideranças têm na sua atuação a ideia de serviço ao próximo, nos docentes a concordância ronda os 39% e a discordância os 38%. Há uma discrepância clara face à visão dos líderes que concordam em 90%. Existem 47% de alunos e 24% de docentes que afirmam “não saber”.

- Apenas 10% de alunos e 13% de docentes, concorda que as decisões sejam discernidas com critérios evangélicos. Os restantes ou discordam ou não sabem. Neste ponto sobressaem os 30% de líderes que dizem não saber e o facto de ser o item, neste bloco, onde a concordância dos líderes é mais baixa, 50%.

3. Bloco III - Ensino e Investigação

21 - São utilizados mecanismos variados para promover, ao nível do ensino, a articulação entre a Fé e a Razão.

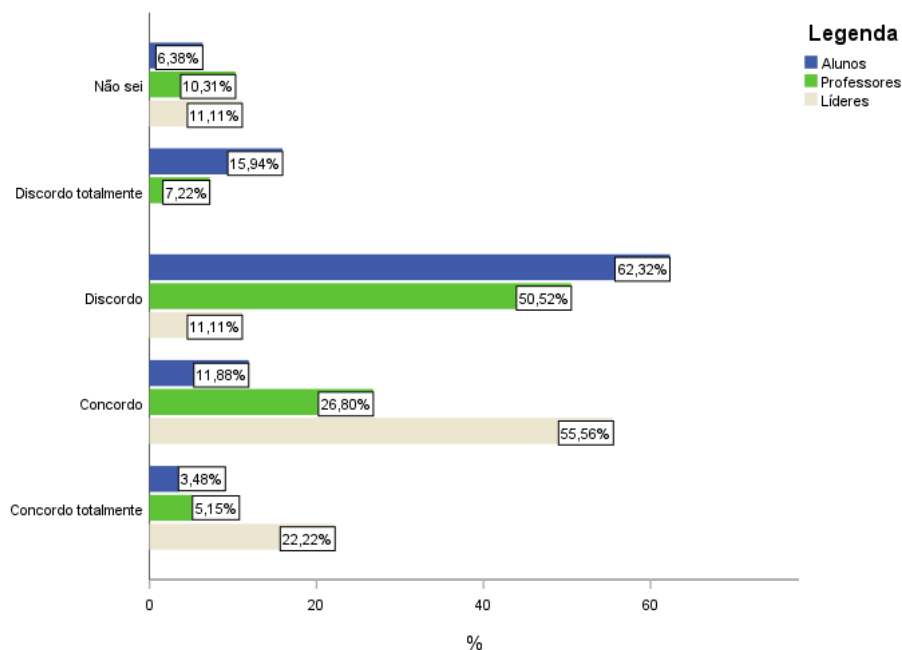


Gráfico 21 - Proposição 21

Para melhor percebermos esta realidade referente às dinâmicas relacionais entre a Fé, a Razão no ensino, retirámos tanto na proposição 21 como na 22 os respondentes, professores e alunos, afetos à Faculdade de Teologia.

Quando questionados sobre a utilização de mecanismos para a promoção ao nível do ensino da articulação entre a Fé e a Razão, chama-nos a atenção a percentagem de discordância, tanto nos alunos como nos professores, 78% e 58% respetivamente. Registando-se 11% de líderes que afirmam também discordar. A existência de uma discrepância nas opiniões não é só notória no item da discordância, mas também quando à concordância, pois enquanto 78% dos líderes concorda que são usados mecanismos para promover a articulação entre a fé e a razão, apenas 15% dos alunos e 32% dos professores afirmam concordar, sendo que estes últimos são os elementos da Universidade que, à partida, criam condições para fazer acontecer a dita articulação e promoção.

22- Ao nível do ensino é visível a preocupação por uma dinamização de um diálogo fecundo entre o Evangelho e as várias áreas do saber.

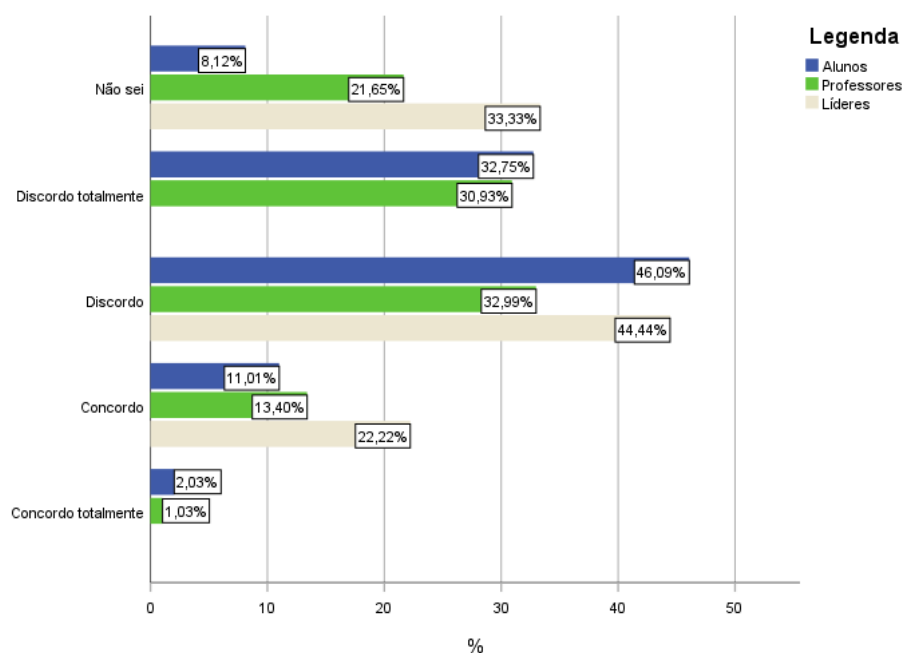


Gráfico 22 - Proposição 22

Nesta proposição é clara a tendência para a opção dos itens negativos da escala. Veja-se que, todos os grupos de respondentes têm representatividade, em valores percentuais consideráveis, na discordância, desde os alunos (79%) aos líderes (44%), passando pelos professores (64%). Claramente os respondentes não concordam que exista uma preocupação por uma dinamização de um diálogo fecundo entre o Evangelho e as várias áreas do saber.

No que respeita ao “não sei” é de realçar a diferença percentual entre os líderes e os alunos. Os alunos revelam conhecer melhor a questão e enunciam uma resposta de caráter mais discernida que os líderes, sendo que estes afirmam não ter opinião em 33% e os alunos apenas em 8%.

Ao nível da concordância destaca-se o grupo dos líderes, com um valor situado nos 22%, que é superior ao dos professores (14%) e dos alunos (13%).

23- A Universidade zela e procura o rigor intelectual.

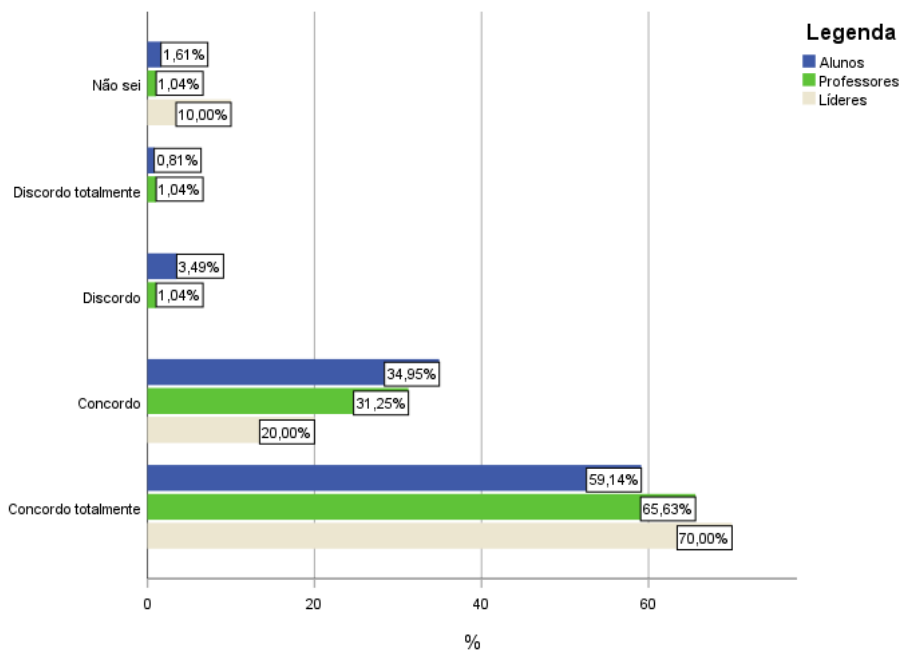


Gráfico 23 - Proposição 23

Quando se trata de questionar sobre o zelo e a procura do rigor intelectual por parte da Universidade a tendência é muito clara. Os três grupos de respondentes situam-se em maior percentagem nos dois itens positivos da escala, sendo que é na concordância total com a proposição que mais respostas se registam. Não há inclusive uma distribuição que permita falar de heterogeneidade entre os grupos de respondentes. Se fizermos o exercício de somar os dois itens positivos da escala todos os respondentes tendem a concordar e a concordar totalmente num valor igual ou superior ao 90%.

Os restantes valores são residuais, com exceção de uma pequena nota sobre a existência de 10% de líderes respondentes que afirma não saber.

24 - Procuo fazer o meu trabalho tendo em conta a doutrina católica, fazendo pontes com a sua dimensão ética.

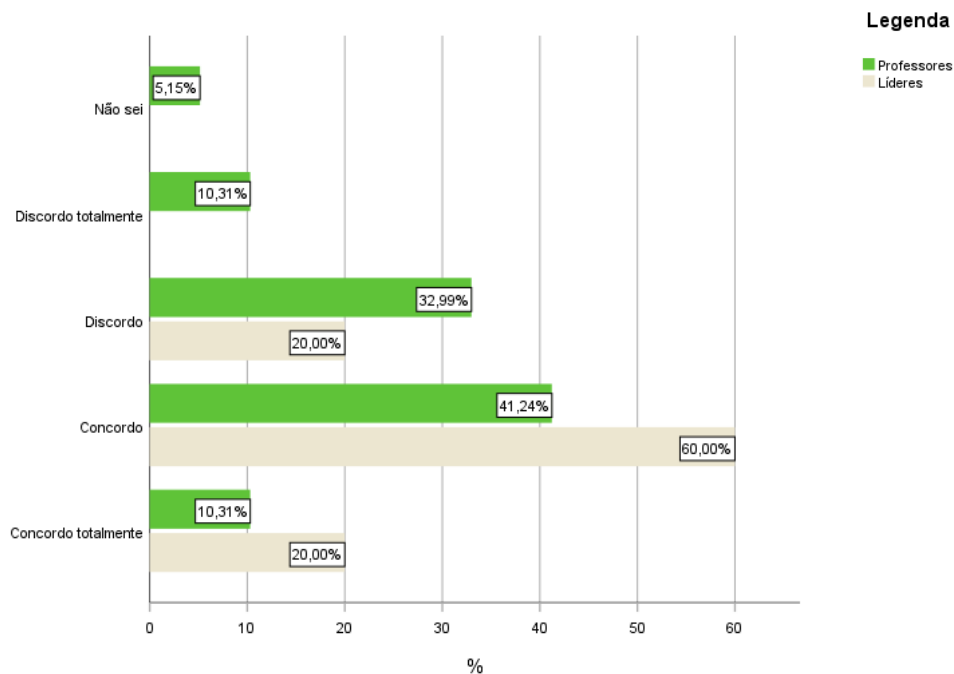


Gráfico 24 - Proposição 24 (Líderes e Professores)

No que respeita ao trabalho e a sua relação com a doutrina católica e a sua dimensão ética, os líderes são aqueles que dizem ter mais em conta esta relação na sua atividade.

Quando se trata de concordar, os líderes apresentam um valor percentual de 80% de concordância sendo que os docentes se distanciam negativamente em 20 pontos percentuais, sendo 51% os respondentes professores que dizem ter em conta a doutrina católica e a sua dimensão ética. Contudo, é bastante considerável existirem cerca de 43% de docentes que discordam da proposição (10% que discorda totalmente).

Juntam-se ainda 20% de líderes que afirmam também a sua discordância face à proposição.

25 – Considero que no cumprimento dos meus deveres de aluno posso contribuir para ajudar a Igreja a refletir sobre os problemas do mundo de hoje.

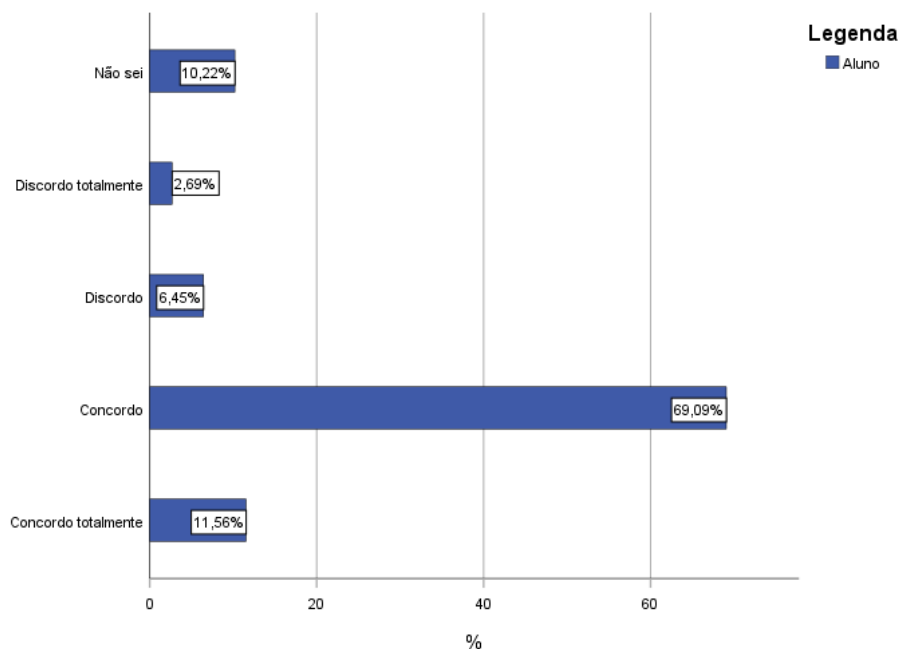


Gráfico 25 - Proposição 25 (Alunos)

A grande maioria dos alunos, cerca de 80%, concorda com a proposição de que no cumprimento dos seus deveres contribui para ajudar a Igreja a refletir sobre os problemas do mundo de hoje (12% concorda totalmente). Juntam-se em total concordância um grupo de cerca de 10% de alunos.

26 - Procuro estar atento aos documentos e orientações da Igreja sobre o ensino universitário católico.

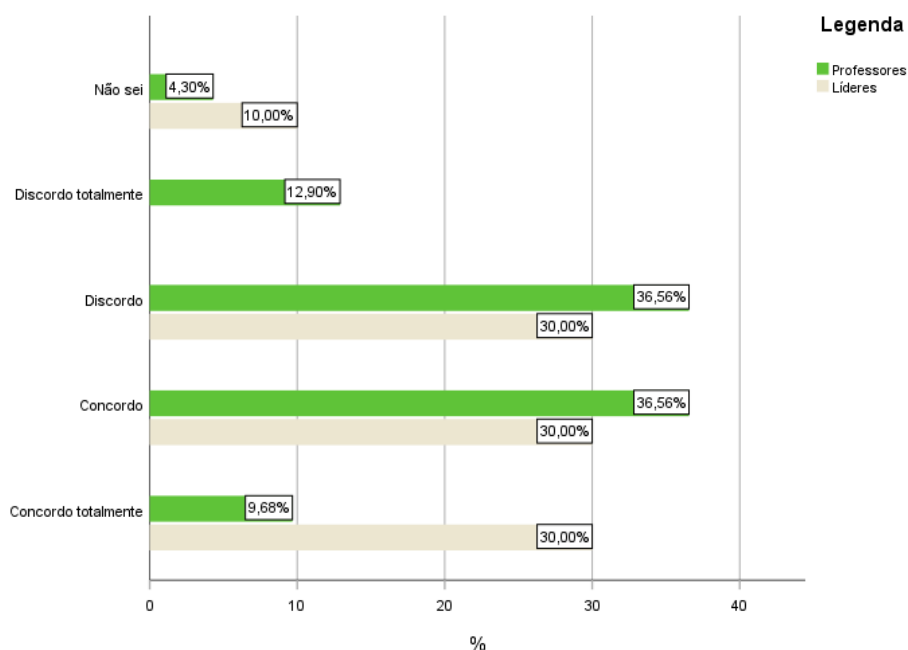


Gráfico 26 - Proposição 25 (Líderes e Professores)

Nesta proposição os líderes assumem a concordância em 60%, e discordam da proposição em 30%. Na concordância total nota-se um distanciamento considerável em cerca de 20 pontos percentuais face aos docentes que concordam totalmente, 10%.

Os docentes dividem-se entre concordância e discordância em partes semelhantes. Já os líderes, como vimos, concentram a sua opinião na concordância (60%).

Chama-nos ainda a atenção o facto dos líderes, enquanto primeiros responsáveis pelo zelo da identidade e cultura organizacional da Universidade, discordarem em 30 %, existindo mesmo 10% de respondentes líderes que afirma não saber.

27 - São fornecidos recursos acerca da missão humanista cristã da universidade para contribuir para a formação e atualização dos seus membros.

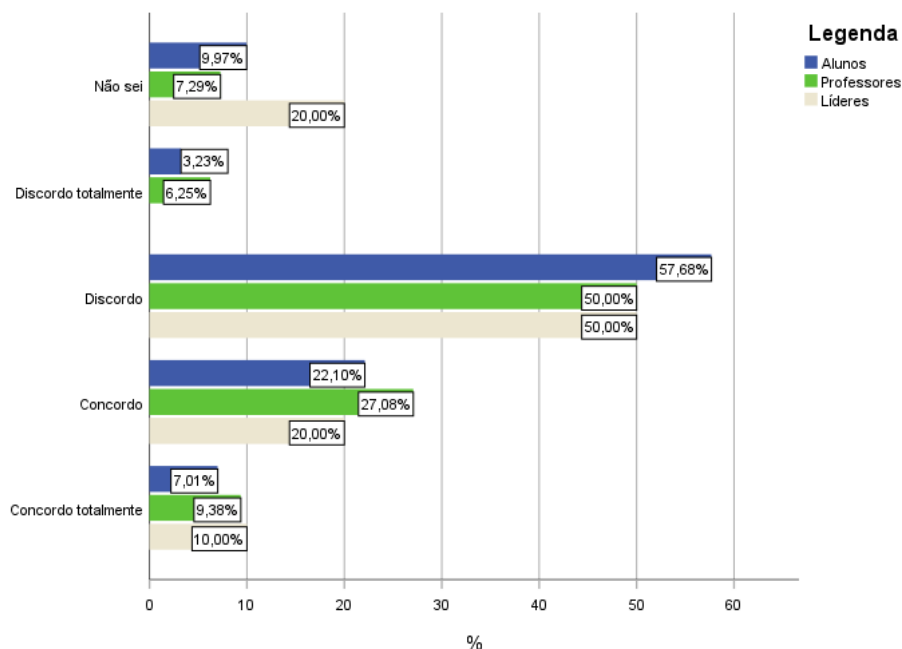


Gráfico 27 - Proposição 26

Os três grupos de respondentes discordam que sejam fornecidos recursos para a formação dos seus membros acerca da missão humanista cristã da universidade. A discordância ronda os 50% nos líderes, os 56% nos docentes e os 61% nos alunos. Todos os grupos de respondentes tem pelo menos metade, da sua amostra neste item da escala, sendo os alunos os que mais discordam desta proposição.

A possibilidade de concordar totalmente não cimeta mais de 10% de respondentes em cada grupo, o que demonstra uma grande distância daquilo que seria a concretização ideal da proposição.

Chama-nos ainda a atenção o facto de existirem 20% de líderes que dizem não saber se os recursos para a formação cristã são ou não fornecidos.

Regista-se também um nível de concordância, entre os 27% e os 36%, nos três grupos.

28 - Considero que é clara, na universidade, a sua vocação para educar para o respeito pela dignidade da pessoa humana e o valor da vida.

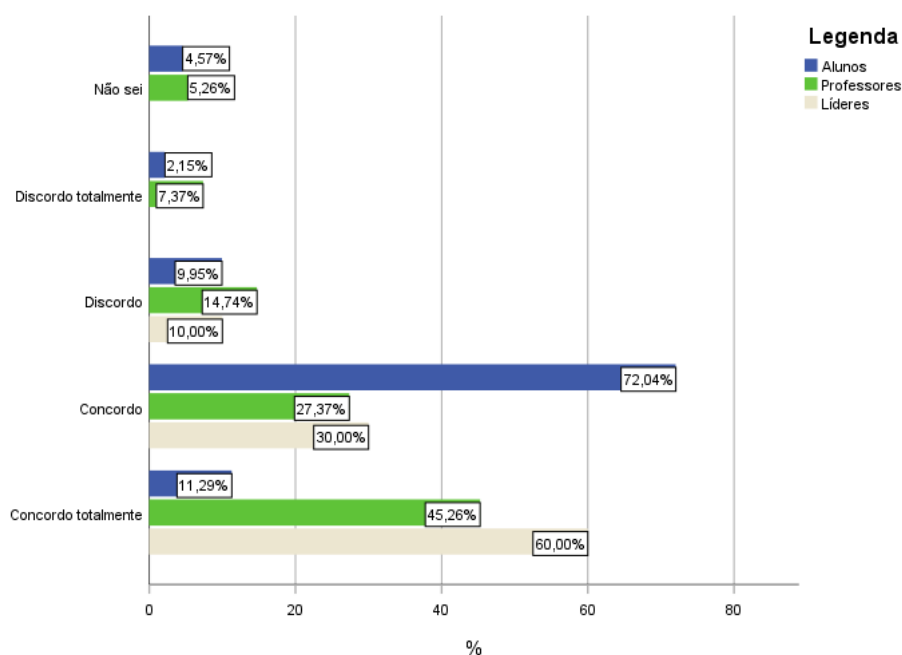


Gráfico 28 - Proposição 27

A vocação da Universidade para educar para o respeito pela dignidade da pessoa humana e o valor da vida, é uma proposição que recolhe uma concordância bastante considerável dos respondentes. Note-se que os alunos concordam em 83% que existe uma clareza nesta proposta, sendo que os professores e os líderes manifestam níveis elevados de concordância, 72% e 90% respetivamente. Quanto à concordância total, ainda que os líderes sejam aqueles que maior percentagem apresentam, 60%, a percentagem de professores respondentes, é muito significativa, 45%.

Contudo, não deixa de ser relevante, que existam cerca de 22% de professores que discordam (7% que discordam totalmente). Em ambos os itens de discordância, são os docentes que apresentam valores mais elevados.

Registam-se 10% de líderes respondentes que discordam que é clara a vocação da Universidade para educar para o respeito pela dignidade da pessoa humana e o valor da vida.

29 - A investigação na Universidade é informada pela moral e pela ética.

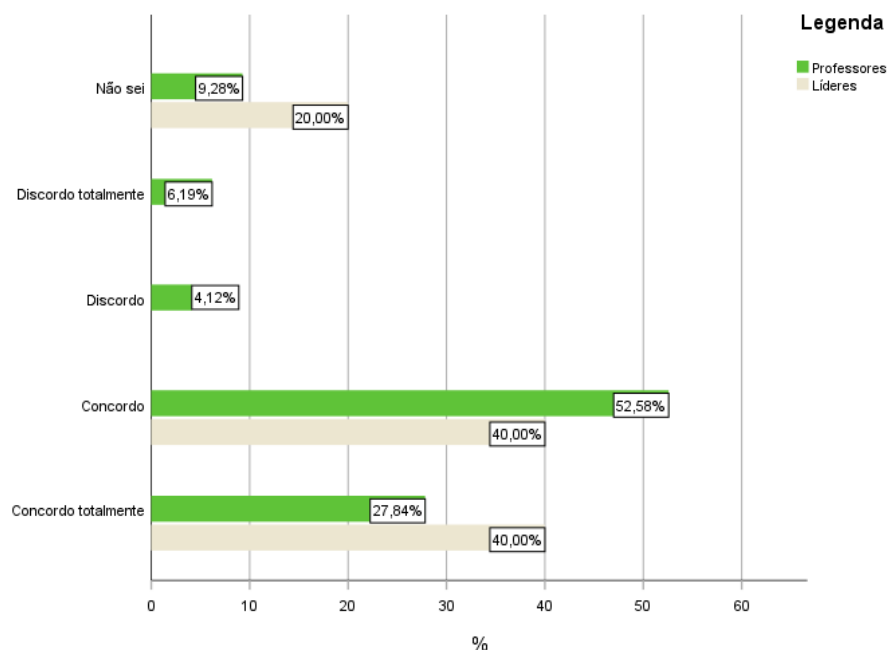


Gráfico 29 -Proposição 28 (Líderes e Professores)

Quando questionados se a investigação na Universidade é informada pela moral e pela ética tanto nos docentes como nos líderes existe uma tendência dominante, que é a de concordar com a proposição. Contudo, dentro dos níveis de concordância, se é notória a igual distribuição dos líderes nos dois itens, 40%, também é possível observar que os docentes são mais conservadores quando a “concordar totalmente”, cerca de 28%.

Ainda que os valores possam parecer residuais, não é de menor importância dar nota da existência de 20% de líderes que diz não saber se a investigação na universidade é informada pela moral e pela ética.

30 – A Investigação levada a cabo na Universidade é orientada pela procura da verdade e não condicionada por outros interesses.

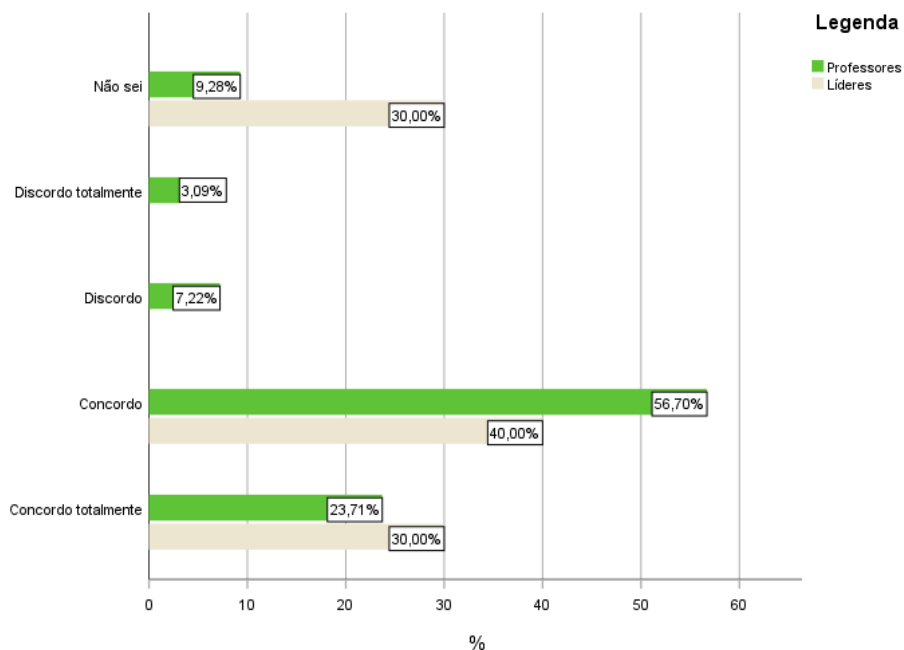


Gráfico 30 - Proposição 29 (Líderes e Professores)

Na mesma linha temática da questão anterior procuramos perceber qual a opinião dos docentes e dos líderes sobre se a investigação levada a cabo na Universidade é orientada pela procura da verdade e não condicionada por outros interesses. À semelhança da proposição anterior há uma predominante distribuição de respondentes pelos itens positivos da escala. Note-se, contudo, que existe, tanto nos professores, como nos líderes, uma posição ligeiramente mais conservadora face à proposição anterior, ou seja, aumenta a percentagem de “concordo” e diminui a percentagem de concordância total.

Ainda que não existam líderes em qualquer um dos níveis de discordância, é de salvaguardar o registo de uma percentagens de docentes respondentes que discorda do enunciado, rondam a casa dos 10%.

Um dado diferenciador face ao gráfico anterior é o aumento do número de líderes que afirma não saber, constituindo 30% dos respondentes deste grupo.

31 - A investigação é realizada em temas de interesse para a Igreja e a sua missão.

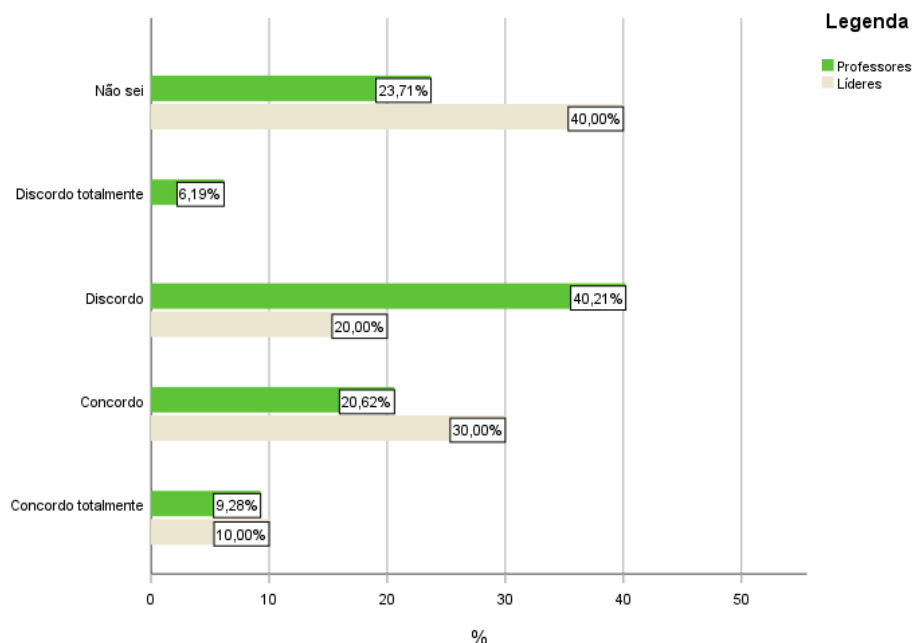


Gráfico 31 - Proposição 30 (Líderes e Professores)

Quando nesta tríade de proposições sobre a investigação, a questão se detém sobre a realização da mesma em temas de interesse para a Igreja e a sua missão, aumenta não só a heterogeneidade das respostas, mas também a percentagem de discordância em ambos os grupos.

Parece-nos que aqui, mais do que comparar entre os dois grupos, devemos olhar para a especificidade de cada um. Repare-se que 40 % dos líderes diz não saber se a investigação trata temas de interesse para a Igreja e a sua missão. Existem ainda 20% de líderes que dizem discordar da proposição.

Na soma positiva das partes, a concordância e a concordância total nos líderes não vai além dos cerca de 40%, menos de metade da amostra dos líderes.

Os professores assumem a discordância como opção maioritária do seu grupo, em cerca de 46%, sendo que cerca de 40% diz concordar e 24% diz mesmo não saber. Na concordância total, em ambos os grupos, a percentagem não ultrapassa os 10%.

32 – Enquanto Aluno da Universidade Católica procuro ter em conta a ética e a moral no desempenho quotidiano.

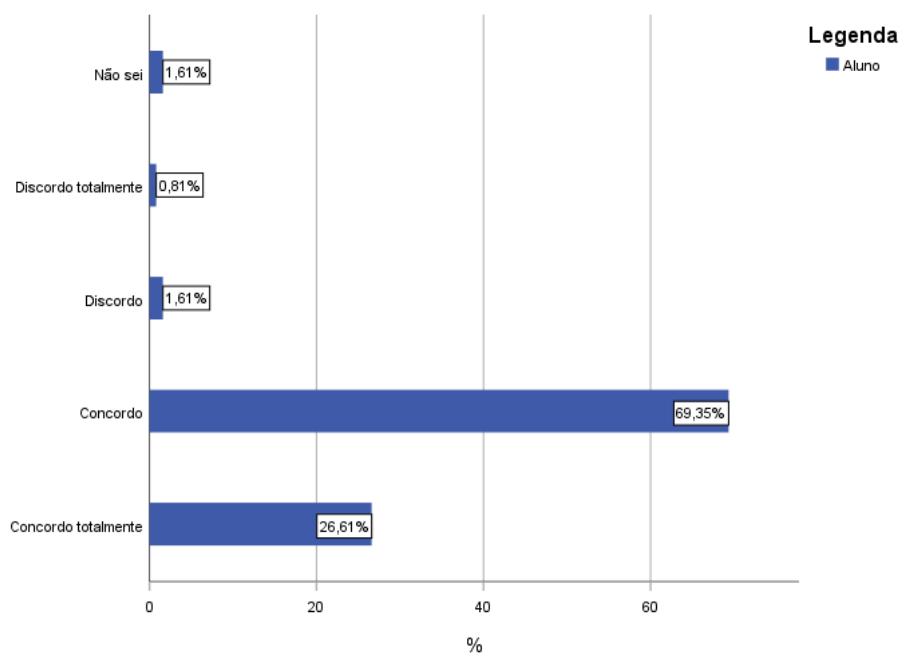


Gráfico 32 - Proposição 28 (Alunos)

A grande maioria dos alunos considera que no seu desempenho quotidiano tem em conta a ética e a moral enquanto aluno da Universidade Católica. São cerca de 69% os que dizem concordar e 27% os que dizem concordar totalmente.

São muito residuais as percentagens de discordância, discordância total e de alunos que dizem não saber. Dado a formulação da proposição é provável que os respondentes se tenham preocupado em colocar “dentro” do ideal subjacente à afirmação.

33 - No cumprimento dos meus deveres de aluno posso contribuir para ajudar a Igreja a refletir sobre os problemas do mundo de hoje.

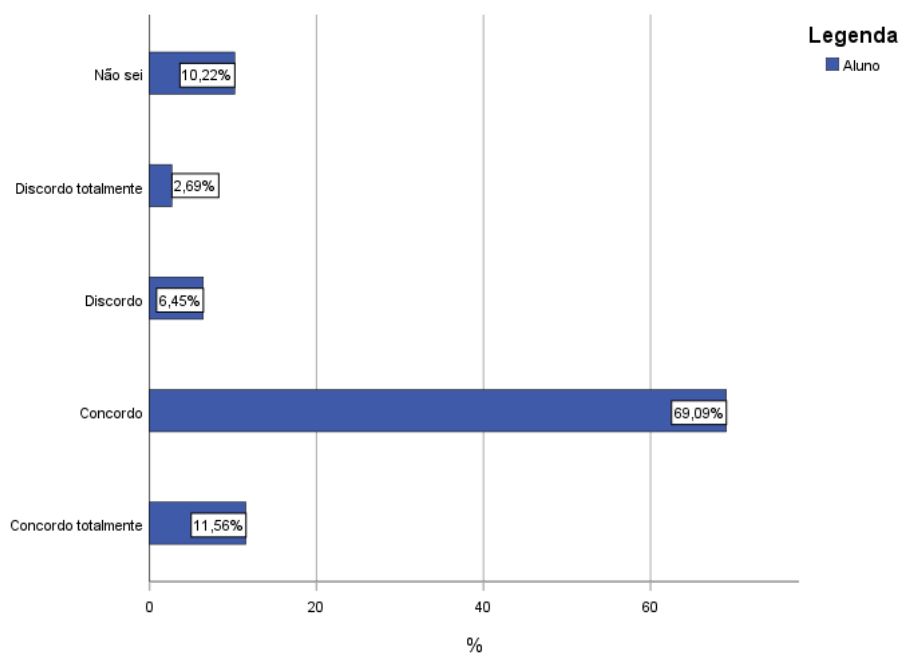


Gráfico 33 - Proposição 24 (Alunos)

O mesmo se passa com esta afirmação quando se trata de saber se enquanto aluno contribui para ajudar a Igreja a refletir sobre os problemas do mundo de hoje, ainda que se mantenham os 69% de concordância, a concordância total cai para metade, face à proposição anterior, cerca de 12%, aumentando a percentagem de discordantes, para cerca de 6%.

A percentagem daqueles que dizem não saber passando de cerca de 2% para 10% face à proposição anterior.

34 – Reconheço a existência de interdisciplinaridade nas diversas áreas do currículo do meu curso.

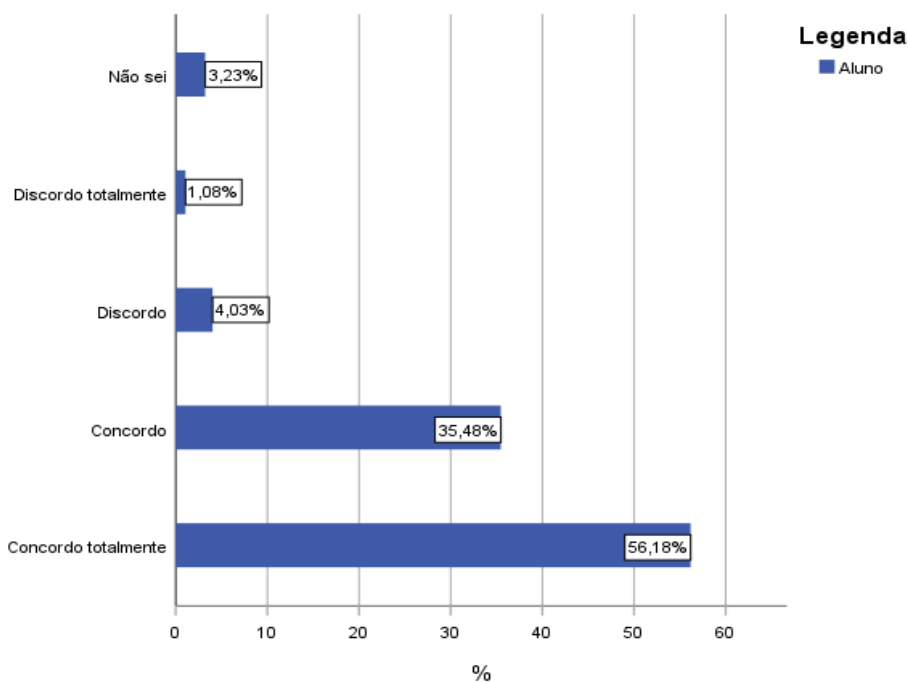


Gráfico 34 - Proposição 29 (Alunos)

Um dos resultados de maior consensualidade, e sobretudo de maior percentagem em total concordância, relativamente às proposições expostas unicamente aos alunos, aparece nesta proposição. São 56% os alunos que afirmam concordar totalmente com a existência de interdisciplinaridade nas diversas áreas do currículo do seu curso. A estes somam-se ainda os restantes alunos concordantes, que o são em 35%.

3.1 As Unidades Curriculares de “Cristianismo” – uma marca distintiva?

35 – As unidades curriculares de Cristianismo e Cultura Mundividência Cristã acrescentam algo verdadeiramente significativo à minha formação integral.

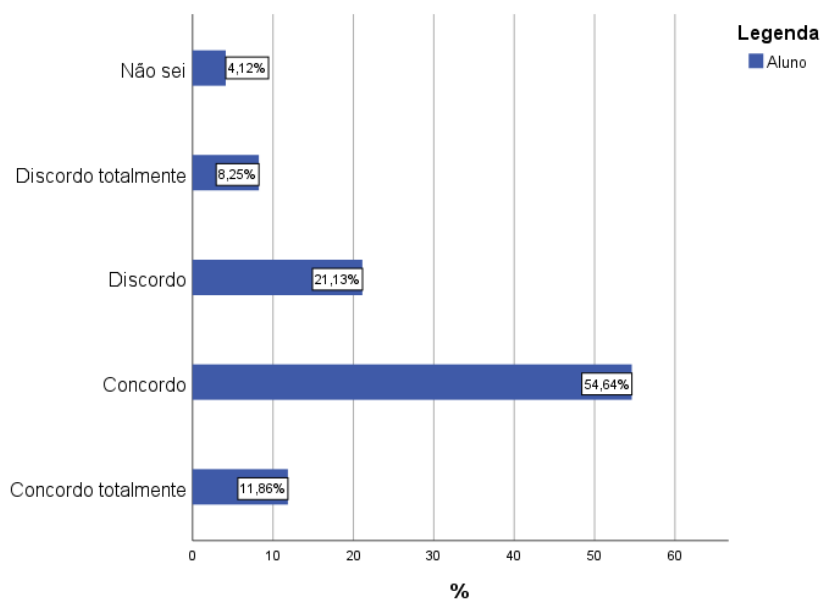


Gráfico 35 - Proposição 30 (Alunos)

Tabela 13 - Comentários/composições dos alunos à proposição 30.

Considero que as unidades curriculares de Cristianismo e Cultura Mundividência Cristã acrescentam algo verdadeiramente significativo à minha formação integral.

A1 – “sim, considero que a uc desenvolve e incide sobre temáticas de extrema importância no quotidiano dos nossos alunos.”

A2 – “Não. Não obstante, compreendo a necessidade de a universidade nos fornecer uma educação integral e humanista e, portanto, não restrita aos meandros do direito e da gestão – parece-me que a aposta por disciplinas mais abrangentes e aglutinadoras deveria ser o caminho.”

A3 – “Não, pela estrutura curricular da cadeira. Os valores e a essência da religião não são absorvidos; sendo fulcral uma maior dinâmica.”

A4 – “Sendo os valores cristãos a base fundamental da cultura portuguesa, a unidade curricular de Mundividência Cristã desempenha um papel importante para qualquer estudante, aproximando-nos desses mesmos valores.”

A5 – “A unidade curricular (u.c) referida instrui um conjunto de temas e matérias que não são precedidos de uma base comum a todos os alunos. A u.c beneficiaria a minha formação integral -como ser religioso que sou e toda a pessoa é- se procurasse dar respostas à imensidade de perguntas que todo e qualquer aluno tem. A teorização que se faz à volta da matéria, o seu carácter iminentemente histórico, a falta de centralidade e objetividade do currículo, a dispersão alargada dos temas abordados, faz com que esta

u.c ser torne infrutífera, não acrescentando algo que, pela ocupação curricular que ocupa, provocasse, guiasse, orientasse os alunos a responderem aos temas centrais da vida humana – a vida e a morte, o bem e o mal, o destino último e o sentido de todas as coisas –, temas que aos quais a Igreja, Corpo Místico de Cristo, procura responder e que é, sem lugar para dúvidas, a resposta a estas perguntas últimas dos jovens alunos da Universidade. Isto sim, se procurada com retitude de intenção e, posteriormente e realmente, aderida de corpo e alma.”

A6 – “Não porque o que de facto me acrescenta não é verdadeiramente significativo, apesar de útil (minimamente).”

A7 – “Penso que não, uma vez que a cadeira não é adequada para a realidade do ensino que é apresentada. Existe uma falta de ligação entre a vertente económica e a unidade curricular de cristianismo.”

A8 – “Não.”

A9 – “Sim, pois permite a discussão destes assuntos com outras pessoas com diferentes perspetivas e ideias, levando a uma visão mais aberta para as outras pessoas e uma maior abertura para crenças diferentes das nossas.”

A10 – “Não, sendo católica até fiquei chocada com a forma como os temas eram abordados, com os piores argumentos e comparações na maior parte das vezes. Acho impossível ter acrescentado alguma coisa a alguém que tenha estado nas aulas.”

A11 – “Não concordo, uma vez que não me identifiquei com os vários temas lecionados.”

A12 – “Não, pois existem pessoas que não são cristãs que são obrigadas a ter a unidade curricular.”

A13 – “Sim, a mim cristã e a colegas ateus também penso que sim, podem não mudar de religião, mas modo de pensar sobre alguns conceitos sim.”

A14 – “Não, um vez que considero que não «considero» que seja necessário nem útil na minha área.”

A15 – “Não, visto que não vejo onde estas unidades curriculares podem influenciar no futuro, na nossa área laboral.”

A16 – “Discordo no entanto penso que se fosse dado de outra maneira acrescentaria”

A17 – Sim, na medida em que me fez ouvir e perceber outros pontos de vista podendo assim argumentar de uma (?) manter uma mente aberta.”

A18 – “não considero que acrescenta algo significativo à minha formação, se tanto, aumenta o conhecimento e cultura, acabando por ser bom para quem se interessa no assunto ou tem curiosidade.”

A19 – “Na teoria sim. Acredito que aprender sobre qualquer religião, neste caso a católica, só pode ter benefícios para a formação integral dos alunos, no entanto, da forma que foi lecionada a unidade curricular (...) no curso de (...) não considero que tenha acrescentado nada de significativo.”

A20 – “Acho que essa cadeira acrescenta bastante a nível pessoal e do autoconhecimento (+) relação com o outro, o que tem como consequência uma influência na nossa vida (geral), o que abrange a vida curricular.”

A26 - “Sim, pois permite adquirir novas perspetivas, pensamentos e gerar debates sobre temáticas de interesse geral, respondendo a questões mais profundas.”

A27 – “Enquanto aluno de conservação e restauro, não vejo grande contribuição para a minha formação, visto que não abrange conhecimentos que me possibilitem aplicar, ou relacionar ou até mesmo criticar, numa futura carreira profissional. Porém, reconheço que enquanto aluno interessado que sou, e que como eu podem haver mais, é uma unidade curricular que acrescenta novos conhecimentos, que nos expande e abre horizontes. No fundo foi um experiência muito boa em Cristianismo e Cultura.”

A partir do gráfico podemos observar que a grande maioria dos alunos tem uma visão positiva face à existência destas Unidades Curriculares, que comumente chamamos de Cristianismo.

Repare-se que, 55% dos alunos “concorda” que estas Unidades Curriculares acrescentam algo verdadeiramente significativo à sua formação integral, juntando-se a estes mais cerca de 12% que afirmam “concordar totalmente” com a proposição, num total de 67% de concordância.

Ainda assim, é de registar que quase um terço dos alunos respondentes se situa nos itens negativos da escala, sendo que 21% opta por discordar e 8% por discordar totalmente.

Propomo-nos cimentar a leitura dos dados quantitativos através dos enunciados produzidos pelos alunos. Os dados obtidos a partir destas composições não são diretamente condizentes com os dados obtidos pelo questionário online. Existem de facto alunos a referir que estas Unidades Curriculares acrescentam algo verdadeiramente significativo à sua formação integral, como A1, A17, A20 ou A27, com argumentos de caráter mais lato, como o *“autoconhecimento (..) a relação com o outro”*, ou o diálogo *“com outras pessoas com diferentes perspetivas e ideias, levando a uma visão mais aberta (...) e uma maior abertura para crenças diferentes das nossas”*.

Para além daqueles que dizem que a Unidade Curricular não acrescenta nada de significativo à sua formação integral, existe uma quantidade considerável de respondentes que dá a entender que a Unidade Curricular de Cristianismo, nas licenciaturas, beneficiaria a sua formação integral e o *“ser religioso que toda a pessoa é”* (A5), apontando, contudo, aquilo que podemos chamar de condicionantes e “se’s”. Por exemplo, A3, fala da *“estrutura curricular da cadeira”* e da necessidade de *“uma maior dinâmica”*, assim como A5, que indo na mesma linha, opta por especificar e exemplificar a que se refere:

“A teorização que se faz à volta da matéria, o seu caráter iminente histórico, a falta de centralidade e objetividade do currículo, a dispersão alargada dos temas abordados, faz com que esta u.c. ser torne infrutífera, não acrescentando algo que, pela ocupação curricular que ocupa, provocasse, guiasse, orientasse os alunos a responderem aos temas centrais da vida humana – a vida e a morte, o bem e o mal, o destino último e o sentido de todas as coisas” (A5).

A16, ainda que de forma mais sintética, sintetiza este argumento ao dizer – *“discordo, no entanto penso que se fosse dado de outra maneira acrescentaria”*.

A14 afirma que - *“não considero que seja necessário nem útil na minha área”,* - seguindo-se-lhe A15 que se foca no mesmo fundamento – *“não vejo onde estas unidades curriculares podem influenciar no futuro, na nossa área laboral”*.

Poderíamos até usar as palavras de A16 para sintetizar aquela que parece ser, na maioria dos respondentes à composição, a questão em causa - *“Na teoria sim. Acredito que aprender sobre qualquer religião, neste caso a católica, só pode ter benefícios para a formação integral dos alunos, no entanto, da forma que foi lecionada a unidade curricular (...) no curso de (...) não considero que tenha acrescentado nada de significativo.”*

As respostas às afirmações seguintes ajudam a esclarecer as opiniões dos alunos. Salientamos novamente que, nas composições transcritas para a tabela 15, estão espelhadas e distribuídas de forma aleatória, as opiniões de alunos de todas as licenciaturas, com exceção de Enfermagem, pela inexistência de respondentes, e da Dupla Licenciatura em Direito e em Gestão, pelo facto de nesta ter ocorrido a experiência de Observação e os seus resultados a esta mesma proposição serem enquadrados aquando da apresentação dos resultados dessa mesma Observação.

36 – O currículo das áreas de Cristianismo e Cultura\Mundividência Cristã está concebido de modo adequado ao meu curso.

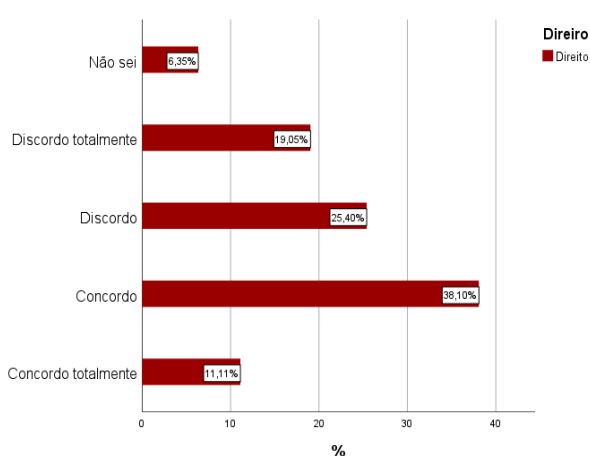


Gráfico 36 - Proposição 31 (Alunos Direito)

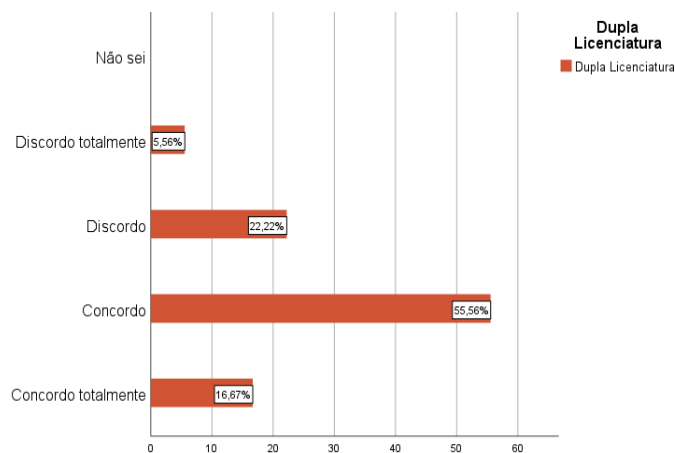


Gráfico 37 - Proposição 31 (Alunos Dupla)

A proposição 31 foi apresentada a todos os respondentes de todas as licenciaturas, contudo, apenas responderiam a esta proposição os alunos que já haviam frequentado a área curricular que denominamos por Cristianismo. Deste dado, resulta que somente na Licenciatura em Direito e na Dupla Licenciatura em Direito e em Gestão, a amostra cumpre os requisitos que procurámos aplicar globalmente em todo o estudo, ou seja, existirem dados suficientes para que o nível de confiança não seja inferior a 90% e a margem de erro não seja superior a 10%. Não se pretende fazer uma comparação entre as leccionações das áreas curriculares, mas sim perceber o impacto e a opinião que destas existe por parte dos alunos. Ainda assim, não podemos ser alheios ao facto de existirem alguns resultados que tornam inevitável uma leitura das realidades das duas licenciaturas lado a lado, até porque, uma das razões que nos levou a fazer o exercício de Observação na Dupla Licenciatura foram os resultados obtidos a partir das respostas a esta proposição. Os resultados da tabela 16 não incluem novamente os alunos da Dupla Licenciatura em Direito e em Gestão pela razão mencionada anteriormente.

Tabela 14 - Comentários/composições dos alunos à proposição 31.

Considero que o currículo das áreas de Cristianismo e Cultura Mundividência Cristã está concebido de modo adequado ao meu curso.
A1 – “Não posso dizer que concordo totalmente com a afirmação acima. Creio que devia haver um maior esforço para adequar as temáticas ao “mundo do direito”, não me querendo aqui referir apenas à licenciatura, mas também ao que se segue após o término da mesma.”
A2 – “Não. Há um desfasamento absoluto entre aquilo que são os conteúdos essenciais do direito e o tipo de conteúdos que a disciplina de mundividência ensina apostando numa contra doutrina dos estudantes, ignorando conteúdos relevantes como por exemplo a democracia cristã.”
A3 – “Não, cai um pouco de paraquedas.”
A4 – “Considero que sim, no entanto seria importante mudar a forma como a unidade curricular é lecionada de modo a conseguir reter melhor a atenção dos estudantes.”
A5 – “Não. Numa Universidade, no geral, e no meu curso, em particular, onde a larga maioria dos que a frequentam não têm Fé, por a terem perdido ou nunca chegado a tê-la – seja na existência de Deus, seja na Igreja, como meio e instrumento necessário para a nossa salvação – , o currículo desta u.c não está concebida de forma adequada a contribuir que os alunos se formem com um critério sincero e discernido sobre a mensagem e a proposta da Igreja, aliada, centralizada e enraizada na pessoa de Cristo.”
A6 – “Não – demasiado exigente atendendo ao programa curricular da licenciatura.”
A7 – “Não, pois a unidade curricular é completamente paralela à ideologia do curso.”
A8 – “Não, é demasiado exigente para conjugar com o restante curso.”
A9 – “Sim, pois foram decididos em conjunto vários temas do interesse da turma, que foram relacionados com o tema do cristianismo e cultura cristã.”
A10 – Não, os temas eram bastante aleatórios e tudo dado de forma muito estranha. Tendo em conta que no meu curso havia muitas pessoas não crentes, os temas, os conteúdos e a forma como foi dado, só lhes fez parecer que a Igreja e os Padres dizem coisas (...) da boca para fora.”
A11 – “Apesar de não me identificar, considero que houve uma tentativa, por parte do professor, de se aproximar o máximo possível do meu curso.”
A12 – “Não.”
A13 – “Sim, são nos dados conceitos relacionados com a cultura cristã e ciência (no meu curso).”
A14 – “Não, considero que não acrescenta nenhum conhecimento nem habilidade relacionada com o curso.”
A15 – “Sim, dado que os temas debatidos foram ligados à nossa área e como avaliar certas situações eticamente.”
A16 – “Discordo podia ser mais adequado a temas dos cursos dos quais frequentamos.”
A17 – “Não, pois tocam em temas com a concepção da ciência que contestam práticas utilizadas atualmente.”
A18 – “de certa forma, consigo entender o porquê da cadeira mas não acho que seja necessário para o curso.”
A19 – “Não.”
A20 – “Acho que poderia ser mais adaptado aos cursos pois é uma cadeira subjetiva que envolve crenças e opiniões individuais.”

A26 – “As temáticas abordadas são de interesse geral, pelo que se adequa ao meu e a qualquer curso.”

A27 – “Como referido acima, especificamente para o meu curso não está. Sendo que, ainda assim, considero a unidade curricular bastante interessante.”

No gráfico respeitante à opinião dos alunos de Direito, podemos observar que existem 49% de alunos que concordam que a área de Cristianismo está curricularmente concebida de modo adequado ao seu curso.

Contudo, é significativa a percentagem de alunos que dizem discordar e sobretudo discordar totalmente da proposição, 25% e 19%, respetivamente. Se tivermos em conta os polos da escala, percebemos que a percentagem de alunos que discorda totalmente é praticamente o dobro comparativamente com os alunos que concordam totalmente.

Quanto à Dupla Licenciatura é possível observar que mais de metade da amostra, 72%, afirma concordar com a proposição de que o currículo de Cristianismo está concebido de forma adequada ao seu curso (17% de alunos concordam totalmente).

Existem 28% de alunos que discordam da proposição (6% discorda totalmente). É significativo que ninguém tenha assinalado a opção “não sei”, o que demonstra que possivelmente este grupo de respondentes tem uma ótica aclarada sobre a proposição. Como já foi referido estes dados contribuíram para a decisão de fazer a experiência Observante com uma amostra homologa destes alunos.

Na tabela 16, procuramos ilustrar a recolha de apreciações qualitativas. Os dados da tabela, não contam, como na anterior, com os respondentes da Dupla Licenciatura à Composição\comentário.

Chama-nos a atenção o facto de que em vinte alunos que comentaram a proposição, apenas quatro digam que concordam com a mesma. Os argumentos para a citada concordância são pouco específicos, A13 diz por exemplo – “*Sim, são nos dados conceitos relacionados com a cultura cristã e ciência (no meu curso)*” e A4, ainda que considerando que sim, julga que “seria importante mudar a forma como a unidade curricular é lecionada de modo a conseguir reter melhor a atenção dos estudantes”.

A argumentação quanto à não concordância é mais específica. A1 por exemplo, diz que “*devia haver um maior esforço para adequar as temáticas ao*

“mundo do direito”. Sendo que se percebe que o argumento da interdisciplinaridade e da relação temática é transversal a outros comentários, como os de A10, A16, A17 e A20. Já A2, ainda que seguindo a mesma linha argumentativa, vai mais longe e chega mesmo a referir temas que consideraria oportunos e úteis ver abordados, bem como a opção pedagógica relativamente à Unidade Curricular, sendo relevante a expressão que usa, quando diz que se aposta numa *“contra doutrina dos estudantes”*,

“há um desfasamento absoluto entre aquilo que são os conteúdos essenciais do direito e o tipo de conteúdos que a disciplina de mundividência ensina apostando numa contra doutrina dos estudantes, ignorando conteúdos relevantes como por exemplo a democracia cristã” (A2).

A5, em linha com o já referido nas anteriores proposições, centra o seu comentário na preocupação que parece ter relativamente à apresentação do pensamento da Igreja e da Pessoa de Cristo,

“Numa Universidade, no geral, e no meu curso, em particular, onde a larga maioria dos que a frequentam não têm Fé, por a terem perdido ou nunca chegado a tê-la – seja na existência de Deus, seja na Igreja, como meio e instrumento necessário para a nossa salvação – , o currículo desta u.c não está concebido de forma adequada a contribuir que os alunos se formem com um critério sincero e discernido sobre a mensagem e a proposta da Igreja, aliada, centralizada e enraizada na pessoa de Cristo” (A5).

Tanto os temas tratados, como a pedagogia utilizada diante da existência de alunos crentes e não crentes, parece ser também a preocupação de A10, que refere que “os temas eram bastante aleatórios e tudo dado de forma muito estranha”. Quanto à pedagogia realça a ideia de que no seu curso *“havia muitas pessoas não crentes, os temas, os conteúdos e a forma como foi dado, só lhes fez parecer que a Igreja e os Padres dizem coisas (...) da boca para fora.”*

Talvez A3, nos resuma, até de forma icónica, parte deste sentir de alguns dos respondentes, quando diz que o currículo de Cristianismo não está adequado ao seu curso, pois para ele *“cai um pouco de paraquedas.”*

3.2 Os Objetivos das Unidades Curriculares de “Cristianismo”.

Nos inquéritos online os alunos foram questionados sobre o enquadramento das Unidades Curriculares de Cristianismo no seu curso em específico e do impacto destas na sua formação integral.

Para aprofundar este ponto do estudo, analisámos os Objetivos de cada Unidade Curricular de “Cristianismo” nas várias Licenciaturas, dado que estes, e segundo Silva e Lopes “têm claramente a função de orientação do ensino, da aprendizagem e da avaliação” e “são declarações claras e válidas do que os professores pretendem que os seus alunos aprendam e sejam capazes de fazer no final de uma sequência de aprendizagem” (2016, p. 13).

Os mesmos autores referem também que os objetivos devem ser desafiadores para os alunos e serem realistas e atingíveis. É ainda referido o facto de vários estudos apontarem para uma relação entre objetivos desafiadores e maiores níveis de realização escolar, satisfação e motivação. Os objetivos devem ser explícitos e concisos, a possibilidade de serem vagos faz com que não se forneça uma orientação clara aos alunos (M. Silva & Lopes, 2016).

Neste ponto apresentam-se os Objetivos das referidas Unidades Curriculares, de forma a perceber, através da associação destes com as categorias e subcategorias de análise oriundas da literatura, os resultados dos questionários e as composições, em que medida se cruzam com a nossa síntese e qual o impacto que têm para a chamada formação integral do aluno.

As fichas das unidades curriculares foram codificadas (anexo 43) de forma a facilitar a leitura na apresentação e posterior discussão de resultados e de forma a evitar associações imediatistas com os docentes responsáveis pelas unidades curriculares. Na codificação, apenas se identifica a unidade orgânica, a partir das siglas genéricas das mesmas. Será exceção a este caso, a unidade curricular de Cristianismo e Cultura da Dupla Licenciatura em Direito e em Gestão, onde decorreu a observação não participante e foi dado o expreso consentimento para a associação dos objetivos da unidade curricular às categorias de análise e às composições dos alunos, devidamente anonimizadas.

Não consta a Ficha da UC ministrada na Escola de Enfermagem por não ter sido cedida para o estudo.

Tabela 15 - Os elementos constituintes do Ensino Universitário Católico e os Objetivos das UC's de Cristianismo.

Interdisciplinaridade	
Sub categorias a partir da síntese sobre os elementos constituintes do ethos universitário católico relativamente ao Ensino.	Correspondência com os objetivos das UC's da área disciplinar de Cristianismo.
Articulação entre e a Fé e a Razão.	<p>ED/D (4) - Habilitar o aluno de Direito da Universidade Católica a enfrentar, com mais competência, as grandes questões culturais, éticas e espirituais do nosso tempo.</p> <p>ED/DP (1) - Conhecer as coordenadas culturais - axiológicas, estéticas, espirituais, doutrinárias, - fundamentais do Cristianismo emergentes do Concílio Vaticano II e do magistério dos Papas posteriores ao Concílio;</p> <p>EA (2) - Fornecer elementos conceptuais e analíticos indispensáveis a uma leitura cristã do mundo.</p>
Diálogo fecundo entre o Evangelho e as várias áreas do saber.	<p>ED/D (5) - Tendo na doutrina cristã uma referência fundamental, ficará mais capacitado para uma abordagem mais ampla e aprofundada das questões religiosas, culturais e éticas subjacentes ao Direito.</p> <p>ED/DP (4) - Interiorizar, a partir dos personagens discipulares e dos documentos apresentados, valores e referências cristãmente fundados, que permitam aos estudantes virem a ser capazes de enformar humanisticamente a cultura do mundo do Direito e da Gestão no seu futuro exercício profissional;</p>

<p>Tem particular atenção o diálogo com a teologia, a ética e a filosofia;</p>	<p>ED/D (2) - Proporcionar uma reflexão sobre o homem, a sua dignidade e o seu agir ético tendo em conta a doutrina cristã.</p> <p>ED/DP (1) - Conhecer as coordenadas culturais - axiológicas, estéticas, espirituais, doutrinárias, - fundamentais do Cristianismo emergentes do Concílio Vaticano II e do magistério dos Papas posteriores ao Concílio;</p> <p>FEP (2) - Reconhecer a relevância da relação do Cristianismo com a(s) Cultura(s) e com a Ética(s) coevas.</p> <p>FEP (3) - Refletir sobre questões éticas do exercício da Psicologia.</p>
<p>Educação liberal, que respeita a liberdade individual e desenvolve os talentos do aluno.</p>	<p>ED/DP (5) - Proporcionar a cada estudante a oportunidade de tomar consciência da sua identidade espiritual/religiosa e de progredir nessa dimensão.</p> <p>EA (4) - Assumir e ler criticamente o pluralismo cultural do mundo contemporâneo.</p> <p>ESB (3) - Apreciar e respeitar a riqueza e diversidade das mundividades e valores de diferentes tradições religiosas mundiais.</p> <p>CPBS (3) - Apreciar e respeitar a riqueza e diversidade das mundividades e valores de diferentes tradições religiosas mundiais.</p>

Educação para um fim

Promover a cultura dialógica entre religiões e culturas.

ED/D (3) - Estabelecer pontes de diálogo entre o pensamento cristão, as religiões, a cultura e a espiritualidade, partindo de uma perspectiva cristã aberta à pluralidade e à contemporaneidade.

ED/DP (2) - Desenvolver capacidade crítica nas várias dimensões da civilização a partir das coordenadas fundamentais integrantes de um Cristianismo para o século XXI;

FEP (2) - Reconhecer a relevância da relação do Cristianismo com a(s) Cultura(s) e com a Ética(s) coevas.

EA (1) - Compreender o papel do pluralismo religioso na configuração do mundo.

ESB (1) - Possuir um conhecimento da história, textos centrais, crenças e práticas e manifestações contemporâneas de diferentes tradições religiosas mundiais (Hinduísmo, Budismo, Judaísmo, Islamismo, e, com particular incidência, Cristianismo).

ESB (3) - Apreciar e respeitar a riqueza e diversidade das mundividências e valores de diferentes tradições religiosas mundiais.

CPBS (1) - Possuir um conhecimento da história, textos centrais, crenças e práticas e manifestações contemporâneas de diferentes tradições religiosas

	<p>mundiais (Hinduísmo, Budismo, Judaísmo, Islamismo, e, com particular incidência, Cristianismo).</p> <p>CPBS (3) - Apreciar e respeitar a riqueza e diversidade das mundividências e valores de diferentes tradições religiosas mundiais.</p>
<p>Educação para a felicidade e desenvolvimento do potencial de cada um; Formar pessoas e caracteres;</p>	<p>ED/D (2) - Proporcionar uma reflexão sobre o homem, a sua dignidade e o seu agir ético tendo em conta a doutrina cristã.</p> <p>ED/DP (4) - Proporcionar a cada estudante a oportunidade de tomar consciência da sua identidade espiritual/religiosa e de progredir nessa dimensão.</p> <p>EA (4) - Assumir e ler criticamente o pluralismo cultural do mundo contemporâneo.</p>
<p>Formar para a liberdade, para o respeito pela dignidade da pessoa humana, para o valor da vida, do conhecimento, da solidariedade, da partilha e da justiça.</p>	<p>ED/D (2) - Proporcionar uma reflexão sobre o homem, a sua dignidade e o seu agir ético tendo em conta a doutrina cristã.</p> <p>ED/DP (2) - Desenvolver capacidade crítica nas várias dimensões da civilização a partir das coordenadas fundamentais integrantes de um Cristianismo para o século XXI;</p> <p>EA (3) - Aprofundar os princípios cristãos da dignidade e da solidariedade humana.</p>

<p align="center">Formar para a abertura ao transcendente.</p>	<p>ED/DP (5) - Proporcionar a cada estudante a oportunidade de tomar consciência da sua identidade espiritual/religiosa e de progredir nessa dimensão.</p>
<p align="center">Os valores são vividos através da aprendizagem aplicada, colocando a contemplação em ação.</p>	<p>ED/DP (3) - Identificar o perfil-tipo do discípulo de Jesus de Nazaré, a partir dos cap. 5 a 7 do Evangelho de Mateus (Sermão da Montanha) e algumas das suas concretizações contemporâneas;</p> <p>ED/DP (5) - Proporcionar a cada estudante a oportunidade de tomar consciência da sua identidade espiritual/religiosa e de progredir nessa dimensão.</p> <p>ED/DP (4) - Interiorizar, a partir dos personagens discipulares e dos documentos apresentados, valores e referências cristãmente fundados, que permitam aos estudantes virem a ser capazes de enformar humanisticamente a cultura do mundo do Direito e da Gestão no seu futuro exercício profissional;</p>
<p align="center">A Universidade Católica sabe que a sua identidade matricial é a Pessoa de Cristo.</p>	<p>ED/DP (3) - Identificar o perfil-tipo do discípulo de Jesus de Nazaré, a partir dos cap. 5 a 7 do Evangelho de Mateus (Sermão da Montanha) e algumas das suas concretizações contemporâneas;</p>

Conteúdos sobre o Catolicismo

Educação com base na mundividência cristã;

ED/D (1) - Conhecer a especificidade da mundividência cristã e a sua importância no contexto sócio-cultural da atualidade.

FEP (1) - Fornecer conhecimentos para a compreensão da importância do Cristianismo na Cultura;

ED/DP (1) - Conhecer as coordenadas culturais - axiológicas, estéticas, espirituais, doutrinais, - fundamentais do Cristianismo (...).

EA (2) - Fornecer elementos conceptuais e analíticos indispensáveis a uma leitura cristã do mundo.

Aquisição de conhecimentos teológicos, históricos e culturais da doutrina católica.

ED/D (2) - Proporcionar uma reflexão sobre o homem, a sua dignidade e o seu agir ético tendo em conta a doutrina cristã.

ED/DP (1) - Conhecer as coordenadas culturais - axiológicas, estéticas, espirituais, doutrinais, - fundamentais do Cristianismo emergentes do Concílio Vaticano II e do magistério dos Papas posteriores ao Concílio;

ED/DP (3) - Identificar o perfil-tipo do discípulo de Jesus de Nazaré, a partir dos cap. 5 a 7 do Evangelho de Mateus (Sermão da Montanha) e algumas suas concretizações contemporâneas;

No contexto das proposições anteriores e de forma a responder a um dos objetivos do nosso estudo - compreender em que medida é que o currículo, ao nível das licenciaturas, tem efetivamente uma marca distintiva oriunda da matriz humanista cristã da UCP – procurámos, através da correlação dos Objetivos das Unidades Curriculares designadas por Cristianismo, com as subcategorias para o ensino universitário católico, perceber de que modo estão, ou não, estruturados e definidos, os mesmos Objetivos Curriculares destas Unidades, de forma que os alunos possam efetivamente usufruir daquilo que tanto o Magistério, os Estatutos da UCP e a demais literatura preconizam para estas áreas.

Tenha-se em conta, que como fomos percebendo na literatura, a matriz humanista cristã da Universidade ao nível curricular tem uma abrangência muito mais lata do que apenas a Unidade de Cristianismo. Contudo, de facto, esta responde ao que vimos refletido nos Estatutos (2006) quando se diz,

“Para garantir a inspiração cristã do ensino na UCP, deverá fomentar-se o diálogo de todas as ciências com a Teologia e a presença de disciplinas teológicas nos diversos planos de estudos” (Art 9º,6,II).

Ao fazermos a associação com as subcategorias, quisemos primeiramente fazer uma leitura vertical e quantitativa, procurando perceber de que forma os Objetivos presentes nas Fichas das U.C's, por Unidades Orgânicas (UO), se aproximam da proposta enunciada nas subcategorias. Cada objetivo, segundo a sua formulação, pode enquadrar-se em mais do que uma subcategoria.¹⁰ Assim, em ED/D dão-se 8 correspondências, em ED/DP 15, em EA 6, em FEP 4, em ESB 3 e em CPBS também 3. Na leitura vertical, chama a atenção a correlação de ED/DP em todas as subcategorias, sendo a única onde tal acontece. Nota-se também que na subcategoria - Promover a cultura dialógica entre religiões e culturas – todas as UO têm pelo menos um objetivo correspondente. É a única subcategoria onde isto se verifica. A presença explícita de um objetivo que se correlacione diretamente com a subcategoria que

¹⁰ Recorde-se que a referência acima feita não apresenta a nomenclatura das licenciaturas, pois dentro das Unidades Orgânicas a Ficha Curricular da denominada UC de Cristianismo é igual no que aos Objetivos elencados diz respeito. A única Unidade Orgânica que difere nesta estrutura é a Escola de Direito onde a Ficha da Licenciatura de Direito e a Ficha da Dupla Licenciatura em Direito e em Gestão, são distintas. Como explicitado na metodologia as Fichas das UC foram codificadas, encontrando-se a mesma codificação nos anexos.

trata a articulação da Fé com a Razão, apenas se verifica em ED/D, em ED/DP e em EA. A referência à relação do Evangelho com as várias áreas do saber somente se verifica nos objetivos de ED/D e em ED/DP. Quando se trata de ter em atenção o diálogo com a teologia, a ética e a filosofia, soma-se a FEP para além de ED/D e de ED/DP.

Existem objetivos que se enunciam a partir de expressões como *tomar consciência*, *assumir* ou *apreciar*, e que por isso, aludem a uma dimensão vivencial, correlacionando-se assim com subcategorias como a educação liberal, a liberdade individual e o desenvolvimento dos talentos do aluno. Com estas cruzam-se ED/DP, EA, ESB e CPBS.

Quando se trata de correlacionar com objetivos como “a educação para a felicidade, o desenvolvimento do potencial de cada um, o respeito pela dignidade da pessoa humana, o valor da vida, do conhecimento, da solidariedade, da partilha e da justiça”, as correspondências dão-se com ED/D, ED/DP e EA.

Regista-se, contudo, uma tríade de subcategorias onde somente se encontra correlação com ED/DP. Falamos da formação para a abertura ao transcendente, para a vivência dos valores através da aprendizagem aplicada, colocando a contemplação em ação e de uma das ideias mestras da literatura, a de que a Universidade Católica sabe que a sua identidade matricial é a Pessoa de Cristo. ED/DP é a única que enuncia explicitamente ter como objetivo a apresentação e identificação do perfil-tipo do discípulo de Jesus.

No que respeita à aquisição de conhecimentos teológicos, históricos e culturais explícitos da doutrina católica somente se encontra correspondência com ED/D e ED/DP.

3.3 A experiência da Observação na Unidade Curricular de Cristianismo e Cultura.

“Acho que é essencial que a Universidade Católica Portuguesa assegure que os seus diplomados, para além de terem um nível de competência técnica elevado, também tenham maturidade espiritual. E acho que esta disciplina, nestes moldes, proporciona oportunidades de aprendizagem e reflexão valiosíssimas” (Adp12).

Foram observadas as aulas da Unidade Curricular de Cristianismo e Cultura do plano de estudos da Dupla Licenciatura em Direito e em Gestão da Universidade Católica - Porto, decorridas no primeiro semestre do ano 2022/2023.

Durante as anotações os alunos são apenas referidos como alunos e na referência aos seu trabalhos como – Adp, de 1 a 13. Esta referência prende-se com a intenção de evitar uma associação direta das várias intervenções ao longo do semestre ao sujeito (aluno) que as proferiu, aquando da divulgação destes dados. A totalidade das nossas notas encontram-se em anexo. As notas são na sua maioria breves e enunciam aquilo que mais prendeu a atenção do investigador. Frequentaram a Unidade Curricular os 13 alunos inscritos. As aulas decorreram durante as tardes de sexta-feira, normalmente, das 14.30h até às 18h, completando assim os tempos distribuídos no plano de estudos. Decorreram em formato online e presencial. Foram observadas todas as aulas. Para além dos dados provenientes da observação direta, os alunos preencheram, à semelhança das restantes licenciaturas, a Ficha para a composição/comentário. Foram disponibilizados ao investigador alguns excertos do balanço final da Unidade Curricular, que os alunos incluem no seu trabalho. Estes foram previamente anonimizados pelo docente, tendo os alunos dado o seu consentimento para a presença deste contributo na investigação, algo que não estava inicialmente pensado. Os alunos tiveram conhecimento da intenção de lhes solicitar o consentimento para a inclusão da sua reflexão final, após a realização e entrega dos trabalhos, de modo que o seu balanço não pudesse estar condicionado ao conhecimento prévio para uma possível introdução na investigação. Na tabela das próximas páginas podemos observar a correspondência entre algumas das nossas notas de observação e as categorias e subcategorias de análise que acompanham a investigação nesta matéria.

Tabela 16 - Os elementos constituintes do Ensino Universitário Católico e as Notas da Observação.

Interdisciplinaridade	
Sub categorias a partir da síntese sobre os elementos constituintes do ethos universitário católico relativamente ao Ensino.	Correspondência com as Notas da Observação da Dupla Licenciatura em Direito e em Gestão
Articulação entre e a Fé e a Razão.	<ul style="list-style-type: none"> - Aborda-se a relação do Direito e da Consciência. Apresenta-se o exemplo dos 10 Mandamentos e a sua relação com a Lei Natural. Docente questiona – “há ou não uma Lei Natural aplicada a todo o Ser Humano?” (...) “Colocou-se o fundamento da Lei Natural na crença em Deus, tirar Deus do horizonte retira a possibilidade de uma Lei Natural assumida para todos. É referido que existem princípios jurídicos fundamentais que afirmamos como tendencialmente universais (aula 3). - A aluna realça a ideia da “fé como forma de manifestação da verdade”. Fé e Razão – a fé sem a razão perde-se (aula 5). - Nesta aula aborda-se especificamente a relação da ciência com a fé. O autor de referência é Luís Archer, padre jesuíta e investigador em genética (aula 6).
Diálogo fecundo entre o Evangelho e as várias áreas do saber.	<ul style="list-style-type: none"> - Acompanha a disciplina, esteve, e estará, presente outra docente da Faculdade de Direito. (...) faz pontes entre a realidade interdisciplinar da Dupla Licenciatura e a Unidade Curricular (aula 1). - O docente disponibiliza e aconselha a consulta do site sites.ecclesia.pt, onde os alunos podem encontrar os vários documentos com caráter interdisciplinar utilizados (aula 4).
Tem particular atenção o diálogo com a teologia, a ética e a filosofia;	<ul style="list-style-type: none"> - Apresenta-se Sofia (de Mello Breyner) e a relação beleza-verdade- bondade – “os transcendentais”. Sofia faz como que uma profissão de fé em Deus e na Humanidade – a sua literatura é como que a reivindicação do Humana Cristão (aula 3). - O docente apresentou a figura de Edith Stein, bem como o filme a visualizar – A Sétima Morada, assim como o documento do Magistério para o acompanhamento do tema – <i>Fides et Ratio</i> de João Paulo II. O binómio é Filosofia e Religião – Verdade e Amor (aula 4). - Aula com intervenção do Doutor Pedro Valinho Gomes sobre o Perdão- “O perdão em Paul Ricoeur no horizonte filosófico pós- holocausto” (aula 5).

	<ul style="list-style-type: none"> - Apresenta-se Giuseppe Toniolo acompanhado do binómio -Economia e Sociedade. Os alunos falam da necessidade da consciência de que o encontro entre a fé e a cultura pode libertar a sociedade, nomeadamente, na contemporaneidade, libertá-la do “materialismo recalcado”. O “nó da questão social” – economia desligada da ética. Pura lei do mercado (aula 7).
<p>Educação liberal, que respeita a liberdade individual e desenvolve os talentos do aluno.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - O momento “prende” a atenção dos alunos. O docente refere aos alunos que neste “percurso” que fará com eles, as suas “convicções pessoais serão sempre vistas como terreno sagrado” (aula 1). - Pede-se aos alunos que na sua apresentação possam dar sugestões de temas a serem tratados (aula 1). - Docente: “estais dispostos a abdicar da vossa subjetividade para vos tornares ótimos executores?” (...) “o vosso curso está a ensinar-vos a atuar também segundo a vossa subjetividade ou somente a seres executores da técnica?” (aula 6).
<p>Educação para um fim</p>	
<p>Promover a cultura dialógica entre religiões e culturas.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Deverão ainda escolher uma música (articulação com a acultura) que associem a esse versículo (do Sermão da Montanha), ou que exprima aquilo que está refletido na escolha do versículo (aula 1). - Haviam sido convidados a escolher uma música que expresse a palavra ou versículo que escolheram. O objetivo é reconhecer o espírito de Cristo nas expressões da cultura (aula 2). - Antes dos alunos iniciarem as apresentações o docente coloca a o <i>Agnus Dei</i> de Wojciech Kilar (banda sonora de <i>Uma vida escondida</i>) (aula 3). - Aula aberta com o Professor José Rui Teixeira. Este apresentou Sofia de Mello Breyner a partir do livro “Contos exemplares” de 1962. Quis-se trazer à aula uma figura da cultura portuguesa que fosse exemplo da encarnação do espírito cristão na cultura (aula 3). - O filme a visualizar em casa é <i>Des hommes et des dieux</i>. É feita uma introdução sobre o Islamismo (aula 6).
<p>Educação para a felicidade e desenvolvimento do potencial de cada um;</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Reflete-se sobre a busca da vontade e o instinto de auto preservação. Lei natural – da natureza – do ordinário. O ser humano vai para além do ordinário da natureza, procura o “extraordinário”. Ser capaz de superar o auto centramento, a auto preservação - “Sou chamado a auto transcender-me” (aula 3). - Dão-se exemplos de pessoas que deram a vida pela sua consciência bem como de pessoas que não acreditando consideravam-se livres, não conseguindo, contudo, ultrapassar a dúvida diante do fenómeno da morte (aula3).

<p>Formar pessoas e caracteres;</p>	<p>- Primeiro grupo de alunos apresenta as figuras de Luis e Maria Beltrame Quattrochi, ligadas ao binómio Amor e Sacramento. Os alunos destacam a entrega total ao outro, o caminha para a santidade no quotidiano. “O segredo do matrimônio (das relações) está em saber receber. Não amar segundo si mesmo. O egocentrismo torna as pessoas incapazes de se entregarem e receberem plenamente” (aula 4).</p>
<p>Formar para a liberdade, para o respeito pela dignidade da pessoa humana, para o valor da vida, do conhecimento, da solidariedade, da partilha e da justiça.</p>	<p>- Devem resumir numa palavra a escolha do versículo, escolhem: compaixão; perdoar; perdão; perdão; compaixão; compaixão; piedade; compaixão; perdão. Claramente a palavra mais referida é perdão/perdoar. O tema do perdão, da compaixão e da misericórdia, notam-se temas significativos para os alunos (aula 2).</p> <p>- O segundo aluno reflete sobre a relação fé – integridade – coragem (confiança). Realça a ideia de que é “melhor sofrer a injustiça do que fazê-la”. Isto leva à reflexão sobre o Estatuto da Consciência Moral (aula 3).</p> <p>- A reflexão continua a partir da premissa de que “a fidelidade obriga.” Questiona uma aluna – “consciência ou liberdade?” O docente refere que “a liberdade é um ato de consciência” (aula 3).</p> <p>- O docente comenta ainda: “os nossos desejos condicionam a nossa liberdade. Os nossos desejos devem ser passados pelo crivo da liberdade” (aula 5).</p> <p>- O docente recorre a um tema que lhe é claramente “grato”. Percebe-se que fala dele “apaixonadamente”: “olhai para a forma como se morre - se olharmos para o sistema de morte conseguimos avaliar a forma como vivemos. Somos a primeira geração da história que não tem uma arte de morrer. A morte viu-se privada de lugar na cultura” (Aula 6).</p> <p>- Os alunos discutem quais são os “valores sociais”: solidariedade; justiça; fraternidade; política; economia; ecologia integral (aula 7).</p>
<p>Formar para a abertura ao transcendente.</p>	<p>- Docente: O principal objetivo da UC na ótica do docente é que o aluno seja capaz de se “identificar como individuo espiritual” (aula 1).</p> <p>- Docente refere: “Sou chamado a auto transcender-me” (aula 3).</p> <p>- Um dos alunos refere com propriedade na sua intervenção “a importância do diálogo e da explicação das moradas” (é uma das cenas presentes no filme – <i>A Sétima Morada</i>). Refere ainda a “recusa” que em certa altura faz à filosofia pois afirmara já conhecer a Verdade. Nisto o aluno conclui que a partir desse momento Edith passa à “realidade absoluta” (aula 5).</p>

	<p>- Na sua intervenção a aluna recorda que após ter dito, na primeira aula, que não era “uma pessoa muito espiritual” o professor lhe havia sugerido que criasse espaços de silêncio. A aluna partilha que tem criado esses espaços de silêncio e que isso a “tem levado a sentir realmente há algo que a transcende” (aula 5).</p>
<p>Os valores são vividos através da aprendizagem aplicada, colocando a contemplação em ação.</p>	<p>- É referido que as personagens propostas para o trabalho são alguns dos que foram capazes de resistir à auto preservação e chegar à auto transcendência (aula 3).</p> <p>- “Sou chamado a ser mais do que já sou”. Viver a minha vida como resposta ao outro – “esposa” – “corresponder ao amor amando (aula 5).</p>
<p>A Universidade Católica sabe que a sua identidade matricial é a Pessoa de Cristo.</p>	<p>- Os alunos são convidados a concretizar numa palavra aquilo que para eles é o cristianismo. (...) São lidas e explicadas as escolhas. O docente manifesta o seu “contentamento, pois pela primeira vez na leção desta UC há alunos que neste exercício da definição numa palavra identificam o cristianismo a Cristo, a Jesus, a uma Pessoa” (aula 1).</p> <p>- Outra aluna destaca o facto de as escolhas de Edith serem “feitas por amor” – “Ninguém chega a Cristo sem a sua cruz” (aula 5).</p> <p>- Que Humanismo para o Pós – Humanismo? (...) O Cristianismo é a religião em que Deus se faz Homem. Se o Homem deixa de ser Homem, que lugar há na relação com o cristianismo? (aula 6).</p>

Conteúdos sobre o Catolicismo	
Educação com base na mundividência cristã;	<ul style="list-style-type: none"> - Refere-se que durante muitos anos o “cristianismo bebia-se como leite materno”. “Há uma rutura e fica mais claro hoje que o cristianismo é uma adesão e essa adesão é pessoal” (aula 1).
Aquisição de conhecimentos teológicos, históricos e culturais da doutrina católica.	<ul style="list-style-type: none"> - Durante a semana até à próxima aula, os alunos deverão ler o Sermão da Montanha (Mt 5-7) e procurar “descobrir qual o perfil do discípulo de Jesus”. Deverão escolher o versículo com que mais se identificam (aula 1). - O docente explica: “Deus não é a causa imediata dos acontecimentos históricos (aula 2). - Apresentação da <i>Gaudium et Spes</i> – refletiu-se na sua dimensão eminentemente política (aula 2). - A aluna refere: “Li com atenção a Encíclica <i>Fides et Ratio</i>” (aula 5). - Leitura de <i>Deus Caritas Est</i> de Bento XVI. - Fala-se de Robert Schuman. A leitura é a <i>Populorum Progressio</i> de Paulo VI para trabalhar o binómio Utopia e Política/ Política e Religião (aula 7). - “Os alunos apresentam também a figura de Dorothy Day a par com a leitura da <i>Fratelli Tutti</i> para trabalhar o binómio - Autenticidade e Fraternidade. Usam-se expressões como: “É muito fácil olhar sem ver”; “Não restringir as relações”; “Existência Humana autêntica” (aula 7). - “Os Alunos apresentam Dorothy Stang, desta, a leitura é a <i>Laudato Si</i> para o binómio – Ecologia Integral e Consagração. Centra-se a apresentação na crítica ao consumismo e à “sociedade de plástico”. Destacam os conceitos de Casa Comum e Ecologia Integral. São para os alunos conceitos “completamente novos” (aula 7). - Outra figura apresentada é Rosario Livatino a par com a leitura da <i>Pacem in Terris</i> de João XXIII. Os alunos realçam os fundamentos da paz: “verdade; justiça; amor; liberdade. A justiça relaciona-se com a integridade.” (...) Ordem vs Desordem” - Aborda-Se a questão da força como proveniente da ordem moral. Daqui percebe-se que a pesquisa autónoma leva os alunos a citar Tomás de Aquino sobre a questão da legitimidade da lei: “A lei humana tem valor de lei enquanto está de acordo com a reta razão: derivando, portanto da Lei eterna. Se, porém, contradiz à razão, chama-se lei iníqua e, como tal, não tem valor de lei, mas é um ato de violência.” (aula 7).

Como referimos anteriormente, tivemos acesso aos balanços finais dos alunos relativamente à frequência da Unidade Curricular. Seja destes, seja também das nossas notas de observação, devemos ainda expor o que se segue.

Do ceticismo, do questionamento ou mesmo do pré-conceito,

“Comecei este percurso de forma cética como, na verdade, começo quase todos os percursos. [...] Acabei por descobrir, no entanto, que o meu ceticismo me leva ao questionamento. Questionamento esse que eu achava corresponder a falta de crenças. Este percurso fez-me perceber que esse questionamento pode levar-me muito mais além do que eu mesma acreditava. Na realidade, o caminho pôs-me em contacto com personagens muito diferentes, mas com algo em comum: a fé. Fez-me por isso mesmo refletir também no que tenho em comum com cada uma delas e lançou-me num processo de auto procura e por vezes, algum encontro comigo mesma também” (aluno 1).

“Olhando para trás, agora que se deslumbra o fim deste caminho, é obrigatório recordar um momento no passado mês de setembro, em que estava a tentar decifrar pela primeira vez o programa desta disciplina. Percebi que era uma disciplina distinta da apresentada aos alunos de direito, assim como aos alunos de gestão, que era pensada para a Dupla Licenciatura, algo especial e à medida, portanto. Desde logo, percebi que tinha potencial de fazer diferença no nosso percurso académico, só não sabia como ou o quanto!” (aluno 2).

“No início do semestre estava aberta a perceber o que a disciplina de Cristianismo e Cultura tinha para me ensinar, ainda que talvez ligeiramente cética relativamente à sua aplicabilidade no futuro” (aluno 4).

“Aprendi o lado humano da religião, mas não minto, eu quando vi que ia ter esta cadeira pensei – estou feita! Eu passava um «x» nestes temas” (aula 8).

Uma aluna diz ainda ao docente: “eu pensei – oh meu Deus, vou ter uma aula com um padre! Quero salientar que estas aulas mudaram a minha visão. Sobretudo porque agora percebo que tive coragem para pensar do avesso” (aula 8).

Do (re)encontro consigo próprios e com o outro,

“Foi-me também possível compreender que também eu sou, como todo o ser humano, uma pensadora por natureza. (...) Assim, comecei a criar lugar na minha vida para o verdadeiro pensamento, criar espaços para o verdadeiro silêncio. No verdadeiro

silêncio, sem estímulos constantes que, na vida moderna são muito fáceis de obter, consigo formular interrogações e, por vezes, também respostas” (aluno 1).

“A palavra que melhor me caracterizava no início do ano letivo (e ao longo, diria, dos meus 22 anos de vida), num contexto de espiritualidade e autoconhecimento, era “incerteza”. Considero-me uma pessoa interessada, curiosa, que aprecia aprender e crescer com o conhecimento. Talvez venha daí a minha falta de identificação com conceito de ateísmo –se não me sinto capaz de afirmar com certeza a existência de algo, como sou capaz de a negar? Portanto, deixei que a incerteza que me caracteriza me considerasse agnóstica –sem nunca negar a Sua existência, mas sem me sentir capaz de comprovar que “algo” existe. Era esta a posição que tinha quando me inscrevi na Unidade Curricular – que nada nem ninguém me conseguiria fazer acreditar na Sua existência, e que seria esse o caminho que iriam tentar percorrer. No entanto, a abordagem dada pelo Sr. Padre -maravilhosa e pessoal, sem nunca ultrapassar os nossos limites –levou-me a ganhar uma vontade de me abrir. Abrir os meus horizontes e, de forma positiva, dar-me um pouco a conhecer” (aluno 13).

“O caminho feito nesta unidade curricular e modo como por ela fui intercetada, no método, nos conteúdos nas oportunidades e nos mentores com quem tive oportunidade de contracenar fizeram de mim, creio e desejo, um ser humano mais consciente na aceitação do outro e no contributo a dar a uma construção social digna e melhor com suporte no livre arbítrio que nos foi superiormente concedido” (aluno 6).

“Ter tido tempo para parar, pensar sobre a vida em geral, no seu significado, na minha missão pessoal enquanto pessoa (tendo em conta a liberdade que Deus me deu), na minha relação com os outros, aprender a valorizar as diferentes religiões e as distintas opiniões e pontos de vista que daí possam surgir foi uma bênção nos dias que correm” (aluno 7).

“Foi uma cadeira muito interessante não só do ponto vista académico, mas também pessoal (...). Penso também que foi uma cadeira que apelou ao nosso sentido crítico e nos estimulou a pôr tudo em perspetiva, coisas que muitas vezes esquecemos no dia a dia (aluno 11).

Do futuro Jurista ou Gestor,

“O Cristianismo e as restantes religiões impactam as leis deste país, assim como vimos na última aula, quanto mais não seja porque moldam os valores centrais da cultura de uma sociedade com padrões cristãos, ainda que laica. Assim, esta última aula deixou claro para mim que o conhecimento sobre as religiões não pode ser deixado de lado, enquanto profissional da área do Direito” (aluno 2).

“Se, ao selecionar investimentos para uma dada empresa, um analista tiver em consideração os valores da pessoa humana, do bem comum, da justiça social, ecologia integral, inclusão dos mais vulneráveis e solidariedade, então pode contribuir com as suas competências técnicas para a construção de um mundo mais justo e fraterno, tal como exorta a Encíclica *Pacem in Terris*. A verdade é que, nos últimos anos, o lucro deixou de ter um papel tão preponderante na seleção de bons investimentos e existe um maior incentivo a negócios e práticas virtuosas. Este será o meu propósito, se e quando estiver inserida nestes sistemas: o de promover o investimento em organizações que contribuam, sobretudo, mas não só, para a proteção do ambiente, integração social e a erradicação da pobreza. Esta visão do mercado está já patente no documento da Santa Sé *Mensuram Bonam*, de 25 de novembro de 2022, que estabelece critérios éticos para investimentos financeiros. Este documento traz uma nova esperança para a conciliação da Fé e liberalismo, que podem ser fundamentais para canalizar a riqueza para a obra que Deus espera de nós como Irmãos (aluno 3).

“De Rosario Livatino retirei que a integridade e a dedicação à justiça foram autênticos guias no exercício da sua profissão, mas acima de tudo retirei um exemplo para a vida, uma vez que pretendo adotar a sua coerência entre a fé e o compromisso de trabalho, contribuindo, profissionalmente, para uma sociedade melhor, menos corrupta” (aluno 5).

“O que é que a disciplina “Cristianismo e Cultura” me trouxe enquanto futura jurista e gestora? Na minha opinião, esta unidade curricular foi lecionada no momento ideal. Inicialmente, achava que faria talvez mais sentido fazê-la no início do curso, mas agora tendo descoberto todo o seu propósito, foi lecionada no semestre correto. Como aluna do 5º ano, falo a nível pessoal e sei que vários colegas partilham a mesma opinião, o último ano do curso custa mais. É a reta final, o cansaço está acumulado, já passamos por muitas épocas de exames, e é refrescante ter uma unidade curricular que seja tão diferente das outras (...) Como quase licenciada em Direito e Gestão, espero levar comigo os valores que fui semeando ao longo destes anos de curso, nomeadamente os que fui aprofundando nesta disciplina. Sendo esses a importância de valorizarmos o outro, de percebermos quem nos rodeia, e de que as nossas ações são um reflexo daquilo que acreditamos, e que consequentemente permitem na formação da nossa melhor versão. Enquanto profissional, são necessários todos estes valores, quando trabalhamos em equipa, quando temos um grande desafio pela frente, quando algo não nos corre como planeado, quando ouvimos coisas menos agradáveis do nosso chefe... aprender a lidar com o inesperado, nunca desistindo e mantendo-nos fiéis às nossas crenças” (aluno 10).

“O cristianismo e a advocacia têm muitas semelhanças, incluindo a procura pela justiça, defesa da verdade, e o valor da compaixão. Ao combinar esses valores, tentarei lutar por uma sociedade mais justa e equitativa, que podem ser fundamentais para ajudar as pessoas a superar momentos difíceis” (aluno 13).

Da Espiritualidade,

“O programa desta disciplina revelou-se muito enriquecedor, não só por me ter proporcionado um processo interior de autoconhecimento, especialmente a nível espiritual, mas também por me ter oferecido oportunidades de praticar competências que são importantes para a minha evolução pessoal e, futuramente, profissional. (...) Agora, no fim deste caminho, percebo que vivo uma fé mais consciente, porque pensada e refletida. Todos os binómios, os documentos recentes e personagens discipulares, mostraram-me que a espiritualidade vivida continua a ser um ponto central da existência humana, que faz sentido cultivar. (...) Cristianismo e Cultura proporcionou-me muitos momentos de reflexão, que me permitiram progredir na compreensão da minha espiritualidade, tornar-me mais aberta a partilhar pensamentos mais pessoais e a discutir questões religiosas com amigos, e principalmente perceber a importância do cultivo também da dimensão espiritual, que tem tendência a ser esquecida atualmente, para o amadurecimento enquanto ser humano íntegro” (aluno 2).

“Este itinerário espiritual, que considero ter sido muito proveitoso para o meu desenvolvimento pessoal, autoconhecimento e compreensão do mundo” (aluno 3).

“Nos tempos atarefados e individualistas que correm são raros os momentos em que paramos para pensar, para estar connosco próprios e com Deus, para discernir sobre as nossas falhas e nos ajustarmos da melhor maneira para alcançar a Santidade. Penso que durante este percurso de 4 meses fui capaz de o fazer, acalmando a azáfama do meu coração e cabeça” (aluno 7).

“Cristianismo e Cultura ajudou-me no sentido de que, foi como um “empurrão” para aprofundar a minha espiritualidade, que andava meia apagada, e que neste momento é algo que anda comigo todos os dias, como uma segurança em mim mesma” (aluno 10).

Da relação com o docente,

“Chama-me a atenção a pergunta de uma aluna, que ultrapassa o campo académico – «se me casar poderá ser o professor a casar-me?» Há sorrisos e assentimentos. Percebo que para esta aluna a UC foi mais do que algo meramente académico” (aula 8).

“Ao longo do semestre percebi que o professor não queria «justificar» a Igreja, mas indiretamente pelos esclarecimentos que nos dava, acabou por fazê-lo. O que me ajudou a esclarecer muitas coisas” (aula 8).

“Ao longo deste semestre experienciei, juntamente com o Padre (...) e os meus colegas, um dos mais belos itinerários que já percorri, contudo só o consegui classificar verdadeiramente, após a visualização do último filme. Assim, acredito que o mesmo é a personificação da relação entre os monges e a comunidade argelina, na pessoa do Padre e dos alunos, respetivamente. Dado que, esta cadeira é uma manifestação da aceitação do outro, no igual e no diferente, no bom e no mau, nunca abandonando a fraternidade” (aluno 5).

“(...) foi uma cadeira muito interessante não só do ponto vista académico, mas também pessoal, como já disse na minha síntese. Acho que o Padre (...) foi capaz de nos cativar de forma genuína e verdadeira através da sua bondade, generosidade e alegria constantes” (aluno 11).

“Sabendo que a disponibilidade do Padre (...) está fortemente condicionada pelas suas funções em (...), queria agradecer-lhe pelo esforço que fez para nos dar as últimas aulas presencialmente. Há uma diferença substancial entre as aulas presenciais e online. Por mais esforço que façamos, online nunca conseguimos ter a mesma atenção e o mesmo envolvimento que temos em pessoa (aluno 12).”

Tabela 17 - Composições/comentários Dupla Licenciatura em Direito e em Gestão – proposição 30 e 31.¹¹

Considero que as unidades curriculares de Cristianismo e Cultura\ Mundividência Cristã acrescentam algo verdadeiramente significativo à minha formação integral.
A21 – “Sim, esta UC fez-me pensar sobre assuntos mais complexos sobre a vivência humana e a minha pessoa.”
A22 – “Sim. Para além de falar de religião é uma U.C. que nos faz refletir e fazer uma introspeção.”
A23 – “Sim, a unidade curricular é fundamental para a formação de alunos universitários pela universidade católica portuguesa. Seria totalmente desadequado uma Universidade Católica proporcionar uma formação técnico-científica de excelência, simultaneamente descorando a formação espiritual/ religiosa/ integral dos seus alunos. Ainda que a disciplina de Cristianismo e Cultura tenha um peso muito diminuto no plano curricular, garante pelo menos um nível de consciência, conhecimento e reflexão espirituais e religiosas mínimo, e indispensável. O programa da disciplina proporciona momentos de reflexão interessantes e valiosos, relacionando a vida de personagens discipulares, (Santos e Beatos), com documentos da Igreja Católica (Encíclicas e Exortações pós- sinodais) e com elementos culturais da atualidade (arte e literatura), assegurando assim, simultaneamente, um conhecimento mínimo da mensagem e da matriz de valores cristã, assim como das suas projeções nos comportamentos concretos das pessoas e da sociedade como um todo. Ressalvando as limitações decorrentes do peso limitado da disciplina de Cristianismo e Cultura, não deixo de reconhecer o seu indubitável contributo para a formação integral e holística dos estudantes da Universidade Católica Portuguesa.”
A24 – “Esta UC acrescentou algo à minha formação académica e pessoal muito significativo. Anteriormente nunca me tinha questionado muito acerca dos temas que se vieram a desenvolver e no fundo, estão presentes no meu dia-a-dia. Assim, penso que mudará a minha reflexão daqui para a frente.”
A25 – “Sim, considero. De facto, estas cadeiras abordam temas que estão em abandono nos meios familiares. Assim, com a abordagem destes conceitos e realidades, estamos em contacto com dimensões que necessitam de ser tocadas, não pela religião em si, mas pelo contacto com temas sensíveis (...)”

¹¹ Na leitura dos resultados tenha-se em conta o facto de as composições/ comentários elaborados pelos alunos, estritamente para a investigação, e apresentados na tabela 17, terem sido redigidos no dia 16 de dezembro 2022 – última aula da disciplina. Os excertos que citamos das suas reflexões individuais para avaliação do processo de ensino fazem parte do que já estava programado pelo docente e nos foi posteriormente enviado, quando findo o processo de avaliação. Foram-nos disponibilizados à data de 3 de fevereiro de 2023.

Considero que o currículo das áreas de Cristianismo e Cultura\Mundividência Cristã está concebido de modo adequado ao meu curso.

A21 – “Sim, este currículo é completo e complexo e mune-nos de atributos para a nossa vida profissional: pensamento e autenticidade.”

A22 – “Sim. Como juristas e gestores é sempre importante refletir, pensar nos outros, em nós mesmos para agir da melhor forma a nível profissional e pessoal.”

A23 – “Partindo da minha anterior resposta, e reconhecendo o esforço feito, por exemplo, na escolha das personagens discipulares estudadas, para que houvesse relação com as áreas de Direito e de Gestão, não posso deixar de constatar as lacunas que a esse nível existem. Em nenhum momento dos dois cursos, são estabelecidas pontes entre as áreas de conhecimento técnico e a doutrina social da Igreja. São nos dadas ferramentas jurídicas e económicas, mas não nos é dado a conhecer que fins é que, à luz da Doutrina Católica, essas ferramentas devem prosseguir.”

A24 – Como futuros gestores e/ou juristas é muito importante identificarmos os nossos valores basilares e o que é certo e errado na nossa ótica. Esta UC deu-nos acima de tudo ferramentas para adaptarmos isto na nossa vida em diversas situações, adequando-se ao meu curso perfeitamente.”

A25 – “Estando inscrito no 4º ano, penso que não. Na minha opinião, ao invés de comprimir tudo numa unidade curricular, mas sim ao longo do percurso, ou seja, todos os anos abordar durante o semestre um tema, com uma aula semanal.”

Em síntese:

- Com exceção dos líderes, a maioria dos alunos e dos docentes discorda que sejam utilizados mecanismos variados para promover, ao nível do ensino, a articulação entre a Fé e a Razão;

- Tanto os alunos como os docentes discordam em mais de 60% que seja visível a preocupação por dinamizar um diálogo fecundo entre o Evangelho e as várias áreas do saber. Destacam-se os 44% de líderes que também discordam e os 33% de líderes que dizem não saber;

- Todos os grupos de respondentes concordam em percentagem igual ou superior a 90% que a Universidade zela e procura o rigor intelectual;

- Existem 43% de docentes e 20% de líderes que afirmam não procurar fazer o seu trabalho tendo em conta a doutrina católica, bem como fazer pontes com a sua dimensão ética;

- 80% dos alunos concorda que no cumprimento dos seus deveres, contribui para ajudar a Igreja a refletir sobre os problemas do mundo de hoje;

- 60% dos líderes afirma estar atento aos documentos e orientações da Igreja sobre o Ensino Católico e 30% diz não o procurar fazer. Os docentes dividem-se em partes semelhantes quanto à concordância e à discordância;

- É superior a 50%, em todos os grupos de respondentes, a opção por discordar quando se questiona se são fornecidos recursos sobre a missão humanista cristã da Universidade para a formação e atualização dos seus membros;

- A maioria dos respondentes dos três grupos, concorda, acima dos 70%, que é clara na Universidade a sua vocação para educar para o respeito pela dignidade da pessoa humana e para o valor da vida;

- 80% dos líderes e dos professores concorda que a investigação na Universidade é informada pela moral e pela ética, contudo, existem 20% de líderes que dizem não saber;

- Ainda que, a grande maioria dos líderes e professores concorde que a investigação na Universidade é orientada pela procura da verdade e não é

condicionada por demais interesses, existem 30% de líderes que dizem não saber;

- A maioria dos docentes discorda ou não sabe se a investigação é realizada em temas de interesse para a Igreja e a sua missão. Sobressai os 40% de líderes que afirma não saber;

- A grande maioria dos alunos concorda que tem em conta a ética e a moral no seu desempenho quotidiano e que enquanto aluno pode contribuir para ajudar a Igreja a refletir sobre os problemas do mundo de hoje;

- 96% dos alunos concorda que existe interdisciplinaridade nas diversas áreas do currículo do seu curso;

- 67% dos alunos respondentes ao inquérito online, consideram que a Unidade Curricular de “Cristianismo” acrescenta algo significativo à sua formação integral. Os que discordam, e são a maioria nos questionários abertos, colocam em causa a “*forma de lecionar*” a Unidade Curricular;

- São 49% em Direito e 72% na Dupla Licenciatura em Direito e em Gestão os alunos que concordam que o currículo de “Cristianismo” está concebido de modo adequado ao seu curso;

- Os objetivos enunciados nas Fichas das Unidades Curriculares de “Cristianismo” são distintos entre si. No cruzamento com as subcategorias de análise apenas ED/DP abrange a totalidade das mesmas (15) e ED/D cerca de metade (8).

- Na Dupla Licenciatura em Direito e em Gestão, onde decorreu a observação, os alunos têm uma visão claramente positiva da unidade curricular, desde a sua pertinência, ao programa e interdisciplinaridade com o currículo, ao método de ensino e às relações pedagógicas. Isto é igualmente visível nos resultados das diferentes formas de recolha de dados.

1. Bloco IV – Vida Estudantil

37 - A Universidade promove uma educação que respeita a liberdade individual e desenvolve os talentos do aluno.

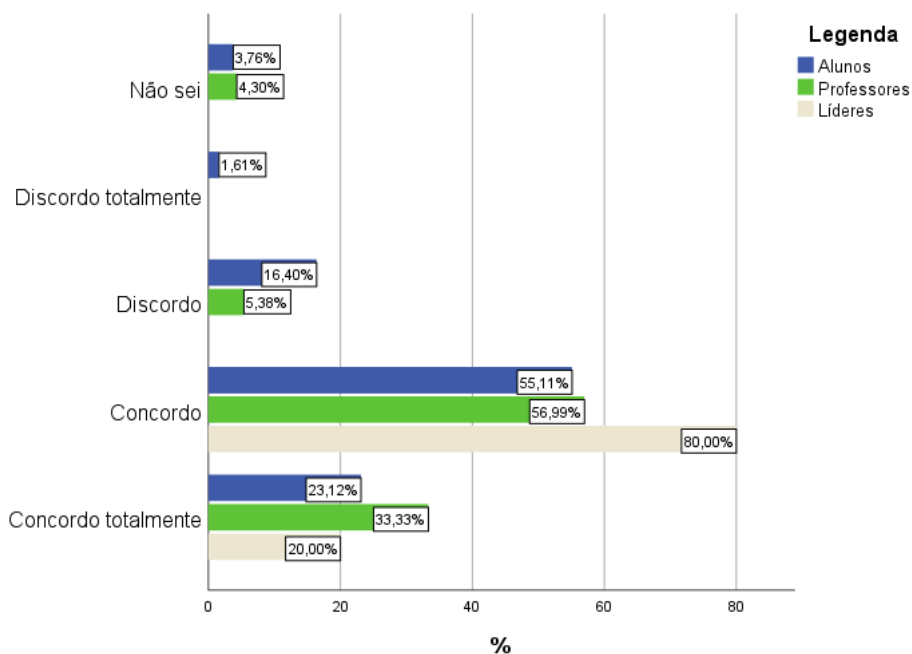


Gráfico 38 - Proposição 32

A maioria dos respondentes concorda com a proposição. Alunos e professores situam-se nos 78% e 90% respetivamente, neste item, enquanto os líderes tendem a concordar em 100%.

Na concordância total são os professores os que mais se destacam com 33%, mais 10% que os alunos que concordam totalmente em 23%. Neste item os líderes são os que apresentam a percentagem mais baixa, 20%.

Não há nenhum líder que discorde ou não saiba. Na discordância ainda se registam 16% de alunos e 5% de professores.

38 - Os alunos recebem uma formação holística baseada nos princípios humanistas cristãos.

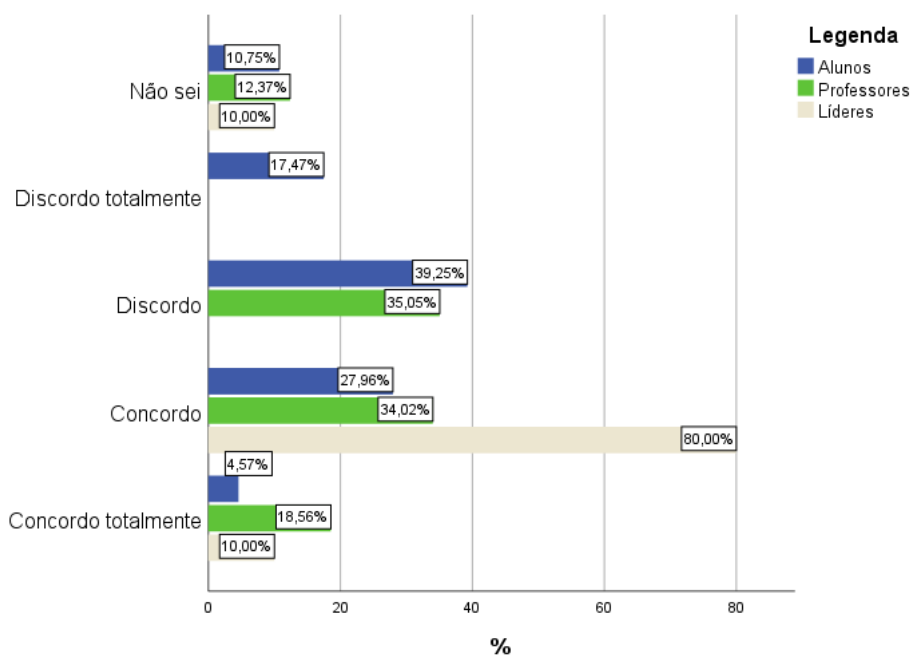


Gráfico 39 - Proposição 33

Nesta proposição as respostas são mais heterógenas, sobretudo no grupo dos alunos e professores. Por exemplo, no item da concordância, os líderes mostram-se bastante mais seguros de que os alunos recebem uma formação holística baseada nos princípios humanistas cristãos, ao concordarem em 90%, enquanto os alunos concordam em apenas 33% e os professores em 53%.

A discordância engloba 57% dos alunos e 35% dos professores.

39 - É oferecida aos alunos uma adequada formação religiosa para além da formação académica.

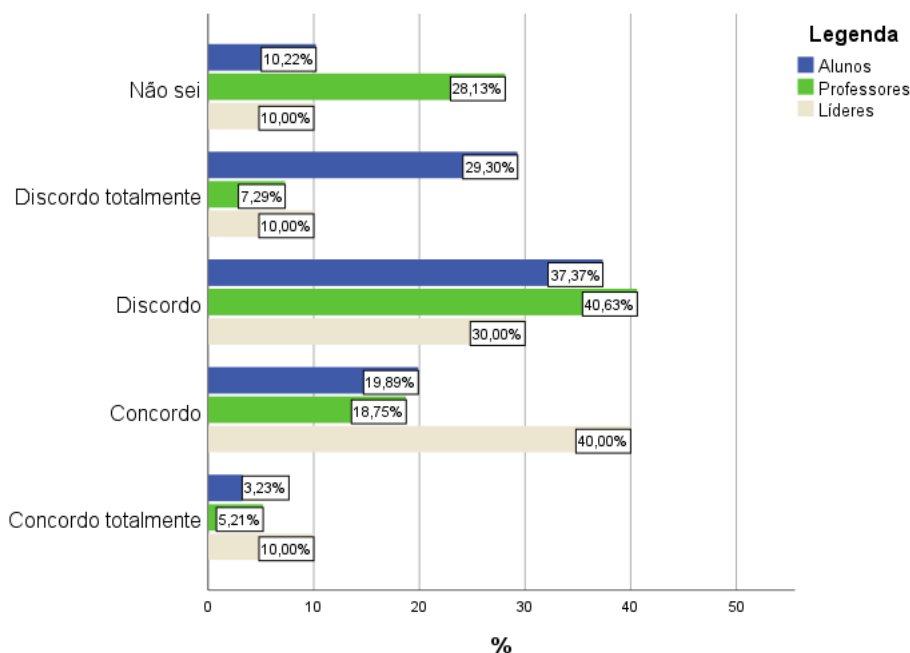


Gráfico 40 - Proposição 34

No que respeita à oferta de uma formação religiosa adequada, para além da formação académica, podemos observar uma dinâmica de resposta mais heterógena, com respondentes de todos os grupos em todos os itens da escala, ainda que com uma maior concentração nos itens da discordância. Esta abarca 67% de alunos, 48% de professores e 40% de líderes.

Pelo contrário, quando se trata de concordar, são os líderes que têm uma visão mais positiva, com 50% de concordância, mas distante dos professores e dos alunos em cerca de 20%.

Os valores da concordância total são significativos pelo facto de serem residuais, ao contrário do que acontece com as percentagens daqueles que dizem não saber, destacando-se entre os três grupos, os professores, com 28% de respondentes a afirmar que não sabem se há uma adequada formação religiosa para além da formação académica.

40 - A Universidade oferece aos estudantes católicos e não católicos a oportunidade de praticarem a sua fé abertamente no campus e de participarem em atividades religiosas.

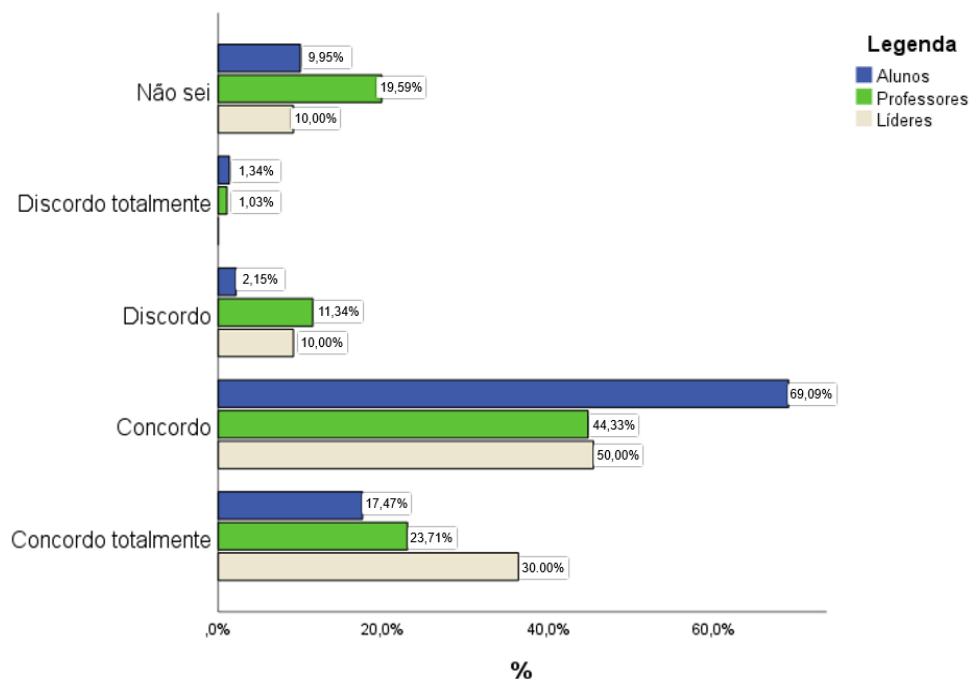


Gráfico 41 - Proposição 35

A possibilidade de praticar a fé, por parte dos estudantes católicos e não católicos, abertamente no campus e de participar em atividades religiosas é visto pela grande maioria dos respondentes, de todos os grupos, como algo existente.

Quando se trata de concordar, os líderes são aqueles que apresentam uma maior percentagem de resposta, cerca de 86%, seguindo-se-lhes os alunos, 80% e depois os professores, 68%.

Chama-nos ainda a atenção os cerca de 20% de professores e os 10% de líderes que afirmam não saber se é possível praticar a fé abertamente no campus e de participar em atividades religiosas.

Em Síntese:

- A grande maioria dos respondentes, e no caso dos líderes, a totalidade, concorda que a Universidade promove uma educação que respeita a liberdade individual e desenvolve os talentos do aluno;

- Com exceção dos líderes que concordam em 90%, nos restantes dois grupos não é visível uma tendência dita homogénea relativamente à ideia de que os alunos recebem uma formação holística baseada nos princípios humanistas cristãos. Tanto nos professores como nos alunos, dividem-se em partes semelhantes os que discordam e os que concordam;

- A grande maioria dos respondentes discorda que seja oferecida aos alunos uma adequada formação religiosa para além da formação académica. Existem, contudo 50% de líderes que concordam e cerca de 30% de docentes que não sabem;

- A possibilidade de praticar a fé, por parte dos estudantes católicos e não católicos, abertamente no campus e de participar em atividades religiosas é visto pela grande maioria dos respondentes, de todos os grupos, como algo existente. Cerca de 20% de professores e 10% de líderes diz “não saber”.

V – DISCUSSÃO DE RESULTADOS

“A identidade católica deveria representar um *terreno de encontro*, uma ferramenta para a convergência de ideias e ações. Desta forma, as diversas perspectivas tornam-se um recurso e princípio fundamental para o desenvolvimento de metodologias apropriadas para a resolução de eventuais situações críticas, identificando soluções compartilhadas.” (Igreja Católica, 2022, n 84).

De forma a obtermos uma leitura sequencial e em linha com as opções metodológicas anteriores, procurámos fazer esta discussão a partir da ordem dos vários blocos já apresentados, realçando dentro desses grandes blocos algumas questões que chamam a atenção na apresentação de resultados. Ao longo da discussão vão sendo elencadas as conclusões do nosso estudo, bem como as questões que o mesmo suscita e deixa em aberto para reflexão futura.

1. Missão da Universidade

1.1A cultura organizacional como espelho da missão da Universidade: o “desalinhamento” entre as opiniões dos respondentes.

Nas palavras de São João Paulo II, que já tivemos oportunidade de citar, a missão da Universidade Católica tem uma difícil e particular tarefa: a de unir duas ordens de realidade muitas vezes olhadas como distintas, ou seja, a busca da verdade e a certeza de já conhecer a fonte da verdade. Daí que seja muito importante que aqueles que participam na vida da Universidade nas suas várias formas, conheçam esta demanda e a partir dela a missão e a visão humanista cristã da Universidade Católica.

Assim, o conhecimento de qual a missão da Universidade Católica, foi a primeira questão que colocámos aos três grupos de respondentes.

Das respostas à mesma conseguimos perceber que a maioria dos alunos assume que a Instituição Católica que frequentam expõe claramente a referida missão. Contudo, 28% dos alunos, ou seja, mais de um quarto dos estudantes respondentes, afirma que a Universidade não o faz, o que indica que à partida, a perceção desta identidade específica da UCP não chega à totalidade daqueles que frequentam as Licenciaturas. Esta constatação transporta-nos para os resultados da segunda proposição, onde se observa uma percentagem muito idêntica, e até ligeiramente superior, de alunos que não reconhece que a mundividência cristã da Universidade seja evidente nas suas ações quotidianas.

Neste primeiro bloco, vamos percebendo a existência de um desfasamento entre as opiniões dos líderes e dos alunos, sendo que se constata que várias vezes as opiniões dos professores estão mais próximas das dos alunos do que das dos líderes.

Observando os resultados da terceira proposição, vemos que 40% dos líderes respondentes dizem não saber se a Universidade cumpre as orientações dos documentos que timonam o ensino universitário católico e 10% chega mesmo a dizer que não cumpre. A este dado, acresce o facto de nenhum líder reconhecer, com total concordância, o dito cumprimento das orientações. A tendência para o “desconhecimento” está também presente nos docentes, que

o afirmam em 47%, bem como nos alunos, em que 64% destes afirma também não saber.

Chama-nos a atenção esta concentração de respostas no “não conhecimento”, que, sendo mais facilmente compreensível entre os alunos, tem uma significância muito particular no caso dos líderes e docentes, dado que, segundo os Estatutos, a eles se confia “a manutenção da identidade da UCP” (Estatutos da Universidade Católica Portuguesa, 2006, Art 47º,1,X).

Quanto aos resultados da proposição quatro, em que se questiona se a Universidade, por ser católica, tem uma cultura organizacional diferente das demais Universidades, ainda que tendencialmente a maioria afirme que sim, existem 20% de líderes que afirmam não saber e 10% que diz discordar totalmente que existam diferenças relativamente a outras Universidades. Se olharmos para a opinião dos professores e dos alunos, veremos também que um quarto da amostra destes grupos entende que a Universidade por ser Católica não tem uma cultura organizacional diferente das demais Universidades. Ao revisitarmos as nossas questões de investigação, particularmente as que se referem à forma como as lideranças de topo espelham e concretizam os elementos constituintes da missão, e tendo em conta que as mesmas lideranças entendem que a designação da Universidade como Católica constitui em si já um programa (Capelo Gil, 2016), percebemos que existe, entre a teorização sobre a cultura organizacional, a sua comunicação e compreensão, uma possível lacuna, fazendo com que a apropriação da referida identidade da Universidade Católica não aconteça de forma aberta e precisa (Rizzi, 2019).

Repare-se que, tanto entre os docentes como entre os alunos, cerca de um quarto diz discordar da existência de uma cultura organizacional diferente.

Entre as próprias lideranças, como percebemos acima, não existe uma visão comum e partilhada sobre esta questão. Isto leva-nos novamente à literatura, quando esta refere que, apesar de uma Universidade Católica partilhar de muitas características de uma Universidade dita secular, e ainda que a sua confessionalidade não deva ditar cegamente a sua missão académica, também a missão académica não deve silenciar ou distorcer a sua identidade religiosa (Sullivan, 2019).

Para além disto, dado os comumente conhecidos processos de secularização, não podemos ser alheios à possibilidade de os que constituem a

comunidade académica não estarem devidamente conscientes daquilo que está implicado na missão de uma Universidade Católica e, por isso, na sua cultura organizacional e, conseqüentemente não agirem, docentes e líderes, segundo a matriz humanista cristã e as orientações da Igreja sobre a especificidade do ensino católico (Rizzi, 2019).

Assim, e indo ao encontro do desafio já há muito lançado pela Congregação para a Educação Católica¹², procurando também nós, deixar contributos para futura reflexão, poderá esta discussão ajudar a pensar, ou até mesmo em alguns casos a responder, às questões propostas pela dita Congregação, tais como: de que modo a Universidade Católica é coerente com a sua natureza e finalidade? Existem, e se sim, quais são os aspetos que caracterizam e diferenciam melhor a oferta que a Universidade Católica faz aos estudantes?

1.2A comunidade universitária e a (não) identificação da Universidade com a Pessoa de Jesus Cristo.

Os resultados deste bloco permitem-nos ainda perceber que a maioria dos respondentes diz encontrar na Universidade símbolos, rituais e momentos, que a definem e distinguem enquanto Católica, que esta promove o diálogo inter-religioso e intercultural e que é visível na comunidade universitária o espírito de partilha e solidariedade, bem como o respeito mútuo e a defesa dos direitos de cada um.

Contudo, e mesmo tendo em conta uma certa transversalidade e relação dos valores acima enunciados com a questão que se segue e encerra o primeiro bloco, ao perguntarmos se, pelo modo de atuar da comunidade universitária (docentes, colaboradores, alunos) se consegue perceber que a Universidade Católica se identifica com a Pessoa de Jesus Cristo, as respostas moldam um quadro um tanto ou quanto paradoxal.

¹² No final do Documento – *Educar Hoje e amanhã, uma paixão que se renova* – a Congregação para a Educação Católica propõe uma reflexão através de várias questões. A nossa discussão, não se querendo fechada, poderá ser um catalisador para ajudar a responder a estas mesmas questões no seio da comunidade académica, deixando um suporte para refletir sobre estas questões no futuro (Igreja Católica, 2014).

Os líderes, a quem é pedido que na sua administração tenham em conta os valores católicos e nas suas decisões o discernimento evangélico, não sabem (30%) ou não concordam (20%) com o facto de a Universidade Católica revelar a Pessoa de Jesus Cristo. E destes, nenhum opta por afirmar com total concordância que, de facto, a Universidade leva a essa mesma identificação.

Os docentes, por seu lado, e de modo mais acentuado os alunos, cimentam a sua tendência para a não concordância.

Contudo, tenhamos em conta que a nossa questão olha a comunidade académica como um todo, não direccionando especificamente a cada respondente uma proposição que permita perceber se os próprios se consideram ou não parte responsável, neste caso, dado a tendência das respostas, por uma não identificação da comunidade com a Pessoa de Jesus Cristo. É plausível que existam respondentes que considerem fazer a sua justa parte para que essa identificação seja uma realidade, tanto que existem respondentes que optam pela concordância, ainda que com percentagens de resposta mais conservadoras, como entre os docentes (30%), ou significativamente baixas, como entre os alunos (19%).

Sulliver (2019) recordava a possibilidade de aqueles que constituem a comunidade universitária, particularmente aqueles que são católicos, poderem articular publicamente a sua fé com as suas responsabilidades na Universidade, através de um compromisso claro entre as suas obrigações na comunidade académica e a mundividência cristã, que deverá presidir à postura quotidiana no exercício das suas tarefas, fazendo com que cada um, e distintamente pelas diversas formas de ser comunidade, seja testemunho de Cristo. Para isto, contribui aquilo que a mesma literatura chama desenvolvimento profissional dos funcionários, através da geração de oportunidades para se formarem sobre a identidade católica da Universidade e incorporarem os elementos dessa identidade na sua carreira (João Paulo II, 1990; Rizzi, 2019).

Na discussão deste ponto, que encerra o primeiro bloco, temos ainda os contributos das respostas abertas das composições/comentários dos alunos. Estas permitem cruzamentos significativos com o pensamento que o Magistério e a Academia têm feito sobre o conceito de identidade do ensino católico e conseqüentemente, as possibilidades de identificação do ethos da comunidade académica com a Pessoa de Jesus Cristo.

Repare-se que os alunos que não identificam a Universidade com a Pessoa de Cristo referem, por exemplo, em oposição de certa forma aos ideais da partilha e da solidariedade, comportamentos ou posturas, como a *“competitividade extrema (...) e um individualismo exacerbado”* (A2).

Alguns percebem a gestão da Universidade como a de uma instituição *“privada e de certa forma um negócio, «comporta-se» como tal, indo contra a restante maioria dos valores /características que poderiam identificar-se com a Pessoa de Jesus Cristo”* (A19). Aqui acabamos por perceber um desfasamento entre aquilo que são os propósitos evangélicos do serviço ao próximo e do privilégio da Igreja pelos pobres com a percepção que alguns alunos têm da ação da Universidade.

Também nestas composições encontramos afirmações que consideram que a docência na Universidade *“é igual à de outras não católicas”* (A16), e que, como afirma A14, apesar de existirem atitudes que demonstram uma relação com a Pessoa de Jesus Cristo na Universidade, as *“atitudes”* visíveis na mesma são *“maioritariamente neutras”*.

Outros excertos referem os símbolos e os rituais, ou ausência deles, como elementos significativos nessa identificação, como A6, que não identifica a Universidade com Jesus Cristo, *“com exceção dos crucifixos nas salas”*, ou A5 que fala em *“aspectos pequenos, mas determinantes”* como um *“capelão a tempo inteiro (...) identificado como tal”* ou a existência de um *“único dia para a celebração da Santa Missa na Universidade”*. Este aluno refere ainda a existência de *“iniciativas de cariz estudantil que a Universidade aprova e patrocina e que não vão em linha (...) com a Doutrina Social da Igreja”*, podendo nós aqui intuir a possibilidade do fenómeno da secularização em massa de que fala João Paulo II e que entra no seio da comunidade académica, dando espaço a uma possível diluição da sua identidade e matriz cristã.

Por outro lado, temos também alunos que identificam na Universidade traços de relação com a Pessoa de Cristo, quando falam em gestos de *“proximidade”* (A4) dos funcionários, da *“disponibilidade da maioria dos professores em ajudar”* (A9), ou *“muitos dos que compõem a comunidade académica e que mostram Jesus na suas ações, por demonstrarem humanidade, cuidado e compreensão”* (A21).

Há ainda quem veja no voluntariado, na Caso (Católica solidária), na UDIP (Unidade para o Desenvolvimento Integral da Pessoa), nas formações para o

Crisma e na existência de uma capela e de Missa, sinais de identificação da Universidade com a Pessoa de Cristo.

Existe assim, entre os respondentes, um leque muito diverso de perceções sobre a missão da Universidade Católica, havendo uma boa parte que não identifica a especificidade da confessionalidade da Universidade.

Se isto se compreende facilmente da parte dos alunos, devido à secularização gradual e constante da sociedade, com incidência particular nas últimas gerações onde se regista um “aumento gradual dos jovens que se estão afastar da fé” (Damon, 2009, p. 56), já se revela mais difícil de explicar entre os docentes, onde o mesmo fenómeno atua, e sobretudo entre os líderes.

Para Boné (1999) as Universidades Católicas são hoje atravessadas, não pelo cultural catolicismo social e de massa, mas sim pela diversidade de escolhas e pelo pluralismo cultural moderno. Para o sociólogo é aqui que está a génese do problema da identidade católica de uma universidade, assim dita, e, por conseguinte, o seu sentido de existir e a sua missão.

Veja-se que à época do aparecimento das Universidades esta questão não se colocava, pois todas eram “católicas”. Contudo, a mudança de paradigma, fruto das diferentes fases da história, e sobretudo a história mais recente, fez com que existisse como que um desinvestimento na formação e na presença permanente, nomeadamente em lugares de liderança, de clero e de religiosos nas Universidades Católicas, sucedendo-se uma substituição em massa por leigos. Ainda assim, esta última tese não será a causa, pelo menos exclusiva, da problemática da não identificação da missão da Universidade com a sua confessionalidade, na docência e nas lideranças. A laicização das lideranças e da docência, “não corresponde de forma alguma à «secularização»” (Boné, 1999, p. 434). Tenha-se em conta que este fenómeno acontece numa época em que, com o Vaticano II, se dá uma maior valorização do papel laical, sendo a própria hierarquia a suscitar e promover a participação de leigos nas funções de liderança.

A grande questão que Boné coloca, e que pode ser útil para refletir sobre os dados que apresentamos, está na formação cristã desses mesmo leigos que assumem funções. Este considera mesmo que há uma primeira fase em que a identidade e a «formação» cristã dos primeiros leigos responsáveis, passara dos seus antecessores como que por osmose, havendo posteriormente uma lacuna

na continuidade dessa formação e por consequência uma diluição dos valores originários que fundam a identidade e que constituem a missão da Universidade Católica (Boné, 1999; J. Costa, 2014).

Esta preocupação está também já presente no *Instrumentum Laboris* – Educar hoje e amanhã, da Congregação para a Educação Católica e na recente Instrução da mesma Congregação - *A Identidade da Escola Católica para uma Cultura do Diálogo* (Igreja Católica, 2022) . No documento referido elencam-se alguns desafios, sendo que um deles é precisamente a “urgente” formação dos professores e dos responsáveis dirigentes, a que na nossa investigação chamamos líderes. Diz o documento que “essa formação é urgente, se quisermos poder contar, no futuro, com professores comprometidos e preocupados com a identidade evangélica do Projecto Educativo e com a sua actuação” (Igreja Católica, 2014, III, j, 2022, n 14). Repare-se nas respostas dadas às proposições 26 e 27 do nosso questionário, em que a maioria dos docentes respondentes dizem não estar atentos aos documentos e às orientações da Igreja sobre o ensino universitário católico (49%) e que não lhes são fornecidos recursos acerca da missão humanista cristã da Universidade para a sua formação e atualização (56%).

O Documento parece ir ainda mais longe quando diz que: “não se deseja que nas escolas católicas exista «uma dupla população» de professores (...), é necessário um corpo docente homogéneo, disponível para aceitar e partilhar uma definida identidade evangélica e um coerente estilo de vida” (Igreja Católica, 2014,III,j).

A Congregação enuncia ainda um outro problema que pode também servir de reflexão quando falamos na dificuldade de entendermos as opiniões expressas pelos líderes relativamente à identidade e à missão da Universidade Católica. No Documento apresenta-se um cenário de pobreza espiritual e de baixo nível cultural, que segundo o mesmo já se começa a encontrar nas instituições de ensino católicas, a par de “um problema de autoridade” (Igreja Católica, 2014, III,a). Não uma autoridade disciplinar baseada em regras formais, mas aquela autoridade que vem da credibilidade e do testemunho e por isso fundada no Evangelho. Para a Congregação, a solução passa por líderes “que se inspiram no Evangelho, formados na pedagogia cristã, ligados ao projecto educativo da escola católica, e não sujeitos à sedução daquilo que está na moda,

daquilo que, por assim dizer, vende melhor” (Igreja Católica, 2014, III, a, 2022, n 79).

Na mesma ótica do ponto anterior, a nossa discussão cruza-se com as questões lançadas pela Congregação para a Educação Católica e constituem um desafio de reflexão que não encontrará a totalidade das respostas nos nossos dados e discussão. É o caso destas questões: como está estruturada e é garantida a formação contínua, profissional e cristã, do pessoal dirigente, docente (e não docente)? Está previsto um percurso de acompanhamento na fé, para os docentes e estudantes que frequentam a Universidade Católica?

A Universidade Católica é uma organização. Como qualquer organização é pautada por várias características do modelo burocrático e do modelo político, explicitadas na revisão de literatura. A questão consiste em saber até que ponto estes modelos de funcionamento se sobrepõem à questão humanista e cristã da Universidade Católica, reduzindo-a mais a um enunciado formal e institucional do que a uma prática concreta e diariamente visível e percecionada pelos líderes, professores e alunos. E, a ser assim, que futuro estará reservado para a especificidade da missão da Universidade Católica num contexto de profunda secularização.

2. Administração

2.1 A ação das lideranças como fator de (não) concretização da missão da Universidade.

A concretização da missão através da ação das lideranças tem neste segundo bloco o seu tema central. Daqui emana também a questão sobre a percepção que a comunidade docente e discente tem dessa mesma ação e por conseguinte da implementação dos elementos que constituem a matriz humanista cristã de uma Universidade Católica.

Neste bloco encontramos um distanciamento evidente entre as opiniões dos docentes e dos líderes relativamente às proposições que fomos enunciando, sendo que os professores são bastante críticos quando se abordam problemáticas como a partilha da visão, a comunicação entusiasta acerca do que precisa ser realizado para comprimir a missão humanista cristã, a liderança enquanto fator motivacional, a atenção aos que estão confiados aos líderes, a partilha de poder na tomada de decisões e a gestão das potencialidades dos recursos humanos.

João Paulo II (1990) fala-nos da missão dos líderes nas Universidades Católicas a partir da ideia da promoção do desenvolvimento da comunidade mediante uma gestão de serviço. São várias as características que moldam este tipo de gestão; uma delas consiste na “promoção do sentido de comunidade”(Greenleaf, 1997, p. 4), o que foi considerado nas nossas questões. Assim, a existência ou não da mesma encontra-se espelhada nos nossos resultados quando se questiona sobre a existência de um sentido de missão comum na Universidade e se as lideranças falam entusiasticamente do que precisa de ser realizado para levar a cabo essa missão comunitária enraizada na visão humanista cristã. De facto, em ambas as questões há uma polarização das respostas: uma visão sempre mais positiva da parte dos líderes e uma opinião mais distante, e mais negativa, dos docentes e dos alunos.

Sobre a enfatização do sentido comum da missão, os líderes dizem fazê-lo numa concordância de 100%, sendo que apenas cerca de metade dos docentes segue a mesma tendência de resposta. Contudo, quando se trata da especificidade da missão humanista cristã da comunidade, ainda que haja

líderes que digam (70%) que o fazem entusiasticamente, há 30% de líderes que afirmam que tal não acontece. A discordância aumenta quando falamos das opiniões dos docentes (52%) e dos alunos (65%).

Se, de facto, como afirma a literatura, o cumprimento da missão de uma Universidade Católica depende muito da sua organização, das suas lideranças e das escolhas que estas fazem em favor da comunidade educativa, bem como da capacidade dos líderes fazerem com que os que lhe estão confiados se moldem voluntariamente a um projeto comum (Alves et al., 1999; Lebrun, 2013), estes dados sugerem-nos que há um desfasamento grande entre aquilo que os líderes consideram efetivamente estar a levar a cabo para a existência desse sentido comunitário específico da Universidade Católica e aquilo que os docentes e os alunos percebem dessa mesma ação.

Para a Conferência Episcopal Francesa, um líder ligado ao ensino católico, para além do cuidado da administração e da pedagogia, é também o garante da unidade da comunidade educativa e aquele a quem é pedido que desperte nos cristãos da comunidade académica o zelo e o empenho para a concretização do projeto educativo. É o animador por excelência da comunidade trabalhadora e o responsável pela unidade e o sentido de missão comum (CEF, 2013).

Olhando para os nossos resultados, apesar de a maioria dos docentes e alunos considerar que os líderes fomentam a sua participação na definição da estratégia organizacional e nos órgãos pedagógicos e que são o garante da coerência do projeto educativo e da qualidade pedagógica, paradoxalmente, quando saímos das questões da pedagogia e da qualidade do projeto educativo e entramos em questões mais ligadas às relações entre os líderes e os liderados, nomeadamente sobre o impacto motivacional que os líderes têm sobre os professores, percebemos que enquanto os primeiros consideram a 100% ser fator motivacional, os segundos não seguem a mesma tendência e discordam em 55% dessa visão. Vale a pena lembrar o que que Varollo procura demonstrar no seu estudo: administradores e líderes “não são necessariamente parentes” (2011, p. 67) e liderança é como que sinónimo de motivação.

Uma visão por si só de carácter administrativo consegue, segundo o autor, resultados dentro da empresa, implicando por vezes um distanciamento e desconhecimento pessoal daqueles que estão confiados à sua administração,

contudo, entende e explica que um líder é mais que um administrador. Assim, defende que o líder é capaz de “extrair dos seus colaboradores a energia potencializada que cada um traz consigo e canalizá-la em favor não só da empresa, mas também do próprio indivíduo” (Varollo, 2011, p. 67). Os nossos resultados mostram que 62% dos professores consideram que os líderes não conhecem as potencialidades dos membros da comunidade educativa. Também neste ponto os líderes afirmam o contrário, pois na sua totalidade, dizem conhecer essas potencialidades e geri-las de forma correta em ordem à resposta das necessidades da Universidade. Esta questão cruza-se com uma outra que interroga sobre a atenção e apoio que as lideranças dispensam à comunidade académica; neste ponto distingue-se pela positiva a opinião dos alunos, que é diferente dos professores, ao afirmarem (80%) que os líderes estão atentos às suas necessidades. No caso dos alunos não podemos desconsiderar, muito pelo contrário, o facto de estarem incluídas no estudo não só as lideranças de topo, mas também as intermédias como os Diretores de Faculdades ou os responsáveis pelos vários departamentos da Universidade. Na mesma questão, mas direccionada aos docentes, quem lidera continua a considerar estar 100% atento, contudo, ao contrário dos alunos, os docentes tendem maioritariamente a discordar quando 66% afirma que tal não acontece.

Quando se trata de pensar a gestão numa ótica de “gestão partilhada” (Ho, 2020), a polarização entre líderes e docentes mantém-se, pois 90% dos líderes diz partilhar o poder aquando da necessidade de tomar decisões, mas 62% de docentes discorda que estes o façam.

Podemos concluir que existe um desfasamento, na maioria das vezes acentuado, entre as opiniões dos líderes e dos docentes quando se trata de questões sobre os indivíduos e a ação e relação das lideranças sobre eles e com eles. As opiniões apenas se aproximam e homogeneízam positivamente quando se trata do papel das lideranças no Projeto Educativo e na qualidade pedagógica da Universidade.

2.2 Critérios evangélicos e serviço ao próximo na ação dos líderes: entre o desconhecimento e a discordância.

Na continuação do que refletimos anteriormente, recordamos o que referia a literatura a propósito das lideranças católicas e sobre o ideal destas terem por base o serviço ao próximo e as suas decisões serem discernidas por critérios evangélicos (Rizzi, 2019). Na mesma lógica recordamos a importância do perfil do educador católico, no nosso caso líderes e docentes. Um perfil onde a empatia, a “vontade e disponibilidade para servir segundo o Evangelho, representam um dos mais fortes alicerces da escola católica” (Azevedo, 2022, p. 55).

Da percepção sobre a atuação das lideranças com base no serviço ao próximo conseguimos observar que há uma discrepância muito acentuada entre a opinião dos líderes, que assumem cumprir o seu papel segundo esta forma de ser e estar, em 90%, com os outros dois grupos, docentes e alunos. A discrepância mais evidente está entre este dado e o “não conhecimento”, nomeadamente nos alunos, que dizem não saber se a ação das lideranças tem por base o serviço ao próximo, em 47%. A estes juntam-se 24% de professores que afirmam também não saber e entre os docentes há ainda 38% que discorda que os líderes atuem nessa ótica.

Quando se aborda a questão das decisões discernidas com critérios evangélicos, os dados mostram-nos uma realidade diferente da que preside à lógica das respostas dos líderes dadas até aqui. São apenas 50% os líderes que concordam que as decisões sejam discernidas com critérios evangélicos, pois os restantes, dizem não saber (30%) ou dizem mesmo discordar (20%). O mais recente Documento da Santa Sé sobre a Identidade da Escola Católica (2022) refere que a profissionalidade do leigo católico na educação não se esgota em si mesma, ela está incluída e assumida na sua vocação sobrenatural cristã. Daí que o exercício das funções destes mesmos leigos seja visto “como uma vocação pessoal na Igreja e não apenas como o exercício de uma profissão” (Igreja Católica, 2022, n 24).

O serviço ao próximo e os critérios evangélicos cruzam-se com várias características da chamada teoria da liderança servidora (Greenleaf, 1997), nomeadamente gestos concretos, empáticos, de proximidade, altruístas e focados no primado da pessoa, nas suas capacidades e limitações, liderando pelo exemplo,

daí que a “liderança servidora seja reconhecida e não instituída” (Rodrigues et al., 2020, para. 2).

São muitos os que entre alunos (49%) e professores (32%) não sabem se as decisões das lideranças são discernidas com critérios evangélicos. Evidentemente que não é possível afirmar sem mais, uma propositada não intencionalidade ou o não recurso aos ideais do Evangelho, por parte dos líderes, para tomar decisões e gerir e moderar a comunidade académica. Haverá sempre uma zona de desconhecimento óbvio, devido ao facto desse não ser um assunto abordado nas atividades quotidianas de gestão e nas relações. Contudo, para além de serem os próprios líderes (50%) a não conseguirem afirmar a existência destes critérios no modo de liderança, temos também uma grande percentagem de alunos (40%) e de docentes (54%) que diz mesmo discordar que ela exista.

Assim, talvez seja útil, nesta reflexão, voltar ao início, e ir ao encontro daquilo que refere Azevedo quando fala do cuidar dos alicerces do ensino católico, ou seja, ter educadores, dirigentes e docentes, com “vontade e disponibilidade para servir segundo o Evangelho” (Azevedo, 2022, p. 55).

Quem são hoje os educadores do ensino católico é outro desafio para reflexão que a Congregação para a Educação Católica assinala às Universidades Católicas, não só quando pergunta sobre a qualidade da formação cristã dos que são recrutados, mas também quando questiona como é feito o recrutamento do pessoal, particularmente o docente e o dirigente para uma Universidade Católica (Igreja Católica, 2014).

Não é possível uma conclusão que responda diretamente a esta pergunta, contudo, é possível perceber que estas não são questões de perceção harmoniosa na comunidade académica, dado as discrepâncias que fomos enunciando entre líderes e liderados e aquilo que os Estatutos da Universidade consignam nesta matéria, por exemplo, “A inspiração comunitária cristã da UCP, considerada no seu todo, caracterizará também os diferentes e singulares organismos que dela fazem parte;” (Art 5º, 1, II); ou “A manutenção da identidade da UCP é tarefa de toda a comunidade universitária, mas particularmente das suas autoridades e dos seus docentes e investigadores” (Art 47º,1,X), ainda não encontram, na perceção dos docentes e alunos, a sua concretização no seio da comunidade universitária.

3 Ensino e Investigação

3.1 Evangelho e áreas do saber: a relação em que “todos” concordam em discordar.

A articulação entre a Fé e a Razão, o diálogo entre o Evangelho e as várias áreas do saber, a educação com base na mundividência cristã e a aquisição de conhecimentos da doutrina católica numa perspectiva de interdisciplinaridade são características transversais a praticamente toda a literatura por nós referenciada (Azevedo, 2008; João Paulo II, 1990; Osswald, 2008; Policarpo, 1985; Rizzi, 2019; Sullivan, 2019). Isto significa certamente que estas premissas que caracterizam o ensino superior católico e que encontram amplo consenso entre os autores, são fundamentais para a concretização da missão de uma Universidade Católica no que ao ensino e formação integral diz respeito. Nos seus Estatutos a Universidade Católica Portuguesa faz referência à “inspiração cristã de todo o ensino” (Art 45º,2, IX) e à “perspetiva de integração e de síntese de todo o saber com a doutrina católica, promovendo continuamente o diálogo entre a fé e a razão” (Art 3º, a, I).

Quando questionamos os respondentes sobre o acima enunciado, nomeadamente se existe a preocupação por dinamizar o diálogo entre o Evangelho e as várias áreas do saber, a discordância é transversal aos três grupos. Os líderes discordam em 44%, os docentes em 64% e os alunos em 79%. Para além das elevadas percentagens de discordância, nos docentes e nos líderes observam-se percentagens significativas dos que dizem não saber, 22% e 33% respetivamente.

Paradoxalmente, quando perguntamos se são utilizados mecanismos variados para a promoção da articulação da Fé e da Razão no ensino, 76% dos líderes diz que sim, contudo, numa linha idêntica aos dados anteriores, os próprios docentes afirmam que não (58%) e os alunos mantêm coerente o seu nível de discordância ao afirmarem, em 76%, que não são utilizados os referidos mecanismos de promoção.

Nos comentários dos alunos podemos ainda perceber que entre estes há quem explicita esta lacuna de forma muito clara – “São-nos dadas ferramentas

jurídicas e económicas, mas não nos é dado a conhecer que fins é que, à luz da Doutrina Católica, essas ferramentas devem prosseguir” (A23).

Assim, é possível concluir que esta lacuna é clara na opinião dos alunos e também na da maioria dos docentes. Entre os líderes é reconhecida, pela maioria, a inexistência do diálogo entre o Evangelho e as áreas do saber, mas não só é reconhecida a inexistência, como se observa que uma considerável percentagem, 30%, diz “nada saber” sobre o assunto.

A dissonância que existe entre os líderes e os outros dois grupos, quanto à utilização dos mecanismos para articular a Fé e a Razão permite-nos intuir, pelo testemunho dos próprios docentes e alunos, que efetivamente a utilização dos referidos mecanismos não acontece na opinião da maioria, mas ainda assim, verifica-se que os líderes têm uma visão oposta, mais conforme ao que deles se esperaria.

3.2 Rigor intelectual, dignidade da pessoa humana e o valor da vida: o distintivo da Universidade Católica.

O rigor intelectual, a procura da verdade e o respeito pela dignidade da pessoa humana e o valor da vida são características também elas transversais à literatura que procura sintetizar aqueles que são os elementos constituintes do ethos universitário católico. A questão sobre se a Universidade zela pelo rigor intelectual é, como espectável, a questão que mais consenso reúne entre os respondentes. As percentagens de concordância sobre esta questão chegam aos 90% em todos os grupos. É assim sinal de que esta característica, também ela definidora da cultura de qualquer Universidade, encontra nos líderes, nos docentes e nos alunos da Universidade Católica, e neste, caso do Centro Regional onde decorreu a investigação um amplo e positivo assentimento.

Também a questão sobre a vocação para educar para o valor da vida encontra entre os respondentes considerável consenso de concordância.

Assim, podemos concluir que estes dois elementos se encontram espelhados no quotidiano da atividade comunitária, ficando, por exemplo, para futura investigação, a possibilidade de perceber em concreto como é que os mesmos se materializam na sua comunicação e exposição na comunidade académica.

3.3 Investigação: informada pela ética e pela moral, mas desconecta do serviço à Igreja e à sua missão.

João Paulo II recordava que a investigação e o saber devem servir a pessoa humana e que “numa Universidade Católica a investigação vem sempre efectuada com a preocupação das implicações éticas e morais” (1990,n 18). Ao questionarmos sobre se a investigação na Universidade é informada pela ética e pela moral, 80% dos docentes e 80% dos líderes dizem ser concordantes com a afirmação. Isto demonstra que em larga escala os dois grupos de respondentes são conformes com a ideia de que a investigação seja informada pela ética e pela moral. Contudo, nos resultados, não deixa ainda assim, de ser relevante, o facto de 20% dos líderes dizerem “não saber” se assim acontece. Dado a latitude das lideranças inquiridas, pode-se intuir a possibilidade de líderes que não trabalhem diretamente com o âmbito da investigação e da docência não se sentirem capazes de fazer uma afirmação que vincule a sua resposta à concordância ou à discordância.

Contudo, quando a questão é se a investigação é realizada em temas de interesse para a Igreja e a sua missão, há como que paradoxalmente um alheamento em relação à proposição anterior, pois 24% dos docentes diz “não saber”, 40% dos líderes diz “não saber”, 46% dos docentes diz discordar e 20% dos líderes diz também discordar.

A formulação da proposição, por ser muito aberta, não permite perceber o porquê da grande maioria formular a sua resposta no “não conhecimento”, ou na discordância. Veja-se que, também segundo João Paulo II a investigação numa Universidade e de modo particular numa Universidade Católica, “contribui para a defesa e desenvolvimento da dignidade humana” (...) pelos “diversos serviços prestados às comunidades locais, nacionais e internacionais” (João Paulo II, 1990, n 12). Poderão os nossos respondentes estar a associar ou intuir que a ideia de investigação em temas de interesse para a Igreja se afunila em temáticas exclusivamente teológicas e/ou eclesiais? Veja-se que tudo o que serve o bem comum e promove a dignidade da pessoa é do interesse da Igreja, como refere o Papa polaco.

Ainda que a pergunta não se direcione de forma a questionar se há uma interdisciplinaridade com a teologia, como a literatura sugere,

(a teologia) “dá um contributo a todas as outras disciplinas na sua investigação de significado, ajudando-as não só a examinar o modo como as suas descobertas influirão sobre as pessoas e sobre a sociedade, mas também fornecendo uma perspectiva e uma orientação que não estão contidas nas suas metodologias” (João Paulo II, 1990, n 19),

podemos questionar-nos se efetivamente a interdisciplinaridade com a filosofia e a teologia acontece, dado a significância das respostas. A não identificação de existência de investigação de interesse para a Igreja, poderá não só estar relacionada com a não associação efetiva do conceito, explicado acima, mas também com uma possível inexistência de uma cultura de diálogo com a teologia nas várias áreas do saber e da investigação (uma vez que os líderes das Faculdades e dos Centros de Investigação responderam aos questionários). Tenha-se em conta que sobre o ensino e a relação da Fé e da Razão, como vimos anteriormente, ficara já claro que essa preocupação não era visível, por exemplo, nas respostas dos docentes.

3.4 Unidades Curriculares de Cristianismo: significativas, mas não para todos.

“na comunicação do saber coloca-se em ressalto o facto de a razão humana na sua reflexão se abrir a interrogações cada vez mais vastas e de a resposta completa a elas provir do Alto através da fé. Além disso, as implicações morais, inerentes a cada disciplina, são examinadas como parte integrante do ensino da mesma disciplina; isto para que todo o processo educativo seja dirigido definitivamente para o progresso integral da pessoa.”(João Paulo II, 1990, n 20).

Neste tema em particular, os resultados cruzam dados oriundos de todos os instrumentos de recolha: questionário online, fichas de comentário, observação e análise de conteúdo.

Percebemos pela literatura, ilustrada no introito a este ponto, a importância que é dada às disciplinas que cruzam as várias áreas do saber com

a axiologia cristã, sendo este um dos pontos diferenciadores que uma Universidade Católica tem na oferta ao aluno a sua formação integral.

Ao questionarmos os alunos se consideram que as Unidades Curriculares de “Cristianismo” acrescentam algo de verdadeiramente significativo à sua formação integral, a maioria (67%), no inquérito online, diz que sim. Contudo, quando damos espaço a uma igual questão aberta, apenas 5 alunos em 27, afirmam concordar de forma plena com essa significância.

Poderíamos ver aqui um considerável desfasamento entre os resultados dos diferentes instrumentos referidos, contudo, se analisarmos as respostas às questões abertas, acabaremos por perceber que são vários os que dizem não concordar que seja uma Unidade Curricular que acrescente algo de significativo, não por serem desfavoráveis à existência mesma, mas sim, por exemplo, porque consideram que *“a cadeira não é adequada para a realidade do ensino em que é apresentada”* (A7). A citação do aluno anterior resume outras respostas que seguem a mesma leitura, como a de A2, A3, A5, A10, A11, A16 ou A19.

A7, explicita também, e de forma simples, o porquê desta dissonância na sua ótica – *“existe uma falta de ligação entre a vertente económica e a unidade curricular de cristianismo”*. Também A2 é perentório em usar o mesmo argumento – *“Há um desfasamento absoluto entre aquilo que são os conteúdos essenciais do direito e o tipo de conteúdos que a disciplina de mundividência ensina apostando numa contra doutrina dos estudantes”*.

Assim, apesar de haver uma maioria clara que considera a existência da Unidade Curricular como fator significativo, a partir do inquérito online, são vários os que, nas respostas abertas, demonstram que também o considerariam se esta Unidade Curricular tivesse outro tipo de integração no currículo.

A5 faz como que uma radiografia do currículo da disciplina por ele frequentada, apontando aquelas que lhe parecem ser as características que fazem com que a *“u.c se torne infrutífera”*. A análise de A5 permite-nos elencar várias questões que são transversais às lacunas apontadas por outros alunos:

- 1) *“A unidade curricular referida instrui um conjunto de temas e matérias que não são precedidos de uma base comum a todos os alunos.”*

- 2) *“A u.c beneficiaria a (...) formação integral -como ser religioso (...) que toda a pessoa é - se procurasse dar respostas à imensidade de perguntas que todo e qualquer aluno tem.”*
- 3) *“A teorização que se faz à volta da matéria, o seu carácter iminentemente histórico, a falta de centralidade e objetividade do currículo, a dispersão alargada dos temas abordados”.*
- 4) *A disciplina não acrescenta “algo que, pela ocupação curricular que ocupa, provocasse, guiasse, orientasse os alunos a responderem aos temas centrais da vida humana – a vida e a morte, o bem e o mal, o destino último e o sentido de todas as coisas”.*

Esta perspetiva constitui, em si mesma, todo um programa de revisão curricular.

Uma leitura transversal destes resultados, ilustrados na expressão de A3 quando diz que a Unidade Curricular *“cai um pouco de paraquedas”*, leva-nos a pensar até que ponto a maioria dos alunos entende efetivamente o enquadramento de uma Unidade Curricular desta natureza e claro, entendendo, o seu enquadramento epistemológico, pedagógico e curricular, perceba o seu objetivo e o contributo para a sua formação integral. Daí que sejam bem distintas as respostas daqueles que aparentemente entendem os objetivos, mas não os vêm materializados no currículo ou em algumas das lecionações, daqueles que de todo não se reveem na necessidade e utilidade da Unidade Curricular.

A este respeito, repare-se ainda no entendimento de A7, que afirma que a *“unidade curricular é completamente paralela à ideologia do curso.”*

Esta afirmação poder-nos-ia levar a questionar, por exemplo, o que entenderá este estudante por *“ideologia do curso”*, estando nós a falar de um curso ministrado numa Universidade de matriz humanista cristã, ou até perguntar-nos como é apresentada a Unidade Curricular aos estudantes de modo que um número considerável não aparente entender a sua importância dentro da identidade da Universidade e não a considere conseqüentemente necessária. Outros, como A18 ilustra, dizem que *“de certa forma, consigo entender o porquê da cadeira mas não acho que seja necessário para o curso.”*

Na nossa análise às Fichas das Unidades Curriculares de Cristianismo, procurámos cruzar aquilo que são os objetivos enunciados em cada Ficha Curricular com as categorias e subcategorias de análise que espelham aquilo que a Igreja preconiza para o ensino superior católico. Essa relação encontra-se já exposta na apresentação de resultados. Dela podemos concluir que:

- não existe um tronco primário comum em todas as Unidades Curriculares de Cristianismo, que possa, por exemplo, dar resposta ao que enuncia A5 quando diz que a unidade curricular *“instrui um conjunto de temas e matérias que não são precedidos de uma base comum a todos os alunos”*;

- há globalmente uma predominância de objetivos na correspondência com *a promoção da cultura dialógica entre religiões e culturas* relativamente a qualquer outra subcategoria de análise;

- a categoria que reúne menos correspondências, numa leitura vertical, é a categoria correspondente aos *conteúdos sobre o catolicismo*;

- apesar de ser na categoria – *Educação para um fim* – que encontramos um maior número de correspondências na vertical, é neste enquadramento que surge a única subcategoria que apresenta uma só correspondência – *A Universidade Católica sabe que a sua identidade matricial é a Pessoa de Cristo*;

- a correspondência única referida anteriormente está presente em ED/DP, quando esta coloca como um dos objetivos da Unidade Curricular a *identificação do perfil tipo do discípulo de Jesus de Nazaré*;

- das fichas para comentários preenchidas pelos alunos, na apresentação das respostas nas licenciaturas agrupadas na mesma tabela, apenas 5 em 27 dão assentida significância à Unidade Curricular, 19%. Na tabela de ED/DP, a totalidade dos respondentes, 5 em 5, considera a disciplina significativa.

Podemos ainda olhar os objetivos apresentados na tabela 17 e pensá-los a partir da ideia daquilo que seria uma “formação integral do aluno” com a

vertebra do Evangelho e conseqüentemente da axiologia cristã, bem como aquilo que são as teorizadas dimensões do ser humano: mental; emocional; espiritual e física (H. Costa, 2013). Daqui, e de forma a ler sumariamente os objetivos nesta ótica, podemos falar numa dimensão cognitiva e numa dimensão vivencial. Repare-se que, expressões como *conhecer, reconhecer, desenvolver, compreender, possuir* ou *identificar* aludem à primeira dimensão, a cognitiva. De outro modo, tal como já referido, expressões como *tomar consciência, assumir* ou *apreciar e respeitar*, estão orientadas para a dimensão vivencial. A literatura refere, nesta matéria, a importância da *aprendizagem aplicada que coloca a contemplação em ação*. Daí a relevância dos elementos da dimensão vivencial. Numa contagem linear percebermos que, de forma desproporcional se encontram mais presentes, nos Objetivos da maioria das Unidades Curriculares de Cristianismo, objetivos de caráter cognitivo do que vivencial. Pode concluir-se que, como já foi referido, não se parte das questões dos alunos, nem se articula devidamente esta Unidade Curricular com as outras, em termos de articulação horizontal em cada curso.

Na tabela que agrupa todas as licenciaturas, com exceção da Licenciatura observada, os comentários dos alunos que têm uma opinião dita mais positiva na frequência da disciplina, são referências, ainda que parcas, que dizem respeito à interdisciplinaridade, como A13 que diz - *“Sim, são nos dados conceitos relacionados com a cultura cristã e ciência (no meu curso)”* ou A15 - *“Sim, dado que os temas debatidos foram ligados à nossa área e como avaliar certas situações eticamente.”* Contudo, sobre o mesmo assunto encontramos várias críticas, como por exemplo, A1 quando diz - *“Creio que devia haver um maior esforço para adequar as temáticas ao “mundo do direito”*. A mesma opinião, sem especificar a área, tem A14, A16 ou A17.

As subcategorias que aludem à *educação liberal e ao desenvolvimento dos talentos do aluno*, bem como o *diálogo com a teologia*, apesar de se correlacionarem com objetivos presentes em várias fichas de unidade curricular, encontram, na tabela que aglutina as várias licenciaturas, comentários que induzem à não existência dessa preocupação, ou mesmo a um exercício contrário. Veja-se A5 quando diz - *“o currículo desta u.c não está concebida de forma adequada a contribuir que os alunos se formem com um critério sincero e discernido sobre a mensagem e a proposta da Igreja, aliada, centralizada e*

enraizada na pessoa de Cristo”, ou A10 ao referir que os “temas eram bastante aleatórios e tudo dado de forma muito estranha. Tendo em conta que no meu curso havia muitas pessoas não crentes, os temas os conteúdos e a forma como foi dado, só lhes fez parecer que a Igreja e os Padres dizem coisas (...) da boca para fora.”

Aquilo a que alguns respondentes chamam de *forma de lecionação*, constitui um obstáculo à identificação com a disciplina. Repare-se em A4 quando diz – *“seria importante mudar a forma como a unidade curricular é lecionada de modo a conseguir reter melhor a atenção dos estudantes”*, ou então A19 ao referir – *“Na teoria sim. Acredito que aprender sobre qualquer religião, neste caso a católica, só pode ter benefícios para a formação integral dos alunos, no entanto, da forma que foi lecionada a unidade curricular (...) no curso de (...) não considero que tenha acrescentado nada de significativo.”*

Contudo, ainda que tendencialmente haja uma predominância de comentários ditos negativos, particularmente nas correlações acima citadas, também se encontram testemunhos de alunos que como A20 consideram que a *“cadeira acrescenta bastante a nível pessoal e do autoconhecimento (+) relação com o outro, o que tem como consequência uma influência na nossa vida (geral), o que abrange a vida curricular.”* Ou A26 que diz que a disciplina *“permite adquirir novas perspetivas, pensamentos e gerar debates sobre temáticas de interesse geral, respondendo a questões mais profundas.”*

Se tivéssemos apenas em conta os comentários de A1 a A20, A26 e A27, a par com as respostas à mesma questão no inquérito online, poderíamos ter uma sugestão de conclusão que indicasse que as Unidades Curriculares de “Cristianismo” são, pela maioria dos inquiridos online, consideradas como uma marca significativa no seu currículo. Contudo, ao triangularmos os dados, e, como já dissemos, ao darmos espaço para resposta aberta sobre o mesmo assunto, uma conclusão tao lata não encontra sustento nas respostas escritas. São várias as críticas e sugestões de melhoria.

O facto de a maioria das respostas negativas trazerem associadas sugestões de melhoria, poderá explicar a percentagem maioritária (67%) dos alunos que consideram esta Unidade Curricular significativa no seu currículo em sede de preenchimento do inquérito online.

Contudo, não podemos deixar de concluir que os respondentes deixam transparecer uma falta de relação e articulação das unidades curriculares específicas do seu curso com a Doutrina Católica e a Axiologia Cristã, que o modelo pedagógico seguido na lecionação é apontado, por vezes, como fator desmotivador para uma justa frequência da disciplina e que não existe um tronco curricular comum que permita uma mesma base *teológica, histórica e cultural da doutrina católica*. Há um notório subaproveitamento da existência desta Unidade Curricular nos vários Cursos, intuindo que neste momento as mesmas estão mais vocacionadas para “encher o balde” do que para “incendiar o fogo” (Tavares, 2023).

3.5A experiência da Dupla Licenciatura em Direito e em Gestão: Só se entende o Cristianismo se se entender a *Encarnação!*

Aquando do questionário online e da pergunta sobre a adequação do currículo da Unidade de Cristianismo com o curso de frequência, a Dupla Licenciatura em Direito e em Gestão foi aquela onde a concordância se registou num valor mais elevado, 72%.

Este dado haveria de fomentar ainda mais o interesse em que a Observação decorresse neste curso de forma a compreender o porquê de uma aprovação tão significativa relativamente aos demais cursos, sendo que, os dados apenas nos permitiam comparar com a Licenciatura de Direito, onde a aprovação dos alunos se regista nos 49%.

Na análise documental às Fichas das Unidades Curriculares também há um dado muito relevante que encontra depois sustento nos comentários dos alunos, ou seja, os Objetivos de Cristianismo e Cultura na Dupla têm correspondência com todas as nossas subcategorias propostas pela literatura e os mesmos Objetivos encontram concretização nos comentários dos estudantes.

Quando se apresenta como *objetivo*,

“conhecer as coordenadas culturais - axiológicas, estéticas, espirituais, doutrinárias, - fundamentais do Cristianismo emergentes do Concílio Vaticano II e do magistério dos Papas posteriores ao Concílio” (ED/DP).

está-se diante de algo com uma latitude considerável. Dado muita da dita concretização dos Objetivos já se encontrar espelhada na apresentação de resultados, apenas deixamos alguns exemplos que sustentem aquilo que por fim concluiremos.

Existe de facto ao longo do semestre um permanente contacto com o Magistério da Igreja, enformado nas temáticas abordadas, sejam as de cômputo mais geral, sejam as mais direcionadas para a especificidade do Direito ou da Gestão. Por exemplo, uma aluna refere – “*Li com atenção a Encíclica Fides et Ratio*” (aula 5), ou uma outra escreve no seu trabalho final,

“Esta visão do mercado está já patente no documento da Santa Sé (*Mensuram Bonam*), de 25 de novembro de 2022, que estabelece critérios éticos para investimentos financeiros.” (Adp3).

Refira-se que, a *Mensuram Bonam*, por exemplo, não foi um documento explorado em aula, mas tal como fomos constatando e registando, os alunos são os protagonistas desta disciplina. Autonomamente, a partir das ferramentas fornecidas, a aluna concretizou um dos Objetivos da Unidade, quando se preconiza que o aluno desenvolva a “*capacidade crítica nas várias dimensões da civilização a partir das coordenadas fundamentais integrantes de um Cristianismo para o século XXI*”. Aqui exemplificámos algo direcionado para a esfera laboral, mas outros exemplos poderiam ser dados, como a referência feita à leitura da *Pacem in Terris* de João XXIII. Desta, por exemplo, os alunos realçam os fundamentos da paz: “a verdade, a justiça, o amor e a liberdade.”

Outro Objetivo da Unidade Curricular é o de,

“Interiorizar, a partir dos personagens discipulares e dos documentos apresentados, valores e referências cristãmente fundados, que permitam aos estudantes virem a ser capazes de enformar humanisticamente a cultura do mundo do Direito e da Gestão no seu futuro exercício profissional” (ED/DP).

Neste Objetivo reside uma das metodologias mais significativas, no meu entender, do currículo e da lecionação da disciplina observada. Os alunos

conseguem efetivamente identificar e identificarem-se com homens e mulheres que encarnam aquilo que lhes é proposto. Isto pode perceber-se quando um aluno refere,

“De Rosario Livatino retirei que a integridade e a dedicação à justiça foram autênticos guias no exercício da sua profissão, mas acima de tudo retirei um exemplo para a vida, uma vez que pretendo adotar a sua coerência entre a fé e o compromisso de trabalho” (Adp5).

Ou quando nas suas considerações finais outro aluno diz,

“achei bastante positiva a relação entre a vida das personagens discipulares (e, nesta nota, acho que os filmes são ótimas maneiras de sermos introduzidos às suas vidas), os documentos da Igreja, e os binómios. Perceber as propostas da igreja, e conhecer pessoas que viveram segundo essas propostas.” (Ap12).

Enquanto observador, um dos processos que mais me cativou foi precisamente o de perceber e acompanhar um crescimento tão rápido num tempo tão curto e de ver os estudantes a caminharem para uma síntese do “eu” e dos “saberes” percebendo que estes elementos não são dissociados uns dos outros nas suas vidas. Para este processo percebe-se que consideram muito importante o currículo que lhes fora apresentado. Isto é notório quando o aluno 2 partilha o seguinte,

“O programa desta disciplina revelou-se muito enriquecedor, não só por me ter proporcionado um processo interior de autoconhecimento, especialmente a nível espiritual, mas também por me ter oferecido oportunidades de praticar competências que são importantes para a minha evolução pessoal e, futuramente, profissional.” (Adp2).

A propósito da questão do pouco tempo para abordar tantos temas e da latitude e relação que os mesmos têm com a formação dita técnico-científica, ao longo do curso, A25 faz uma sugestão que leva a intuir, e visa, não só uma questão prática de distribuição de currículo, mas também da significância que dá à Unidade Curricular,

“Na minha opinião, ao invés de comprimir tudo numa unidade curricular, mas sim ao longo do percurso, ou seja, todos os anos abordar durante o semestre um tema, com uma aula semanal.” (A25).

Talvez um dos mais ousados objetivos, mas também o mais querido pela literatura, é o de levar o estudante a *“Identificar o perfil-tipo do discípulo de Jesus de Nazaré”*. No currículo desta Unidade procura-se fazer este caminho com a leitura, reflexão e partilha do Sermão da Montanha (Mt, 5-7), bem como, as já referidas *“concretizações contemporâneas”*.

Este objetivo cruza-se com o último, sendo pela nossa observação, aquele que mais *“incendei-a”* o docente e que pelos resultados da observação mais impacto tem nos alunos – *“Proporcionar a cada estudante a oportunidade de tomar consciência da sua identidade espiritual/religiosa e de progredir nessa dimensão.”*

Repare-se quando o docente diz, num *“momento que prende a atenção dos alunos, (...) que neste percurso que fará com eles, as suas “convicções pessoais serão sempre vistas como terreno sagrado”* (aula 1).

Ainda que prolonguem a leitura das conclusões, os comentários dos alunos, atestam por si, a eficácia do método, a pertinência do currículo e a experiência pessoal feita por muitos dos estudantes,

“no fim deste caminho, percebo que vivo uma fé mais consciente, porque pensada e refletida. Todos os binómios, os documentos recentes e personagens discipulares, mostraram-me que a espiritualidade vivida continua a ser um ponto central da existência humana, que faz sentido cultivar. Em diversos momentos durante o semestre, dei por mim a partilhar com a minha família o que ouvi/refleti na aula de cristianismo, o que é uma consequência do processo interior que estava a experienciar.” (Adp2).

“Os valores são transversais a tudo na vida, o que inclui não só o caminho pessoal, mas também o profissional, e se a nossa Universidade tem a intenção

de nos formar plenamente, é necessário que nos forme também como pessoas.” (Adp4).

“o itinerário que também nós, alunos, experienciamos ao logo do semestre, que também teve as suas moradas/etapas e culminou com o desenvolvimento do espírito crítico e com o crescimento pessoal de cada um de nós. (...) Ao longo deste semestre experienciei, juntamente com o Padre (...) e os meus colegas, um dos mais belos itinerários que já percorri (...) esta cadeira é uma manifestação da aceitação do outro, no igual e no diferente, no bom e no mau” (Adp5).

“Consegui pôr a vida em perspetiva e focar-me no que de verdade importa, sempre com consciência de que “Deus é o caminho, a verdade e a vida” (Evangelho de São João) e que, por isso, sem Ele nada sou.” (Adp7).

“Cristianismo e Cultura ajudou-me no sentido de que, foi como um “empurrão” para aprofundar a minha espiritualidade, que andava meia apagada, e que neste momento é algo que anda comigo todos os dias” (Adp10).

“Com a realização desta síntese final, espero ter conseguido refletir justamente a riqueza da aprendizagem que me foi proporcionada, quer com a leção da disciplina de Cristianismo e Cultura, como com a consulta das obras aqui citadas, e que em muito contribuíram para a minha compreensão integrada da fé e da missão cristã. (...) Na minha síntese perceberá que lhe tento explicar como era a [nome da aluna] antes de ter a cadeira de Cristianismo e Cultura” (Adp13).

Por fim recordamos a síntese de Silva e Lopes (2016) que afirmam que os professores deixam uma marca positiva nos alunos quando dão valor a estratégias de ensino que envolvam os próprios alunos num processo de autonomia na aprendizagem, que tornem esta mais desafiante, contribuindo para uma maior motivação dos alunos. Os mesmos autores defendem ainda que isto só é possível se os alunos conhecerem bem os objetivos propostos para a aprendizagem e que é essencial incentivá-los a participar na definição dos mesmos, dando também ao longo do processo de ensino feedback sobre o seu envolvimento e os seu trabalho.

Ora, a este propósito os alunos são claros no reconhecimento não só da estratégia pedagógica, também por nós observada, mas também na disponibilidade e entrega do docente à missão que lhe está confiada,

“eu pensei – oh meu Deus, vou ter uma aula com um padre! Quero salientar que estas aulas mudaram a minha visão.” (Aula 8).

“Este percurso fez-me perceber que esse questionamento pode levar-me muito mais além do que eu mesma acreditava. (...) A bondade é contagiante e acho que todos saímos a ganhar das suas aulas, nem que fosse pelos momentos de paz e tranquilidade que ali vivemos. (Adp11).

“Por fim, sabendo que a disponibilidade do Padre (...) está fortemente condicionada pelas suas funções (...), queria agradecer-lhe pelo esforço que fez para nos dar as últimas aulas presencialmente.” (Adp12).

“a abordagem dada pelo Sr. Padre - maravilhosa e pessoal, sem nunca ultrapassar os nossos limites – levou-me a ganhar uma vontade de me abrir. Abrir os meus horizontes e, de forma positiva, dar-me um pouco a conhecer.” (Adp13).

Dado tudo o que enunciámos nesta discussão final, podemos concluir que:

- os resultados triangulados refletem uma mesma linha de pensamento sobre a disciplina: é uma disciplina significativa para os estudantes da Dupla Licenciatura em Direito e em Gestão;

- os métodos utilizados, nomeadamente, as figuras discipulares, apresentam aos estudantes modelos contemporâneos e realistas, que os fazem envolver na dinâmica da disciplina, dado os trabalhos de pesquisa que realizam sobre as mesmas e as consecutivas apresentações semanais;

- são amplos os recursos fornecidos. Aqui há um fator que nos parece diferenciador: a relação que se estabelece de forma regular na lecionação entre o Magistério e as áreas de saber;

- existe uma pedagogia de proximidade diferenciadora, inclusive “provocadora”, que faz com que o estudante se permita a uma desconstrução conceptual e muitas vezes pessoal ou existencial. Este processo é compaginado com um caminhando e com propostas de cruzamento com os “outros”, sejam as personagens discipulares, os vários professores convidados ou mesmo os pares no curso;

- o processo de avaliação, por vários trabalhos temáticos, e um trabalho final de síntese (14 trabalhos no total), são de uma considerável exigência para o aluno, contudo, é aquilo que possibilita uma envolvimento permanente dos alunos nas aulas e temáticas;

- A Pessoa de Jesus Cristo é sempre apresentada como modelo de humanismo e humanização. Isto leva a que muitas vezes os alunos sejam efetivamente (auto) confrontados com as suas convicções e se permitam a um usufruto e vivência da disciplina que vai para além da aprendizagem teórica e cognitiva.

4 Vida estudantil

4.1 Formação holística e religiosa: quando parece não estudarmos e trabalharmos todos no mesmo sítio.

A literatura recorda-nos que uma das características de uma Universidade Católica é precisamente a *promoção de uma educação que respeite a liberdade individual e desenvolva os talentos do aluno*. Quando questionados sobre a concretização desta proposição, a grande maioria dos respondentes, e no caso dos líderes, a totalidade, concorda que tal aconteça.

Contudo, quando direcionamos o tema da proposta educativa para a formação holística baseada nos princípios humanistas cristãos, percebemos uma diferença muito substancial na opinião dos vários respondentes. Os líderes concordam em 90% que esta formação é uma realidade na comunidade académica, contudo, os alunos, visados particularmente nesta questão, discordam em 57% e os docentes em 35%.

E quando especificamos a questão, direcionando-a para a possibilidade da existência de uma formação religiosa adequada, salta à vista não só a percentagem de alunos que discorda, 67%, ou de docentes, 48%, mas também dos líderes que discordam em 40% da existência da dita formação. Ainda assim, os líderes são aqueles onde a concordância continua a ser maior, 50%, distanciando-se, como já dissemos, em cerca de 20% face aos professores e alunos. Outro dado que merece a nossa atenção é o facto de 28% dos docentes, dizer que “não sabe” se essa formação existe.

Isto pode querer dizer que, mesmo existindo, por exemplo, as formações específicas, como a formação para o Crisma, as formações e atividades da Católica Solidária (CASO), ou as atividades promovidas pela Unidade para o Desenvolvimento Integral da Pessoa (UDIP), estas não cheguem, pelo menos de forma clara ou atrativa, a toda a comunidade académica. Poderá querer dizer também que o que a Universidade oferece neste momento a este nível, particularmente na formação religiosa, poderá estar desajustado à realidade dos alunos que frequentam a Universidade, visto que 67% destes diz considerar a formação religiosa existente desadequada. Estes, como vimos, são acompanhados por 48% de docentes e 40% de líderes. A inadequação poderá

não só compreender-se na medida em que existindo, seja parca, ou desajustada, como referimos, mas também poderá ser um indicador da própria não existência. Pois inclusivamente a percentagem de docentes que diz nada saber sobre o assunto pode não só significar a questão da lacuna na comunicação referida, a não existência de formação adequada, ou mesmo um desinteresse de uma percentagem considerável do corpo docente sobre a formação religiosa, isto se quisermos, por exemplo, cruzar com os demais dados onde os próprios docentes dizem não fazer a articulação das suas áreas de saber com o Evangelho.

Limitações do Estudo

Ainda considerando que atingimos de forma muito substancial os objetivos a que nos propusemos, temos consciência de que o estudo apresenta algumas limitações que, devidamente ultrapassadas, em futuros estudos, poderão dar maior especificidade e até robustez aos resultados apresentados.

Assim, podemos dar nota que algumas formulações de algumas perguntas eram muito abertas e pouco discriminatórias. As questões podem vir a ser, em estudos posteriores, mais discriminadas e focadas, tendo em vista diminuir o efeito “respondo o que é suposto ser a boa resposta”.

A observação de aulas e a recolha de opiniões e comentários, que se revelaram aqui muito pertinentes para o estudo, e até as entrevistas a cada um dos tipos de respondentes, poderiam enriquecer muito esta análise, ultrapassando a limitação de um questionário fechado, on-line. Teria sido também interessante fazer “focus group” com alunos e até com docentes.

Como este estudo, nas suas maiores componentes, contou com o envolvimento direto dos próprios serviços e faculdades, e isso pode interferir de algum modo nas respostas, seria útil que num estudo próximo se evitasse esse processo. Se este se basear mais em entrevistas e observação, esta eventual interferência pode ser, em grande medida, anulada.

De referir ainda que a lentidão no processo para a obtenção de Parecer pela Comissão de Ética condicionou de forma muito considerável a aplicação da calendarização prevista, nomeadamente para a aplicação dos questionários, deixando esta recair sobre uma época (final de semestre) em que os alunos e os docentes têm normalmente mais trabalho. Também deste modo o tempo para a análise e discussão ficou mais curto.

CONCLUSÕES

A tradicional, e cientificamente justa, conclusão num trabalho desta natureza, não é de todo uma espécie de último bloco, fechado e encerrado nos resultados obtidos. As conclusões que possamos deste estudo tirar, mais do que nesta breve nota final, estão espelhadas na discussão dos nossos resultados, e representam um instrumento catalisador para um melhor, ou mais acessível, acesso aos resultados do estudo em si.

É importante também, neste momento, voltar a dar nota que este trabalho tem como intenção dar um contributo para que a Universidade Católica disponha de mais um instrumento que possa servir de apoio a uma reflexão sustentada sobre a concretização da sua missão enquanto servidora do Evangelho e testemunha de Jesus Cristo. Não é uma “auditoria” nem uma contabilização do cumprimento de objetivos Estatutários ou do Magistério. Um dos grandes homens que me inspirou a realizar este trabalho, Bento XVI, tinha como lema episcopal – *Cooperador da Verdade* – e a verdade, como ficou patente na revisão de literatura, é indissociável do amor e neste caso concreto do amor à Ciência e à Igreja. Binómio este que, cruzado, se consubstancia no amor à Universidade e especificamente à ideia de Universidade Católica.

Assim, o nosso ponto de partida bebeu muito desta vontade pessoal de contribuir para a já citada reflexão, levando-nos, a partir do ímpeto que Bento XVI fez às Universidades Católicas nos Estados Unidos da América, sobre a vivificação do seu ethos, a formularmos a nossa pergunta e a estruturarmos a nossa pesquisa. Partimos da ideia de que o ethos institucional se reflete na rede relacional dos protagonistas da Universidade aquando da concretização das práticas quotidianas e do presumível impacto que a cultura organizacional da Instituição tem na vivificação desse mesmo ethos. Foram tidos como “protagonistas” os líderes, os docentes e os alunos.

O revisitar das questões de partida leva-nos, por exemplo, à tentativa de responder de que forma é que os vários atores com presença no Centro Regional do Porto da UCP espelham e concretizam os elementos constituintes da missão e quais as perceções dos docentes e dos alunos sobre a concretização dos mesmos.

Um dos resultados deste estudo é precisamente a constatação de um desalinhamento de opiniões quanto à concretização da missão, nomeadamente por parte dos líderes, a quem compete dirigir e organizar. Estes mostram ao longo da apresentação dos vários resultados um desfasamento muito considerável entre aquilo que é a sua visão sobre a concretização da missão da Universidade e aquilo que os docentes e os alunos referem. Isto torna-se evidente quando, por exemplo, mais de um quarto dos alunos não reconhece uma mundividência cristã nas ações da Universidade, no seu quotidiano, enquanto os líderes afirmam, numa percentagem considerável, não saberem se a Universidade cumpre as orientações da Igreja para o Ensino Superior Católico e mesmo o facto de nenhum líder afirmar com total certeza que a Universidade cumpre as ditas orientações. A isto acresce que as lideranças, que na sua administração, como vimos, devem ter em conta os valores católicos e os critérios evangélicos, na hora de tomar decisões, acabam por revelar (em 50%) não o fazerem ou não saberem se as decisões na Universidade são tomadas com ditos critérios do Evangelho. O mesmo acontece quando afirmam não saber (ou mesmo não concordar) se a comunidade universitária revele a Pessoa de Jesus Cristo, moldando-se assim um quadro paradoxal quanto ao conhecimento daquilo que é a própria missão e a ação para a sua concretização e apropriação por parte da restante comunidade académica.

Uma das formas de ação, como nos sugere a literatura, poderia passar pelo fornecimento de recursos, formativos e/ou informativos, sobre a missão humanista cristã da Universidade Católica, atualizando e contribuindo para a formação dos seus membros. Contudo, como vimos, todos os grupos de respondentes tende, em mais de 50%, a discordar de que isto aconteça.

Quando questionámos sobre a implementação propriamente dita da matriz humanista cristã e sobre a perceção da comunidade docente e discente sobre a mesma, percebemos que, em questões como o valor da vida humana e a dignidade da Pessoa, a tendência é reconhecer a existência desse cuidado na Universidade, ainda que o nosso estudo não aprofunde a forma como os valores inerentes a estes dois importantes temas são transmitidos e apropriados no seio da comunidade.

Note-se ainda que o único tópico onde a concordância dos três grupos se volta a registar é na afirmação do zelo e do rigor intelectual por parte da Universidade, e que constitui um importante resultado do estudo.

Contudo, quando o conceito de *matriz humanista cristã* se “objetiva” nas dinâmicas e relações com os meios eclesiais, o Magistério, a lecionação e a investigação apoiadas nos alicerces do Evangelho e da Doutrina Católica e, muito particularmente, na identificação da Pessoa de Cristo na comunidade académica, as opiniões, para além de continuarem a mostrar a diferença de posição entre o grupo *líderes* e o grupo *docentes e alunos*, mostra que nestes tópicos em particular essa bipolarização é muito maior. Salientamos que os docentes na questão da identificação com a Pessoa de Jesus são o grupo que mais discorda, o que posteriormente vai ao encontro da opinião que expressam sobre o seu próprio contributo para a concretização da missão, nomeadamente em relacionar o Evangelho com as suas áreas de saber. Sobre isto, como referimos na discussão de resultados, “todos” concordam em discordar que aconteça de facto.

Como tivemos a oportunidade de perceber, sobre a cultura organizacional, existe uma possível lacuna entre a teorização desta e a sua comunicação e compreensão, comprometendo assim a apropriação da identidade da instituição enquanto Universidade Católica. Existem líderes que não se identificam com a ideia da existência de uma cultura organizacional diferente de outras Universidades, e também docentes e alunos, e estes em maior número percentual.

Sendo a Universidade Católica uma organização, ela é como qualquer organização, pautada pelas características do modelo burocrático e do modelo político, explicados na revisão de literatura. A questão consiste em saber até que ponto estes modos de funcionamento se sobrepõem à matriz humanista e cristã da Universidade Católica, reduzindo-a mais a um enunciado formal e institucional do que a uma prática concreta e diariamente visível e percebida pelos líderes, professores e alunos. E, a ser assim, poderemos pensar, que futuro estará reservado para a especificidade da missão da Universidade Católica, num contexto de profunda secularização.

Talvez a experiência da observação da Unidade Curricular de Cristianismo e Cultura nos possa deixar alguns exemplos que, enquanto

investigador e observador, identificámos como relatos ou ações que “materializam” a ideia de vivificação do ethos das Universidades Católicas.

Queremos realçar que uma das conclusões deste trabalho é precisamente a constatação que a maioria dos alunos não é indiferente à existência da Unidade Curricular de Cristianismo no seu currículo. Seja a partir de uma experiência dita mais positiva e enriquecedora, como observámos presencialmente, ou nos foi parcamente relatado nas composições, seja por experiências menos atrativas ou mesmo negativas, como as que nos são relatadas por uma considerável parte dos inquiridos, nomeadamente no testemunho escrito. A preocupação dos alunos em apontar sugestões de melhoria e, em identificar com clareza e propriedade as lacunas na disciplina demonstram que não estamos diante de críticas gratuitas, mas fundamentadas numa experiência que se mostrou infrutífera, seja pelos conteúdos abordados, seja pela pedagogia e didática aplicadas. Por isso, é natural que, na conclusão deste estudo, se reafirme a pertinência de uma base comum a todos os alunos sobre a história, a doutrina católica e a axiologia cristã, bem como a articulação e o cruzamento interdisciplinar destas com os vários currículos das licenciaturas.

Quando dissemos acima que a experiência da observação nos fez presenciar momentos que provam a possibilidade da vivificação do ethos e a concretização da missão da Universidade Católica, referíamo-nos ao princípio que orientou aquela Unidade Curricular observada, e que resumimos neste frase: só se entende o cristianismo se se entender a Encarnação. A Figura de Cristo foi central em todo o percurso da disciplina e a apresentação de testemunhos reais, muitos deles de santos contemporâneos, permitiu concluir que a área curricular de cristianismo não só é compatível com o trabalho quotidiano nas várias áreas disciplinares, como é possível vivê-lo em coerência no meio do mundo laboral, da família e da sociedade em geral.

Do que observamos, podemos constatar que tal acontece quando e porque os alunos são os protagonistas da disciplina. Eles identificam e identificam-se com os exemplos e os testemunhos (personagens discipulares), que encarnam aquilo que o Evangelho propõe.

Na sua maioria, e cada um no ritmo próprio do seu eu, tem a oportunidade de tomar consciência da sua identidade espiritual/religiosa e de progredir nessa dimensão, sendo este um dos grandes objetivos traçados na ficha da Unidade

Curricular e também um dos elementos distintivos da missão da Universidade Católica.

Estas conclusões permitem olhar para a Unidade Curricular de Cristianismo como uma estratégia de fundo da vivificação da missão intrínseca das Universidades Católicas, desde que ela seja constituída com os alunos e alinhada com a reflexão sobre o mundo atual, a sociedade, a cultura, a economia, o presente e o futuro.

Olhamos para as últimas linhas deste estudo a partir da virtude teologal da Esperança. Esperança esta alicerçada nas palavras dos alunos que registámos: *eu experienciei; eu cresci; eu vivi um processo interior; eu revejo-me na necessidade de a Universidade nos formar também como pessoas, se é sua intenção formar-nos plenamente; este foi um dos mais belos itinerários que já percorri; há um antes e um depois em mim depois desta disciplina.*

Creemos que este contributo por nós deixado poderá ajudar a refletir sobre as ações que catalisam a vivificação do ethos e a concretização missão. Talvez o “segredo” esteja nas palavras daquele aluno quando diz: *“se pudesse falar um bocadinho mais da vida de Jesus e dos seus ensinamentos”.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Advancis Business Services. (2010). *Artful Leadership – Relatório de estado da arte*. Advancis.
- Afonso, N. (2014). *Investigação Naturalista em Educação, um guia prático e crítico*. Fundação Manuel Leão.
- Alves, J. M., Carvalho, A., & Sarmiento, M. (1999). *Contratos de Autonomia, Aprendizagem Organizacional e Liderança*. ASA.
- Amado, J. (2014). *Manual de investigação qualitativa em educação (2ª)*. Imprensa da Universidade de Coimbra.
<https://digitalis.uc.pt/handle/10316.2/35271>
- Amorim, S. M. de S. (2019). *Fatores organizacionais e (in)sucesso escolar: um estudo de caso duplo comparativo* [Universidade Católica Portuguesa].
<https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/31091>
- Antúñez, J. V. (2008). Ethos universitario y filosofía de la acción. *Revista Electrónica de Humanidades, Educación y Comunicación Social*, 4, 1–11.
- Arranz, M. (2013). ¿Cómo responder al desafío de la competencia en el nuevo Espacio Europeo de Educación Superior? In *La FUCE de 2004 a 2012: muchos desafíos que aceptar* (pp. 107–109). Federación de las Universidades Católicas de Europa.
- Azevedo, J. (2008). *Nascida do coração da Igreja, Repensar a missão do CRP à luz da missão das Universidade Católicas*. GIQE- UCP-Porto.
<file:///C:/Users/USER/Downloads/NascidaCoracaoDalgreja.pdf>
- Azevedo, J. (2018). Centro Regional do Porto - Segundo Período (2007 - 2013). In *História da Universidade Católica Portuguesa* (pp. 322–353). Universidade Católica Editora.
- Azevedo, J. (2022). A escola católica hoje: a coragem de uma educação em saída. *Brotéria*, 195(1), 44–57.
- Azevedo, J. (2009). A criação do Espaço Europeu de Ensino Superior entre a competitividade, o desenvolvimento humano e a liberdade. *Universidade Católica Portuguesa*, 1–17.
<https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/3075/1>

- Azevedo, J. (2015). Perante a secura antropológica, o diálogo intercultural como fonte da água que mata a sede. *Comunicação Apresentada Na Abertura Dos Trabalhos Do Encontro Europeu Do European Committee for Catholic Education*, 1–6. <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/21484>
- Bacharach, S. (1988). Notes on a Political Theory of Educational Organizations. In A. Westoby (Ed.), *Culture and Power in Educational Organizations* (pp. 277–288). Open University Press.
- Baldrige, J., Curtis, V., Ecker, G., & Riler, G. (1978). *Policy Making and Effective Leadership*. Jossey-Bass Publishers.
- Bento XVI, P. (2008a). *Discurso do Santo Padre Bento XVI para o encontro na Universidade de Roma “La Sapienza.”* Vaticano. http://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/speeches/2008/january/documents/hf_ben-xvi_spe_20080117_la-sapienza.html
- Bento XVI, P. (2008b). *Discurso no encontro com os educadores católicos, no dia 17 de Abril de 2008.* http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/april/documents/hf_ben-xvi_spe_20080417_cath-univ-washington.html
- Bento XVI, P. (2009). *Discurso do Papa Bento XVI aos professores e estudantes dos Pontifícios Ateneus Romanos e às Universidades Católicas.* http://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/speeches/2009/november/documents/hf_ben-xvi_spe_20091119_atenei-romani.html
- Boné, E. (1999). Conclusion - D'un paradigme à un autre, l'Université catholique aujourd'hui. In *Actes du premier symposium du projet : Université, Eglise, Culture*. (Vol. 06, pp. 151–183).
- Brady, B. (2013). On the meaning of the “catholic intellectual tradition.” *Journal of Catholic Higher Education*, 2(31), 189–205.
- Bush, T. (1989). *Managing Education: Theory and Practice*. Open University Press.
- Caixeiro, C. A. (2014). *Liderança e Cultura Organizacional: o impacto da liderança do diretor na(s) cultura(s) organizacional(ais) escolar(es)*.

- [Universidade de Évora]. <http://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/11416>
- Caixeiro, C. A., Verdasca, J. C., & Estêvão, C. V. (2011). *Liderança e cultura organizacional: O impacto da liderança do diretor na(s) cultura(s) organizacional(ais) escolar(es)*. 1–36.
- Canais, J. B. (1845). *A sociedade catholica examinada e defendida dos inimigos*. Imprensa Nacional.
- Capeloa Gil, I. (2016). “Da Catedral à Nuvem. Considerações sobre a Universidade no Século XXI” - Discurso de Tomada de Posse como Reitora da UCP. *Lumen Veritatis*, 34, 15–19.
- Carvalho, L. (1997). Ethos de escola e contexto multicultural: Mote para alguns (re)encontros. *Análise Psicológica*, 15(3), 453–459.
- CEF, C. des évêques de F. (2013). *Statut De L ' Enseignement Catholique De L ' Enseignement*. Secrétariat général de l'Enseignement catholique.
- Celaya, R., González, R., & Ochoa, S. (2016). Cultura organizacional y desempeño en instituciones de educación superior : implicaciones en las funciones sustantivas de formación , investigación y extensión. *Universidad & Empresa*, 18(30), 13–31.
- Cerejeira, M. G. (1970). Inauguração da Universidade Católica Portuguesa. In U. Gráfica (Ed.), *Obras Pastorais, VII* (pp. 241–251).
- Chaer, G., Diniz, R. R. P., & Ribeiro, E. A. (2012). A técnica do questionário na pesquisa educacional. *Revista Evidência*, 7(7), 251–266.
- Chávez, P. (2010). Reencontrar el sentido de la tradición y tarea universitarias. *Perspectivas Éticas*, 23, 31–44.
- Clemente, M. (1994). Universidade Católica Portuguesa : Uma Realização De Longas Expectativas. *Lusitania Sacra*, 2(6), 15–29.
- Cohen, M. D., March, J. G., & Olsen, J. P. (1972). A Garbage Can Model of Organizational Choice. *Administrative Science Quarterly*, 17(1), 1–25.
- Correia, M. da C. B. (2009). A observação participante enquanto técnica de investigação. *Pensar Enfermagem*, 13(2), 30–36.

- Costa, A. F. da. (2019). A pesquisa de terreno em sociologia. In A. S. Silva & M. Pinto (Eds.), *Metodologia das Ciências Sociais* (pp. 129–148). Edições Afrontamento.
- Costa, H. (2013). *Medo, Criatividade e Desenvolvimento Humano. Um Processo de investigação Medo, Criatividade e Desenvolvimento Humano. Um Processo de investigação*. Instituto Internacional del Saber.
- Costa, J. (2014). *O que é uma Universidade Católica? Estudo sociológico sobre o ensino de Economia e Gestão na Universidade Católica Portuguesa*. CECS - Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade Universidade do Minho.
- Cruz, M. B. da. (2012a). A Igreja na formação superior. In *Os dias da Universidade e outras intervenções* (pp. 55–65). Universidade Católica Editora.
- Cruz, M. B. da. (2012b). Formar para a ética e a verdade. In *Oxford Review of Education* (pp. 89–94). Universidade Católica Editora.
- Cruz, M. B. da. (2012c). No diálogo entre a fé e a ciência. In *Os dias da Universidade e outras intervenções* (pp. 95–100). Universidade Católica Editora.
- Cruz, M. B. da. (2012d). Uma Universidade singular. In *Os dias da Universidade e outras intervenções* (pp. 61–65). Universidade Católica Editora.
- Cruz, M. B. da. (2018a). Expansão e consolidação da Universidade em Centros Regionais. In *História da Universidade Católica Portuguesa* (pp. 141–172). Universidade Católica Editora.
- Cruz, M. B. da. (2018b). Fundação e oficialização da Universidade Católica Portuguesa. In *História da Universidade Católica Portuguesa* (pp. 77–98). Universidade Católica Editora.
- Cruz, M. B. da. (2018c). Origem e evolução da ideia de uma Universidade Católica em Portugal. In *História da Universidade Católica Portuguesa* (pp. 29–76). Universidade Católica Editora.

- Cruz, M. B. da. (2020). Origens da Universidade Católica no Porto. In *40 - A Universidade Católica no Porto* (p. 287). Universidade Católica Editora.
- Damon, W. (2009). *Que futuro para os jovens de hoje?* Editorial Presença.
- Duarte, A. F. (2019). John Henry Newman e o carácter da autêntica Universidade. *Público*. <https://www.publico.pt/2019/12/29/sociedade/opiniaol/john-henry-newman-caracter-autentica-universidade-1898603>
- Ellström, E. (1984). *Rationality, Anarchy and The Planning of Change in Educational Organizations. A Study of Problem Solving and Planning of Change in Small Work Groups*. Linköping University.
- Ellström, E. (2007). Quatro faces das organizações educacionais. *Revista Brasileira de Política e Administração Da Educação - Periódico Científico Editado Pela ANPAE*, 23(3), 449–461.
- Felício, M. (1998). Universidade Católica Portuguesa - Projeto com identidade. Para uma leitura crítica dos seus estatutos. *Máthesis*, 7, 373–382.
- Fernandes, L. (2016). A Universidade deve estar ligada, exclusivamente, à autoridade da verdade. *Franciscanum*, 58(165), 339.
- Francis, L. (1983). The logic of education, theology and the church school. *Oxford Review of Education*, 9, 147–162.
- Francisco, P. (2017). *Discurso do Papa Francisco na audiência com a Universidade Católica Portuguesa*. <http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/discurso-do-papa-francisco-na-audiencia-com-a-universidade-catolica-portuguesa/>
- Francisco, P. (2019). *Mensagem do Papa Francisco para o lançamento do Pacto Educativo Global*. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pontmessages/2019/documents/papa-francesco_20190912_messaggio-patto-educativo.html.
- Friedberg, E. (1995). (1995). *O Poder e a Regra. Dinâmicas da Acção Organizada*. Instituto Piaget.
- Furtado, N. O. (2005). *O ethos escolar como estruturante da formação ético-*

moral na educação básica. Universidade Federal da Bahia.

Glatter, R., Preedy, M., Riches, C., & Masterton, M. (1988). *Understanding School Management*. Open University Press.

Gonçalves, J. C. (1994). A Universidade Católica na “constituição Apostólica sobre as Universidades Católicas”: “Ex Corde Ecclesia.” *Revista Portuguesa de Filosofia*, 50(1), 197–211.

Grace, G. (2009). On the international study of Catholic education: why we need more systematic scholarship and research. *International Studies in Catholic Education*, 1(1), 6–14.

Greenleaf, R. (1997). *Servant leadership: A journey into de nature of legitimate power and greatness*. Paulist Press.

Guerra, F. C. (2020, November). Personalidade em destaque. *Jornal Diurna*, 9–14.

Ho, M. (2020). *A cultura transcendente do servo-líder*. Movimento de Lausanne. <https://www.lausanne.org/pt-br/recursos-multimedia-pt-br/agl-pt-br/2020-03-pt-br/a-cultura-transcendente-do-servo-lider>

Igreja Católica. (1965). Gravissimum Educationes. In *Concílio Vaticano II*. http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_gravissimum-educationis_po.html

Igreja Católica. (1967). *Decreto Lusitanorum nobilissima gens*. https://www.ucp.pt/sites/default/files/201807/Decreto.Lusitanorum.nobilissima.gens_.pdf

Igreja Católica. (2014). *Educar Hoje e Amanhã, Uma paixão que se renova - Instrumentum laboris*. Congregação Para a Educação Católica. https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20140407_educare-oggi-e-domani_po.html#_Toc384723574

Igreja Católica. (2022). *A Identidade da Escola Católica para uma Cultura do Diálogo*. Congregação Para a Educação Católica. https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/r

- Jaspers, K. (1965). *The Idea of the University*. Peter Owen.
- João Paulo II, P. (1990). *Constituição Apostólica Ex Corde Ecclesiae*.
http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_constitutions/documents
- Kripka, M. R. L., Scheller, M., & Bonotto, D. de L. (2015). Pesquisa Documental : Documentary Research: consideration of concepts and features on Qualitative Research. *Investigação Qualitativa Em Educação*, 2(August), 243–247.
- Lapassade, G. (2001). L'Observation participante. *Revista Europeia de Etnografia de Educação*, 1, 9–26.
- Lauand, L. J. (2004). Introdução. In *Tomás de Aquino. Sobre o ensino (De magistro) e os sete pecados capitais*. (pp. 3–22). Martins Fontes.
- Lebrun, T. (2013). Una Universidad Católica ¿Por qué, cómo? Cambios socioeconómicos mundiales Posicionamiento y desafíos de las Universidades Católicas Europeas. In *La FUCE de 2004 a 2012: muchos desafíos que aceptar* (pp. 111–116). Federación de las Universidades Católicas de Europa.
- Lima, L. (1998). *A Escola como Organização e a Participação na Organização Escolar* (2nd ed.). Instituto de Educação e Psicologia - Centro de Estudos em Educação e Psicologia / Universidade do Minho.
- Lopes, A. F. (2014). *Escola Católica, Liderança e Ethos* [Universidade Católica Portuguesa]. file:///C:/Users/USER/Downloads/Escola Católica, Liderança e Ethos_ DISSERTAÇÃO Mestrado_22-.pdf
- Magalhães, A. (2006). A Identidade do Ensino Superior: a Educação Superior e a Universidade. *A Identidade Do Ensino Superior: A Educação Superior e a Universidade*, 7(7), 13–40.
- Martin, J. e Meyerson, D. (1988). Organizational culture and the denial, channelling and acknowledgement of ambiguity. In *Managing ambiguity and change* (pp. 93–125). John Wiley.

- Martin, J. (1994). Cultures in Organizations : Three Perspectives. *The Academy of Management*, 19(1), 156–159.
- Martin, J. (2002). *Organizational Culture: Mapping the Terrain*. SAGE Publications.
- Meirinhos, M. & O. A. (2010). O estudo de caso como estratégia de investigação em educação. *Revista de Educação*, 2(2), 49–65.
- Merino, P. (2006). Universidades Catolicas. El dialogo fe y razon como aprendizaje relevante: Diseño y desarrollo curricular. *Revista de Estudios y Experiencias En Education*, 5(9), 11–26.
- Merton, R. (1971). Estrutura Burocrática e Personalidade. In E. Campos (Ed.), *Sociologia da Burocracia* (pp. 107–124). Zahar.
- Minogue, K. (1981). *Conceito de universidade*. Editora Universidade de Brasília.
- Mónico, L., Alferes, V., Parreira, P., & Castro, P. A. (2017). A Observação Participante enquanto metodologia de investigação qualitativa. *Congresso Iberoamericano Em Investigação Qualitativa CIAIQ*, 3(0), 724–733. <http://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2017/article/view/1447/1404>
- Montañez-garcía, A. S., & Ed, D. (2018). Liderazgo, cultura organizacional y cambio en la universidad. *Revista de Educación de Puerto Rico*, 0(32), 51–62.
- Moreira, A. M. (1990). *O cardeal cerejeira, fundador da Universidade Católica Portuguesa*. 2(2), 169–221.
- Morgan, G. (1986). *Images of organization*. Sage.
- Motta, F. P. (1986). *Organização e Poder: Empresa, Estado e Poder*. Atlas.
- Nebot, V. J. (2015). *La misión de la Universidad según Ortega y Gasset. 1930*, 13–17.
- Newman, J. H. (2014). *La Idea de la Universidad*. Ediciones Encuentro, S.A.
- Nogueira, M. do C. (2003). Artes Liberais. In *Verbo Luso- Brasileira de cultura* (p. 517). Editorial Verbo.

- Ojeda Ortiz, J. A., Ceballos Garcia, M. J., & Ramirez Ramos, B. (2020). Pacto Educativo Global. *Magisterio*.
- Ortega y Gasset, J. (2007). *Mision De La Universidad*. Biblioteca Nueva.
- Osswald, W. (2008). A Universidade Católica e o futuro da Universidade. *Humanística e Teologia*, 24(2), 139–144.
- Policarpo, J. (1985). As universidades da Igreja e a sua especial responsabilidade frente à verdade. *Humanística e Teologia*, 6(3), 258–273.
- Rato, M. E. (2018). Os primeiros reitorados do Pe. Bacelar e Oliveira. In *História da Universidade Católica Portuguesa* (pp. 102–140). Universidade Católica Editora.
- Rizzi, M. (2019). Defining Catholic Higher Education in Positive Terms. *Journal of Catholic Education*, 22(2), 1–25.
- Rodrigues, A., Nunes, B., & Medeiros, C. (2020). K21. Líder Servidor: O Que é e o Que Faz. <https://k21.global/br/blog/lider-servidor-o-que-e-e-o-que-faz>
- Rodríguez Piña, R. A. (2007). Propuesta de modelos culturales orientados a la gerencia de los cambios. *Acimed*, 15(4), 1–16.
- Rubens, P. (2015). Tudo que é humano ressoa no coração da fé: discernir a missão universitária à luz dos sinais dos tempos. *Horizonte*, 13(40), 2115.
- Santos, B. de S. (1989). Da ideia de universidade à universidade de ideias. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 27/28, 11–61.
- Santos, G. dos. (1906). *O Catholicismo em Portugal*. Povoense-Editora.
- Scaglione, V., & Goldchleger, L. (2016). Revisitando os cinco modelos de gestão organizacional de universidades. *XVI Coloquio Internacional de Gestión Universitária-CIGU*, 9.
<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/172085>
- Scarel, E. B. (2019). A Conceção De Formação Em Tomás De Aquino: Algumas Considerações. *Revista Fragmentos de Cultura - Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas*, 29(2), 232.
- Serrão, V. (2003). Universidade. In *Verbo Luso- Brasileira de cultura* (pp. 1175–221

- 1207). Editorial Verbo.
- Silva, E. A. A. da. (2004). *O burocrático e o política na administração universitária. Continuidades e rupturas na gestão dos recursos humanos docentes na Universidade Agostinho Neto (Angola)* [Universidade do Minho]. [http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/16324/1/LIVRO DOUTORAMENTO-EUGENIO.pdf](http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/16324/1/LIVRO_DOUTORAMENTO-EUGENIO.pdf)
- Silva, M., & Lopes, J. (2016). Três estratégias básicas para a melhoria da aprendizagem: Objetivos de aprendizagem, avaliação formativa e feedback. *Revista Eletrónica de Educação e Psicologia*, 7, 12–31.
- Simões, M. L. (2013). O surgimento das universidades no mundo e sua importância para o contexto da formação docente. *Revista Temas Em Educação*, 22(2), 136–152.
- Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação SPCE. (2020). *Carta ética* (2nd ed.). Sociedade Portuguesa de Ciências de Educação.
- Stake, R. (1999). *Investigacion con estudio de casos*. Morata.
- Stake, R. (2000). Case studies. In Y. S. (ed. Denzin, N. K.; Lincoln (Ed.), *Handbook of qualitative research*. Sage.
- Sullivan, J. (2019). Catholic universities as counter-cultural to universities PLC. *International Studies in Catholic Education*, 11(2), 190–203.
- Tavares, G. M. (2023, February). Sobre a educação — Não se trata de encher um balde, trata-se de acender um fogo. *Expresso*. <https://expresso.pt/opiniaio/2023-02-10-Sobre-a-educacao--Nao-se-trata-de-encher-um-balde-trata-se-de-acender-um-fogo-035ff1be>
- Torres, L. (2006). Cultura organizacional em contexto escolar. In L. Lima (Ed.), *Compreender a escola - Perspetivas de análise organizacional*. (pp. 133–196). ASA.
- Tuckman, B. (2000). *Manual de Investigação em Educação* (4ª edição). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Tyler, W. (1991). *Organización Escolar. Una Perspectiva Sociológica*. Morata.

- Estatutos da Universidade Católica Portuguesa, (2006). <https://www.ucp.pt/pt-pt/catolica/institucional/organizacao/estatutos-da-universidade>
- UCP, U. C. P. (2009). *40 anos ao serviço da Igreja e de Portugal* (Universida). Universidade Católica Editora.
- UCP, U. C. P. (2015). *Código de Ética e de Conduta da Universidade Católica Portuguesa*.Www.Lisboa.Ucp.Pt.
<https://www.lisboa.ucp.pt/site/resources/documents/Reitoria/Despachos/Código de Ética e de Conduta da UCP.pdf>
- Código de Ética e de Conduta, (2015).
<https://www.lisboa.ucp.pt/site/resources/documents/Reitoria/Despachos/Código de Ética e de Conduta da UCP.pdf>
- Universidade Católica Portuguesa. (2021a). *A Católica - Órgãos de Governo*. Universidade Católica Portuguesa. <https://www.ucp.pt/pt-pt/catolicainstitucionalorganizacao/orgaos-individuais-de-governo>
- Universidade Católica Portuguesa. (2021b). *A Católica - Órgãos de Governo*. Universidade Católica Portuguesa. <https://www.ucp.pt/pt-pt/catolicainstitucionalorganizacaoorgaos-de-governo/conselho-superior>
- Urán, A. U., & Callejas, R. L. (2015). La cultura organizacional, elemento fundamental en la calidad universitaria. In *Ediciones Universidad Simón Bolívar*.
- Vargas Irure, R. (2011). Cultura y desarrollo organizacional en la Universidad Nacional del Altiplano - Puno. *COMUNI@CCIÓN: Revista de Investigación En Comunicación y Desarrollo*, 2(2), 5–16.
- Varollo, R. (2011). *Gestão de Pessoas: motivação a serviço da liderança*. [Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo]. <https://www.academia.edu/31335002>
- Velasco, P. De. (2017). La universidad. Ochocientos años ¿en qué condiciones? *Revista Del Departamento de Filosofia y Humanidades*, 27(105), 53–82.
- Vieira, J. (2016). *A Verdade: demanda da Razão e horizonte da Fé. Aproximação ao pensamento de Joseph Ratzinger\Bento XVI*. Universidade Católica

Portuguesa - Porto.

Weber, M. (1971). Os fundamentos da organização burocrática: uma Construção do Tipo Ideal. In E. Campos (Ed.), *Sociologia da Burocracia* (pp. 15–28). Zahar.

Wodon, Q. (2021). *Global Catholic Education Report 2021: Education Pluralism, Learning Poverty, and the Right to Education*. (Issue March).

NOTAS DA OBSERVAÇÃO

Notas da Observação na lecionação da Unidade Curricular de Cristianismo e Cultura da Dupla Licenciatura em Direito e Gestão

Aula 1

Data: 14 de outubro 2022

14:30h – 17:15h

A primeira aula iniciou-se com uma saudação inicial por parte do docente responsável da disciplina. Acompanha a disciplina e esteve, e estará, presente outra docente da Faculdade de Direito. Esta não ministra conteúdos – organiza a comunicação geral com os alunos e faz pontes entre a realidade interdisciplinar da Dupla Licenciatura e a Unidade Curricular.

O docente titular apresentou-se: apresenta-se como professor e padre. Comove-se ao referir o seu trabalho pastoral anterior como capelão hospitalar. O momento “prende” a atenção dos alunos. o docente refere aos alunos que neste “percurso” que fará com eles, as suas “convicções pessoais serão sempre vistas como terreno sagrado”. Pede-se aos alunos que na sua apresentação possam dar sugestões de temas a serem tratados.

Os alunos apresentam-se com as informações comuns: nome, ano, curso e expectativas. São referidas as “boas expectativas” e a curiosidade relativa a uma disciplina desta índole – “estou curiosa”. É referido por mais que uma vez o “feedback positivo de colegas” que frequentaram a disciplina no ano anterior.

A docente que acompanha a disciplina enquadra a presença do investigador. É-me dada a palavra onde explico o porquê da minha presença, indicando brevemente as linhas gerais do estudo. Procuro não revelar o objetivo específico de modo a não condicionar a postura dos observados. É solicitado o consentimento dos participantes das aulas e são informados das diretrizes éticas e de proteção de dados dos mesmos. Os alunos concordam verbalmente com o que lhes é apresentado. São informados ainda que para o regular cumprimento do RGPD será disponibilizado um documento para o seu devido consentimento informado, onde consta uma explicação do que é a participação observante.

A aula prossegue e o docente explica aquilo que a UC não é: “não é catequese, não é uma aula de doutrina ou de teologia”. O principal objetivo da

UC na ótica do docente é que o aluno seja capaz de se “identificar como indivíduo espiritual”.

Os alunos são convidados a concretizar numa palavra aquilo que para eles é o cristianismo. Os mesmos após uns breves momentos de reflexão apresentam as seguintes palavras: “Jesus; Cristo; fé; Espiritualidade; Religião; Crença; devoção; Verdade; Fé; Crença.”

São lidas e explicadas as escolhas. O docente manifesta o seu “contentamento, pois pela primeira vez na lecionação desta UC há alunos que neste exercício da definição numa palavra identificam o cristianismo a Cristo, a Jesus, a uma Pessoa”.

O docente faz uma contextualização e explica que o cristianismo é a identificação e a adesão a uma Pessoa. “Identificação com Jesus, Pessoa. Na sua identidade, valores, posições, etc...”.

É referido que durante muitos anos o “cristianismo bebia-se como leite materno”. “Há uma rutura e fica mais claro hoje que o cristianismo é uma adesão e essa adesão é pessoal”.

Durante a semana até à próxima aula, os alunos deverão ler o Sermão da Montanha (Mt 5-7) e procurar “descobrir qual o perfil do discípulo de Jesus”. Deverão escolher o versículo com que mais se identificam. Para além disso, após essa escolha, deverão ainda escolher uma música que associem a esse versículo, ou que exprima aquilo que está refletido na escolha do versículo.

Aula 2

Data: 21 de outubro 2022

14:30h – 18:00h

No início da aula os alunos apresentaram o versículo que escolheram após a leitura do Sermão da Montanha. Apresentaram também a música escolhida. Explicaram ambas as escolhas. Os versículos escolhidos foram os seguintes:

- “Quando Jesus acabou de falar, a multidão ficou vivamente impressionada com os seus ensinamentos, porque Ele ensinava-os como quem possui autoridade e não como os doutores da lei”;

- “Eu, porém, digo-vos: Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem.”;

- “Quando Jesus acabou de falar, a multidão ficou vivamente impressionada com os seus ensinamentos, porque Ele ensinava-os como quem possui autoridade e não como os doutores da lei”;

- “Por isso vos digo: Não estejais ansiosos quanto à vossa vida, pelo que haveis de comer, ou pelo que haveis de beber; nem, quanto ao vosso corpo, pelo que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o alimento, e o corpo mais do que o vestuário?”;

- “Tu, porém, quando jejuares, unge a tua cabeça, e lava o teu rosto, para não mostrar aos homens que estás jejuando, mas a teu Pai, que está em secreto e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará.”;

- “Quando orardes, não sejais como os hipócritas, que gostam de rezar de pé nas sinagogas e nos cantos das ruas, para serem vistos pelos homens. Em verdade vos digo: já receberam a sua recompensa. 6Tu, porém, quando orares, entra no quarto mais secreto e, fechada a porta, reza em segredo a teu Pai, pois Ele, que vê o oculto, há-de recompensar-te.”;

- “Felizes os misericordiosos porque alcançarão misericórdia”.

Posteriormente são convidados a resumirem a sua escolha e a mensagem nela espelhada numa palavra. As palavras partilhadas foram: compaixão; perdoar; perdão; perdão; compaixão; compaixão; piedade; compaixão; perdão.

Claramente a palavra mais referida é perdão/perdoar. O tema do perdão, da compaixão e da misericórdia, notam-se temas significativos para os alunos. O docente explica numa primeira etapa o significado das palavras escolhidas.

A aula continua com uma possível experiência de articulação do cristianismo com a cultura. Haviam sido convidados também a escolher uma música que expresse a palavra que escolheram. O objetivo é reconhecer o espírito de Cristo nas expressões da cultura.

Apresentação das personagens discipulares a serem estudadas.

É ainda apresentada e posta à consideração a metodologia para a avaliação da Unidade Curricular.

Antes de se iniciar apresentação da Gaudium et spes, refletiu-se sobre os acontecimentos que na história deixam uma clara marca do mal e qual o “papel” e a “iniciativa” de Deus nesses acontecimentos. O docente sintetizou essa reflexão explicando que “Deus não é a causa imediata dos acontecimentos históricos”.

Seguiu-se então a apresentação da Gaudium et Spes – refletiu-se na sua dimensão eminentemente política. O Documento foi apresentado em formato PPT.

Após a apresentação e aberto o diálogo, o mesmo encaminhou-se para a questão da relação da fé com o mundo e com o nosso dia-a-dia. Sobressai a ideia esplanada pelo docente de que “quando faço experiência de ser amado por Cristo, aí surge a resposta – a fé”.

Pelas várias intervenções nota-se que os alunos estão “implicados” nas aulas.

Aula 3

Data: 11 de novembro 2022

14:30h – 18:00h

A aula inicia-se com as apresentações dos trabalhos dos alunos. Neste caso é feito um comentário a uma frase previamente selecionada do trabalho. O comentário é relativo ao filme que foi visualizado fora de aula – *Uma vida escondida*.

Antes dos alunos iniciarem as apresentações o docente coloca a o *Agnus Dei* de Wojciech Kilar (banda sonora de *Uma vida escondida*).

A partir do primeiro comentário reflete-se sobre a busca da vontade e o instinto de auto preservação. Lei natural – da natureza – do ordinário. O ser humano vai para além do ordinário da natureza, procura o “extraordinário”. Ser capaz de superar o auto centramento, a auto preservação.
“Sou chamado a auto transcender-me.”

É referido que as personagens propostas para o trabalho são alguns dos que foram capazes de resistir à auto preservação e chegar à auto transcendência.

O segundo aluno refletiu sobre a relação fé – integridade – coragem (confiança). Realça a ideia de que é “melhor sofrer a injustiça do que fazê-la”. Isto leva à reflexão sobre o Estatuto da Consciência Moral.

“Pode um ateu ouvir a voz de Deus?” – ouvir é diferente de reconhecer. O docente refere que “a consciência é o mais íntimo e mais distinto em mim.”

Aborda-se a relação do Direito e da Consciência. Apresenta-se o exemplo dos 10 Mandamentos e a sua relação com a Lei Natural. Questiona-se – “há ou não uma Lei Natural aplicada a todo o Ser Humano?”

Colocou-se o fundamento da Lei Natural na crença em Deus, tirar Deus do horizonte retira a possibilidade de uma Lei Natural assumida para todos.

É referido que existem princípios jurídicos fundamentais que afirmamos como tendencialmente universais. Ainda que a concretização é diferenciada no tempo e no espaço (nas diferentes culturas), o valor é o mesmo, com uma irrenunciabilidade, o conteúdo que cada comunidade lhe atribui é que é diferente.

O contrário do medo é a confiança. Distingue-se a confiança baseada na autorreferência da confiança em Deus. Relação íntima com a liberdade.

“A liberdade depende mais da consciência moral do que qualquer encarceração física.”

Dão-se exemplos de pessoas que deram a vida pela sua consciência bem como de pessoas que não acreditando consideravam-se livres, não conseguindo, contudo, ultrapassar a dúvida diante do fenómeno da morte. Partilha-se a experiência de que “não acreditar torna mais difícil olhar para a morte.” – “Quando não se acredita a morte é a última palavra.”

No contexto destas interpelações e das conclusões relativas ao filme visualizado, um aluno refere que “para mim a moralidade e a integridade não estão acima de tudo” e continua ainda comentando o filme - “eu corrompia-me para depois voltar para a minha mulher e filhas.”

Enquanto observador sinto que existe uma reflexão honesta da parte do aluno, o próprio docente destaca isso e agradece-lhe a partilha, explicando ainda que “a fé não é um compartimento da vida.”

Reflete-se na dimensão profética da personagem principal do filme como interpretação do presente. “Nós estamos a ver isto a acontecer de novo.” Referem-se à II Grande Guerra, ao Nazismo e à atual Guerra Rússia – Ucrânia.

A reflexão continua a partir da premissa de que “a fidelidade obriga.” Questiona uma aluna – “consciência ou liberdade?” O docente refere que “a liberdade é um ato de consciência”.

A aula após o intervalo continuou em modo aula aberta com o Professor José Rui Teixeira. Este apresentou Sofia de Mello Breyner a partir do livro “Contos exemplares” de 1962. Quis-se trazer à aula uma figura da cultura portuguesa que fosse exemplo da encarnação do espírito cristão na cultura. A partir da obra referida, falou-se no “jantar do bispo” mostra a disposição humana para a “banalidade do mal”. “O que nos distingue não são as nossas características, mas as nossas escolhas.” Refere o convidado.

Apresenta-se Sofia e a relação beleza-verdade- bondade – “os transcendentais”.

Sofia faz como que uma profissão de fé em Deus e na Humanidade – a sua literatura é como que a reivindicação do Humana Cristão. Cita-se ainda a condição da poeta a partir de Ruy Cinatti – “sou um católico poeta, não um poeta católico”.

Os alunos elaborarão um trabalho sobre a Beleza em Sofia de Mello Breyner.

Aula 4

Data: 18 de novembro 2022

14:30h – 17.30h

A aula iniciou-se com a apresentação dos trabalhos dos alunos sobre as personagens discipulares/figuras tipo ligadas aos binómios temáticos da Unidade Curricular.

Luis e Maria Beltrame Quattrochi – Amor e Sacramento

Os alunos destacam a entrega total ao outro, o caminho para a santidade no cotidiano. O segredo do matrimônio (das relações) está em saber receber. Não amar segundo si mesmo. O egocentrismo torna as pessoas incapazes de se entregarem e receberem plenamente.

O grande instrumento de receber o outro é o perdão – “os santos são pessoas como nós”.

Matrimônio – “não é o encontro de dois projetos pessoais é um projeto único”.

O docente alude ao fenómeno da crise do casamento católico. Falta a noção de que “Tanto quanto pelo Sacramento ficais constituídos em Matrimónio, pelo Matrimónio ficais constituídos em Sacramento”.

Robert Schuman – Utopia e Política

“Pai” da União Europeia

Os alunos destacam o seu empenho pela paz e pela unificação – “um francês atacado que supera os nacionalismos” – “amai os vossos inimigos”.

Dorothy Day – Autenticidade e fraternidade

Destacam a conjugação do radicalismo com o catolicismo. Destacam ainda as causas sociais e a Doutrina Social.

Dorothy Stang – Ecologia Integral e Consagração

Destacam a firmeza às causas e a humildade na entrega.

Rosario Livatino – Integridade e Justiça

Destacam a sua profissão – jurista. Dá-se foco ao princípio de “jugar não para condenar mas sim para redimir”.

Giuseppe Toniolo – Economia e Sociedade

Elogio do bem comum da Doutrina Social da Igreja.

Após os breves destaques sobre as personagens discipulares o docente disponibiliza e aconselha a consulta do site sites.ecclesia.pt, onde os alunos podem encontrar os vários documentos com caráter interdisciplinar utilizados.

Na segunda parte da aula o docente apresentou a figura de Edith Stein, bem como o filme a visualizar – *A Sétima Morada*, assim como o documento do Magistério para o acompanhamento do tema – *Fides et Ratio* de João Paulo II. O binómio é Filosofia e Religião – Verdade e Amor.

Destaca o seguinte pensamento de Edith: “não conhecemos de nós mesmos senão a superfície. A profundidade permanece-nos em grande parte oculta. Só Deus a conhece”.

Edith encontrou a Verdade – Jesus Cristo.

Os alunos irão visualizar o filme, ler a Encíclica e realizar um trabalho. O docente dá nota dos trabalhos anteriores, nomeadamente da qualidade revelada nos mesmos.

Aula 5

Data: 25 de novembro 2022

14:30h – 18:00h

Apresentação das sínteses sobre a figura de Edith Stein a partir do filme previamente visualizado – “A sétima morada”.

Os alunos destacam: o amor e o sacrifício – superação de si mesmo pela vontade de se dar ao outro.

Edite passa por adversidades e tormentos, contudo, ganha e goza de paz.

Um dos alunos refere com propriedade na sua intervenção “a importância do diálogo e da explicação das moradas” (é uma das cenas presentes no filme). Refere ainda a “recusa” que em certa altura faz à filosofia pois afirmara já conhecer a Verdade. Nisto o aluno conclui que a partir desse momento Edith passa à “realidade absoluta”.

Fala-se do noviciado religioso como um “treino para a liberdade”, o mesmo se aplica ao matrimónio – o amor e a liberdade são inseparáveis.

“Sou chamado a ser mais do que já sou”.

Viver a minha vida como resposta ao outro – “esposa” – “corresponder ao amor amando.

Uma outra aluna destaca a temática da união entre a fé e a razão. Na sua intervenção a aluna recorda que após ter dito, na primeira aula, que não era “uma pessoa muito espiritual” o professor lhe havia sugerido que criasse espaços de silêncio. A aluna partilha que tem criado esses espaços de silêncio e que isso a “tem levado a sentir que realmente há algo que a transcende”.

Noto neste momento que os presentes ficam focados e tocados com a partilha. O docente sugere então que se possa fazer alguns momentos de silêncio após a partilha da colega. Os alunos reagem com receptividade ao momento reflexivo.

Outra aluna destaca o facto de as escolhas de Edith serem “feitas por amor” – “Ninguém chega a Cristo sem a sua cruz”.

Realça ainda a ideia da “fé como forma de manifestação da verdade”.

Fé e Razão – a fé sem a razão perde-se.

A aluna refere: “Li com atenção a Encíclica Fides et Ratio”.

Continua o docente: “a nossa essência é um mistério que vem de Deus” – “se queres ser tudo não desejes ser coisa alguma”.

O docente comenta ainda: “os nossos desejos condicionam a nossa liberdade. Os nossos desejos devem ser passados pelo crivo da liberdade.”

*atenção: “Deus não é a causa imediata do que acontece na História”.

“A razão é necessária ao longo de todo o processo religioso.”

A segunda parte da aula segue com a intervenção do Doutor Pedro Valinho Gomes sobre o Perdão.

- “O perdão em Paul Ricoeur no horizonte filosófico pós- holocausto”.

“até quantas vezes se deve perdoar?”

“Será que há alguma coisa que justifique o perdão?”

Perdão: gratuito; incondicional; desmesurado; permanente.

“O perdão só é possível justificar a partir do imperdoável.”

“O perdão está entre o impossível e o difícil” – “Confronto com o limite da capacidade ética do Ser Humano”.

“é preciso dar um rosto ao perdão”

5 entraves que dificultam o perdão: memória; esquecimento; justiça; culpabilidade; ódio/vingança.

“o perdão exige a memória, o amnésico não pode perdoar, porque não saberia o que perdoar.”

Perdão como a transposição do intransponível.

“o perdão não é o contrário da justiça, ele exige o assumir da culpa e a aceitação das consequências dessa culpa.”

“o perdão exige outra lógica. A ideia de retribuição compete à justiça (que o perdão não exclui, mas implica), mas o perdão exige descobrir o ser humano.”

“olha o perdão como uma renarração na nossa vida” – “só se compreende quando aceitamos que o outro faz parte da nossa história.”

“se o mal ganhasse não poderíamos por o perdão como hipóteses”

Educar para o perdão e o tema do testemunho.

Após a apresentação abre-se o diálogo. Os alunos perguntam e comentam:

-“no fundo qual é a definição de perdão?” A palavra etimologicamente significa dom em abundância/ permanência.

Houve silêncios profundos ao longo da apresentação do tema. Denoto o foco e a implicação dos alunos no assunto. Há como que uma “inquietação” nos seus rostos.

Relativamente aos trabalhos apresentados no início, noto um elevado cuidado na sua elaboração e no excelente nível das apresentações e intervenções dos alunos, que nem sempre infelizmente consigo fielmente replicar.

Aula 6

Data: 2 de dezembro 2022

14:30h – 18:00h

O docente inicia a aula a expressar a admiração pelo comprometimento dos alunos com a disciplina e o exigente trabalho, ao qual corresponde com “muita qualidade”.

Nesta aula aborda-se especificamente a relação da ciência com a fé. O autor de referência é Luís Archer, padre jesuíta e investigador em genética. É apresentado como alguém que procurou mostrar que não há incompatibilidade entre os dados da ciência e a fé.

“Ainda podemos continuar a falar em ciência?” - introduz assim o docente o tema.

Trans/post – humanista – decorre da constituição da “técnica como ideologia” (Habermas).

“A primeira grande *expressão* da Idade da Técnica é o nazismo”.

“O homem já não maneja a técnica é a técnica que maneja o homem (...) num tempo em que a evolução parece não se fazer por continuidade, mas sim por rutura”. Galimberti chama-lhe Inversão.

Aborda-se a obra – *In Quelle Tenebre* de Gitta Sereny. – “O Homem como instrumento do sistema técnico.”

Docente: “estas dispostos a abdicar da vossa subjetividade para vos tornares ótimos executores?”

Günther Anders: “nós, filhos de Eichman.”

“Eu não estava encarregue de sentir alguma coisa, mas de fazer funcionar o sistema.”

Docente: “o vosso curso está a ensinar-vos a atuar também segundo a vossa subjetividade ou somente a seres executores da técnica?” (...)

O sistema nazi e a consciência: “eu obedeci às ordens!”

Docente: “ides entrar num sistema algo totalizante. Podem ser «totalizadores»”.

“A técnica e a tecnologia não são más, o que é inquietante é a racionalidade técnica.”

O docente traz à aula o testemunho de Walter Osswald sobre Luís Archer.

Principal erro:

“Leitura errada da Bíblia e da Teologia”: * “ciência como religião e religião como ciência”

O problema do Trans-Humanismo – propõe uma resposta ao fim da vida: prolongá-la.

“Forma idolátrica do anseio de eternidade”

Ideia chave: “Não o eu mas a auto transcendência de mim mesmo”

Ciência – como?

Religião – Porquê/ para quê?

Passagem da ciência para a tecnociência. Aparece a pretensão de se ter uma palavra absoluta sobre o Homem. Antes a religião tinha uma palavra absoluta sobre o Homem, hoje a tecnociência quer ter essa palavra absoluta.

Que Humanismo para o Pós – Humanismo?

Biocosmos em oposição ao tecnocosmos?

“O que se ganha é maior do que o que se perde?”

Tecnociência e a relação com o Homem:

- possibilidade de desumanização

- “tecnolização do amor”

“todas as possibilidades são simultaneamente risco.”

O docente recorre a um tema que lhe é claramente “grato”. Percebe-se que fala dele “apaixonadamente”.

Docente: “olhai para a forma como se morre: se olharmos para o sistema de morte conseguimos avaliar a forma como vivemos.”

“somos a primeira geração da história que não tem uma arte de morrer.” “A morte viu-se privada de lugar na cultura”.

O Cristianismo é a religião em que Deus se faz Homem. Se o Homem deixa de ser Homem, que lugar há na relação com o cristianismo.

O docente dá lugar a uma paragem reflexiva induzida com as questões: que te suscita isto? Será assim? Que pensas?

Nas partilhas, um aluno, por exemplo, admite ter dúvidas sobre o «porque não?» à intervenção da técnica na fecundação. Contudo, o mesmo, sobre a inteligência artificial crê que não se consegue, de todo, reproduzir a essência do ser humano.

Fala-se do “axioma da tecnociência” – tudo o que é tecnicamente possível deve ser realizado.

*Nas minhas notas registo que noto uma certa perplexidade dos alunos diante do assunto, como se não tivessem pensado ainda sobre a complexidade e profundidade do mesmo.

Docente: “será que nós ainda sabemos o que é o ser humano?”

Aluna: “É intrigante pensar a conjugação com esta nova realidade!”

Faz-se nota daquele que é um dos grandes desafios desta realidade: - “Tomar consciência de que sou sujeito de uma consciência”.

No último tempo da aula o tema foi “o eu e o outro” com os binómios – Alteridade e Diferença e Encontro e Cuidado.

A personagem tipo é Cristian de Chergé

Lê-se um excerto do Testamento Espiritual de Cristian de Chergé.

Indica-se que o filme a visualizar é *Des hommes et des dieux*. É feita uma introdução sobre o Islamismo.

Refere-se que a palavra Misericórdia está presente nas 3 religiões abraâmicas. O docente pede que cada um diga o que invoca para si a palavra misericórdia.

Surgem outras palavras como: Perdão; compaixão; sentimento, piedade.

Conclui-se com a síntese do docente: a Misericórdia é “um modo de existir”. A Bem Aventurança da Misericórdia é a única que pede aquilo que promete.”

Aula 7

Data: 9 de dezembro 2022

14:30h – 18:00h

O docente inicia a aula com uma nota que parece repetir-se de forma positiva à medida que o semestre vai avançando: os trabalhos dos alunos, elaborados depois da aula anterior “continuam a melhorar em qualidade”. Nota-se um progresso na compreensão daquele que é um dos principais objetivos da cadeira – “descobrir-se enquanto ser espiritual que todo o ser humano é”.

Deu-se início às apresentações finais.

Gioseppe Toniolo

Economia e Sociedade. Acompanhado da leitura de *Deus Caritas Est* de Bento XVI.

Os alunos falam da necessidade da consciência de que o encontro entre a fé e a cultura pode libertar a sociedade, nomeadamente, na contemporaneidade, libertá-la do “materialismo recalcado”.

O “nó da questão social” – economia desligada da ética. Pura lei do mercado.

Os alunos discutem quais são os “valores sociais”: solidariedade; justiça; fraternidade; política; economia; ecologia integral.

Explica-se a etimologia – Eco – nomos -casa, normas.

Alude-se à expressão do Papa Francisco – “Economia que mata”

O que é o proletariado? “São homens, mulheres e crianças que não tinham direito a nada sem ser a “prol”.

Diaconia – Serviço, forma de amor ao próximo.

“Economia como parte integrante do desígnio operativo de Deus” – Toniolo.

“O que é o bem comum?” Como contribuir para? Qual o “programa” de um cristão para esse desígnio?

O “programa” de um cristão deverá ser: ter “um coração que vê” (Bento XVI)

Luis e Maria Beltrame Quattrochi

Pilares da vida enquanto casal – Santidade a dois.

O que é a Graça? – ser-se sujeito de uma vida em que Deus é Sujeito.

Os alunos que apresentam explicam neste contexto os 7 Sacramentos.

Matrimônio abordado a partir da *Amoris Laetitia*.

Fazem a analogia entre o casal, Cristo e a Igreja – ideia esponsal.

Apresenta-se o Discernimento como chave de leitura e acompanhamento do matrimónio.

Robert Schuman

Populorum Progressio – Paulo VI – Utopia e Política/ Política e Religião

Re – ligere

Re – ligare

Realçam a ideia de Schuman sobre o Humanismo total vs Humanismo limitado
“o desenvolvimento é o novo nome da paz” – reflete-se sobre o facto de esta ideia estar aparentemente adulterada.

Destacam como obstáculos à paz dos Povos os Nacionalismos e o Racismo.

Doroty Day

Fratelli Tutti – Autenticidade e Fraternidade

“É muito fácil olhar sem ver” – Não restringir as relações – Existência Humana autêntica.

Doroty não era uma ilha, era uma ponte. – os alunos destacam a abertura ao coração dos outros, hospitalidade, solidariedade.

Hospitalidade – Hospedado e Hospedeiro – cultivar em nós a ideia do ser “hospede temporário”.

Solidariedade – dar solidez à fragilidade do outro.

Se sou autêntico sou fraterno

Se sou fraterno sou autêntico

Dorothy Stang

Laudato Si – Ecologia Integral e Consagração

Centra-se a apresentação na crítica ao consumismo e à “sociedade de plástico”.

Destacam os conceitos de Casa Comum e Ecologia Integral. São para os alunos conceitos “completamente novos”.

Rosario Livatino

Pacem in Terris de João XXIII

Os alunos realçam os fundamentos da paz: verdade; justiça; amor; liberdade.

A justiça relaciona-se com a integridade.

Ordem vs Desordem – “Livatino não foi um espetador da desordem social”.

Vida como resposta – princípio contrário à egolatria.

Realçam o homem que julgava para redimir e não para condenar. Aborda-se a questão da força como proveniente da ordem moral. Daqui percebe-se que a pesquisa autónoma leva os alunos a citar Tomás de Aquino sobre a questão da legitimidade da lei,

“A lei humana tem valor de lei enquanto está de acordo com a reta razão: derivando, portanto da Lei eterna. Se, porém, contradiz à razão, chama-se lei iníqua e, como tal, não tem valor de lei, mas é um ato de violência.”

Destaca-se a importância da relação verdade – justiça.

Nota-se que alguns destes alunos usam com facilidade terminologias eclesiais e teológicas e relacionam-nas com as suas áreas de estudo e conceitos derivados das mesmas.

Abriu-se o diálogo sobre os trabalhos apresentados.

“Há ou não verdade que vai para além das «verdades»?”

O docente a certa altura levou a mão ao bolso. Discretamente retira do bolso e segura (fechado na mão sem ostentar) aquilo que me parece um terço, depois observando bem, percebe-se que não o é – são as chamadas “contas de Jesus”.

O docente fala com um “entusiasmo” que foca os alunos naquilo que ele está a dizer. Movimenta-se pela sala, alguns alunos reparam no “objeto” que discretamente tem na mão. Fala-se do “amor ao próximo” e de vida

contemplativa. Este último tema tem nos alunos um impacto particular. Há um aluno que interroga – “há amor pleno na vida contemplativa? Fechadas...”

É como referi, um diálogo aceso, não de discussão, mas sim de envolvimento no tema.

Docente: “Não é ativismo social é amor” – a contemplação é uma dimensão fundamental da vida cristã.

A finalidade da vida do homem é Deus, na entrega ao outro.

“Achais que por ser celibatário não amo?”

A aula termina assim, como que suspensa. Não em dúvidas necessariamente, mas em registo reflexivo. Percebe-se que vários alunos saem “com o tema na cabeça”.

Já era algo que se ia notando ao longo do semestre, mas nesta aula algo me fica claro – os alunos são os protagonistas da cadeira.

Aula 8

Data: 16 de dezembro 2022

14:30h – 17:30h

Esta é a última aula do semestre. Decorre novamente em regime presencial e é uma aula aberta. Isto acontece pelo facto de alunos do ano anterior terem pedido para assistir à última aula.

O assunto primeiro são os trabalhos realizados a partir do filme *Des Hommes et des dieux*.

Perigo da radicalização do absoluto – exemplo dos totalitarismos políticos.

Relativamente aos monges: “deixaram de lado o medo, o seu eu, para dar lugar ao outro” (aluna).

“O momento crítico é sempre um desafio a auto transcender-se”.

“Liberdade verdadeira é aquela que vem das nossas convicções” (aluna).

Docente pergunta: comprometer-se diminui a nossa liberdade?

- 1ª forma de liberdade humana é a liberdade de consciência e o compromisso veicula a consciência.”

“*sou livre de* é diferente de *sou livre para*” – finalidade

Se eu assumo a liberdade exclusivamente no “de” sou incompetente para o compromisso.

Responder ao que sou é diferente de responder ao que sou chamado a ser. No primeiro trata-se de auto preservação, no segundo de auto transcendência”.

Aluno realça a frase do filme – “vós sois deuses, porém morrereis como homens”. Refere que a mesma tem origem no salmo 82 e propõe que se possa ler o salmo. O aluno lê o salmo.

O docente sugere a leitura do livro “Eu e tu” de Martin Buber.

A fraternidade como uma “evidência” do filme.

Fala-se, dos “valores” da revolução francesa, da fraternidade entre Religiosos e da fraternidade como lugar de perdão.

Relativamente ao filme destacam que a diferença de opinião entre os Monges não os impediu de viverem em comunidade.

Aluno: “Fiz o meu comentário a partir da parábola do Bom Pastor. Jesus diz: tenho outras ovelhas que não são deste redil.”

- “viver sem o “apesar de” e sim com o “com”. – A vida não é um castigo, mas um compromisso até a fim.”

Para além do preenchimento dos inquéritos pedagógicos os alunos são também convidados, os que voluntariamente desejarem, a preencher as composições/ comentários. Alguns pedem para preencher em casa e entregar posteriormente.

Posto isto a aula termina de forma informal com diálogo entre o docente e os alunos.

Chama-me a atenção a pergunta de uma aluna, que ultrapassa o campo académico – “se me casar poderá ser o professor a casar-me?”. Há sorrisos e assentimentos. Percebo que para esta aluna a UC foi mais do que algo meramente académico.

Um outro aluno refere a importância de ter aclarado determinados conceitos ao longo do semestre – transcendência, perdão, viver no extraordinário – “houve um choque positivo relativamente às coisas em que eu achava que acreditava”.

Aluna refere algo interessante: “Ao longo do semestre percebi que o professor não queria «justificar» a Igreja, mas indiretamente pelos esclarecimentos que nos dava, acabou por fazê-lo. O que me ajudou a esclarecer muitas coisas.”

Outra aluna diz de forma muito genuína: “Aprendi o lado humano da religião, mas não minto, eu quando vi que ia ter esta cadeira pensei – estou feita! Eu passava um «x» nestes temas.”

Uma aluna diz ainda ao docente: “eu pensei – oh meu Deus, vou ter uma aula com um padre! Quero salientar que estas aulas mudaram a minha visão. Sobretudo porque agora percebo que tive coragem para pensar do avesso.”

Registo ainda um outro comentário interessante – “tive uma interrupção na vivência e na prática católica, mas depois desta unidade curricular, sinto-me mais próxima do que já fui: crente e praticante.”

Ficam ainda excertos dos registos, que nos foram cedidos, das reflexões finais que os alunos redigiram relativamente à sua experiência nesta unidade curricular.

ALUNO 1 (Adp1)

“Comecei este percurso de forma cética como, na verdade, começo quase todos os percursos. [...] Acabei por descobrir, no entanto, que o meu ceticismo me leva ao questionamento. Questionamento esse que eu achava corresponder a falta de crenças. Este percurso fez-me perceber que esse questionamento pode levar-me muito mais além do que eu mesma acreditava. Na realidade, o caminho pôs-me em contacto com personagens muito diferentes, mas com algo em comum: a fé.

Fez-me por isso mesmo refletir também no que tenho em comum com cada uma delas e lançou-me num processo de auto procura e por vezes, algum encontro comigo mesma também. No presente, entendo melhor. Vejo que desvalorizei o valor das crenças e da fé. Entendo que para viver de forma plena a sua consciência moral, ele teria que abdicar da sua segurança.

E que por vezes, por mais extremo que pareça aos outros, a plena realização de nós mesmos pode incluir o martírio.

Foi-me também possível compreender que também eu sou, como todo o ser humano, uma pensadora por natureza. Que não há um espaço reservado para o pensador, filósofo e religioso: todos nós o podemos ser. Assim, comecei a criar lugar na minha vida para o verdadeiro pensamento, criar espaços para o verdadeiro silêncio. No verdadeiro silêncio, sem estímulos constantes que, na vida moderna são muito fáceis de obter, consigo formular interrogações e, por vezes, também respostas.

Assim, termino este percurso com mais respostas do que as que tinha quando o comecei, mas também com mais perguntas. Muitas delas nunca terão resposta objetiva e universal: cada um de nós terá a missão de encontrar as suas próprias respostas, podendo estas ser mutáveis ao longo do caminho. Confesso que ainda não encontrei o meu absoluto, o lugar da minha transcendência. Explorá-lo e descobri-lo pressupõe a parte mais difícil, mas valiosa do caminho. Que a partir deste absoluto, possam partir um dia as minhas escolhas e decisões, alinhadas com os meus objetivos e crenças. Até lá, ainda assim a minha conduta continua a alinhar-se com os meus valores e já é um bom ponto de partida que pode levar a um bom percurso e quem sabe, a uma boa chegada.”

ALUNO 2 (Adp2)

“Olhando para trás, agora que se deslumbra o fim deste caminho, é obrigatório recordar um momento no passado mês de setembro, em que estava a tentar decifrar pela primeira vez o programa desta disciplina. Percebi que era uma disciplina distinta da apresentada aos alunos de direito, assim como aos alunos de gestão, que era pensada para a Dupla Licenciatura, algo especial e à medida, portanto. Desde logo, percebi que tinha potencial de fazer diferença no nosso percurso académico, só não sabia como ou o quanto! Durante este semestre percorremos um itinerário, através do qual procurámos aprofundar a consciência das possíveis relações entre Cristianismo e Cultura, a partir do estudo de personagens discipulares que marcaram o seu tempo e também o nosso, de documentos da Igreja e da sua articulação com binómios. Pensando no trajeto como um todo, e depois de refletir, entendo que a sequência das tarefas propostas nos conduziu desde a subjetividade até à fraternidade, desde o Eu (o individual) até à sociedade (o coletivo).

O programa desta disciplina revelou-se muito enriquecedor, não só por me ter proporcionado um processo interior de autoconhecimento, especialmente a nível espiritual, mas também por me ter oferecido oportunidades de praticar competências que são importantes para a minha evolução pessoal e, futuramente, profissional. As tarefas que me foram propostas durante o semestre, nomeadamente as sínteses dos filmes, levaram-me a refletir sobre questões como o meu papel na sociedade, a forma como decido viver a minha espiritualidade e como permito ou não que essa minha vivência transpareça para a minha vida profissional. O facto de termos abordado temas correntes como o perdão, a liberdade, a consciência, a autenticidade, tornou as aulas ainda mais apelativas.

Esta disciplina ajudou-me a melhorar a minha comunicação, não só a ser capaz de partilhar reflexões pessoais, mas também o simples ato de falar em público para pessoas que não conhecia (já que inicialmente conhecia um total de quatro pessoas na turma), o que irá contribuir para a minha possível carreira enquanto jurista. Ainda, fomentou o pensamento crítico, o trabalho em grupo e a gestão de tempo, que são competências que me permitirão ser melhor gestora. A fundamentação das minhas opiniões para que elas sejam esclarecidas e para,

assim, as conseguir suportar sempre que alguém as questione ou ponha em causa, também é algo que esta disciplina, como outras, me permitiu praticar e que impactará positivamente a minha postura enquanto profissional. O Cristianismo e as restantes religiões impactam as leis deste país, assim como vimos na última aula, quanto mais não seja porque moldam os valores centrais da cultura de uma sociedade com padrões cristãos, ainda que laica. Assim, esta última aula deixou claro para mim que o conhecimento sobre as religiões não pode ser deixado de lado, enquanto profissional da área do Direito.

Agora, no fim deste caminho, percebo que vivo uma fé mais consciente, porque pensada e refletida. Todos os binómios, os documentos recentes e personagens discipulares, mostraram-me que a espiritualidade vivida continua a ser um ponto central da existência humana, que faz sentido cultivar. Em diversos momentos durante o semestre, dei por mim a partilhar com a minha família o que ouvi/refleti na aula de cristianismo, o que é uma consequência do processo interior que estava a experienciar. Esta disciplina ainda criou uma amizade mais intimista entre os alunos por conta das partilhas que fazíamos em aula – mais do que uma vez, fora do tempo de aulas, eu e alguns colegas conversámos sobre temas como a eutanásia, o impacto da morte de pessoas queridas ou até mesmo a vivência de outras religiões –, algo que não teria sido possível se não estivéssemos neste contexto. Portanto, não só me apercebi da mudança na consciência espiritual vivida por mim própria, mas também pelos outros com quem partilhei este caminho.

Para concluir, Cristianismo e Cultura proporcionou-me muitos momentos de reflexão, que me permitiram progredir na compreensão da minha espiritualidade, tornar-me mais aberta a partilhar pensamentos mais pessoais e a discutir questões religiosas com amigos, e principalmente perceber a importância do cultivo também da dimensão espiritual, que tem tendência a ser esquecida atualmente, para o amadurecimento enquanto ser humano íntegro.

ALUNO 3 (Adp3)

“Por fim, cumpre-me terminar este exercício reflexivo com um enquadramento no horizonte da profissão que potencialmente virei a exercer. No próximo ano, dedicar-me-ei a aprofundar a minha formação técnica com um

mestrado em Finanças, em (...), para que, no futuro, desempenhe funções de analista financeira, corretora de bolsa ou de gestora de ativos numa empresa. Os Mercados Financeiros surgem, por norma, associados a uma imagem de ganância, iniquidade e perversidade. É um facto que, de certo modo, ao longo das últimas décadas, contribuíram para a desconcertante realidade de que 1% da população mundial acumula quase o dobro da riqueza de todo o resto do mundo. No entanto, na minha visão, os Mercados são meros instrumentos, axiologicamente neutros. É o Homem que lhes atribui uma componente valorativa, evidenciada nos resultados. O Homem que, tal como Sophia frisou, se deslumbra com o poder, aparências e riqueza, e perde o foco de como utilizar os meios ao seu dispor para a construção de um destino fraterno comum. A verdade é que os Mercados podem, de facto, beneficiar a comunidade como um todo, mas para isso quem neles está inserido tem de ser um verdadeiro discípulo de Deus para não servir apenas os interesses económicos dos poderosos. Foi este modelo económico que, nas últimas décadas, permitiu melhorar o acesso à saúde, higiene e ensino, reduzindo as desigualdades. Mas não é suficiente. E, neste aspeto, é um facto que nos encontramos numa crise de valores e de missão e, sem dúvida, precisamos de nos imbuir do Espírito Santo para construirmos um futuro como Irmãos.

Assim sendo, apesar dos valores de Jesus de Nazaré parecerem ser inconciliáveis com uma ideia liberal dos Mercados, a verdade é que o mercado livre potencia o investimento na liberdade criativa, que não raras vezes resulta no benefício integral da humanidade. Se, ao selecionar investimentos para uma dada empresa, um analista tiver em consideração os valores da pessoa humana, do bem comum, da justiça social, ecologia integral, inclusão dos mais vulneráveis e solidariedade, então pode contribuir com as suas competências técnicas para a construção de um mundo mais justo e fraterno, tal como exorta a Encíclica *Pacem in Terris*. A verdade é que, nos últimos anos, o lucro deixou de ter um papel tão preponderante na seleção de bons investimentos e existe um maior incentivo a negócios e práticas virtuosas. Este será o meu propósito, se e quando estiver inserida nestes sistemas: o de promover o investimento em organizações que contribuam, sobretudo, mas não só, para a proteção do ambiente, integração social e a erradicação da pobreza. Esta visão do mercado está já patente no documento da Santa Sé *Mensuram Bonam*, de 25 de novembro de 2022, que

estabelece critérios éticos para investimentos financeiros. Este documento traz uma nova esperança para a conciliação da Fé e liberalismo, que podem ser fundamentais para canalizar a riqueza para a obra que Deus espera de nós como Irmãos.

Na hipermodernidade, o transumanismo é a manifestação atual da elevação do Homem a seu próprio Deus de Hegel, Nietzsche ou Espinosa. Hodiernamente, numa sociedade individualista e numa era de relativismo absoluto dos valores fundamentais, o desenvolvimento tecnológico deu origem ao movimento ideológico em que o Homem é capaz de transcender o horizonte da temporalidade e as suas limitações, e tornar-se eterno e perfeito. No entanto, com esta alteração da própria condição ontológica do ser humano, fica ameaçado o processo de introspeção de procura e reencontro consigo mesmo e com Deus (escutando a Vocação e a Verdade), que caracteriza a espécie humana. Fica também em risco a compreensão de que a vida terrena não é um fim em si mesmo, tal como nos demonstraram Franz, Edith Stein, Christian de Chergé e Rosario Livatino, e desvirtua-se a ideia de que a verdadeira liberdade é a de quem permanece solidamente ancorado à sua missão de Amor, Integridade e Fraternidade.

Deste modo, torna-se cada vez mais conturbado e turbulento este caminho comum que Deus determina para o Homem. É fundamental que o Homem se descentre de si e da sua mortalidade, e que olhe para o próximo como Irmão e para o exemplo de Cristo e seus discípulos, de modo a que seja possível construir uma sociedade de paz, justiça e diálogo, em respeito dos valores fundamentais dos Homens que Jesus de Nazaré enunciou.

[...] Este itinerário espiritual, que considero ter sido muito proveitoso para o meu desenvolvimento pessoal, autoconhecimento e compreensão do mundo.”

ALUNO 4 (Adp4)

“No início do semestre estava aberta a perceber o que a disciplina de Cristianismo e Cultura tinha para me ensinar, ainda que talvez ligeiramente cética relativamente à sua aplicabilidade no futuro. No entanto, ao longo destas

semanas, fui-me apercebendo da importância de tudo aquilo que aprendemos. Os valores são transversais a tudo na vida, o que inclui não só o caminho pessoal, mas também o profissional, e se a nossa Universidade tem a intenção de nos formar plenamente, é necessário que nos forme também como pessoas. Seguimos então este itinerário, partindo do interior, da nossa consciência e do nosso lugar na sociedade, para chegar ao exterior, ao outro e ao respeito pelas suas próprias escolhas. [...]

Pode parecer intuitivo para alguns, ainda que não para todos, mas é necessário aceitar a diferença e tratar todos como igual. Independentemente da carreira que eu siga no futuro, estas lições serão particularmente relevantes, porque, quer seja a gerir uma equipa, quer seja a procurar justiça para alguém, há um fator comum: as pessoas, pessoas estas que nunca serão iguais a nós. [...]

Todas estas lições serão importantes ao longo da nossa vida, quer as reflexões sobre nós próprios, quer as reflexões sobre o outro. Este equilíbrio entre o eu e o outro foi o destino final do percurso desenvolvido ao longo do semestre. Para além de me ter dado a conhecer as impressionantes histórias de alguns católicos, que não deveremos esquecer, todo este itinerário teve um impacto no meu modo de pensar. Sempre fui uma pessoa de convicções fortes, e muitas vezes me chamaram de idealista. De tantas vezes ouvir a mesma coisa, uma pessoa começa inevitavelmente a acreditar. Felizmente, a disciplina de Cristianismo e Cultura surgiu no meu percurso académico para me provar que não tem de ser assim, não tem de ser idealismo, mas pode ser realidade, se mostrarmos perseverança e mantivermos os nossos valores.”

ALUNO 5 (Adp5)

“Se devemos considerar o espaço contínuo e o amor mais que um mero sentimento, não podemos olhar para o Homem com uma visão parcial, caindo no erro de o classificar como ser unidimensional. Devemos, portanto, recorrer a uma visão holística, capaz de detetar a multidimensionalidade e complexidade do mesmo, visto que este exercício, de relação com o contexto em que cada um se insere, é capaz de moldar e descodificar as nossas ações. Esta capacidade de distanciamento do óbvio, resultado de profundos momentos de introspeção,

foi, para mim, uma das maiores aprendizagens do percurso percorrido na cadeira de Cristianismo e Cultura.

[...] o itinerário que também nós, alunos, experienciamos ao longo do semestre, que também teve as suas moradas/etapas e culminou com o desenvolvimento do espírito crítico e com o crescimento pessoal de cada um de nós.

[...] Assim, de Rosario Livatino retirei que a integridade e a dedicação à justiça foram autênticos guias no exercício da sua profissão, mas acima de tudo retirei um exemplo para a vida, uma vez que pretendo adotar a sua coerência entre a fé e o compromisso de trabalho, contribuindo, profissionalmente, para uma sociedade melhor, menos corrupta. Seguindo, para tal, o percurso das restantes personagens e adotando a visão holística de Siza Vieira, na medida em que só irei autotranscender-me quando conseguir superar a centralização no eu.
All along there was some invisible string tying you to me? Taylor Swift

Reflexão Final:

Ao longo deste semestre experienciei, juntamente com o Padre (...) e os meus colegas, um dos mais belos itinerários que já percorri, contudo só o consegui classificar verdadeiramente, após a visualização do último filme. Assim, acredito que o mesmo é a personificação da relação entre os monges e a comunidade argelina, na pessoa do Padre e dos alunos, respetivamente. Dado que, esta cadeira é uma manifestação da aceitação do outro, no igual e no diferente, no bom e no mau, nunca abandonando a fraternidade, nem a sua missão. Daí que para mim tenha representado um abraço, um lugar seguro de partilha.

Deste modo, termino da mesma forma que começamos este caminho, com a resposta à sua pergunta, relativamente às expectativas da disciplina. Recordo-me de ter dito que tinha expectativas altas para a mesma e que estava pronta para tudo, no entanto, confesso que não estava pronta para o crescimento pessoal que esta cadeira instigou e proporcionou e, por isso, agradeço-lhe profundamente.

“All journeys have secret destinations of which the traveler is unaware.”
Martin Buber”

ALUNO 6 (Adp6)

“Ao longo do semestre foram abordadas questões importantes que são colocadas na atualidade social ou que até não sendo colocadas, deviam sê-lo. Os três tempos referentes à mudança social recente e os binómios que lhe são intrínsecos são motivo de uma grande reflexão e autocrítica. Durante todo o percurso de a realização dos trabalhos individuais, que me trouxeram a este trabalho final, refleti muito sobre quem sou, como ajo e quem devo ser e como devo agir. O caminho feito nesta unidade curricular e modo como por ela fui intercetada, no método, nos conteúdos nas oportunidades e nos mentores com quem tive oportunidade de contracenar fizeram de mim, creio e desejo, um ser humano mais consciente na aceitação do outro e no contributo a dar a uma construção social digna e melhor com suporte no livre arbítrio que nos foi superiormente concedido.”

ALUNO 7 (Adp7)

“Ao longo deste semestre consigo traçar um caminho de reflexão e aprendizagem, não só sobre os ensinamentos de Deus, mas também, e atrevo-me a dizer sobretudo, sobre mim, enquanto pessoa e filha de Deus, criada à Sua semelhança. Os três filmes que vi, juntamente com a leitura de alguns contos da Sophia Mello de Breyner e o conhecimento mais profundo sobre o testemunho de Maria e Luigi Quattrocchi serviram de base para este caminho de auto e heteroconhecimento.

Nos dias atarefados de hoje penso que este processo de paragem, reflexão e tomada de conclusões é muitas vezes posto de lado, tomado como secundário. Falo por mim e estou segura de que o posso fazer por uma grande parte das pessoas, de qualquer idade. Tomamos a maior parte das coisas do dia-a-dia como garantidas e vivemos em “cruise control”, sem pensar a fundo no porquê e no para quê dos acontecimentos que se vão gerando nas nossas vidas. Ter tido tempo para parar, pensar sobre a vida em geral, no seu significado, na minha missão pessoal enquanto pessoa (tendo em conta a liberdade que Deus

me deu), na minha relação com os outros, aprender a valorizar as diferentes religiões e as distintas opiniões e pontos de vista que daí possam surgir foi uma bênção nos dias que correm. Consegui pôr a vida em perspetiva e focar-me no que de verdade importa, sempre com consciência de que “Deus é o caminho, a verdade e a vida” (Evangelho de São João) e que, por isso, sem Ele nada sou.

O documento *Gaudium et Spes* do Concílio Vaticano II explica esta incessante busca da humanidade por respostas em relação ao seu papel e missão, tendo em conta as evoluções e avanços que se têm vivido: “Nos nossos dias, a humanidade, debate, porém, muitas vezes, com angústia, as questões relativas à evolução atual do mundo, ao lugar e missão do homem no universo, ao significado do seu esforço individual e coletivo, enfim, ao último destino das criaturas e do homem.”. Isto demonstra que, de facto, a evolução para um mundo cada vez mais capitalista, individualizado e egoísta está a desfocar as pessoas do essencial e a deixá-las sem rumo, despriorizando o que é fundamental, não só em termos pessoais, mas principalmente em termos da humanidade como um todo, um global.

Ele continua ao seu lado, pelas ruas, tal e qual Deus faz connosco. Mesmo que não o consigamos ver nem apalpar fisicamente, como fazemos com um amigo ou com o nosso pai, Ele está lá, ao nosso lado, todos os dias, a guiar-nos. Foi através deste conto que consegui realmente abrir os olhos para este facto, de que Deus está ao nosso lado mesmo quando parece que não obtemos respostas, que estamos sozinhos, mesmo quando temos um milhão de dúvidas e tudo o que conseguimos é silêncio. Nos dias de hoje estamos habituados a respostas imediatas, a consequências e conclusões instantâneas, mas este conto fez-me relativizar esse aspeto e perceber que nem sempre os timings e a sequência das ocorrências são como nós queremos, mas sim como Deus quer.

Por fim, penso que enquanto jurista terei de olhar ao mais íntimo de cada pessoa. Terei de perceber as suas raízes, valores, personalidades e crenças e ser capaz de, independentemente de tudo isto, perceber que todos merecem piedade, misericórdia e justiça. Deus protege todos de forma igual, independentemente das características que os divirjam, e é assim que pretendo agir enquanto jurista, como Ele age, dado que fui criada à Sua semelhança. Aos Seus olhos, somos todos iguais e, por isso, deve ser dado o mesmo tratamento a todos os cidadãos, o mesmo nível de proteção e segurança. [..]

Assim, pretendo atingir este objetivo, estando ciente de que não será fácil, pois na prática é difícil desviarmos-nos das nossas opiniões e pontos de vista pessoais.

Ao longo deste semestre percorri uma caminhada profunda, pura e genuína que me fez abrir os olhos em relação a aspetos relevantes, não só do dia-a-dia atual, mas também do futuro, quando exercer a minha profissão. Nos tempos atarefados e individualistas que correm são raros os momentos em que paramos para pensar, para estar connosco próprios e com Deus, para discernir sobre as nossas falhas e nos ajustarmos da melhor maneira para alcançar a Santidade. Penso que durante este percurso de 4 meses fui capaz de o fazer, acalmando a azáfama do meu coração e cabeça e chegando mais uma vez à conclusão de que o essencial é invisível aos olhos, não é palpável nem quantificável. Trata-se do amor de Deus, do seu amor incondicional e da sua orientação que temos a sorte e a graça de poder usufruir até à eternidade. Assim, quero focar-me em conseguir aproveitar esta graça que muitas vezes desperdiço, não só por falta de confiança, mas principalmente por falta de humildade para reconhecer que Deus sabe melhor que eu o que e quando será melhor para mim.”

ALUNO 8 (Adp8)

Cristianismo e cultura foi uma experiência enriquecedora em muitos âmbitos e que, certamente, marcou o meu percurso, nomeadamente pessoal.

[...] O conceito de transcendência foi uma constante ao longo do semestre, e conseguimos identificá-lo em todos os personagens que abordámos, desde aqueles que foram alvo sínteses pessoais, até aquele atribuído no âmbito do grupo de trabalho.

A transcendência está relacionada com aquilo que está além do mundo natural. De facto, o transcendente está associado ao imortal e ao essencial. Transcender é sobressair, alcançar de uma maneira ou de outra algo que está fora dos limites que impõe o corpo. Assim, busca da transcendência tende a relacionar-se com uma tentativa de se aproximar de Deus. De uma certa forma, a transcendência implica reconhecer que somos seres mortais e que existe um caminho para permanecer no tempo e o espaço que está fora de nós próprios.

[...] Assim termino, não a minha reflexão interior pois essa será perpetua, mas sim a minha síntese final. De facto, todo este caminho que percorremos, agora sintetizado, obrigou-nos a uma pura reflexão sobre nós mesmo, principalmente se sabemos o que é ser fiel a nós. Agora, sei, se formos fiéis a nós mesmos com a dita consciência, estaremos no caminho certo, não aquele com o desfecho bonito, mas certamente transcendente.”

ALUNO 9 (Adp9)

“No início deste semestre foi-nos proposto um desafio, um processo interior de amadurecimento espiritual que deveria acontecer ao longo do percurso do itinerário [...] de trabalhosa, e apesar de toda a insegurança que tenho relativamente a apresentações orais, foi uma cadeira que gostei bastante de ter.”

ALUNO 10 (Adp10)

No âmbito da unidade curricular Cristianismo e Cultura foi proposto estudarmos várias personagens inspiradoras, quer tanto pelas suas vidas, ou pela forma que a viveram. Personagens que convidam a uma autorreflexão àqueles que, crentes e não crentes, mais tarde tiveram a oportunidade de conhecer o caminho que estas personagens seguiram — sendo o caso de todos alunos que frequentam esta unidade curricular.

[...] Tendo tido a oportunidade de assistir a filmes, estudado a fundo o propósito de vida de vários personagens, excertos bíblicos e contos, consegui reter várias ideias importantes que se interligam e que andam à volta da problemática do humanismo.

O humanismo, dentro dos diversos significados próprios de cada cultura, é uma forma infalível de responder às questões preocupantes sobre o nosso futuro, em que todos devemos construir o bem comum, juntos na solidariedade e compaixão. Nós, enquanto habitantes desta terra, precisamos de formular o verdadeiro valor da nossa existência, para compreendermos os desafios que enfrentamos. Hoje em dia, mais do que nunca, num mundo potenciado pelo trans-humanismo, olhamos para estas personagens, em que cada uma procura

ser conforme consigo mesmo e vê a sua realização pessoal desligada da dimensão social da realização do ser humano. Numa síntese breve das personagens estudadas ao longo da disciplina, consegui concluir que todos eles se moviam graças à sua força espiritual, e conseguiram concretizar a sua verdadeira vocação enquanto habitantes desta terra: alcançar a verdade, a felicidade e a plenitude de encontrar o caminho de Deus e se tornarem no seu espelho. Esta disciplina convida a um fortalecimento dos laços interculturais, em nome da paz e esperança no futuro da nossa humanidade. Futuro que depende de nós, geração que se está a formar e que vai tomar conta do mundo daqui a uns poucos anos — e para tal, precisamos da experiência, da autorreflexão, das capacidades de introspeção e autoconhecimento, que se vão cultivando aos poucos, e que disciplinas como a de Cristianismo e Cultura certamente que têm um papel essencial.

O que é que a disciplina “Cristianismo e Cultura” me trouxe enquanto futura jurista e gestora? Na minha opinião, esta unidade curricular foi lecionada no momento ideal. Inicialmente, achava que faria talvez mais sentido fazê-la no início do curso, mas agora tendo descoberto todo o seu propósito, foi lecionada no semestre correto. Como aluna do 5º ano, falo a nível pessoal e sei que vários colegas partilham a mesma opinião, o último ano do curso custa mais. É a reta final, o cansaço está acumulado, já passamos por muitas épocas de exames, e é refrescante ter uma unidade curricular que seja tão diferente das outras.

É nesta altura que também começamos a procurar um eventual trabalho, estando na altura de mandar currículos e fazer entrevistas, são tempos bastante stressantes. Ora, tudo que esta disciplina nos ensinou foi ter outra visão nas coisas, aprender a relativizar, acreditar na nossa fé e nunca desistir. E é nos momentos menos bons, quando tenho que lidar com momentos mais stressantes, mais tristes, ou perante uma decepção, que esta cadeira demonstrou o seu impacto na minha vida.

Cristianismo e Cultura ajudou-me no sentido de que, foi como um “empurrão” para aprofundar a minha espiritualidade, que andava meia apagada, e que neste momento é algo que anda comigo todos os dias, como uma segurança em mim mesma.

Como quase licenciada em Direito e Gestão, espero levar comigo os valores que fui semeando ao longo destes anos de curso, nomeadamente os

que fui aprofundando nesta disciplina. Sendo esses a importância de valorizarmos o outro, de percebermos quem nos rodeia, e de que as nossas ações são um reflexo daquilo que acreditamos, e que conseqüentemente permitem na formação da nossa melhor versão. Enquanto profissional, são necessários todos estes valores, quando trabalhamos em equipa, quando temos um grande desafio pela frente, quando algo não nos corre como planeado, quando ouvimos coisas menos agradáveis do nosso chefe... aprender a lidar com o inesperado, nunca desistindo e mantendo-nos fiéis às nossas crenças, e sabermos que somos capazes de tudo.”

ALUNO 11 (Adp11)

“Queria também escrever-lhe o feedback que nos pediu em relação à UC. Penso que foi uma cadeira muito interessante não só do ponto vista académico, mas também pessoal, como já disse na minha síntese. [...] A bondade é contagiante e acho que todos saímos a ganhar das suas aulas, nem que fosse pelos momentos de paz e tranquilidade que ali vivemos.

Penso também que foi uma cadeira que apelou ao nosso sentido crítico e nos estimulou a pôr tudo em perspectiva, coisas que muitas vezes esquecemos no dia a dia. Acho que não tenho nenhum reparo a fazer. Talvez apenas duas sugestões: acho que é mais vantajoso e interessante as aulas serem em modelo presencial, se for possível. E penso que também seria interessante se pudesse falar um bocadinho mais da vida de Jesus, talvez como uma introdução, e dos seus ensinamentos. A Sua vida foi parecida à de um Homem normal, simples, o que torna possível fazermos analogias com os homens dos dias de hoje e, assim, mais facilmente nos aproximamos à sua vida. Penso que seria interessante para contextualizar melhor os alunos que não são católicos (que não é o meu caso, mas fiquei com essa percepção).”

ALUNO 12 (Adp12)

“Envio-lhe em anexo o Trabalho Final de Cristianismo e Cultura. Elaborei-o com grande entusiasmo, à medida que ia descobrindo pela biblioteca da Universidade as várias obras riquíssimas cujos excerto fui incluindo. Este

trabalho fi-lo também com o gosto de o vir a partilhar com os meus amigos que se interessem pelos temas que explorei.

Percorrido este itinerário, procurei fazer uma reflexão holística e integrada das suas várias etapas. Adotei uma estrutura tripartida. Em primeiro lugar, a articulação entre a Fé e a Razão. Quais são os «caminhos» que nos levam ao conhecimento de Deus? Em segundo lugar, segue-se a revelação de Deus como Amor. Por fim, e em terceiro lugar, veremos como é que as personagens se deixam transformar por Ele, e, à imagem de Jesus Cristo, realizam o Reino de Deus.

Uma vez que procurei refletir sobre temas estruturantes da fé cristã, recorri abundantemente a excertos de obras de variados autores, principalmente nas duas primeiras partes desta reflexão. Por esse motivo, e para preservar o rigor teológico da exposição, nalguns momentos o meu contributo intelectual limitou-se à seleção e articulação dos excertos.

Com a realização desta síntese final, espero ter conseguido refletir justamente a riqueza da aprendizagem que me foi proporcionada, quer com a lecionação da disciplina de Cristianismo e Cultura, como com a consulta das obras aqui citadas, e que em muito contribuíram para a minha compreensão integrada da fé e da missão cristã.

[...] olhemos para a vida das personagens discipulares que estudamos ao longo do itinerário da disciplina: Franz Jägerstätter, Edith Stein, os Monges de Tibhirine e Rosario Livatino.

Todas as personagens têm em comum uma vida que culmina em martírio. Distingue-os os seus percursos de vida particulares, une-os a cruz. Franz e Edith às mãos dos nazis, os Monges por mão de extremistas xiitas, e Rosario pela máfia italiana. Os quatro poderiam ter evitado o destino que sofreram. Franz poderia ter prestado o juramento ao Terceiro Reich, Edith poderia ter fugido com a família, em vez de ficar no Carmelo, os Monges poderiam ter ido missionar para outra região, quando o perigo adensou na Argélia, e Rosario poderia ter fechado os olhos à máfia, como tantos faziam à época. Não o poderiam, no entanto, fazer, mantendo-se fiéis à sua fé e à sua consciência, e, partindo das palavras de Franz, preferiram abdicar dos seus direitos terrenos, permanecendo merecedores dos direitos concedidos sob o Reino de Deus.

Exemplos de fé, de integridade e de amor, abdicaram de tudo o que tinham, porque lhos dizia a sua consciência, a voz de Deus que se fazia ouvir na intimidade do seu ser, e que se fez ouvir mais alto do que a soma de todas as outras vozes. A liberdade de todos, vinha da sua consciência. Pessoas inseridas numa sociedade, mas em contacto permanente com Deus.

[...] Todos viveram uma vida íntegra e justa. Encontraram Deus, deixaram-se transformar por Ele, e viveram segundo a Verdade que é o Amor.

[...] Quanto à avaliação da disciplina, gostei muito. Acho que é essencial que a Universidade Católica Portuguesa assegure que os seus diplomados, para além de terem um nível de competência técnica elevado, também tenham maturidade espiritual. E acho que esta disciplina, nestes moldes, proporciona oportunidades de aprendizagem e reflexão valiosíssimas. Também achei bastante positiva a relação entre a vida das personagens discipulares (e, nesta nota, acho que os filmes são ótimas maneiras de sermos introduzidos às suas vidas), os documentos da Igreja, e os binómios. Perceber as propostas da igreja, e conhecer pessoas que viveram segundo essas propostas. Gostei bastante dos filmes sobre o Franz e os Monges. Por outro lado, não gostei do filme sobre Edith. A história é bela, mas o filme propriamente dito é muito difícil de ver. Todos os colegas com quem falei sobre o assunto concordaram. Por fim, sabendo que a disponibilidade do Padre (...) está fortemente condicionada pelas suas funções em (...), queria agradecer-lhe pelo esforço que fez para nos dar as últimas aulas presencialmente. Há uma diferença substancial entre as aulas presenciais e online. Por mais esforço que façamos, online nunca conseguimos ter a mesma atenção e o mesmo envolvimento que temos em pessoa.”

ALUNO 13 (Adp13)

“Agradeço, novamente, a oportunidade que nos deu de a entregar até ao dia de hoje.

Relativamente à minha opinião sobre a Unidade Curricular, e confio que o perceberá assim que ler a minha síntese, sinto que está desenhada da forma certa para abrimos o nosso pensamento e para, acima de tudo, nos autoconhecermos.

A verdade é que lhe entrego o meu trabalho com um gosto imenso, apesar de admitir a dificuldade que senti em passar para palavras aquilo que lhe queria escrever.

Foi um prazer imenso para mim conhecê-lo e ter aulas consigo. Na minha síntese perceberá que lhe tento explicar como era a [nome da aluna] antes de ter a cadeira de Cristianismo e Cultura – que não me irei alongar mais aqui, porque sinto que a minha reflexão fala por si.

Quanto a conselhos para vezes futuras que lecionar a Unidade Curricular, talvez tentar que seja em regime totalmente presencial! As aulas tiveram um impacto completamente diferente do que à frente de um computador.

[início da síntese final]

Antes de começar a minha reflexão em relação ao itinerário percorrido, sinto a necessidade de partilhar com o Sr. Padre (...) como me sentia em relação a mim mesma e as expectativas que tinha antes de ingressar na cadeira de Cristianismo e Cultura, porque só assim fará sentido explicar a evolução que tive, que pode parecer insignificante para alguns, mas que, para mim, foi um grande passo no meu crescimento pessoal. Sendo esta uma síntese pessoal, escolho analisá-la mostrando o que aprendi com cada tempo, refletindo sobre o que mudou na minha mentalidade após cada etapa que fui percorrendo. A palavra que melhor me caracterizava no início do ano letivo (e ao longo, diria, dos meus 22 anos de vida), num contexto de espiritualidade e autoconhecimento, era “incerteza”. Considero-me uma pessoa interessada, curiosa, que aprecia aprender e crescer com o conhecimento. Talvez venha daí a minha falta de identificação com conceito de ateísmo –se não me sinto capaz de afirmar com certeza a existência de algo, como sou capaz de a negar? Portanto, deixei que a incerteza que me caracteriza me considerasse agnóstica –sem nunca negar a Sua existência, mas sem me sentir capaz de comprovar que “algo” existe. Era esta a posição que tinha quando me inscrevi na Unidade Curricular –que nada nem ninguém me conseguiria fazer acreditar na Sua existência, e que seria esse o caminho que iriam tentar percorrer. No entanto, a abordagem dada pelo Sr. Padre -maravilhosa e pessoal, sem nunca ultrapassar os nossos limites –levou-me a ganhar uma vontade de me abrir.

Abrir os meus horizontes e, de forma positiva, dar-me um pouco a conhecer. Esta foi uma ideia assustadora para mim. Nem eu sabia se estava preparada para me conhecer dessa forma. É o problema das pessoas com incertezas – pensamos que já temos demasiadas dúvidas, e que pensarmos sobre o assunto nos vai fazer duvidar mais. Dito isto, e esperando ter dado um pouco mais a conhecer sobre a [nome da aluna] antes de ter ultrapassado esta etapa, começarei a minha reflexão, explicando o caminho que percorri, confiando que perceberá a evolução no caminho do meu novo “Eu”, para o qual tão humildemente e simplificadamente contribuiu.

[conclusão da síntese final]

Concluindo, e esperando que aprecie a leitura da minha síntese tanto como eu gostei de a escrever, saio desta Unidade Curricular uma [nome da aluna] diferente. Um passo de cada vez, tentando ultrapassar linhas que achava que jamais ultrapassaria, levo esta reflexão como um pouco da pessoa que serei (ou tentarei ser) daqui para a frente. O cristianismo e a advocacia têm muitas semelhanças, incluindo a procura pela justiça, defesa da verdade, e o valor da compaixão. Ao combinar esses valores, tentarei lutar por uma sociedade mais justa e equitativa, que podem ser fundamentais para ajudar as pessoas a superar momentos difíceis.”

ANEXOS

Anexo 1 – Consentimento Informado – Questionários.....	267
Anexo 2 - A Universidade expõe claramente a missão e a sua visão humanista cristã aos alunos que nela estudam.	268
Anexo 3 - Na Universidade a sua mundividência cristã é evidente através das ações que nela são levadas a cabo.	268
Anexo 4 - A Universidade cumpre as orientações inscritas nos documentos orientadores da Igreja sobre o ensino universitário católico.	268
Anexo 5 - A Universidade, por ser católica, tem uma cultura organizacional diferente das demais Universidades.	269
Anexo 6 - Encontro na Universidade símbolos, rituais e momentos, que a definem e distinguem enquanto Católica.	269
Anexo 7 - A Universidade promove o diálogo inter-religioso e intercultural. ...	269
Anexo 8 - É visível na comunidade universitária o espírito de partilha e solidariedade.	270
Anexo 9 - A comunidade universitária caracteriza-se pelo respeito mútuo e pela defesa dos direitos de cada um.	270
Anexo 10 - Pelo modo de atuar da comunidade universitária (docentes; colaboradores, alunos) consigo identificar que a Universidade Católica se identifica com a Pessoa de Jesus Cristo.	270
Anexo 11 - Os líderes da UCP-Porto (Presidência, Direção de Faculdades, Coordenadores partilham a sua visão acerca da Universidade Católica com os docentes e alunos.....	271
Anexo 12 - Os líderes enfatizam frequentemente a importância de haver um sentido de missão comum na Universidade.....	271
Anexo 13 - Os líderes são fator motivacional para aqueles que estão confiados à sua liderança.....	271
Anexo 14 - Os líderes procuram garantir condições de participação na definição da estratégia organizacional nomeadamente nos órgãos pedagógicos e de decisão.	272
Anexo 15 - Os líderes falam de modo entusiástico acerca daquilo que precisa ser realizado para cumprir a missão humanista cristã da Universidade Católica.	272

Anexo 16 - Os líderes partilham o poder aquando da necessidade de tomar decisões sobre a organização da Universidade.....	272
Anexo 17 - Os líderes estão atentos às necessidades dos que lhe estão confiados fornecendo-lhes o apoio necessário.....	273
Anexo 18 - Os líderes conhecem as potencialidades dos membros da comunidade universitária fazendo uma correta gestão dos recursos humanos para responder às necessidades.....	273
Anexo 19 - Os líderes garantem a coerência do Projeto Educativo e a qualidade pedagógica da Universidade.....	273
Anexo 20 - As lideranças na sua atuação têm por base a ideia de serviço ao próximo.....	274
Anexo 21 - As decisões das lideranças seguem critérios evangélicos.....	274
Anexo 22 - São utilizados mecanismos variados para promover, ao nível do ensino, a articulação entre e a Fé e a Razão.....	274
Anexo 23 - Ao nível do ensino é visível a preocupação por uma dinamização de um diálogo fecundo entre o Evangelho e as várias áreas do saber.....	275
Anexo 24 - A Universidade zela e procura o rigor intelectual.....	275
Anexo 25 - Procuo fazer o meu trabalho tendo em conta a doutrina católica, fazendo pontes com a sua dimensão ética.....	275
Anexo 26 - Procuo estar atento aos documentos e orientações da Igreja sobre o ensino universitário católico.....	276
Anexo 27 - Forneço (são fornecidos) recursos acerca da missão humanista cristã da universidade para contribuir para a formação e atualização dos seus membros (docentes e alunos).....	276
Anexo 28 - Considero que é clara, na universidade, a sua vocação para educar para o respeito pela dignidade da pessoa humana e o valor da vida.....	276
Anexo 29 - A investigação na universidade é informada pela moral e pela ética.....	277
Anexo 30 - A Investigação levada a cabo na universidade é orientada pela procura da verdade e não condicionada por outros interesses.....	277
Anexo 31 - A investigação é realizada em temas de interesse para a Igreja e a sua missão.....	277

Anexo 32 - Enquanto aluno da Universidade Católica procuro ter em conta a ética e a moral no desempenho quotidiano.	278
Anexo 33 - No cumprimento dos meus deveres de aluno posso contribuir para ajudar a Igreja a refletir sobre os problemas do mundo de hoje.....	278
Anexo 34 - Reconheço a existência de interdisciplinaridade nas diversas áreas do currículo do meu curso.....	278
Anexo 35 - Já frequentou a área curricular de Cristianismo e Cultura\ Mundividência Cristã?.....	279
Anexo 36 - As unidades curriculares de Cristianismo e Cultura\ Mundividência Cristã acrescentam algo verdadeiramente significativo à minha formação integral.....	279
Anexo 37 - O currículo das áreas de Cristianismo e Cultura\Mundividência Cristã está concebido de modo adequado ao meu curso.	279
Anexo 38 - A Universidade promove uma educação que respeita a liberdade individual e desenvolve os talentos do aluno.....	280
Anexo 39 - Os alunos recebem uma formação holística baseada nos princípios humanistas cristãos.....	280
Anexo 40 - É oferecida aos alunos uma adequada formação religiosa para além da formação académica.	280
Anexo 41 - A Universidade oferece aos estudantes católicos e não católicos a oportunidade de praticarem a sua fé abertamente no campus e de participarem em atividades religiosas.	281
Anexo 42 - Codificação das unidades académicas e dos objetivos das UC's de Cristianismo.....	282
Anexo 43 - Deliberação da Comissão de Ética em Tecnologia, Ciências Sociais e Humanidades.....	285
Anexo 44 - Parecer sobre o projeto nº 181 - Comissão de Ética para a Saúde da Universidade Católica Portuguesa.....	288
Anexo 45 - Ficha para comentário/ composição.	289
Anexo 46 - Comentários/composições dos alunos (Licenciaturas no geral)...	290
Anexo 47 - Comentários/composições da Dupla Licenciatura em Direito e em Gestão.....	301

Anexo 1 – Consentimento Informado – Questionários.

Caro Docente, (exemplo no caso de um docente, será igual para alunos e líderes)

O questionário que se segue enquadra-se num projeto de investigação a apresentar à Universidade Católica para a obtenção do grau de doutor em Ciências da Educação. A investigação está a ser orientada pelo Prof. Doutor Joaquim Azevedo. A finalidade deste questionário é recolher as opiniões dos docentes sobre o Ethos e a Cultura Organizacional específica da Universidade Católica - Porto. Os líderes organizacionais e os alunos também serão convidados a responder a um questionário da mesma natureza.

O questionário está dividido em quatro breves partes. No final de cada parte encontrará um botão para continuar.

O tempo médio de resposta é de 6 minutos.

O questionário é completamente anónimo e confidencial. Não serão solicitados dados pessoais durante o seu preenchimento. Ninguém saberá o que respondeu e as suas respostas nunca serão identificadas. O resultado final será apresentado sob forma de dissertação à UCP-Porto. Tanto na análise como na publicação dos resultados a informação será agregada e anónima, sem que se possam identificar as suas respostas. Leia, cuidadosamente, cada uma das perguntas e afirmações e as opções apresentadas. Não existem respostas ou opções corretas ou erradas. Depois, assinale a opção que lhe pareça mais apropriada, com total sinceridade. Em qualquer momento poderá abandonar o questionário, bastando, para tal, fechar a janela do navegador.

Muito agradeço a sua participação.

João Paulo Vieira

Consentimento informado

Declaro ter lido e compreendido o âmbito deste estudo, bem como as informações verbais fornecidas na página inicial. Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar participar neste estudo sem qualquer tipo de consequências, bastando, para o efeito, fechar a página do browser.

Anexo 2 - A Universidade expõe claramente a missão e a sua visão humanista cristã aos alunos que nela estudam.

	Líderes		Professores		Alunos	
Não sei	0	0,0%	7	7,3%	11	3,0%
Discordo totalmente	0	0,0%	2	2,1%	13	3,6%
Discordo	1	10,0%	19	19,8%	88	24,2%
Concordo	5	50,0%	46	47,9%	227	62,5%
Concordo totalmente	4	40,0%	22	22,9%	24	6,6%

Anexo 3 - Na Universidade a sua mundividência cristã é evidente através das ações que nela são levadas a cabo.

	Líderes		Professores		Alunos	
Não sei	0	0,0%	7	7,3%	15	4,2%
Discordo totalmente	0	0,0%	2	2,1%	13	3,6%
Discordo	2	20,0%	19	19,8%	110	30,6%
Concordo	7	70,0%	46	47,9%	200	55,6%
Concordo totalmente	1	10,0%	22	22,9%	22	6,1%

Anexo 4 - A Universidade cumpre as orientações inscritas nos documentos orientadores da Igreja sobre o ensino universitário católico.

	Líderes		Professores		Alunos	
Não sei	4	40,0%	45	46,9%	231	63,8%
Discordo totalmente	1	10,0%	2	2,1%	7	1,9%
Discordo	0	0,0%	7	7,3%	35	9,7%
Concordo	5	50,0%	29	30,2%	72	19,9%
Concordo totalmente	0	0,0%	13	13,5%	17	4,7%

Anexo 5 - A Universidade, por ser católica, tem uma cultura organizacional diferente das demais Universidades.

	Líderes		Professores		Alunos	
Não sei	2	20,0%	6	6,1%	32	8,8%
Discordo totalmente	1	10,0%	12	12,2%	14	3,9%
Discordo	0	0,0%	22	22,4%	78	21,5%
Concordo	4	40,0%	47	48,0%	212	58,6%
Concordo totalmente	3	30,0%	11	11,2%	26	7,2%

Anexo 6 - Encontro na Universidade símbolos, rituais e momentos, que a definem e distinguem enquanto Católica.

	Líderes		Professores		Alunos	
Não sei	1	10,0%	1	1,0%	5	1,4%
Discordo totalmente	0	0,0%	1	1,0%	4	1,1%
Discordo	0	0,0%	6	6,1%	15	4,1%
Concordo	5	50,0%	52	53,1%	243	67,1%
Concordo totalmente	4	40,0%	38	38,8%	95	26,2%

Anexo 7 - A Universidade promove o diálogo inter-religioso e intercultural.

	Líderes		Professores		Alunos	
Não sei	1	10,0%	13	13,3%	41	11,3%
Discordo totalmente	0	0,0%	3	3,1%	13	3,6%
Discordo	2	20,0%	15	15,3%	62	17,1%
Concordo	5	50,0%	52	53,1%	218	60,2%
Concordo totalmente	2	20,0%	15	15,3%	28	7,7%

Anexo 8 - É visível na comunidade universitária o espírito de partilha e solidariedade.

	Líderes		Professores		Alunos	
Não sei	1	10,0%	4	4,1%	14	3,8%
Discordo totalmente	0	0,0%	8	8,2%	14	3,8%
Discordo	1	10,0%	14	14,3%	40	10,8%
Concordo	7	70,0%	55	56,1%	265	71,2%
Concordo totalmente	1	10,0%	17	17,3%	39	10,5%

Anexo 9 - A comunidade universitária caracteriza-se pelo respeito mútuo e pela defesa dos direitos de cada um.

	Líderes		Professores		Alunos	
Não sei	1	10,0%	5	5,1%	16	4,4%
Discordo totalmente	0	0,0%	7	7,1%	7	1,9%
Discordo	1	10,0%	21	21,4%	33	9,1%
Concordo	6	60,0%	51	52,0%	254	70,2%
Concordo totalmente	2	20,0%	14	14,3%	52	14,4%

Anexo 10 - Pelo modo de atuar da comunidade universitária (docentes; colaboradores, alunos) consigo identificar que a Universidade Católica se identifica com a Pessoa de Jesus Cristo.

	Líderes		Professores		Alunos	
Não sei	3	30,0%	13	13,4%	43	11,5%
Discordo totalmente	0	0,0%	8	8,2%	79	21,2%
Discordo	2	20,0%	47	48,5%	182	48,8%
Concordo	5	50,0%	21	21,6%	55	14,7%
Concordo totalmente	0	0,0%	8	8,2%	14	3,8%

Anexo 11 - Os líderes da UCP-Porto (Presidência, Direção de Faculdades, Coordenadores partilham a sua visão acerca da Universidade Católica com os docentes e alunos.

	Líderes		Professores		Alunos	
Não sei	0	0,0%	6	6,2%	68	18,2%
Discordo totalmente	0	0,0%	9	9,3%	17	4,6%
Discordo	0	0,0%	33	34,0%	115	30,8%
Concordo	5	50,0%	37	38,1%	154	41,3%
Concordo totalmente	5	50,0%	12	12,4%	19	5,1%

Anexo 12 - Os líderes enfatizam frequentemente a importância de haver um sentido de missão comum na Universidade.

	Líderes		Professores	
Não sei	0	0,0%	2	2,1%
Discordo totalmente	0	0,0%	10	10,6%
Discordo	0	0,0%	30	31,9%
Concordo	4	40,0%	32	34,0%
Concordo totalmente	6	60,0%	20	21,3%

Anexo 13 - Os líderes são fator motivacional para aqueles que estão confiados à sua liderança.

	Líderes		Professores	
Não sei	0	0,0%	3	3,2%
Discordo totalmente	0	0,0%	22	23,7%
Discordo	0	0,0%	29	31,2%
Concordo	6	60,0%	33	35,5%
Concordo totalmente	4	40,0%	6	6,5%

Anexo 14 - Os líderes procuram garantir condições de participação na definição da estratégia organizacional nomeadamente nos órgãos pedagógicos e de decisão.

	Líderes		Professores		Alunos	
Não sei	2	20,0%	6	6,4%	116	31,1%
Discordo totalmente	0	0,0%	15	16,0%	11	2,9%
Discordo	0	0,0%	19	20,2%	29	7,8%
Concordo	5	50,0%	46	48,9%	197	52,8%
Concordo totalmente	3	30,0%	8	8,5%	20	5,4%

Anexo 15 - Os líderes falam de modo entusiástico acerca daquilo que precisa ser realizado para cumprir a missão humanista cristã da Universidade Católica.

	Líderes		Professores		Alunos	
Não sei	0	0,0%	7	7,4%	64	17,2%
Discordo totalmente	0	0,0%	31	33,0%	18	4,8%
Discordo	3	30,0%	18	19,1%	224	60,2%
Concordo	5	50,0%	32	34,0%	52	14,0%
Concordo totalmente	2	20,0%	6	6,4%	14	3,8%

Anexo 16 - Os líderes partilham o poder aquando da necessidade de tomar decisões sobre a organização da Universidade.

	Líderes		Professores	
Não sei	1	10,0%	10	10,6%
Discordo totalmente	0	0,0%	20	21,3%
Discordo	0	0,0%	38	40,4%
Concordo	5	50,0%	23	24,5%
Concordo totalmente	4	40,0%	3	3,2%

Anexo 17 - Os líderes estão atentos às necessidades dos que lhe estão confiados fornecendo-lhes o apoio necessário.

	Líderes		Professores		Alunos	
Não sei	0	0,0%	4	4,3%	23	6,2%
Discordo totalmente	0	0,0%	19	20,2%	10	2,7%
Discordo	0	0,0%	33	35,1%	40	10,8%
Concordo	7	70,0%	35	37,2%	260	69,9%
Concordo totalmente	3	30,0%	3	3,2%	39	10,5%

Anexo 18 - Os líderes conhecem as potencialidades dos membros da comunidade universitária fazendo uma correta gestão dos recursos humanos para responder às necessidades.

	Líderes		Professores	
Não sei	0	0,0%	9	9,3%
Discordo totalmente	0	0,0%	16	16,5%
Discordo	0	0,0%	44	45,4%
Concordo	9	90,0%	24	24,7%
Concordo totalmente	1	10,0%	4	4,1%

Anexo 19 - Os líderes garantem a coerência do Projeto Educativo e a qualidade pedagógica da Universidade.

	Líderes		Professores		Alunos	
Não sei	1	10,0%	4	4,1%	24	6,5%
Discordo totalmente	0	0,0%	8	8,2%	7	1,9%
Discordo	0	0,0%	15	15,5%	24	6,5%
Concordo	6	60,0%	59	60,8%	250	67,2%
Concordo totalmente	3	30,0%	11	11,3%	67	18,0%

Anexo 20 - As lideranças na sua atuação têm por base a ideia de serviço ao próximo.

	Líderes		Professores		Alunos	
Não sei	0	0,0%	23	23,7%	175	47,0%
Discordo totalmente	0	0,0%	18	18,6%	10	2,7%
Discordo	1	10,0%	18	18,6%	72	19,4%
Concordo	3	30,0%	28	28,9%	89	23,9%
Concordo totalmente	6	60,0%	10	10,3%	26	7,0%

Anexo 21 - As decisões das lideranças seguem critérios evangélicos.

	Líderes		Professores		Alunos	
Não sei	3	30,0%	32	33,0%	182	48,9%
Discordo totalmente	0	0,0%	15	15,5%	18	4,8%
Discordo	2	20,0%	37	38,1%	133	35,8%
Concordo	3	30,0%	11	11,3%	31	8,3%
Concordo totalmente	2	20,0%	2	2,1%	8	2,2%

Anexo 22 - São utilizados mecanismos variados para promover, ao nível do ensino, a articulação entre e a Fé e a Razão.

	Líderes		Professores		Alunos	
Não sei	2	20,0%	9	9,3%	22	6,4%
Discordo totalmente	0	0,0%	7	7,2%	55	15,9%
Discordo	1	10,0%	44	45,4%	215	62,3%
Concordo	5	50,0%	27	27,8%	41	11,9%
Concordo totalmente	2	20,0%	10	10,3%	12	3,5%

Anexo 23 - Ao nível do ensino é visível a preocupação por uma dinamização de um diálogo fecundo entre o Evangelho e as várias áreas do saber.

	Líderes		Professores		Alunos	
Não sei	3	33,3%	21	21,6%	28	8,1%
Discordo totalmente	0	0,0%	30	30,9%	113	32,8%
Discordo	4	44,4%	32	33,0%	159	46,1%
Concordo	2	22,2%	13	13,4%	38	11,0%
Concordo totalmente	0	0,0%	1	1,0%	7	2,0%

Anexo 24 - A Universidade zela e procura o rigor intelectual.

	Líderes		Professores		Alunos	
Não sei	1	10,0%	1	1,0%	6	1,6%
Discordo totalmente	0	0,0%	1	1,0%	3	0,8%
Discordo	0	0,0%	1	1,0%	13	3,5%
Concordo	2	20,0%	30	31,3%	130	34,9%
Concordo totalmente	7	70,0%	63	65,6%	220	59,1%

Anexo 25 - Procuo fazer o meu trabalho tendo em conta a doutrina católica, fazendo pontes com a sua dimensão ética.

	Líderes		Professores	
Não sei	0	0,0%	5	5,2%
Discordo totalmente	0	0,0%	10	10,3%
Discordo	2	20,0%	32	33,0%
Concordo	6	60,0%	40	41,2%
Concordo totalmente	2	20,0%	10	10,3%

Anexo 26 - Procuo estar atento aos documentos e orientações da Igreja sobre o ensino universitário católico.

	Líderes		Professores	
Não sei	1	10,0%	4	4,3%
Discordo totalmente	0	0,0%	12	12,9%
Discordo	3	30,0%	34	36,6%
Concordo	3	30,0%	34	36,6%
Concordo totalmente	3	30,0%	9	9,7%

Anexo 27 - Forneço (são fornecidos) recursos acerca da missão humanista cristã da universidade para contribuir para a formação e atualização dos seus membros (docentes e alunos).

	Líderes		Professores		Alunos	
Não sei	2	20,0%	7	7,3%	37	10,0%
Discordo totalmente	0	0,0%	6	6,3%	12	3,2%
Discordo	5	50,0%	48	50,0%	214	57,7%
Concordo	2	20,0%	26	27,1%	82	22,1%
Concordo totalmente	1	10,0%	9	9,4%	26	7,0%

Anexo 28 - Considero que é clara, na universidade, a sua vocação para educar para o respeito pela dignidade da pessoa humana e o valor da vida.

	Líderes		Professores		Alunos	
Não sei	0	0,0%	5	5,3%	17	4,6%
Discordo totalmente	0	0,0%	7	7,4%	8	2,2%
Discordo	1	10,0%	14	14,7%	37	9,9%
Concordo	3	30,0%	26	27,4%	268	72,0%
Concordo totalmente	6	60,0%	43	45,3%	42	11,3%

Anexo 29 - A investigação na universidade é informada pela moral e pela ética.

	Líderes		Professores	
Não sei	2	20,0%	9	9,3%
Discordo totalmente	0	0,0%	6	6,2%
Discordo	0	0,0%	4	4,1%
Concordo	4	40,0%	51	52,6%
Concordo totalmente	4	40,0%	27	27,8%

Anexo 30 - A Investigação levada a cabo na universidade é orientada pela procura da verdade e não condicionada por outros interesses.

	Líderes		Professores	
Não sei	3	30,0%	9	9,3%
Discordo totalmente	0	0,0%	3	3,1%
Discordo	0	0,0%	7	7,2%
Concordo	4	40,0%	55	56,7%
Concordo totalmente	3	30,0%	23	23,7%

Anexo 31 - A investigação é realizada em temas de interesse para a Igreja e a sua missão.

	Líderes		Professores	
Não sei	4	40,0%	23	23,7%
Discordo totalmente	0	0,0%	6	6,2%
Discordo	2	20,0%	39	40,2%
Concordo	3	30,0%	20	20,6%
Concordo totalmente	1	10,0%	9	9,3%

Anexo 32 - Enquanto aluno da Universidade Católica procuro ter em conta a ética e a moral no desempenho quotidiano.

	Aluno	
Não sei	6	1,6%
Discordo totalmente	3	0,8%
Discordo	6	1,6%
Concordo	258	69,4%
Concordo totalmente	99	26,6%

Anexo 33 - No cumprimento dos meus deveres de aluno posso contribuir para ajudar a Igreja a refletir sobre os problemas do mundo de hoje.

	Aluno	
Não sei	38	10,2%
Discordo totalmente	10	2,7%
Discordo	24	6,5%
Concordo	257	69,1%
Concordo totalmente	43	11,6%

Anexo 34 - Reconheço a existência de interdisciplinaridade nas diversas áreas do currículo do meu curso.

	Aluno	
Não sei	12	3,2%
Discordo totalmente	4	1,1%
Discordo	15	4,0%
Concordo	132	35,5%
Concordo totalmente	209	56,2%

Anexo 35 - Já frequentou a área curricular de Cristianismo e Cultura\ Mundividência Cristã?

Sim		Não	
191	51,2%	182	48,8%

Anexo 36 - As unidades curriculares de Cristianismo e Cultura\ Mundividência Cristã acrescentam algo verdadeiramente significativo à minha formação integral.

	Aluno	
Não sei	8	4,1%
Discordo totalmente	16	8,2%
Discordo	41	21,1%
Concordo	106	54,6%
Concordo totalmente	23	11,9%

Anexo 37 - O currículo das áreas de Cristianismo e Cultura\ Mundividência Cristã está concebido de modo adequado ao meu curso.

Curso	Não Sei		Discordo Totalmente		Discordo		Concordo		Concordo Totalmente	
Direito e em Gestão	0	0,0%	1	5,6%	4	22,2%	10	55,6%	3	16,7%
Direito	4	6,3%	12	19,0%	16	25,4%	24	38,1%	7	11,1%
Psicologia	0	0,0%	0	0,0%	2	18,2%	6	54,5%	3	27,3%
Enfermagem	0	0,0%	0	0,0%	2	18,2%	6	54,5%	3	27,3%
Conservação e Restauro	0	0,0%	0	0,0%	1	25,0%	2	50,0%	1	25,0%
Som e Imagem	0	0,0%	0	0,0%	1	25,0%	2	50,0%	1	25,0%
Bioengenharia	0	0,0%	0	0,0%	1	14,3%	4	57,1%	2	28,6%
Ciências da Nutrição	0	0,0%	0	0,0%	1	25,0%	2	50,0%	1	25,0%
Microbiologia	0	0,0%	0	0,0%	1	20,0%	2	40,0%	2	40,0%

Anexo 38 - A Universidade promove uma educação que respeita a liberdade individual e desenvolve os talentos do aluno.

	Líderes		Professores		Alunos	
Não sei	0	0,0%	4	4,3%	14	3,8%
Discordo totalmente	0	0,0%	0	0,0%	6	1,6%
Discordo	0	0,0%	5	5,4%	61	16,4%
Concordo	8	80,0%	53	57,0%	205	55,1%
Concordo totalmente	2	20,0%	31	33,3%	86	23,1%

Anexo 39 - Os alunos recebem uma formação holística baseada nos princípios humanistas cristãos.

	Líderes		Professores		Alunos	
Não sei	1	10,0%	12	12,4%	40	10,8%
Discordo totalmente	0	0,0%	0	0,0%	65	17,5%
Discordo	0	0,0%	34	35,1%	146	39,2%
Concordo	8	80,0%	33	34,0%	104	28,0%
Concordo totalmente	1	10,0%	18	18,6%	17	4,6%

Anexo 40 - É oferecida aos alunos uma adequada formação religiosa para além da formação académica.

	Líderes		Professores		Alunos	
Não sei	1	10,0%	27	28,1%	38	10,2%
Discordo totalmente	1	10,0%	7	7,3%	109	29,3%
Discordo	3	30,0%	39	40,6%	139	37,4%
Concordo	4	40,0%	18	18,8%	74	19,9%
Concordo totalmente	1	10,0%	5	5,2%	12	3,2%

Anexo 41 - A Universidade oferece aos estudantes católicos e não católicos a oportunidade de praticarem a sua fé abertamente no campus e de participarem em atividades religiosas.

	Líderes		Professores		Alunos	
Não sei	1	10,0%	19	19,6%	37	9,9%
Discordo totalmente	0	0,0%	1	1,0%	5	1,3%
Discordo	1	10,0%	11	11,3%	8	2,2%
Concordo	5	50,0%	43	44,3%	257	69,1%
Concordo totalmente	3	30,0%	23	23,7%	65	17,5%

Anexo 42 - Codificação das unidades académicas e dos objetivos das UC's de Cristianismo.

	U.C	Código	Objetivos da U.C codificados
Direito	Mundividência Cristã (frequência 1º ano)	ED/D	“(1) - Conhecer a especificidade da mundividência cristã e a sua importância no contexto sócio-cultural da atualidade. (2) - Proporcionar uma reflexão sobre o homem, a sua dignidade e o seu agir ético tendo em conta a doutrina cristã. (3) - Estabelecer pontes de diálogo entre o pensamento cristão, as religiões, a cultura e a espiritualidade, partindo de uma perspetiva cristã aberta à pluralidade e à contemporaneidade. - Esta abordagem sobre o fenómeno religioso em geral, da ética e do cristianismo em particular, tem como finalidade (4) habilitar o aluno de Direito da Universidade Católica a enfrentar, com mais competência, as grandes questões culturais, éticas e espirituais do nosso tempo. (5) Tendo na doutrina cristã uma referência fundamental, ficará mais capacitado para uma abordagem mais ampla e aprofundada das questões religiosas, culturais e éticas subjacentes ao Direito.”
Dupla Direito e Gestão	Cristianismo e Cultura (frequência 4º ano)	ED/DP	“(1) - Conhecer as coordenadas culturais - axiológicas, estéticas, espirituais, doutrinárias, - fundamentais do Cristianismo emergentes do Concílio Vaticano II e do magistério dos Papas posteriores ao Concílio; (2) - Desenvolver capacidade crítica nas várias dimensões da civilização a partir das coordenadas fundamentais integrantes de um Cristianismo para o século XXI; (3) - Identificar o perfil-tipo do discípulo de Jesus de Nazaré, a partir dos cap. 5 a 7 do Evangelho de Mateus (Sermão da Montanha) e algumas suas concretizações contemporâneas; (4) Interiorizar, a partir dos personagens discipulares e dos documentos apresentados, valores e referências cristãmente fundados, que permitam aos estudantes virem a ser capazes de enformar humanisticamente a cultura do mundo do Direito e da Gestão no seu futuro exercício profissional; (5) - Proporcionar a cada estudante a oportunidade de tomar consciência da sua identidade espiritual/religiosa e de progredir nessa dimensão.”

Psicologia	Cristianismo e Cultura (frequência 1 ano)	FEP	<p>“A Unidade Curricular de Cristianismo e Cultura pretende (1) fornecer conhecimentos para a compreensão da importância do Cristianismo na Cultura; (2) reconhecer a relevância da relação do Cristianismo com a(s) Cultura(s) e com a Ética coevas.</p> <p>(3) Refletir sobre questões éticas do exercício da Psicologia.”</p>
Conservação e Restauro	Arte Cultura e Cristianismo (frequência 1º ano)	EA	<p>“(1) - Compreender o papel do pluralismo religioso na configuração do mundo.</p> <p>(2) - Fornecer elementos conceptuais e analíticos indispensáveis a uma leitura cristã do mundo.</p> <p>(3) - Aprofundar os princípios cristãos da dignidade e da solidariedade humana.</p> <p>(4) - Assumir e ler criticamente o pluralismo cultural do mundo contemporâneo.”</p>
Som e Imagem			
Bioengenharia	Cristianismo, Cultura e Organizações (frequência 1º ano)	ESB	<p>“(1) - Possuir um conhecimento da história, textos centrais, crenças e práticas e manifestações contemporâneas de diferentes tradições religiosas mundiais (Hinduísmo, Budismo, Judaísmo, Islamismo, e, com particular incidência, Cristianismo);</p> <p>(2) - reconhecer as interseções fundamentais da religião e da vida social/política/cultural e, em particular, económica e empresarial;</p> <p>(3) - apreciar e respeitar a riqueza e diversidade das mundividências e valores de diferentes tradições religiosas mundiais.”</p>
Microbiologia			

Ciências da Nutrição	Humanismo e Cultura Cristã (frequência 1º ano)		
Economia/Gestão	Cristianismo, Cultura e organizações *(Requisito curricular instrumental, 0 ECTS)	CPBS	<p>“(1) - possuir um conhecimento da história, textos centrais, crenças e práticas e manifestações contemporâneas de diferentes tradições religiosas mundiais (Hinduísmo, Budismo, Judaísmo, Islamismo, e, com particular incidência, Cristianismo);</p> <p>(2) - reconhecer as interseções fundamentais da religião e da vida social/política/cultural e, em particular, económica e empresarial;</p> <p>(3) - apreciar e respeitar a riqueza e diversidade das mundivências e valores de diferentes tradições religiosas mundiais.”</p>
Enfermagem	Cristianismo e Cultura (frequência 2º ano)	ECS	Não foi cedido ao investigador.

Anexo 43 - Deliberação da Comissão de Ética em Tecnologia, Ciências Sociais e Humanidades.



**Deliberação da Comissão de Ética em Tecnologia, Ciências Sociais e Humanidades
sobre o estudo “O Ethos e a Cultura Organizacional da Universidade Católica Portuguesa - Um
Estudo Caso no Centro Regional do Porto”**

Com base nos elementos apresentados pelo investigador Doutor João Paulo Vieira, doutorando da Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa, relativos ao projeto de investigação doutoral intitulado “*O Ethos e a Cultura Organizacional da Universidade Católica Portuguesa - Um Estudo Caso no Centro Regional do Porto*”, a Comissão de Ética em Tecnologias, Ciências Sociais e Humanidades (CETCH), considerou estarem reunidas as informações necessárias para poder avaliar o processo, tendo deliberado dar parecer favorável com recomendações, ao pedido submetido em 18 de Fevereiro de 2022 sob o nº CETCH2022-02.

Lisboa, 30 de Março de 2022



Assinado por: Célia Maria
Manaia Rodrigues
Identificação: 8107340657
Data: 2022-03-30 às 22:44:14

A Presidente da CETCH

(Célia Manaia)



**Parecer da Comissão de Ética em Tecnologia, Ciências Sociais e Humanidades
sobre o estudo “O Ethos e a Cultura Organizacional da Universidade Católica Portuguesa - Um
Estudo Caso no Centro Regional do Porto”**

O pedido de parecer refere-se a um estudo sobre a cultura organizacional do Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa, tendo como objetivos gerais: Identificar os elementos constituintes da Missão da UCP; Compreender, no específico da organização da estrutura universitária, como é que a administração, ou seja, as lideranças, de uma Universidade Católica são fator de concretização ou diluição da sua missão; Constatar se se pode falar de uma concretização da missão junto da comunidade académica; Compreender de que forma a ação dos docentes do CRP-UCP contribui para a concretização da missão; Compreender em que medida é que o currículo, ao nível das licenciaturas, tem efetivamente uma marca distintiva oriunda da matriz humanista cristã da UCP. Para a concretização destes objetivos, pretende-se realizar um estudo tipificado dentro das metodologias de investigação em educação como um estudo de caso organizacional, com recurso à análise de documentos centrais e a um inquérito por questionário.

O estudo baseia-se em larga medida na recolha e tratamento de dados pessoais qualificados pelo artigo 9º do RGPD como “categorias especiais”, uma vez que existe uma associação entre as perguntas constantes do questionário apresentado e as “convicções religiosas ou filosóficas” dos respondentes (n.º 1 do artigo 9º do RGPD). Daí decorre uma especial exigência quanto ao “consentimento explícito” dos inquiridos (alínea *a*) do n.º 2 do referido artigo 9º) e quanto ao respeito dos demais parâmetros materiais e procedimentais do RGPD.

Preocupações a que se associam outras questões éticas quanto à robustez científica das eventuais conclusões do estudo, que obrigam a uma reflexão contínua – em diálogo do investigador com o seu orientador – sobre as implicações e impactos pessoais e institucionais do conhecimento produzido (Carta Ética da Sociedade Portuguesa de Ciência/ SPCE, 2020), num quadro de observância dos princípios que inspiram a prática da Universidade nas suas atividades de investigação científica (Código de Ética e Conduta da UCP, 2015).

Assim, tomando em consideração as declarações constantes dos documentos recebidos e que sustentam o compromisso ético do autor do estudo, designadamente sobre as condições do



Consentimento Livre e Informado, bem como a garantia de supervisão científica, assegurada pelo Parecer do orientador, a Comissão decide emitir um **parecer ético favorável, com as seguintes recomendações:**

- a. Reforço das medidas de Proteção de Dados Pessoais previstas – com apoio do Encarregado de Proteção de Dados (DPO/UCP), devem ser proporcionadas as condições de confiança necessárias à colaboração dos/as participantes: garantia de que (considerando o remetente do questionário) os inquiridos se sentem absolutamente livres para responder ou não (*infra*); garantia de não identificação dos respondentes através do endereço de IP; garantia de que o instrumento de inquirição incide apenas sobre os dados pessoais necessários e suficientes para a finalidade a que se destinam; garantia de não utilização dos dados pessoais recolhidos para outros fins; definição do prazo de destruição dos dados após conclusão do trabalho.
- b. Precauções na aplicação do Questionário – tratando-se de um estudo conducente à obtenção do grau de doutoramento e, como tal, enquadrado por uma Unidade de Investigação, deverá ser essa a entidade responsável pela organização do envio dos questionários, sem prejuízo da colaboração de ordem logística/técnica por parte Direção de Comunicação, de forma a prevenir equívocos que poderiam colocar em risco os termos do Consentimento Institucional (Presidente do CRP, 3/12/2021). Neste sentido, será dado conhecimento do presente Parecer à direção do Centro de Investigação para o Desenvolvimento Humano (CEDH-FEP/UCP) e à Presidência do CRP.
- c. Avaliação de Impacto sobre Proteção de Dados (DPIA) – em geral, avaliação conjunta com o DPO/UCP da conveniência – embora não da necessidade, dado que não estará em causa um tratamento de dados sensíveis “em larga escala” – de realização de um DPIA (n.º 1, n.º 2 e alínea b) do n.º 3 do artigo 35º do RGPD), com vista a acautelar simultaneamente os princípios gerais dos artigos 5º e 89º do RGPD e as preocupações formuladas em *a)* e *b)*.

Anexo 44 - Parecer sobre o projeto nº 181 - Comissão de Ética para a Saúde da Universidade Católica Portuguesa.



Parecer sobre o projeto nº 181
Comissão de Ética para a Saúde da Universidade Católica Portuguesa
Mandato 2019/2023

<p>Projeto de Investigação</p> <p>Na reunião do dia 21 de janeiro de 2022 a CES-UCP esteve reunida e apreciou do ponto de vista ético os elementos submetidos pelo investigador principal. Após apreciação redige o parecer que agora se apresenta.</p>
<p>Título: O Ethos e a cultura organizacional da Universidade Católica Portuguesa; um Estudo Caso no Cento Regional do Porto. Programa de doutoramento da Faculdade de Educação e Psicologia – UCP Porto</p>
<p>Investigador Principal: João Paulo Oliveira Vieira</p> <p>Orientador: Manuel Joaquim Pinho Moreira de Azevedo</p>
<p>Resumo: O estudo procura identificar as características específicas do ethos e da cultura organizacional de uma Universidade que, por ser católica, se pensa e planeia a partir do referencial humanista cristão enunciado e consignado na sua missão. O estudo pretende compreender a concretização dessa missão, tendo em conta um ethos e uma cultura organizacional específica, da qual se destaca o papel dos líderes, dos docentes e dos alunos,</p> <p>Objetivos: a) identificar os elementos constituintes da missão da UCP. b) compreender, no específico da organização da estrutura universitária, como é que a administração, ou seja, as lideranças, de uma Universidade Católica são fator de concretização ou diluição da sua missão. c) constatar se se pode falar de uma concretização da missão junto da comunidade académica. d) Compreender de que forma a ação dos docentes do CRP-UCP contribui para a concretização da missão. e) compreender em que medida é que o currículo, ao nível das licenciaturas, tem efetivamente uma marca distintiva oriunda da matriz humanista cristã da UCP.</p> <p>Metodologia: Sendo um estudo tipificado, dentro das metodologias de investigação em educação, como um estudo de caso organizacional, de entre os vários métodos possíveis de abordagem para a recolha de dados, utiliza dois métodos ou técnicas: a análise de documentos centrais face ao estudo, e o inquérito por questionário.</p> <p>Local: Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa.</p> <p>População: Os líderes organizacionais, os docentes das licenciaturas e os alunos das licenciaturas</p>
<p style="text-align: center;">Estiveram presentes na reunião nº 36 da CES-UCP</p> <p style="text-align: center;">Presidente: Doutora Mara de Sousa Freitas Vice-Presidente: Doutora Teresa Marques Doutor Jerónimo Santos Trigo Doutora Marta Brites Doutora Ana Mineiro Zaky Mestre Ivone Gaspar</p>
<p>Conclusão</p> <p>Ouvido o Relator, e o plenário da reunião de 21 de janeiro de 2022, realizada por videoconferência, esta CES delibera, por unanimidade, não emitir parecer. O estudo não se enquadra nos objetivos da <u>Comissão de Ética para a Saúde</u>, porque o seu objetivo não se insere em temáticas de saúde, mesmo em sentido amplo. Parece ser de outro âmbito, como é referido: “Ciência da Educação e até a chamada teologia Pastoral”. Há ampla referência a documentos e dimensões pedagógicas e eclesiais. Coloca-se a consideração dos proponentes a possibilidade de pedido de apreciação pela Comissão de Ética: Tecnologia, Ciências Sociais e Humanidades da UCP.</p>
<p style="text-align: center;">A Presidente,</p> <p style="text-align: center;"> Mara de Sousa Freitas 21/01/2022</p>

Anexo 45 - Ficha para comentário/ composição.¹³



PhD em Ciências da Educação

Comentário/composição no âmbito do estudo – *O Ethos e a Cultura Organizacional do CRP.*

Apresentam-se três proposições sobre as quais se pede um breve comentário/composição, completando o quadro abaixo apresentado.

Este exercício é individual, anónimo e confidencial. Não deverá identificar-se em nenhuma parte da folha. O seu preenchimento pressupõe o consentimento informado sobre a finalidade do mesmo. A redação deste exercício pressupõe que esteja a frequentar a UC de Cristianismo e Cultura da Dupla Licenciatura em Direito e em Gestão no primeiro semestre de 22/23.

Curso/Licenciatura	
a) Considero que as unidades curriculares de Cristianismo e Cultura\Mundividência Cristã acrescentam algo verdadeiramente significativo à minha formação integral.	
b) Considero que o currículo das áreas de Cristianismo e Cultura\Mundividência Cristã está concebido de modo adequado ao meu curso.	
c) Pelo modo de atuar da comunidade universitária (docentes; colaboradores, alunos) consigo identificar que a Universidade Católica se identifica com a Pessoa de Jesus Cristo.	


Obrigado pela sua colaboração.

Universidade Católica Portuguesa
João Paulo Vieira, PhD st CE

¹³ As Fichas foram iguais para todos os cursos. Apenas mudava a especificação do curso. A Ficha em anexo foi utilizada para a recolha na Licenciatura em Direito e em Gestão.

Anexo 46 - Comentários/composições dos alunos (Licenciaturas no geral).

A1
31/10/22


PhD em Ciências da Educação
 Comentário/composição no âmbito do estudo – *O Ethos e a Cultura Organizacional da CRP.*

Apresentam-se quatro proposições sobre as quais se pede um breve comentário/composição, completando o quadro abaixo apresentado.


Este exercício é individual, anónimo e confidencial. Não deverá identificar-se em nenhuma parte da folha. O seu preenchimento pressupõe o consentimento informado sobre a finalidade do mesmo. É-lhe solicitado que indique qual a licenciatura que frequenta. A redação deste exercício pressupõe que tenha já frequentado a UC da área de Cristianismo e cultura/ mundividência cristã/ cristianismo, cultura e organizações.

Curso/Licenciatura
<p>a) Considero que as unidades curriculares de Cristianismo e Cultura/ Mundividência Cristã acrescentam algo verdadeiramente significativo à minha formação integral.</p> <p><i>Sim, considero que a UC desenvolve e enriquece sobre temáticas de extrema importância no quotidiano dos nossos alunos.</i></p>
<p>b) Considero que o currículo das áreas de Cristianismo e Cultura/ Mundividência Cristã está concebido de modo adequado ao meu curso.</p> <p><i>Não posso dizer que concordo totalmente com a orientação do curso. Creio que devia haver um maior espaço para adequar as unidades do "mundo do direito", um que aqui parece aplicar à licenciatura mas também ao que se segue após o término do curso.</i></p>
<p>c) Pelo modo de atuar da comunidade universitária (docentes; colaboradores, alunos) consigo identificar que a Universidade Católica se identifica com a Pessoa de Jesus Cristo.</p> <p><i>A respeito disso, mais cedo, de se alguma: por vezes consigo identificar (tanto na atitude de professores como de alunos) em alguns momentos, por outras vezes questiono-me seriamente se a universidade católica é, de facto, católica - são várias as atitudes com que me deparei ao longo dos últimos 4 anos que me deixam desiludido.</i></p>

Obrigado pela sua colaboração.

Universidade Católica Portuguesa
João Paulo Vieira, PhD st CE

A2
31/10/22


PhD em Ciências da Educação
 Comentário/composição no âmbito do estudo – *O Ethos e a Cultura Organizacional da CRP.*

Apresentam-se quatro proposições sobre as quais se pede um breve comentário/composição, completando o quadro abaixo apresentado.

Este exercício é individual, anónimo e confidencial. Não deverá identificar-se em nenhuma parte da folha. O seu preenchimento pressupõe o consentimento informado sobre a finalidade do mesmo. É-lhe solicitado que indique qual a licenciatura que frequenta. A redação deste exercício pressupõe que tenha já frequentado a UC da área de Cristianismo e cultura/ mundividência cristã/ cristianismo, cultura e organizações.

Curso/Licenciatura
<p>a) Considero que as unidades curriculares de Cristianismo e Cultura/ Mundividência Cristã acrescentam algo verdadeiramente significativo à minha formação integral.</p> <p><i>Não. Não existe compliance a necessidade de a universidade nos fornecer uma educação integral e humanista e portanto não resisto aos reatões do Direito e da Gestão - área - que a oferta de disciplinas por aí dosamentos e adições de uma forma.</i></p>
<p>b) Considero que o currículo das áreas de Cristianismo e Cultura/ Mundividência Cristã está concebido de modo adequado ao meu curso.</p> <p><i>Não. Há um desfasamento absoluto entre aquilo que são os conteúdos essenciais do Direito e o tipo de conteúdos que a disciplina de Mundividência ensina, apresenta numa certa doutrina dos estudantes, ignorando conteúdos relativos à área.</i></p>
<p>c) Pelo modo de atuar da comunidade universitária (docentes; colaboradores, alunos) consigo identificar que a Universidade Católica se identifica com a Pessoa de Jesus Cristo.</p> <p><i>Não. A universidade, atualmente, parece ter perdido a identidade por um individualismo exacerbado que não se coaduna com Jesus Cristo.</i></p>

Obrigado pela sua colaboração.

Universidade Católica Portuguesa
João Paulo Vieira, PhD st CE

A3
31/10/22

PHD em Ciências da Educação

Comentário/composição no âmbito do estudo – O Ethos e a Cultura Organizacional do CRP.

Apresentam-se quatro proposições sobre as quais se pede um breve comentário/composição, completando o quadro abaixo apresentado.

Este exercício é individual, anónimo e confidencial. Não deverá identificar-se em nenhuma parte da folha. O seu preenchimento pressupõe o consentimento informado sobre a finalidade do mesmo. É-lhe solicitado que indique qual a licenciatura que frequenta. A redação deste exercício pressupõe que tenha já frequentado a UC da área de Cristianismo e cultura/ mundividência cristã/ cristianismo, cultura e organizações.

Curso/Licenciatura	
--------------------	--

- a) Considero que as unidades curriculares de Cristianismo e Cultura/ Mundividência Cristã acrescentam algo verdadeiramente significativo à minha formação integral.
- Não, pela estrutura curricular da cadeira. Os valores e a essência dos conteúdos não é observada, sendo fiscal numa maior dinâmica.
- b) Considero que o currículo das áreas de Cristianismo e Cultura/ Mundividência Cristã está concebido de modo adequado ao meu curso.
- Não, com um pouco de parvoíces.
- c) Pelo modo de atuar da comunidade universitária (docentes; colaboradores, alunos) consigo identificar que a Universidade Católica se identifica com a Pessoa de Jesus Cristo.
- Não. A Universidade é incapaz de se adaptar ao aluno, sendo intolerante com as suas dificuldades que o mesmo pode ter, como tal as suas atitudes não são realignadas com valores cristãos.

Obrigado pela sua colaboração.

Universidade Católica Portuguesa
João Paulo Vieira, PhD st CE

A4
31/10/22

PHD em Ciências da Educação

Comentário/composição no âmbito do estudo – O Ethos e a Cultura Organizacional do CRP.

Apresentam-se quatro proposições sobre as quais se pede um breve comentário/composição, completando o quadro abaixo apresentado.

Este exercício é individual, anónimo e confidencial. Não deverá identificar-se em nenhuma parte da folha. O seu preenchimento pressupõe o consentimento informado sobre a finalidade do mesmo. É-lhe solicitado que indique qual a licenciatura que frequenta. A redação deste exercício pressupõe que tenha já frequentado a UC da área de Cristianismo e cultura/ mundividência cristã/ cristianismo, cultura e organizações.

Curso/Licenciatura	
--------------------	--

- a) Considero que as unidades curriculares de Cristianismo e Cultura/ Mundividência Cristã acrescentam algo verdadeiramente significativo à minha formação integral.
- Sendo os valores cristãos a base fundamental da cultura portuguesa, a unidade curricular de Mundividência Cristã desempenha um papel importante para qualquer estudante, aproximando-nos desses mesmos valores.
- b) Considero que o currículo das áreas de Cristianismo e Cultura/ Mundividência Cristã está concebido de modo adequado ao meu curso.
- Considero que sim, no entanto seria importante mudar a forma como a unidade curricular é lecionada, de modo a conseguir trazer melhor a atenção dos estudantes.
- c) Pelo modo de atuar da comunidade universitária (docentes; colaboradores, alunos) consigo identificar que a Universidade Católica se identifica com a Pessoa de Jesus Cristo.
- A UCP, no geral, pelas atividades dos seu staff demonstra alguma proximidade com as lições que a vida de Jesus Cristo nos transmitem. Porém, a universidade poderia mostrar mais interesse nalguns aspetos da vida académica, particularmente no que concerne ao valor das muitas e ~~de~~ presso dos recursos.
- Obrigado pela sua colaboração.

Universidade Católica Portuguesa
João Paulo Vieira, PhD st CE

PhD em Ciências da Educação

Comentário/composição no âmbito do estudo – O Ethos e a Cultura Organizacional do CRP.

Apresentam-se quatro proposições sobre as quais se pede um breve comentário/composição, completando o quadro abaixo apresentado.

Este exercício é individual, anónimo e confidencial. Não deverá identificar-se em nenhuma parte da folha. O seu preenchimento pressupõe o consentimento informado sobre a finalidade do mesmo. É-lhe solicitado que indique qual a licenciatura que frequenta. A redação deste exercício pressupõe que tenha já frequentado a UC da área de Cristianismo e cultura/ mundividência cristã/ cristianismo, cultura e organizações.

Curso/Licenciatura

a) Considero que as unidades curriculares de Cristianismo e Cultura/ Mundividência Cristã acrescentam algo verdadeiramente significativo à minha formação integral.

A unidade curricular (u.c.) de cultura cristã instrui um conjunto de temas e matérias que não são abordados de uma forma comum a todos os alunos. A u.c. beneficiaria a minha formação integral como se falasse que sou e tudo o que se procura é a resposta a um conjunto de perguntas que todo o indivíduo tem. A realidade que se faz a volta da realidade, o carácter immanentemente histórico e a falta de centralidade e objetividade do currículo a que se refere immanentemente historicamente, face com esta u.c. se torna imbuída, não se preocupando apenas com a ocupação curricular que ocupa, procurando, quando necessário, contextualizar a resposta em termos de valores da vida humana - a vida e o amor, o bem e o mal, o destino último e o sentido de todas as coisas - temas que os alunos a frequentam e se não o fazem, procuram respostas e que, sem deixar para trás, a resposta ao curso de cultura cristã.

b) Considero que o currículo das áreas de Cristianismo e Cultura/ Mundividência Cristã está concebido de modo adequado ao meu curso.

Não. numa Universidade, no geral e no meu curso, em particular, onde a larga maioria dos que a frequentam não têm fé, por a terem perdido ou nunca chegaram a tê-la - seja na existência de Deus, seja na Igreja, como meio e instrumento necessário para a nossa salvação - o currículo desta u.c. não está concebido de forma adequada a contribuir que os alunos se formem com um carácter sólido e discernido sobre a mensagem e a proposta da Igreja, aliada, centralizada e enraizada na pessoa de Cristo.

c) Pelo modo de atuar da comunidade universitária (docentes; colaboradores, alunos) consigo identificar que a Universidade Católica se identifica com a Pessoa de Jesus Cristo.

com muita, não em aspectos pessoais, mas determinantes. A ausência de um capelo a tempo inteiro, que percorra os corredores da Universidade, identificando como tal, que permite o acarescamento dos alunos; apenas um único dia em que na celebração da Santa Missa na Universidade e, sobretudo, determinados momentos celebratórios da Santa Missa na Universidade e que não são em linha de continuidade com a Universidade aprova e participa e que não são em linha de continuidade, em linha com a doutrina social da Igreja (refiro-me ao Vaticano II) não ajudam a que da Universidade se possa deprender uma identificação com a Pessoa de Jesus Cristo.

Obrigado pela sua colaboração.

Universidade Católica Portuguesa

João Paulo Vieira, PhD st CE
 @ a estas perguntas últimas dos jovens alunos da Universidade. Foi sim, se procurada com atitude de interesse e, posteriormente e realmente, aderida de corpo e alma.

A5
31/10/22

PhD em Ciências da Educação

Comentário/composição no âmbito do estudo – O Ethos e a Cultura Organizacional do CRP.

Apresentam-se quatro proposições sobre as quais se pede um breve comentário/composição, completando o quadro abaixo apresentado.

Este exercício é individual, anónimo e confidencial. Não deverá identificar-se em nenhuma parte da folha. O seu preenchimento pressupõe o consentimento informado sobre a finalidade do mesmo. É-lhe solicitado que indique qual a licenciatura que frequenta. A redação deste exercício pressupõe que tenha já frequentado a UC da área de Cristianismo e cultura/ mundividência cristã/ cristianismo, cultura e organizações.

Curso/Licenciatura

a) Considero que as unidades curriculares de Cristianismo e Cultura/ Mundividência Cristã acrescentam algo verdadeiramente significativo à minha formação integral.

Não porque o que de facto me acrescenta não é verdadeiramente significativo, apesar de útil (minimumamente).

b) Considero que o currículo das áreas de Cristianismo e Cultura/ Mundividência Cristã está concebido de modo adequado ao meu curso.

Não - demasiado exigente atendo ao programa curricular da licenciatura.

c) Pelo modo de atuar da comunidade universitária (docentes; colaboradores, alunos) consigo identificar que a Universidade Católica se identifica com a Pessoa de Jesus Cristo.

Não particularmente (à excepção dos profetas nas salas)

Obrigado pela sua colaboração.

Universidade Católica Portuguesa
João Paulo Vieira, PhD st CE

A6
04/11/2022

PhD em Ciências da Educação

Comentário/composição no âmbito do estudo – O Ethos e a Cultura Organizacional do CRP.

Apresentam-se quatro proposições sobre as quais se pede um breve comentário/composição, completando o quadro abaixo apresentado.

Este exercício é individual, anónimo e confidencial. Não deverá identificar-se em nenhuma parte da folha. O seu preenchimento pressupõe o consentimento informado sobre a finalidade do mesmo. É-lhe solicitado que indique qual a licenciatura que frequenta. A redação deste exercício pressupõe que tenha já frequentado a UC da área de Cristianismo e cultura/ mundividência cristã/ cristianismo, cultura e organizações.

Curso/Licenciatura	
--------------------	--

a) Considero que as unidades curriculares de Cristianismo e Cultural Mundividência Cristã acrescentam algo verdadeiramente significativo à minha formação integral.

Penso que não, uma vez que a cadeia não está adequada para a realidade do ensino que é apresentada. Existe uma falta de ligação entre a vertente etnomórfica e a unidade curricular de Cristianismo.

b) Considero que o currículo das áreas de Cristianismo e Cultural Mundividência Cristã está concebido de modo adequado ao meu curso.

Não, pois a unidade curricular é completamente paralela à ideologia do curso.

c) Pelo modo de atuar da comunidade universitária (docentes; colaboradores, alunos) consigo identificar que a Universidade Católica se identifica com a Pessoa de Jesus Cristo.

Na minha opinião não há nenhum indício que aponte para isso, nem que vá contra a mesma afirmação.

Obrigado pela sua colaboração.

Universidade Católica Portuguesa
João Paulo Vieira, PhD st CE

A7
04/11/2022

PhD em Ciências da Educação

Comentário/composição no âmbito do estudo – O Ethos e a Cultura Organizacional do CRP.

Apresentam-se quatro proposições sobre as quais se pede um breve comentário/composição, completando o quadro abaixo apresentado.

Este exercício é individual, anónimo e confidencial. Não deverá identificar-se em nenhuma parte da folha. O seu preenchimento pressupõe o consentimento informado sobre a finalidade do mesmo. É-lhe solicitado que indique qual a licenciatura que frequenta. A redação deste exercício pressupõe que tenha já frequentado a UC da área de Cristianismo e cultura/ mundividência cristã/ cristianismo, cultura e organizações.

Curso/Licenciatura	
--------------------	--

a) Considero que as unidades curriculares de Cristianismo e Cultural Mundividência Cristã acrescentam algo verdadeiramente significativo à minha formação integral.

Não.

b) Considero que o currículo das áreas de Cristianismo e Cultural Mundividência Cristã está concebido de modo adequado ao meu curso.

Não, é demasiado exigente para conjugar com o restante curso.

c) Pelo modo de atuar da comunidade universitária (docentes; colaboradores, alunos) consigo identificar que a Universidade Católica se identifica com a Pessoa de Jesus Cristo.

Não,

Obrigado pela sua colaboração.

Universidade Católica Portuguesa
João Paulo Vieira, PhD st CE

A8
04/11/2022

PhD em Ciências da Educação

Comentário/composição no âmbito do estudo – O Ethos e a Cultura Organizacional do CRP.

Apresentam-se quatro proposições sobre as quais se pede um breve comentário/composição, completando o quadro abaixo apresentado.

Este exercício é individual, anónimo e confidencial. Não deverá identificar-se em nenhuma parte da folha. O seu preenchimento pressupõe o consentimento informado sobre a finalidade do mesmo. É-lhe solicitado que indique qual a licenciatura que frequenta. A redação deste exercício pressupõe que tenha já frequentado a UC da área de Cristianismo e cultura/ mundividência cristã/ cristianismo, cultura e organizações.

Curso/Licenciatura
a) Considero que as unidades curriculares de Cristianismo e Cultural Mundividência Cristã acrescentam algo verdadeiramente significativo à minha formação integral.
Sim, pois permite a discussão destes assuntos com outras pessoas com diferentes perspetivas e ideais, levanto se uma visão mais aberta para as outras pessoas e uma maior abertura para crenças diferentes das nossas.
b) Considero que o currículo das áreas de Cristianismo e Cultural Mundividência Cristã está concebido de modo adequado ao meu curso.
Sim, pois foram decididos em conjunto vários temas de interesse de forma, em que foram relacionados com o tema do cristianismo e cultura cristã.
c) Pelo modo de atuar da comunidade universitária (docentes; colaboradores, alunos) consigo identificar que a Universidade Católica se identifica com a Pessoa de Jesus Cristo.
Considero que sim, apesar de haver uma grande quantidade de pessoas que não é crente e não se identificam com Jesus Cristo, mas há uma grande maioria que sim e a Universidade Católica se identifica-se.

Obrigado pela sua colaboração.

Universidade Católica Portuguesa
João Paulo Vieira, PhD st CE

A9
04/11/2022

PhD em Ciências da Educação

Comentário/composição no âmbito do estudo – O Ethos e a Cultura Organizacional do CRP.

Apresentam-se quatro proposições sobre as quais se pede um breve comentário/composição, completando o quadro abaixo apresentado.

Este exercício é individual, anónimo e confidencial. Não deverá identificar-se em nenhuma parte da folha. O seu preenchimento pressupõe o consentimento informado sobre a finalidade do mesmo. É-lhe solicitado que indique qual a licenciatura que frequenta. A redação deste exercício pressupõe que tenha já frequentado a UC da área de Cristianismo e cultura/ mundividência cristã/ cristianismo, cultura e organizações.

Curso/Licenciatura
a) Considero que as unidades curriculares de Cristianismo e Cultural Mundividência Cristã acrescentam algo verdadeiramente significativo à minha formação integral.
Não, sendo católica até fiquei chocada com a forma como os temas eram abordados, com os piores argumentos e comparações na maior parte das vezes. Acho impossível ter acrescentado alguma coisa a alguém que tenha estado nas aulas.
b) Considero que o currículo das áreas de Cristianismo e Cultural Mundividência Cristã está concebido de modo adequado ao meu curso.
Não, os temas eram bastante aleatórios e tudo dado de forma muito estranha. Tendo em conta que no meu curso havia muitas pessoas não crentes, os temas, os conteúdos e a forma como foi dado, só lhes fez parecer que a Igreja e os Padres dizem coisas loucas da boca para fora.
c) Pelo modo de atuar da comunidade universitária (docentes; colaboradores, alunos) consigo identificar que a Universidade Católica se identifica com a Pessoa de Jesus Cristo.
Não, para além de haver uma capela, missas semanais e a parte da UDIP que tem uma preparação do crisma todos os anos, de resto não consigo identificá-lo, seja nos professores seja em muitas atitudes da instituição que não correspondem de todo à Pessoa de Jesus Cristo.

Obrigado pela sua colaboração.

Universidade Católica Portuguesa
João Paulo Vieira, PhD st CE

A10
04/11/2022

PhD em Ciências da Educação

Comentário/composição no âmbito do estudo – O Ethos e a Cultura Organizacional do CRP.

Apresentam-se quatro proposições sobre as quais se pede um breve comentário/composição, completando o quadro abaixo apresentado.

Este exercício é individual, anónimo e confidencial. Não deverá identificar-se em nenhuma parte da folha. O seu preenchimento pressupõe o consentimento informado sobre a finalidade do mesmo. É-lhe solicitado que indique qual a licenciatura que frequenta. A redação deste exercício pressupõe que tenha já frequentado a UC da área de Cristianismo e cultura/ mundividência cristã/ cristianismo, cultura e organizações.

Curso/Licenciatura
a) Considero que as unidades curriculares de Cristianismo e Cultural Mundividência Cristã acrescentam algo verdadeiramente significativo à minha formação integral. Não concordo, uma vez que não me identifique com vários temas lecionados.
b) Considero que o currículo das áreas de Cristianismo e Cultural Mundividência Cristã está concebido de modo adequado ao meu curso. Apesar de não me identificar, considero que houve uma tentativa por parte do professor, de se aproximar o máximo possível do meu curso.
c) Pelo modo de atuar da comunidade universitária (docentes; colaboradores, alunos) consigo identificar que a Universidade Católica se identifica com a Pessoa de Jesus Cristo. Considero que parte da comunidade se identifica e outros não, sendo bastante heterogénico.

Obrigado pela sua colaboração.

Universidade Católica Portuguesa
João Paulo Vieira, PhD st CE

A11
04/11/2022

PhD em Ciências da Educação

Comentário/composição no âmbito do estudo – O Ethos e a Cultura Organizacional do CRP.

Apresentam-se quatro proposições sobre as quais se pede um breve comentário/composição, completando o quadro abaixo apresentado.

Este exercício é individual, anónimo e confidencial. Não deverá identificar-se em nenhuma parte da folha. O seu preenchimento pressupõe o consentimento informado sobre a finalidade do mesmo. É-lhe solicitado que indique qual a licenciatura que frequenta. A redação deste exercício pressupõe que tenha já frequentado a UC da área de Cristianismo e cultura/ mundividência cristã/ cristianismo, cultura e organizações.

Curso/Licenciatura
a) Considero que as unidades curriculares de Cristianismo e Cultural Mundividência Cristã acrescentam algo verdadeiramente significativo à minha formação integral. Não, pois existe pessoas que não são cristãs que não obrigadas a ter a unidade católica.
b) Considero que o currículo das áreas de Cristianismo e Cultural Mundividência Cristã está concebido de modo adequado ao meu curso. Não, é de se
c) Pelo modo de atuar da comunidade universitária (docentes; colaboradores, alunos) consigo identificar que a Universidade Católica se identifica com a Pessoa de Jesus Cristo. Não, pois existem pessoas de outras religiões que não identificam com Jesus Cristo.

Obrigado pela sua colaboração.

Universidade Católica Portuguesa
João Paulo Vieira, PhD st CE

A12
04/11/2022

PhD em Ciências da Educação

Comentário/composição no âmbito do estudo – O Ethos e a Cultura Organizacional do CRP.

Apresentam-se quatro proposições sobre as quais se pede um breve comentário/composição, completando o quadro abaixo apresentado.

Este exercício é individual, anónimo e confidencial. Não deverá identificar-se em nenhuma parte da folha. O seu preenchimento pressupõe o consentimento informado sobre a finalidade do mesmo. É-lhe solicitado que indique qual a licenciatura que frequenta. A redação deste exercício pressupõe que tenha já frequentado a UC da área de Cristianismo e cultura/ mundividência cristã/ cristianismo, cultura e organizações.

Curso/Licenciatura
a) Considero que as unidades curriculares de Cristianismo e Cultura Mundividência Cristã acrescentam algo verdadeiramente significativo à minha formação integral.
SIM, a mim CRISTÃ E A COLÉGIAS ATÉUS também PENSU QUE SIM, PODEM NÃO MUDAR DE RELIGIÃO MAS MODO DE PENSAR SOBRE ALGUNS CONCEITOS SIM.
b) Considero que o currículo das áreas de Cristianismo e Cultura Mundividência Cristã está concebido de modo adequado ao meu curso.
SIM, SÃO NOS DADOS CONCEITOS RELACIONADOS COM CULTURA CRISTÃ E CIÊNCIA (NO CASO DO MEU CURSO).
c) Pelo modo de atuar da comunidade universitária (docentes; colaboradores, alunos) consigo identificar que a Universidade Católica se identifica com a Pessoa de Jesus Cristo.
DE MODO GERAL ACHO QUE NÃO

Obrigado pela sua colaboração.

Universidade Católica Portuguesa
João Paulo Vieira, PhD st CE

A13
04/11/2022

PhD em Ciências da Educação

Comentário/composição no âmbito do estudo – O Ethos e a Cultura Organizacional do CRP.

Apresentam-se quatro proposições sobre as quais se pede um breve comentário/composição, completando o quadro abaixo apresentado.

Este exercício é individual, anónimo e confidencial. Não deverá identificar-se em nenhuma parte da folha. O seu preenchimento pressupõe o consentimento informado sobre a finalidade do mesmo. É-lhe solicitado que indique qual a licenciatura que frequenta. A redação deste exercício pressupõe que tenha já frequentado a UC da área de Cristianismo e cultura/ mundividência cristã/ cristianismo, cultura e organizações.

Curso/Licenciatura
a) Considero que as unidades curriculares de Cristianismo e Cultura Mundividência Cristã acrescentam algo verdadeiramente significativo à minha formação integral.
Não, uma vez que considero que não me considero que seja necessário nem útil na minha área.
b) Considero que o currículo das áreas de Cristianismo e Cultura Mundividência Cristã está concebido de modo adequado ao meu curso.
Não, considerando que não acrescenta nenhum conhecimento nem habilidade relacionada com o curso
c) Pelo modo de atuar da comunidade universitária (docentes; colaboradores, alunos) consigo identificar que a Universidade Católica se identifica com a Pessoa de Jesus Cristo.
Sim, mesmo sendo inconscientemente neutras, existem atitudes que demonstram esta relação.

Obrigado pela sua colaboração.

Universidade Católica Portuguesa
João Paulo Vieira, PhD st CE

A14
04/11/2022

Comentário/composição no âmbito do estudo – O Ethos e a Cultura Organizacional do CRP.

Apresentam-se quatro proposições sobre as quais se pede um breve comentário/composição, completando o quadro abaixo apresentado.

Este exercício é individual, anónimo e confidencial. Não deverá identificar-se em nenhuma parte da folha. O seu preenchimento pressupõe o consentimento informado sobre a finalidade do mesmo. É-lhe solicitado que indique qual a licenciatura que frequenta. A redação deste exercício pressupõe que tenha já frequentado a UC da área de Cristianismo e cultura/ mundividência cristã/ cristianismo, cultura e organizações.

Curso/Licenciatura
<p>a) Considero que as unidades curriculares de Cristianismo e Cultural Mundividência Cristã acrescentam algo verdadeiramente significativo à minha formação integral.</p> <p>Não, visto que não vejo onde estas unidades curriculares podem influenciar no futuro, na nossa área laboral.</p>
<p>b) Considero que o currículo das áreas de Cristianismo e Cultural Mundividência Cristã está concebido de modo adequado ao meu curso.</p> <p>Sim, dado que os temas debatidos foram ligados à nossa área e como avaliar certas situações eticamente.</p>
<p>c) Pelo modo de atuar da comunidade universitária (docentes; colaboradores, alunos) consigo identificar que a Universidade Católica se identifica com a Pessoa de Jesus Cristo.</p> <p>Sim, consegui indentificar que a Universidade Católica se identifica com a Pessoa Jesus Cristo.</p>

Obrigado pela sua colaboração.

Universidade Católica Portuguesa
João Paulo Vieira, PhD st CE

Comentário/composição no âmbito do estudo – O Ethos e a Cultura Organizacional do CRP.

Apresentam-se quatro proposições sobre as quais se pede um breve comentário/composição, completando o quadro abaixo apresentado.

Este exercício é individual, anónimo e confidencial. Não deverá identificar-se em nenhuma parte da folha. O seu preenchimento pressupõe o consentimento informado sobre a finalidade do mesmo. É-lhe solicitado que indique qual a licenciatura que frequenta. A redação deste exercício pressupõe que tenha já frequentado a UC da área de Cristianismo e cultura/ mundividência cristã/ cristianismo, cultura e organizações.

Curso/Licenciatura
<p>a) Considero que as unidades curriculares de Cristianismo e Cultural Mundividência Cristã acrescentam algo verdadeiramente significativo à minha formação integral.</p> <p>Discordo no entanto penso que se fosse dado de outra maneira acrescentaria</p>
<p>b) Considero que o currículo das áreas de Cristianismo e Cultural Mundividência Cristã está concebido de modo adequado ao meu curso.</p> <p>Discordo podia ser mais adequado a temas dos cursos dos quais frequentamos</p>
<p>c) Pelo modo de atuar da comunidade universitária (docentes; colaboradores, alunos) consigo identificar que a Universidade Católica se identifica com a Pessoa de Jesus Cristo.</p> <p>Não considero pois penso que os docentes desta faculdade agem igual a docentes de outras nos católicas</p>

Obrigado pela sua colaboração.

Universidade Católica Portuguesa
João Paulo Vieira, PhD st CE

PhD em Ciências da Educação

Comentário/composição no âmbito do estudo – O Ethos e a Cultura Organizacional do CRP.

Apresentam-se quatro proposições sobre as quais se pede um breve comentário/composição, completando o quadro abaixo apresentado.

Este exercício é individual, anónimo e confidencial. Não deverá identificar-se em nenhuma parte da folha. O seu preenchimento pressupõe o consentimento informado sobre a finalidade do mesmo. É-lhe solicitado que indique qual a licenciatura que frequenta. A redação deste exercício pressupõe que tenha já frequentado a UC da área de Cristianismo e cultura/ mundividência cristã/ cristianismo, cultura e organizações.

Curso/Licenciatura

a) Considero que as unidades curriculares de Cristianismo e Cultural Mundividência Cristã acrescentam algo verdadeiramente significativo à minha formação integral.

Sim, na medida em que me fez avir e perceber outras pontas de vista podendo assim argumentar de maneira a alçada e manter uma mente aberta.

b) Considero que o currículo das áreas de Cristianismo e Cultural Mundividência Cristã está concebido de modo adequado ao meu curso.

Não, pois tocam em temas relacionados com a concepção da ciência que contextualiza práticas utilizadas atualmente.

c) Pelo modo de atuar da comunidade universitária (docentes; colaboradores, alunos) consigo identificar que a Universidade Católica se identifica com a Pessoa de Jesus Cristo.

Sim.

Obrigado pela sua colaboração.

Universidade Católica Portuguesa
João Paulo Vieira, PhD st CE

A12
09/11/2022

PhD em Ciências da Educação

Comentário/composição no âmbito do estudo – O Ethos e a Cultura Organizacional do CRP.

Apresentam-se quatro proposições sobre as quais se pede um breve comentário/composição, completando o quadro abaixo apresentado.

Este exercício é individual, anónimo e confidencial. Não deverá identificar-se em nenhuma parte da folha. O seu preenchimento pressupõe o consentimento informado sobre a finalidade do mesmo. É-lhe solicitado que indique qual a licenciatura que frequenta. A redação deste exercício pressupõe que tenha já frequentado a UC da área de Cristianismo e cultura/ mundividência cristã/ cristianismo, cultura e organizações.

Curso/Licenciatura

a) Considero que as unidades curriculares de Cristianismo e Cultural Mundividência Cristã acrescentam algo verdadeiramente significativo à minha formação integral.

não considero que acrescento algo significativo à minha formação, se tanto aumenta o conhecimento e cultura, acabando por ser bom para quem se interessa no assunto ou tem curiosidade.

b) Considero que o currículo das áreas de Cristianismo e Cultural Mundividência Cristã está concebido de modo adequado ao meu curso.

de certa forma, consigo entender o que ~~trabalha~~ quer da cadeira mas não acho que seja necessário para o curso

c) Pelo modo de atuar da comunidade universitária (docentes; colaboradores, alunos) consigo identificar que a Universidade Católica se identifica com a Pessoa de Jesus Cristo.

Acho que há uma grande necessidade de passar essa imagem pela aparência porém em alguns momentos não acho que seja verdade.

Obrigado pela sua colaboração.

Universidade Católica Portuguesa
João Paulo Vieira, PhD st CE

A13
25/11/2022

PhD em Ciências da Educação

Comentário/composição no âmbito do estudo – O Ethos e a Cultura Organizacional do CRP.

Apresentam-se quatro proposições sobre as quais se pede um breve comentário/composição, completando o quadro abaixo apresentado.

Este exercício é individual, anónimo e confidencial. Não deverá identificar-se em nenhuma parte da folha. O seu preenchimento pressupõe o consentimento informado sobre a finalidade do mesmo. É-lhe solicitado que indique qual a licenciatura que frequenta. A redação deste exercício pressupõe que tenha já frequentado a UC da área de Cristianismo e cultura/ mundividência cristã/ cristianismo, cultura e organizações.

Curso/Licenciatura	
--------------------	--

a) Considero que as unidades curriculares de Cristianismo e Cultura/ Mundividência Cristã acrescentam algo verdadeiramente significativo à minha formação integral.

Na teoria, sim. Acredito que aprender sobre qualquer religião, neste caso a católica, só pode ter benefícios para a formação integral dos alunos. No entanto da forma que foi lecionada a unidade curricular Cristianismo e cultura no curso de psicologia não considero que tenha acrescentado nada de significativo.

b) Considero que o currículo das áreas de Cristianismo e Cultura/ Mundividência Cristã está concebido de modo adequado ao meu curso.

Não

c) Pelo modo de atuar da comunidade universitária (docentes; colaboradores, alunos) consigo identificar que a Universidade Católica se identifica com a Pessoa de Jesus Cristo.

Salvo determinadas exceções, a grande maioria dos professores está sempre disposta a ajudar, sendo sempre bastante atenciosos. Nesta lógica considero que sim. Por outro lado, ~~na minha opinião~~ a Universidade Católica, sendo privada e de cariz forma um negócio. "comporta-se" como tal, indo contra a restante maioria ~~dos~~ dos valores/caridade. Básicas que poderiam identificar-se com a pessoa de Jesus Cristo.

Obrigado pela sua colaboração.

Universidade Católica Portuguesa
João Paulo Vieira, PhD st CE

A19
25/11/2022

PhD em Ciências da Educação

Comentário/composição no âmbito do estudo – O Ethos e a Cultura Organizacional do CRP.

Apresentam-se quatro proposições sobre as quais se pede um breve comentário/composição, completando o quadro abaixo apresentado.

Este exercício é individual, anónimo e confidencial. Não deverá identificar-se em nenhuma parte da folha. O seu preenchimento pressupõe o consentimento informado sobre a finalidade do mesmo. É-lhe solicitado que indique qual a licenciatura que frequenta. A redação deste exercício pressupõe que tenha já frequentado a UC da área de Cristianismo e cultura/ mundividência cristã/ cristianismo, cultura e organizações.

Curso/Licenciatura	
--------------------	--

a) Considero que as unidades curriculares de Cristianismo e Cultura/ Mundividência Cristã acrescentam algo verdadeiramente significativo à minha formação integral.

Acho que essa cadeira acrescenta bastante a nível pessoal e de auto conhecimento e relação com o outro, o que tem com consequências uma influência na nossa vida (geral), o que abrange a vida curricular.

b) Considero que o currículo das áreas de Cristianismo e Cultura/ Mundividência Cristã está concebido de modo adequado ao meu curso.

Acho que poderia ser mais adaptado aos cursos pois é uma cadeira subjetiva que envolve crenças e opiniões ~~de~~ individuais.

c) Pelo modo de atuar da comunidade universitária (docentes; colaboradores, alunos) consigo identificar que a Universidade Católica se identifica com a Pessoa de Jesus Cristo.

Quando entrei na Católica vinha com essa expectativa mas sinceramente não sinto que haja uma grande relação com a pessoa Católica.

Obrigado pela sua colaboração.

Universidade Católica Portuguesa
João Paulo Vieira, PhD st CE

A20
25/11/2022

PhD em Ciências da Educação

Comentário/composição no âmbito do estudo – O Ethos e a Cultura Organizacional do CRP.

Apresentam-se quatro proposições sobre as quais se pede um breve comentário/composição, completando o quadro abaixo apresentado.

Este exercício é individual, anónimo e confidencial. Não deverá identificar-se em nenhuma parte da folha. O seu preenchimento pressupõe o consentimento informado sobre a finalidade do mesmo. É-lhe solicitado que indique qual a licenciatura que frequenta. A redação deste exercício pressupõe que tenha já frequentado a UC da área de Cristianismo e cultura/ mundividência cristã/ cristianismo, cultura e organizações.

Curso/Licenciatura

a) Considero que as unidades curriculares de Cristianismo e Cultura Mundividência Cristã acrescentam algo verdadeiramente significativo à minha formação integral.

Sim, pois permite adquirir novas perspetivas, pensamentos e gerar debates sobre temas de interesse pessoal, respondendo a questões mais profundas.

b) Considero que o currículo das áreas de Cristianismo e Cultura Mundividência Cristã está concebido de modo adequado ao meu curso.

As matérias abordadas não de interesse pessoal, pelo que me adequa ao meu e a qualquer curso.

c) Pelo modo de atuar da comunidade universitária (docentes; colaboradores, alunos) consigo identificar que a Universidade Católica se identifica com a Pessoa de Jesus Cristo.

Sim, pessoa humana, que coloca os outros como prioridade, sem obter as devidas respostas.

Obrigado pela sua colaboração.

Universidade Católica Portuguesa
João Paulo Vieira, PhD st CE

A26
09/12/2022

PhD em Ciências da Educação

Comentário/composição no âmbito do estudo – O Ethos e a Cultura Organizacional do CRP.

Apresentam-se quatro proposições sobre as quais se pede um breve comentário/composição, completando o quadro abaixo apresentado.

Este exercício é individual, anónimo e confidencial. Não deverá identificar-se em nenhuma parte da folha. O seu preenchimento pressupõe o consentimento informado sobre a finalidade do mesmo. É-lhe solicitado que indique qual a licenciatura que frequenta. A redação deste exercício pressupõe que tenha já frequentado a UC da área de Cristianismo e cultura/ mundividência cristã/ cristianismo, cultura e organizações.

Curso/Licenciatura

a) Considero que as unidades curriculares de Cristianismo e Cultura Mundividência Cristã acrescentam algo verdadeiramente significativo à minha formação integral.

Enquanto aluno de conservação e restauro, não vejo grande contribuição para a minha formação, visto que não abrange conteúdos que me possibilitem aplicar, ou seja, mesmo em nível técnico, numa futura carreira profissional.

b) Considero que o currículo das áreas de Cristianismo e Cultura Mundividência Cristã está concebido de modo adequado ao meu curso.

Como referido acima, especificamente para o meu curso não está. Sendo que, ainda assim, considero a unidade curricular bastante interessante.

c) Pelo modo de atuar da comunidade universitária (docentes; colaboradores, alunos) consigo identificar que a Universidade Católica se identifica com a Pessoa de Jesus Cristo.

Não consigo identificar grandes relações.
(*) Porém, reconheço que enquanto aluno interessado que sou, e que como eu podem haver mais, é uma unidade curricular que acrescenta novos conhecimentos, que me expõem a outras horizontes. Não sendo, foi um experiência muito boa em Cristianismo e Cultura.


Obrigado pela sua colaboração.

Universidade Católica Portuguesa
João Paulo Vieira, PhD st CE

A27
09/12/2022

Anexo 47 - Comentários/composições da Dupla Licenciatura em Direito e em Gestão.

A21
17/12/22



 PhD em Ciências da Educação

Comentário/composição no âmbito do estudo – O Ethos e a Cultura Organizacional do CRP.

Apresentam-se três proposições sobre as quais se pede um breve comentário/composição, completando o quadro abaixo apresentado.


Este exercício é individual, anónimo e confidencial. Não deverá identificar-se em nenhuma parte da folha. O seu preenchimento pressupõe o consentimento informado sobre a finalidade do mesmo. A redação deste exercício pressupõe que esteja a frequentar a UC de Cristianismo e Cultura da Dupla Licenciatura em Direito e em Gestão no primeiro semestre de 22/23.

Curso/Licenciatura	Dupla L. em Direito e em Gestão
a) Considero que as unidades curriculares de Cristianismo e Cultura/Mundividência Cristã acrescentam algo verdadeiramente significativo à minha formação integral.	<p>Sim, esta UC fez-me pensar sobre assuntos mais complexos sobre a vivência humana e a minha pessoa.</p>
b) Considero que o currículo das áreas de Cristianismo e Cultura/Mundividência Cristã está concebido de modo adequado ao meu curso.	<p>Sim, este currículo é completo e complexo e mine-nos de atributos para a nossa vida profissional: o pensamento e a autenticidade.</p>
c) Pelo modo de atuar da comunidade universitária (docentes; colaboradores, alunos) consigo identificar que a Universidade Católica se identifica com a Pessoa de Jesus Cristo.	<p>Nem todos, mas certamente muitos dos que compõem a comunidade académica mostram Jesus nos seus atos, por ta demonstrarem humanidade, cuidado e preocupação.</p>

Obrigado pela sua colaboração.

Universidade Católica Portuguesa
João Paulo Vieira, PhD st CE

A22
17/12/22



 PhD em Ciências da Educação

Comentário/composição no âmbito do estudo – O Ethos e a Cultura Organizacional do CRP.

Apresentam-se três proposições sobre as quais se pede um breve comentário/composição, completando o quadro abaixo apresentado.

Este exercício é individual, anónimo e confidencial. Não deverá identificar-se em nenhuma parte da folha. O seu preenchimento pressupõe o consentimento informado sobre a finalidade do mesmo. A redação deste exercício pressupõe que esteja a frequentar a UC de Cristianismo e Cultura da Dupla Licenciatura em Direito e em Gestão no primeiro semestre de 22/23.

Curso/Licenciatura	Dupla L. em Direito e em Gestão
a) Considero que as unidades curriculares de Cristianismo e Cultura/Mundividência Cristã acrescentam algo verdadeiramente significativo à minha formação integral.	<p>Sim. Para além de falar sobre religião é uma UC que nos faz refletir e fazer uma introspeção.</p>
b) Considero que o currículo das áreas de Cristianismo e Cultura/Mundividência Cristã está concebido de modo adequado ao meu curso.	<p>Sim. Como juristas e gestores é sempre importante refletir, pensar nos outros, em nós mesmos para agir da melhor forma a nível profissional e pessoal.</p>
c) Pelo modo de atuar da comunidade universitária (docentes; colaboradores, alunos) consigo identificar que a Universidade Católica se identifica com a Pessoa de Jesus Cristo.	<p>Sim. O facto de termos esta U.C. justifica a afirmação.</p>

Obrigado pela sua colaboração.

Universidade Católica Portuguesa
João Paulo Vieira, PhD st CE

Comentário/composição no âmbito do estudo - O Ethos e a Cultura Organizacional do CRP.

Apresentam-se três proposições sobre as quais se pede um breve comentário/composição, completando o quadro abaixo apresentado.

Este exercício é individual, anónimo e confidencial. Não deverá identificar-se em nenhuma parte da folha. O seu preenchimento pressupõe o consentimento informado sobre a finalidade do mesmo. A redação deste exercício pressupõe que esteja a frequentar a UC de Cristianismo e Cultura da Dupla Licenciatura em Direito e em Gestão no primeiro semestre de 22/23.

Curso/Licenciatura	Dupla L. em Direito e em Gestão
--------------------	---------------------------------

a) Considero que as unidades curriculares de Cristianismo e Cultura/Mundividência Cristã acrescentam algo verdadeiramente significativo à minha formação integral.

Sim, a unidade curricular é fundamental para a formação de alunos universitários pela Universidade Católica Portuguesa. Seria totalmente inadequado uma Universidade Católica proporcionar uma formação técnico-científica de excelência, simultaneamente descurando a formação espiritual/religiosa.

b) Considero que o currículo das áreas de Cristianismo e Cultura/Mundividência Cristã está concebido de modo adequado ao meu curso.

Partindo da minha anterior resposta, e reconhecendo o esforço feito, por exemplo, na escolha das personagens disciplinares estudadas, para que houvesse relação com as áreas de Direito e de Gestão, não posso deixar de constatar ~~para~~ as lacunas que a esse nível existem.

c) Pelo modo de atuar da comunidade universitária (docentes; colaboradores, alunos) consigo identificar que a Universidade Católica se identifica com a Pessoa de Jesus Cristo.

A pergunta é de difícil resposta, por ser tão exigente. Em primeiro lugar, a comunidade universitária é muito heterogênea. Em segundo lugar, a identificação dos comportamentos diários nas relações inter-pessoais com a Pessoa de Jesus Cristo, não é fácil tarefa. Tem a desida que há iniciativas da Universidade, como

Obrigado pela sua colaboração.

Universidade Católica Portuguesa
João Paulo Vieira, PhD st CE

A23
17/12/22

⊗ integral dos seus alunos. Ainda que a disciplina de Cristianismo e Cultura tenha um peso muito diminuto no plano curricular, garante pelo menos um nível de consciência, conhecimento e reflexos espirituais e religiosos mínimos, e indispensáveis. O programa da disciplina proporciona momentos de reflexão interessantes e realistas, relacionando a vida de personagens disciplinares (Santos e Beatos), com documentos da Igreja Católica (Encíclicas e Oportunações Dó-Símedis) e com elementos culturais da atualidade (arte e literatura), assegurando assim, simultaneamente, um conhecimento mínimo da mensagem e da matriz de valores cristã, assim como das suas projeções nos comportamentos concretos das pessoas e da sociedade como um todo. Resaltando as limitações decorrentes do peso limitado da disciplina de Cristianismo e Cultura, não deixo de reconhecer o seu indubitável contributo para a formação integral e holística dos estudantes da Universidade Católica Portuguesa.

⊗⊗ Em nenhum momento depois dos cursos, são estabelecidas pontes entre as áreas de conhecimento técnicas e a doutrina social da Igreja. Não nos damos ferramentas jurídicas e económicas, mas não nos é dada a chance que fins é que, à luz da Doutrina Católica, essas ferramentas devem prosseguir.

⊗⊗⊗ a Católica Salidária (CASO), coordenada pela Unidade para o Desenvolvimento Integral da Pessoa (VDIP), que se identifica com Jesus Cristo e o amor ao próximo. No entanto, no dia a dia da Universidade, essa presença ~~apenas~~ (da identificação com Jesus Cristo), apenas existe na medida em que as pessoas a promovem nas suas condutas. Muitas vezes está ausente, outras presente, não sendo possível retirar daí uma conclusão universal que distinga o dia a dia da Universidade Católica com o de outras instituições.

A23

A24
17/12/22

Comentário/composição no âmbito do estudo – O Ethos e a Cultura Organizacional do CRP.

Apresentam-se três proposições sobre as quais se pede um breve comentário/composição, completando o quadro abaixo apresentado.

Este exercício é individual, anónimo e confidencial. Não deverá identificar-se em nenhuma parte da folha. O seu preenchimento pressupõe o consentimento informado sobre a finalidade do mesmo. A redação deste exercício pressupõe que esteja a frequentar a UC de Cristianismo e Cultura da Dupla Licenciatura em Direito e em Gestão no primeiro semestre de 22/23.

Curso/Licenciatura	Dupla L. em Direito e em Gestão
--------------------	---------------------------------

a) Considero que as unidades curriculares de Cristianismo e Cultura Mundividência Cristã acrescentam algo verdadeiramente significativo à minha formação integral.

Esta UC acrescentou algo à minha formação académica e pessoal muito significativo. Anteriormente, nunca me tinha questionado muito acerca de temas que tenho vindo a desenvolver e no fundo, estão presentes na meu dia-a-dia. Assim, penso que mudarei a minha reflexão daqui para a frente.

b) Considero que o currículo das áreas de Cristianismo e Cultura Mundividência Cristã está concebido de modo adequado ao meu curso.

Como futuros gestores e/ou juristas é muito importante identificarmos os nossos valores basilares e o que se conta e acredita na nossa cultura. Esta UC deu-nos acima de tudo ferramentas para adaptarmos isto na nossa vida em diversas situações, adequando-se ao meu curso perfeitamente.

c) Pelo modo de atuar da comunidade universitária (docentes; colaboradores, alunos) consigo identificar que a Universidade Católica se identifica com a Pessoa de Jesus Cristo.

A comunidade universitária não é, nem poderia ser, uma unidade uniforme. Assim, penso que são transmitidos valores que se identificam com Jesus Cristo e claro, há alunos que o assimilam mais e outros menos. Assim, globalmente sim mas ao nível do indivíduo dependem.

Obrigado pela sua colaboração.

Universidade Católica Portuguesa
João Paulo Vieira, PhD st CE

A25
17/12/22

Comentário/composição no âmbito do estudo – O Ethos e a Cultura Organizacional do CRP.

Apresentam-se três proposições sobre as quais se pede um breve comentário/composição, completando o quadro abaixo apresentado.

Este exercício é individual, anónimo e confidencial. Não deverá identificar-se em nenhuma parte da folha. O seu preenchimento pressupõe o consentimento informado sobre a finalidade do mesmo. A redação deste exercício pressupõe que esteja a frequentar a UC de Cristianismo e Cultura da Dupla Licenciatura em Direito e em Gestão no primeiro semestre de 22/23.

Curso/Licenciatura	Dupla L. em Direito e em Gestão
--------------------	---------------------------------

a) Considero que as unidades curriculares de Cristianismo e Cultura Mundividência Cristã acrescentam algo verdadeiramente significativo à minha formação integral.

Sim, sobretudo de facto, estas unidades abordam temas que até ao momento não eram abordados. Assim, com a abordagem destas unidades e conteúdos, estamos em contacto com conhecimentos que necessitamos de nos tornarmos, não pela religião em si, mas pelo contacto com temas que são importantes.

b) Considero que o currículo das áreas de Cristianismo e Cultura Mundividência Cristã está concebido de modo adequado ao meu curso.

Estando incluído no 4.º ano, penso que não. Na minha opinião, ao invés de ser apenas uma unidade curricular, mas sim ao longo do percurso, ou seja, todos os anos abordar durante o semestre um tema, com uma aula prática.

c) Pelo modo de atuar da comunidade universitária (docentes; colaboradores, alunos) consigo identificar que a Universidade Católica se identifica com a Pessoa de Jesus Cristo.

Não consigo concordar com a afirmação. Esta forma de pensar é muito diferente, assim como docentes, colaboradores e alunos que em vários momentos, estão envolvidos que não são nem individuais ao nível do indivíduo na identificação.

Obrigado pela sua colaboração.

Universidade Católica Portuguesa
João Paulo Vieira, PhD st CE